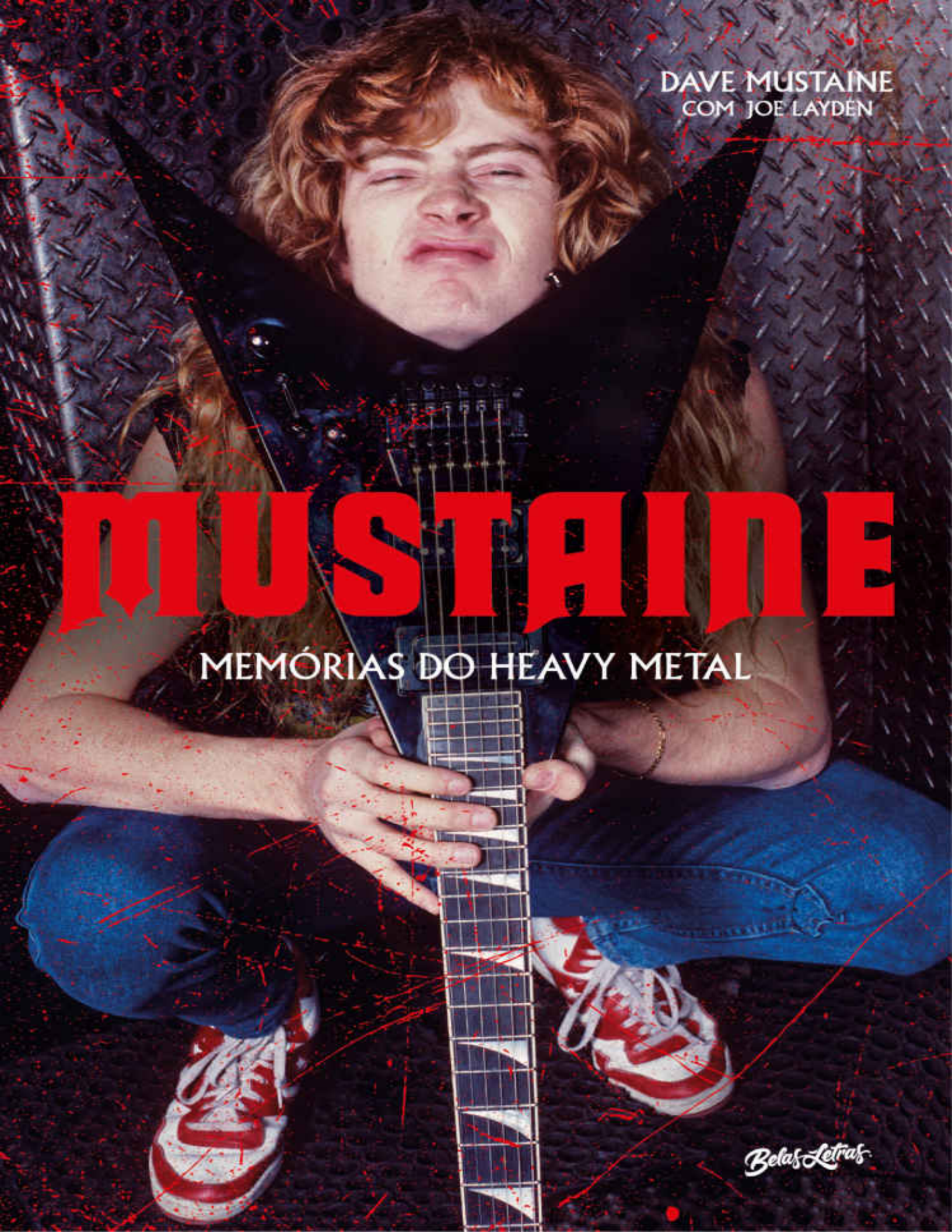




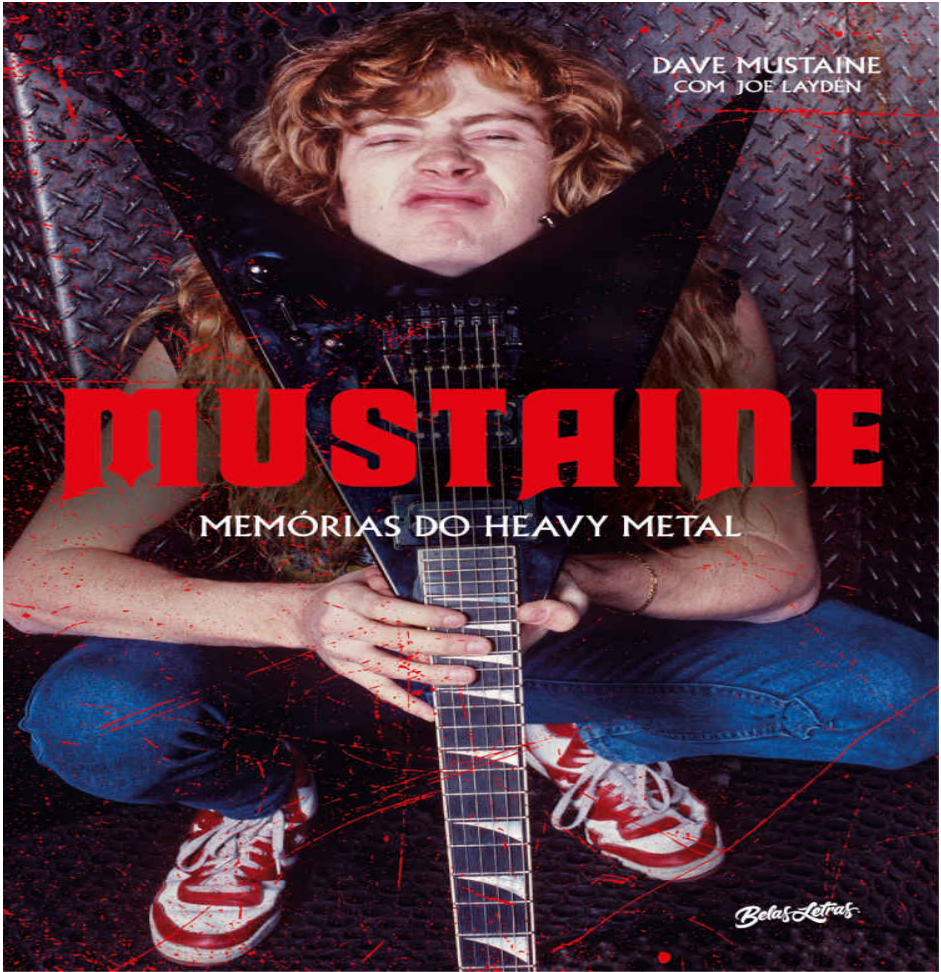
DAVE MUSTAINE
COM JOE LAYDEN

MUSTAINE

MEMÓRIAS DO HEAVY METAL

Belas Letras



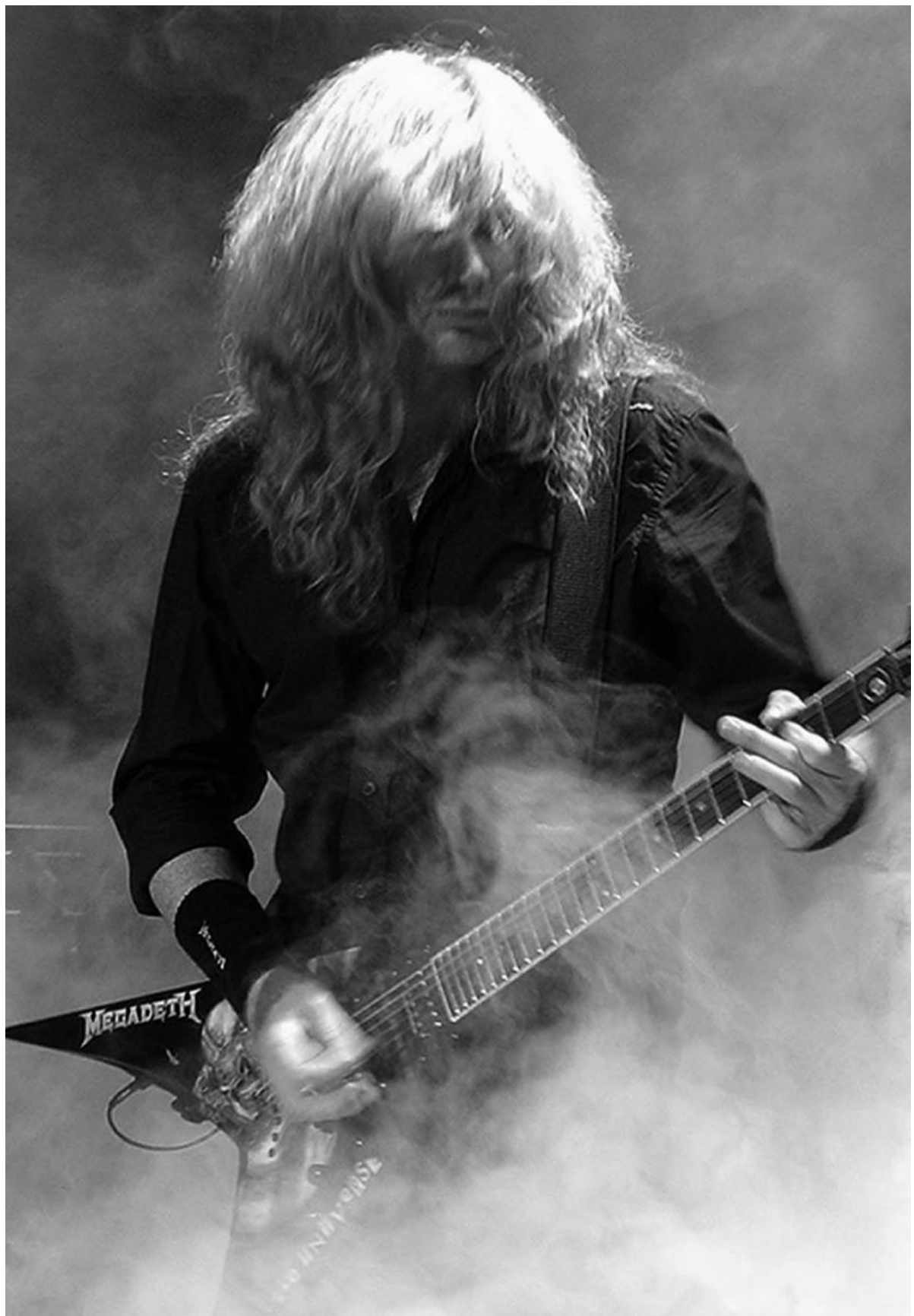
The book cover features a photograph of Dave Mustaine, a man with long, wavy, reddish-brown hair, crouching and holding a black electric guitar. He has a pained or intense expression on his face. The background is a dark, textured surface, possibly a metal wall, with red splatters resembling blood or paint scattered across it. The title 'MUSTAINE' is written in large, bold, red, blocky letters across the center. Below it, the subtitle 'MEMÓRIAS DO HEAVY METAL' is written in smaller, white, sans-serif capital letters. In the top right corner, the text 'DAVE MUSTAINE COM JOE LAYDEN' is written in white. In the bottom right corner, the publisher's logo 'Belas Letras' is visible in a stylized script.

DAVE MUSTAINE
COM JOE LAYDEN

MUSTAINE

MEMÓRIAS DO HEAVY METAL

Belas Letras



DAVE MUSTAINE
COM
JOE LAYDEN

MUSTAINE

MEMÓRIAS DO HEAVY METAL

TRADUÇÃO
MARCELO BARBÃO

*Belas
Letras*

Copyright © 2010, Dave Mustaine
Título original: Mustaine: *A Heavy Metal Memoir*
Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida para fins comerciais sem a permissão do editor. Você não precisa pedir nenhuma autorização, no entanto, para compartilhar pequenos trechos ou reproduções das páginas nas suas redes sociais, para divulgar a capa, nem para contar para seus amigos como este livro é incrível (e como somos modestos).

Este livro é o resultado de um trabalho feito com muito amor, diversão e gente finice pelas seguintes pessoas:

Gustavo Guertler (publisher), Marcelo Barbão (tradução), Celso Orlandin Jr. (capa), Juliana Rech (ajustes e fechamento de arquivo), Mariane Genaro (edição) e equipe Benvirá 2013 (Rogério Eduardo Alves, Débora Guterman, Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho, Luiza Del Monaco, Renato Abramovicius, Carlos Renato, Luciana Oliveira, Lara Moreira Félix, Roberto Candido / Tikinet, Thais Rocha e Amanda Coca / Tikinet, Carlos Eduardo Chiba / Tikinet, Liliane Cristina Gomes)

Foto da capa: Mark “Weissguy” Weiss

Foto na p. 2: Rob Shgay

Fotos internas: cortesia do autor, exceto quando informado

Obrigado, amigos.

Produção do e-book: **Schäffer Editorial**

ISBN: 978-65-5537-081-2

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Belas Letras Ltda.

Rua Coronel Camisão, 167

CEP 95020-420 – Caxias do Sul – RS

www.belasletras.com.br

**PARA MAMÃE E PAPAI.
EU PROMETI QUE SERIA BONZINHO.**

**ESTE LIVRO É DEDICADO
A TODAS AS PESSOAS QUE
DISSERAM QUE EU NUNCA...**

Nota do autor

Alguns nomes e detalhes identificadores foram mudados para proteger a privacidade de certos indivíduos.

“Venham, venham, venham meus pequenos druguis. Não entendo nada disso. Os velhos dias estão mortos. Pois pelo que fiz no passado, já fui punido. Já fui curado.”

– Alex, *Laranja Mecânica*

“Arrependimentos, tive alguns...”

– Sid Vicious

Sumário

Uma ferradura na bunda

1 Queridinho do papai

“Chega dessa merda na minha casa! Está entendendo?”

2 A porta da loucura

“Ele gosta de colocar molho de carne na minha buceta antes de me chupar.”

3 Lars e eu, ou no que estou me metendo?

“A vaga é sua.”

4 Metallica: rápido, alto, fora de controle

“Se você continuar falando assim, vou te dar um soco na boca.”

5 Chutado do Alcoholica

“Você é um filho da puta maldito!”

6 Construindo a besta perfeita: Megadeth

“Cara, se você quer ser um grande músico, precisa experimentar heroína. Vai ver. É como voltar para o útero.”

7 Missão: quebrar todas as regras de Deus e do homem

“E, por falar nisso, quando encontrar seu guitarrista, diga-lhe que o agradeço por ter mordido minha buceta.”

8 Familiaridade traz desprezo

“Por que caralho a sua puta está fugindo com a limusine?”

9 O fim da civilização ocidental

“Por que caralho a sua puta está fugindo com a limusine?”

10 O circo viajante

“Essa é pela causa! Devolvam a Irlanda aos irlandeses!”

11 Contra conselho médico

“Você está na lista proibida dessa porra de indústria! E sabe de quem é a culpa? Daquela sua mãe vagabunda e bêbada.”

12 Os anos de vida

“Sabe de uma coisa? Está na hora. Essa é a melhor mulher na Terra para você.”

13 Rezo ao Senhor para minha alma guardar

“Estou cansado da turnê, estou cansado do Megadeth, não estou me divertindo... e você não quer que eu beba, então, estou tomando Valium.”

14 A doninha interior

“Poxa, cara. Relaxe. Isso não é *New Jack City*.”

15 Alma à venda

“Você está louco, porra?!”

16 Algum tipo de deus

“Odeio minha vida. Odeio meu emprego. Odeio minha banda. Odeio meus filhos. Odeio você. Queria poder me enforcar nesse exato momento.”

17 Megadeth: renascido

“A gente vai voltar!”

Epílogo: três barcos e um helicóptero

Caderno de imagens



© Daniel Gonzalez Toriso

Uma ferradura na bunda

Hunt, Texas

Janeiro de 2002

Se estiver procurando o fundo do poço, esse parece ser um bom lugar, como outro qualquer – apesar de ser o primeiro a admitir que o fundo foi algo constante na versão speed metal obscura e distorcida de uma vida dickensiana.

Infância pobre e cheia de mudanças? Confere.

Pai abusivo e alcoólatra? Confere.

Estranhezas religiosas (em meu caso, os extremos das Testemunhas de Jeová e Do satanismo)? Confere.

Alcoolismo, vício em drogas, falta de moradia? Confere, confere e confere.

Contratempos profissionais e artísticos deprimentes? Confere.

Reabilitação? Confere (Dezessete vezes, mais ou menos).

Experiências próximas à morte? Confere também.

James Hetfield, que já foi um dos meus melhores amigos, tão próximo quanto um irmão, uma vez falou com alguma incredulidade que eu devo ter nascido com uma ferradura na bunda. Isso pela sorte que tive, como sou afortunado por ainda respirar depois de tantas vezes que quase passei para o outro lado. E devo reconhecer que, em algum nível, ele está certo. Tive

sorte. Fui abençoado. Mas há um problema no fato de ter uma ferradura alojada no seu reto: dói pra cacete. E você nunca esquece que está lá.

Aqui estou eu, encarando outro período na reabilitação, num local chamado La Hacienda, no coração do Texas. Fica a uns 300 quilômetros de Fort Worth, mas parece outro mundo: só há ranchos de gado e acampamentos de verão para vizinhos. O foco está na cura... em melhorar. Física, espiritual e emocionalmente. Como sempre, eu só trouxe expectativas e entusiasmo modestos para os procedimentos. Não é meu primeiro rodeio, afinal.

Veja, aprendi mais sobre ficar doido, sobre como conseguir drogas, sobre misturar bebidas e sobre como levar o sexo oposto para a cama nos Alcoólicos Anônimos do que em qualquer outro lugar. AA – e isso é verdade para a maioria dos programas de reabilitação e centros de tratamento – é uma fraternidade, e como todos os irmãos de fraternidades, gostamos de trocar histórias. É uma glorificação ridícula da experiência: *drogólogos* e *bebólogos*, como são chamados. Uma das coisas que sempre me incomodaram foi a incessante competição. Você contava uma história, às vezes abrindo sua alma, e o cara ao lado sorria dizendo: “Ah, cara, eu já vomitei mais do que você tomou”.

– Ah, é?

– É.

– Bom, eu tomei muito, então você deve ter a cabeça toda fodida.

Por algum motivo, esse tipo de interação nunca foi importante para mim, nunca me fez sentir como se eu estivesse melhorando como ser humano. Às vezes, eu piorava. Foi numa reunião do AA que eu aprendi como é fácil obter analgésicos pela internet. Não tinha necessidade dessas pílulas, mas a mulher narrava a história como se fosse um grande barato. Não demorou muito para os pacotes começarem a chegar em casa e eu desenvolver um maldito vício. Nessa época, eu já era um astro do rock, famoso no mundo inteiro – fundador, líder, cantor, compositor e guitarrista

(e CEO) do Megadeth, uma das bandas de heavy metal mais populares. Tinha uma linda esposa e dois filhos maravilhosos, uma bela casa, carros, mais dinheiro do que já tinha sonhado em ter. E estava a ponto de jogar tudo para o alto. Veja, por trás da fachada, eu estava muito infeliz: cansado das turnês, das disputas entre os membros da banda, das exigências absurdas dos executivos da gravadora, da solidão da vida de um ex-viciado. E, como sempre, incapaz de ver que as coisas que tinha eram mais importantes do que as que não tinha. A alegria de escrever músicas e tocar, algo que tinha me sustentado por tantos anos, aos poucos tinha acabado.

Agora eu simplesmente me sentia... vazio.

E então fui para Hunt, Texas, esperando que dessa vez a mudança fosse permanente. Ou sem esperanças. Sem me importar. Sem saber muito de nada, para ser sincero, exceto que precisava de ajuda para me livrar dos analgésicos. Quanto a modificar meu comportamento de longo prazo? Bom, isso não estava na minha lista de prioridades.

E foi isso que aconteceu: logo na minha chegada, fui descansar um pouco. Lembro de me jogar numa poltrona, passar o braço esquerdo por trás dela, me enrolar e dormir. Em seguida, acordo; estou afastando a confusão de uma soneca de vinte minutos e quando tento me levantar, algo me empurra para trás, como se eu estivesse amarrado à poltrona ou algo assim. Percebo o que aconteceu: meu braço adormeceu e ainda estou segurando a poltrona. Rio, tento tirar meu braço.

Nada acontece.

De novo.

Nada ainda.

Repito o movimento (ou tentativa de) mais algumas vezes antes de finalmente usar meu braço direito para levantar o esquerdo. No momento em que solto, ele cai ao meu lado, balançando inútil, todo dolorido do ombro aos dedos. Depois de alguns minutos, parte da sensibilidade retorna para a porção superior, depois para o antebraço. Mas minha mão continua

morta, como se tivesse tomado uma injeção de novocaína. Continuo balançando, esfregando, batendo contra a poltrona. Mas a mão está dormente. Dez minutos. Quinze. Tento fechar a mão, mas meus dedos não respondem.

Saio pela porta, sigo pelo corredor. Minha respiração está ofegante, em parte porque estive tomando muitas drogas e estou fora de forma, mas também porque estou cagado de medo. Entro na enfermaria segurando a mão esquerda. Balbucio algo sobre dormir e não ser capaz de sentir minha mão. A enfermeira tenta me acalmar. Ela presume, não sem razão, que isso é só parte do *processo* – ansiedade e desconforto fazem parte da reabilitação. Mas não é. Isso é diferente.

Em vinte e quatro horas, estarei num hiato do La Hacienda, sentado no consultório de um cirurgião ortopédico, que vai passar a mão pelo meu bíceps até meu antebraço, cuidadosamente traçando o caminho de um nervo e explicando como ele tinha sido estranhamente comprimido, como um canudo pressionado contra um copo. Quando a circulação é cortada dessa maneira, ele explica, o nervo é danificado; às vezes, ele simplesmente define e morre.

– Quanto tempo vai demorar para voltar a sentir alguma coisa? – pergunto.

– Você deve recuperar oitenta por cento em alguns meses... talvez de quatro a seis.

– E os outros vinte por cento?

Ele dá de ombros. O cara é bem o Texas, em seu movimento e discurso.

– Difícil dizer – afirma.

Há uma pausa. Mais uma vez, nervoso, tento fechar a mão, mas os dedos não obedecem. É minha mão esquerda, a que dança pelo braço da guitarra. A que faz todo o trabalho criativo pesado. A que ganha dinheiro, como falamos no meio musical.

– E a guitarra? – pergunto, não querendo muito ouvir a resposta.

O médico dá um longo suspiro, exalando devagar.

– Ah, eu acho que você não deve contar com isso.

– Até quando?

Ele olha para mim. Bem nos olhos. E fala:

– Bom... nunca.

E é isso. O tiro de misericórdia. Não consigo respirar, não penso direito.

Mas de alguma forma a mensagem que chega é bem clara: é o fim do Megadeth... o fim da minha carreira... o fim da música.

O fim da vida que conheço.

Minha primeira fotografia com meu pai e minha irmã Debbie



1

Queridinho do papai

“Chega dessa merda na minha casa! Está entendendo?”

Deem uma olhada nos anuários da minha época de escola e muito frequentemente encontrarão uma daquelas silhuetas acinzentadas – ou talvez um grande ponto de interrogação –, a grande letra escarlate dos “anuários”, onde deveria estar minha foto. Como um monte de crianças que iam de uma escola para outra, de uma cidade para outra, eram constantes minhas faltas e, assim, me tornei uma espécie de fantasma, um mistério estranho e ruivo para colegas e professores.

A viagem começa em La Mesa, Califórnia, no verão de 1961. Foi onde nasci, apesar de ser possível que tenha sido concebido no Texas, onde meus pais viveram durante os últimos estágios de seu tumultuado casamento. Havia duas famílias, na verdade: minhas irmãs Michelle e Suzanne tinham dezoito e quinze anos, respectivamente, na época em que nasci (sempre pensei nelas mais como tias do que irmãs); minha irmã Debbie tinha três. Não sei exatamente o que aconteceu no período entre os dois grupos de crianças. Sei que a vida se desenvolveu de várias formas e, no final, minha mãe precisou se virar sozinha e meu pai se tornou uma figura vaga.

Para todos os efeitos práticos, John Mustaine se afastou da minha vida quando eu tinha quatro anos, assim que meus pais finalmente se

divorciaram. Papai, pelo que entendo, tinha sido um homem inteligente e bem-sucedido, bom com as mãos e com a cabeça, habilidades que o ajudaram a chegar à posição de gerente do Bank of America. Daí, ele foi para o National Cash Register, e, quando o NCR passou da tecnologia mecânica para a elétrica, ele ficou para trás. Com o escopo do seu trabalho diminuindo, sua renda caiu também. Não sei se esse fracasso contribuiu para seus crescentes problemas com álcool ou se foi o álcool que provocou seus fracassos profissionais. Com certeza, o homem que dirigia o lar dos Mustaines em 1961 não era o mesmo que tinha se casado com minha mãe. Muito do que sei sobre papai foi contado, em formato de filmes de horror, por minhas irmãs mais velhas – histórias de abuso e comportamento geralmente insano sob o efeito do álcool. Prefiro acreditar que muitas dessas alegações são falsas. Há imagens marcadas na minha mente, memórias de me sentar no colo de papai, assistir à TV, sentir a barba espetando meu rosto, sentir o cheiro de álcool em seu bafo. Não tenho lembranças dele que *não* envolvam bebida – sabe, como jogar bola no quintal, ensinando-me a andar de bicicleta ou algo assim. Mas tampouco tenho um catálogo de imagens desprezíveis.

Ah, há uma – quando eu estava na rua, brincando com um vizinho, e por alguma razão papai veio correndo para me levar para casa. Estava bravo, gritando, embora não me lembre exatamente das palavras que usou. Falava que eu estava atrasado ou algo assim. O que me lembro bem é da visão do alicate em sua mão. Por alguma razão, acho que meu pai sentiu que precisava daquilo para encurralar seu filho de quatro anos. Ou talvez estivesse trabalhando em algo na garagem e se esqueceu de deixá-lo lá, antes de vir me buscar. Independentemente da motivação, em breve o alicate seria fechado com força no lóbulo da minha orelha. Lembro de gritar e que papai parecia não ligar. Ele me arrastou pela rua, sem soltar o alicate enquanto eu tropeçava e caía, levantando-me em seguida, tentando manter o

passo, torcendo para que minha orelha não fosse arrancada do seu encaixe. (Orelhas têm encaixe? Eu era um moleque – como podia saber?)



David Scott Mustaine, nascido em 13 de setembro de 1961

Durante anos, eu geralmente defendia meu pai das alegações de abuso que minhas irmãs sempre contavam. Mas preciso admitir que esse incidente em particular não serve muito como defesa. Não reflete exatamente as ações de um pai sóbrio e amoroso, não é mesmo? Mas *sóbrio* é a palavra mais importante dessa sentença. Sei melhor do que a maioria das pessoas que bêbados são capazes de comportamentos absurdos. Meu pai era alcoólatra; escolhi acreditar que isso não o transformou num homem mau. Fraco, talvez, e um homem que fazia coisas ruins. Mas tenho outras

lembranças também. Lembranças de um homem bom fumando seu cachimbo, lendo o jornal e me chamando para dar um beijo de boa-noite.



Meu pai, John Jefferson Mustaine

Depois do divórcio, no entanto, meu pai se tornou um monstro. Ah, não no sentido literal da palavra, mas no sentido de que era tratado por todos na minha família como alguém a ser temido e desprezado. Ele até se tornou uma arma a ser usada contra mim, para me manter na linha. Se eu fizesse algo errado, minha mãe gritava: “Continue assim e vou mandá-lo para viver com seu pai!”.

– Ah, não! Por favor... não! Não me mande para a casa do papai!

Ocorreram reconciliações periódicas, mas nunca duraram muito e, na maior parte do tempo, éramos uma família em fuga, sempre tentando estar um passo à frente do meu pai que, supostamente, devotou toda a sua vida a duas coisas: beber e perseguir sua esposa e os filhos. Novamente, não sei se isso era verdade, mas era a forma como as coisas eram contadas quando eu era criança. Nós nos mudávamos para uma casa ou um apartamento alugados, e a primeira coisa que fazíamos era comprar um miserável papel *contact* para transformar uma cozinha de merda em algum lugar que podia ser usado. As coisas ficavam calmas por um tempo. Eu entrava em alguma equipe esportiva, tentava fazer alguns amigos, e, de repente, mamãe nos contava que papai tinha descoberto onde estávamos morando. Um caminhão de mudança aparecia no meio da noite, então, juntávamos nossas poucas coisas e, como fugitivos, íamos embora.

Minha mãe era empregada doméstica e vivíamos de seu salário junto com uma combinação de bônus alimentação e várias formas de ajuda assistencial. Além da generosidade de amigos e parentes. Em alguns casos, eu preferiria não ter tido tanta ajuda. Por exemplo, foi durante esse período de transição que vivemos com uma das minhas tias, uma Testemunha de Jeová devota. Logo, isso se tornou o centro da nossa vida. E, pode ter certeza, não foi nada bom – principalmente para um garoto. De repente, estávamos passando todo nosso tempo com as Testemunhas: igreja na noite de quarta-feira e na manhã de domingo, grupos de estudo da revista *A Sentinela*, oradores convidados nos fins de semana, estudos da Bíblia em casa. Depois eu ia para a escola, e enquanto todos colocavam a mão sobre o coração durante o Pledge of Allegiance [Juramento de Lealdade, o juramento à bandeira norte-americana], eu tinha de ficar parado, em silêncio, com as mãos na lateral do corpo. Quando as outras crianças cantavam “Parabéns a Você” e assopravam velas, eu ficava mudo. Já é difícil fazer amigos sendo o cara mais novo da escola, mas quando você é

um TJ doido também... esquece. Eu era um pária, sempre zoadado, sempre apanhando, algo que acabou me endurecendo.

Lembro-me de ir ao trabalho com a minha mãe um dia, num bairro rico chamado Linda Isle, em Newport Beach. Havia uma pequena faixa de areia perto das docas para barcos, e um grupo de meninos estava jogando uma bola de futebol americano, em um jogo que às vezes chamam de Mate o Cara com a Bola, apesar de, no mundo politicamente incorreto dos adolescentes no começo dos anos 1970, ser mais conhecido como Bata no Retardado. Esses caras eram todos mais velhos e se divertiram me chutando, mas eu não me importei e não fiquei com medo. Por quê? Nessa época eu já tinha me acostumado a tomar porrada na escola, a ser disciplinado por tios e tias, além de primos maldosos. Culpava quase sempre as Testemunhas de Jeová. Quero dizer, a insanidade absurda de ter um cunhado ou tio me espancando porque supostamente eu tinha violado alguma regra obscura das Testemunhas – a serviço de um Deus supostamente amoroso.



Odeio gatos. Esse deveria estar a caminho da trituradora de madeira, sem dúvida

Por um tempo, pelo menos, tentei me encaixar nas Testemunhas, apesar de que desde o começo aquilo parecia um gigantesco esquema de marketing: você vende livros e revistas porta a porta e, quanto mais vende, mais elevado é seu título. Merda total. Eu tinha oito, nove, dez anos, e estava preocupado com o fim do mundo! Até hoje ainda tenho traumas causados pelas Testemunhas de Jeová. Não me animo muito no Natal, porque ainda tenho dificuldade de acreditar em tudo que acompanha esse

feriado (e estou falando como alguém que hoje em dia se considera cristão). Eu quero. Adoro meus filhos, amo minha esposa e quero celebrar com eles. Mas lá no fundo, há dúvida e um ceticismo; as Testemunhas fizeram isso comigo.

O que você faz quando é um jovem solitário, um garoto cercado por mulheres, sem pai ou figura paterna? Faz merda, cria seu próprio universo. Brinquei com muitos modelos de plástico – réplicas em miniatura de Jack Dempsey e Gene Tunney, cuja rivalidade era recriada toda noite no chão do meu quarto; pequenos soldados norte-americanos tomando as praias da Normandia ou invadindo Iwo Jima. Parece estranho, certo? Bom, esse mundo particular, o mundo em minha cabeça, era o lugar mais seguro que podia encontrar. Não quero parecer uma vítima, porque nunca me senti dessa forma. Penso em mim como um sobrevivente. Mas a verdade é que todo sobrevivente suporta muita merda, e não fui uma exceção.

Esportes me davam um pouco de esperança. Bob Wilkie, o chefe de polícia de Stanton, Califórnia, estava casado com minha irmã Suzanne. Bob era um cara grande e atlético (tinha 1,93 metro de altura e pesava 91 quilos), ex-jogador de beisebol das Ligas Menores, e foi, por um tempo, um tipo de herói para mim. Foi também meu primeiro treinador de beisebol. O enteado de Bob, Mike (meu sobrinho – que coisa mais estranha!), era o melhor arremessador do time; eu era o receptor. Adorei beisebol desde o princípio. Adorava vestir o uniforme, direcionar a ação por trás da base, protegendo meu território como se minha vida dependesse disso. Outras crianças tentavam marcar e eu as vencia. Não fazia nada ilegal, mas eu usaria o medo de Deus contra elas se tentassem passar por mim. E conseguia acertar: liderei no número de *home runs* naquela primeira temporada.

Não quero dizer que estava destinado à grandeza no beisebol, mas penso que poderia ter sido um atleta se quisesse. Infelizmente, não havia estabilidade na minha vida, e qualquer atividade extracurricular que escolhesse fazer não teria ajuda de ninguém. Vivíamos com Suzanne por um tempo, até papai nos encontrar e depois mudávamos para um lugar só nosso, até o dinheiro acabar e sermos despejados, e depois íamos morar com Michelle ou com minha tia Frieda. Esse era o ciclo. Uma mudança atrás da outra, uma casa depois da outra.

Eu não era preguiçoso. Longe disso, na verdade. Peguei uma rota de entrega de jornais para pagar o material de beisebol e as taxas de registro, e depois acrescentei uma segunda rota para ter dinheiro extra para comida ou qualquer coisa que fosse precisar. Durante esse período, nos mudamos de Garden Grove para Costa Mesa; as minhas duas rotas eram na área de Costa Mesa, mas meu time de beisebol estava em Garden Grove. Então, eu passava a tarde na minha bicicleta entregando jornais e depois ia pedalando até Garden Grove – uma distância de uns quinze quilômetros – para o treino de beisebol. Depois voltava para casa e dormia. Essa insanidade acabou perto do fim da temporada, quando nosso técnico, tendo usado todas as opções de arremessadores durante um jogo particularmente feio, me mandou entrar.

– Mas não sou arremessador – falei.

– Agora é.

Não estava tentando ser arrogante ou algo assim. Só estava exausto e sem vontade de jogar numa nova posição; não queria lidar com a curva de aprendizado ou o embaraço e depois pedalar todo o caminho de volta para casa, abatido e com raiva.

Então joguei e facilitei a vida de vários rebatedores. E esse acabou sendo um dos meus últimos jogos de beisebol.

A música sempre esteve ali, às vezes no fundo, às vezes ganhando importância. Michelle se casara com um cara chamado Stan, que eu achava um dos mais legais do mundo. Era policial também (como Bob Wilkie), mas daqueles que andam de moto, e trabalhava na California Highway Patrol. Stan acordava de manhã e dava para ouvir o som do couro, as botas estilo cano alto batendo no chão. Ele subia em sua Harley, ligava-a, e toda a vizinhança acordava. Ninguém reclamava, claro. O que poderiam fazer – chamar a polícia? Eu gostava muito do Stan, não só por causa da Harley e do fato de que era melhor não deixá-lo bravo, mas também por que era um homem realmente decente com uma verdadeira paixão pela música. Toda vez que ia à casa de Stan, parecia que o toca-discos estava ligado, enchendo o ar com o som de grandes cantores dos anos 1960: Frankie Valli, Gary Puckett, Righteous Brothers, Engelbert Humperdinck. Adorava ouvir esses caras, e se acha que isso é algo estranho para um futuro guerreiro do heavy metal, bem, pode ficar achando. Não duvido nem por um segundo que o senso de melodia que formaria a base do Megadeth começou na casa do Stan, entre outros lugares.



Mesmo quando era pré-adolescente, gostava de ficar encarando as pessoas, como aqui, com meu time, depois de uma vitória no beisebol

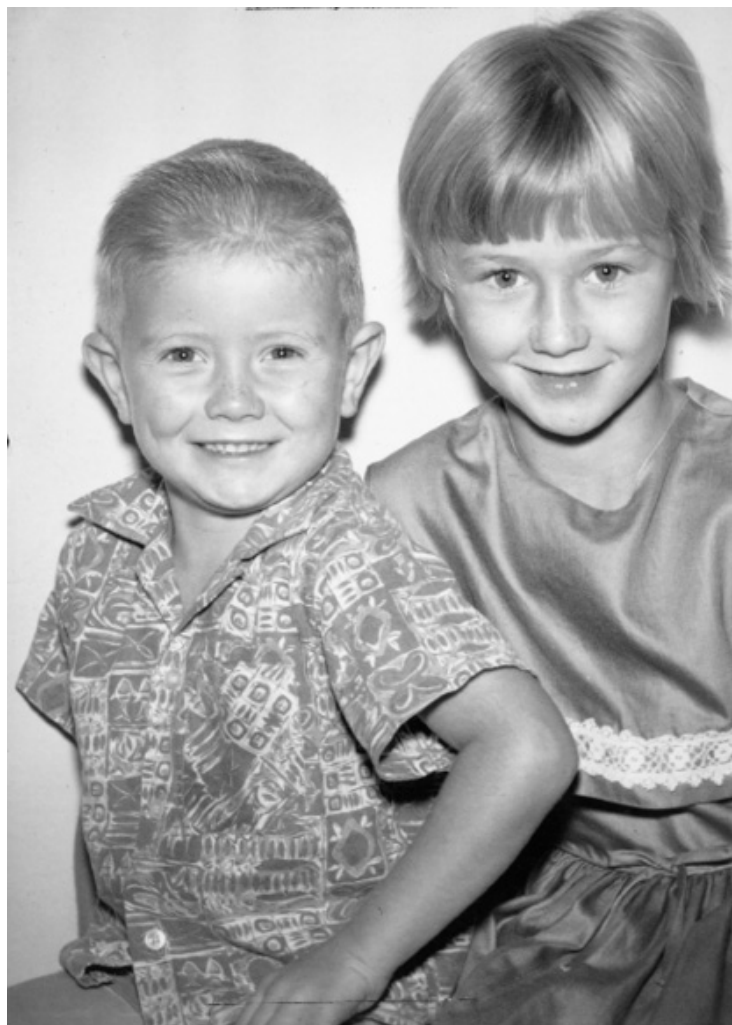
Minha irmã Debbie, por exemplo, tinha uma coleção de discos sensacional, principalmente coisas pop grudentas daquela era: Cat Stevens, Elton John e, é claro, Beatles. Esse tipo de música estava sempre no ar, entrando na minha pele, e quando mamãe me deu um violão barato de presente de formatura na escola, não demorei para começar a tocar. Debbie tinha algumas partituras e logo comecei a aprender sozinho algumas progressões de acordes rudimentares. Nada muito bom, claro, mas respeitável o suficiente para que algumas canções fossem reconhecíveis.

Por muito tempo, Debbie foi minha melhor amiga, a pessoa com quem passava a maior parte do tempo. Ela saía da escola, vinha para casa e ficávamos juntos, assistindo à TV, tocando música (Debbie no piano, eu no

violão). A gente apoiava muito um ao outro quando as coisas ficavam complicadas; também brigava muito, como fazem os irmãos, com Debbie normalmente ganhando nossas discussões. Ela podia ser muito sacana na hora de brigar, usando tudo que estivesse por perto como arma de destruição. No final de uma briga especialmente feia, lembro de suas unhas entrando fundo no meu antebraço, arrancando a pele. Depois esvaziou um tubo de vaselina no meu cabelo e, quando tentei tirar, Debbie pegou meu violão e deu com ele na minha cabeça – uma versão musical de “piche e penas”.

Quando ela cresceu, começou a namorar e acabou se apaixonando por um cara chamado Mike Balli, fui deixado para trás. Ela tinha dezessete anos quando eles se casaram. Eu sabia, mesmo naquela idade, que não ia durar e, claro, não durou. Qualquer um que conhecesse Mike e o visse com Debbie sabia que era um relacionamento predestinado ao fracasso. Qualquer química que possa ter existido evaporou rapidamente, e eles ficaram com uma relação desequilibrada, sem futuro. Debbie era forte e dominadora; basicamente era ela quem mandava – era tipo uma mãezona.

Mas Mike tinha seus atributos positivos, principalmente para um aspirante a guitarrista de catorze anos. Por um lado, sua mãe tinha algum grau de parentesco com Jack Lord que, na época, era a estrela da série *Havaí 5-0*. Em 1974, não havia ninguém mais legal do que Steve McGarrett, e Mike não deixava de citar o nome do cara de vez em quando: “Cara, McGarrett é tipo... meu primo em segundo grau ou algo assim!” Não o culpo por isso. Eu teria feito a mesma coisa. O que eu mais gostava em Mike, no entanto, era o fato de que ele tocava guitarra e gostava de tocar comigo. É preciso admitir que sua guitarra era um lixo; chamava-se Supra e era de um vermelho ridículo, com três captadores, mas dava para o gasto. Para meus ouvidos ainda pouco educados, ele parecia tocar bastante bem.



Minha melhor amiga de infância, minha irmã Deborah K. Mustaine

O irmão mais novo de Mike, Mark, também era músico. Tocava baixo numa banda com um cara chamado John Voorhees (que mais tarde fez algum sucesso com uma banda chamada Stryper). Mark e John me ouviram tocar e perguntaram se eu estaria interessado em entrar na banda.

– Claro – falei. – Só tem um problema.

– Qual é?

– Não tenho guitarra.

– Sem problema – disse Mark. Eu podia usar a dele. Não sabia muito bem o que estava fazendo. Só sabia que gostava da sensação de ter uma guitarra nas mãos, fazer música, ser parte de... *algo*. Eu era inteligente, mas

nunca gostei de estudar. Tinha problemas por fazer bagunça ou não completar a lição de casa, e às vezes precisava ficar de castigo. Francamente, achava aquilo muito embaraçoso. Mas sabia que conseguia aprender as coisas que capturavam meu interesse.

Como música.

Adorava ter aquela arma secreta, aquela ligação – em que você se senta com outro músico e começa a conversar e todo o resto da mesa imediatamente percebe, porque vocês estão falando uma linguagem que eles não entendem, não têm como entender. E eles pensam que a conversa vai ser vazia, mas não é. É somente... diferente. E se você não toca (ou só ouve música), realmente não consegue entender o que estou falando.

Então, entrar numa banda tinha a ver tanto com camaradagem quanto com o resto das coisas, acho.

E com sexo, claro. No fundo, quando falamos de rock ‘n’ roll, sempre tem a ver com sexo.

Uma tarde, quando eu tinha treze anos, fomos até a casa do Mark para ensaiar. Havia um bando de pessoas por ali, incluindo um dos amigos do Mark, que vivia do outro lado da rua, e sua namorada, cujo nome era Linda. Quando entrei na casa, vi Linda. Eu não era nenhum conquistador, mesmo para os padrões da pré-adolescência, mas percebi imediatamente que ela estava me dando bola. Ela ficou ouvindo enquanto tocávamos e depois que viu que eu era o novo guitarrista, se apresentou. Em questão de dias, Linda tinha trocado seu namorado por mim. Por quê? Não era por causa da minha aparência ou da minha personalidade dinâmica, mas simplesmente porque eu tocava guitarra. E lembro-me de pensar, com Linda ao meu lado e de mãos dadas: “Hummmm... acho que gosto disso”.

A inspiração hormonal para tocar guitarra é um clichê; também é uma verdade fundamental, tão pura e honesta quanto qualquer outra musa. E não

muda, mesmo quando você passa de um adolescente na puberdade a adulto. Essa foi uma das coisas que mais me surpreenderam na indústria musical: você ouve todas essas coisas sobre sexo, drogas e rock ‘n’ roll... e ri. Depois dá uma espiada por trás da cortina e adivinha? É tudo verdade! Você vai para Salt Lake City, a capital imaculada do estado com o mais alto padrão moral e descobre por que as estrelas do rock a chamam de Salt *Lick* City.¹ Você percebe que o clichê está baseado na verdade. É absolutamente real, e logo está tentando decidir qual dos dois touros você quer ser: aquele que desce a colina correndo, velocidade total, e fode a primeira vaca que encontrar, ou o que passeia devagar pela colina e fode com todas elas.

A casa de Mark se tornou um lugar de inspiração e experimentação. Uma das primeiras músicas que aprendi a tocar foi “Panic in Detroit”, do David Bowie, seguida da “All the Young Dudes”, do Mott the Hoople. Havia um traficante de maconha que vivia na mesma rua, e ele nos apresentou uma grande variedade de coisas boas (em vários sentidos): Johnny Winter; Emerson, Lake and Palmer; Triumvirat; e, é claro, Led Zeppelin. Quero dizer, se você tocava guitarra, queria ser o Jimmy Page, certo? E se você cantava numa banda de rock ‘n’ roll, queria ser o Robert Plant. Todos estavam tentando aprender “Stairway to Heaven”, que eu peguei bem rápido. Mas sabe do que eu realmente gostava?

Kiss.

Cara, eu realmente curti muito as primeiras coisas do Kiss – não só musical, mas também estilisticamente. Não era fã do Gene Simmons, gostava mais do Ace Frehley, porque ele era o verdadeiro guitarrista solo. Gostava de toda essa coisa de ser astro do rock, e o Kiss parecia ter elevado tudo a outro nível. Da mesma forma que Axl Rose fez as pessoas odiarem as estrelas do rock, Gene Simmons e Paul Stanley fizeram as estrelas do rock parecerem meio que decadentes e megalomaniacas – o que não era

algo totalmente ruim, para mim. O Kiss foi uma das primeiras bandas que vi ao vivo, e não pude deixar de perceber que um número desproporcional de fãs se pareciam com cheerleaders do Dallas Cowboys: todas eram loiras e usavam *tops* tubinho, e pareciam se jogar sobre a banda. E se a banda não estivesse acessível, bem, então se voltavam para o cara ao lado na plateia.

Meu amor pela música, e especialmente minha fascinação com o estilo de vida que ela prometia, foi visto de forma cética por alguns membros da minha família. Minha mãe, claro, sempre brigou comigo: por um lado, sei que ela me amava e me apoiava, e queria me ver feliz e bem-sucedido. Por outro, não havia como reconciliar a bebida, as drogas e a “música do demônio” de seu filho com os princípios das Testemunhas de Jeová; eram fundamentalmente incompatíveis. Da mesma forma, meu cunhado Bob Wilkie ficou cada vez mais desapontado com minha mudança de interesses. Ele gostava de mim quando eu era jogador de beisebol ou aspirante a lutador de artes marciais (tomei minhas primeiras lições na ACM de Stanton, que estava localizada bem em frente à delegacia de Bob). Aqueles eram interesses que ele conseguia apoiar. Mas tocar numa banda? Ouvir heavy metal?

Nada disso.

Um dia, quando eu ainda nem tinha quinze anos, Bob foi para sua casa e me encontrou ali ouvindo o *Sad Wings of Destiny* do Judas Priest. Ele entrou pela porta da frente, foi até o toca-discos e abaixou o volume.

– Que merda é essa? – perguntou, balançando desgostoso a capa do disco.

– Judas Priest – respondi, um pouco tímido.

– De quem é isso?

– É meu. – Dei de ombros.

Quando falei isso, Bob largou a capa, deu dois passos grandes na minha direção e me deu um soco na cara.

– Não quero mais essa merda na minha casa! Entendeu?

Fiquei parado ali, espantado e confuso, com uma mão no rosto, lutando para evitar as lágrimas.

– Sim, senhor.

O que mais poderia fazer? Respeitava muito o Bob para brigar. Ele teria me dado uma surra de qualquer maneira. Quero dizer, o cara era atleta profissional – e policial! Não só isso: Bob tinha entrado na nossa família – e na minha vida – como um cara legal. Tinha se casado com Suzanne, adotado seu filho e, no geral, era um cavalheiro à moda antiga. Aquilo pareceu completamente estranho.

Mas quando fui até a cozinha pegar algum gelo no freezer e colocar sobre meu rosto inchado, precisei me perguntar: “Quem dá um soco num menino de quinze anos?”

E...

“Que merda ele tem contra o Judas Priest?”

¹ *Lick* significa lambar, chupar. [N. T.]



© Harald O.

2

A porta da loucura

“Ele gosta de colocar molho de carne na minha buceta antes de me chupar.”

Foi aos treze anos que fiquei chapado pela primeira vez.

Estávamos vivendo em Garden Grove na época, e um amigo que vivia na mesma rua me apresentou a mágica da maconha. Esse era um daqueles caras fodidos, superinteligentes, que, se tivesse canalizado sua energia e seu intelecto em outras direções, poderia ter um doutorado em alguma universidade. Infelizmente, ele provou ser bom somente em como encontrar formas de consumir maconha.

Estávamos um dia na casa dele, depois da escola, quando sugeriu que fumássemos um pouco. Mas não da forma como eu conhecia. Em vez de enrolar um cigarro, esse cara foi até seu quarto e voltou com um cachimbo que ele mesmo tinha feito com uma lata de Pringles!

– O que faço com isso? – perguntei quando ele me mostrou o tubo orgulhoso.

E então ele me demonstrou. Meia hora depois, eu estava cambaleando pela rua, olhos vermelhos e dando risadinhas, absolutamente chapado. E foi isso. Começa o jogo.

Eu gostava de fumar maconha, da forma como me sentia, então comecei a experimentar com isso. Dali, naturalmente, parti para o álcool e outras

drogas, e não demorou para cabular aulas, passar dias inteiros na casa do meu amigo, sugando a lata de Pringles. Minhas notas começaram a sofrer, e vi como dava para se associar com as pessoas erradas e tomar más decisões; logo minha vida entrou numa espiral descontrolada. Não que eu me importasse. Só estou falando sobre a preocupação e o fato de que, como adulto e pai, posso olhar para trás e ver onde tudo aquilo começou. Mas é preciso se lembrar: não havia nenhuma ramificação séria – nenhuma que me importava, pelo menos. Ficar chapado nunca piorou muito minha vida. Na verdade, fez que ela fosse tolerável.

Mais do que tudo (e isso é verdade para a maioria dos jovens, acho), o que eu queria era me sentir aceito em algum lugar. Queria *pertencer*. A música ajudava. E fumar maconha também. Cada vez que a gente mudava de casa, de cidade, de escola, eu passava por um período de lavagem cerebral. Aprendi a lidar com isso de várias formas – primeiro através dos esportes, depois da música e das festas, e, no final, me livrando completamente das Testemunhas de Jeová. Não havia maior selo de “esquisitice” do que estar associado com as Testemunhas, e, para fugir do estigma, eu me comportava de uma maneira que era inconsistente com os ensinamentos da igreja e fazia isso de propósito. Minha mãe, minhas tias e todas as outras Testemunhas me avisavam que estava destinado a queimar no inferno se não me “limpasse”, mas, francamente, eu não estava nem aí. Só queria escapar deles. Queria alguma aparência de *normalidade*, sem saber muito bem o que era isso.

Havia momentos em que me sentia como o triste herói de algum conto de fadas. Sabe do que estou falando: onde as crianças são abandonadas sob os cuidados de uma madrasta ou de um padrasto maus, ou qualquer outra pessoa que realmente não dá a mínima para o bem-estar da criança. E as deprimentes circunstâncias da minha vida pareciam menos interessantes do que uma fuga para algum mundo de fantasia no qual tudo que precisava fazer era fumar maconha, tocar música, passar o tempo com largados como

eu e tentar transar de vez em quando. A música, em particular, era minha rota de fuga – todo o resto a acompanhava.

Havia, no entanto, um problema significativo associado ao cultivo de um bom apetite por drogas e álcool.

Fluxo de caixa.

Quando eu tinha quinze anos, a gente se mudou para um apartamento num lugar chamado Hermosa Village (que não estava, na verdade, localizado em Hermosa ou Hermosa Beach, mas na vizinha Huntington Beach), em frente ao Golden West College, onde eu acabaria estudando. Quando nos mudamos para lá, perdi algumas amizades e o acesso fácil à maconha que vinha com elas, assim, precisei descobrir como manter a grama crescendo, digamos. Na época, 30 gramas de maconha estavam valendo dez dólares. Então, sem nenhuma consideração por alguma consequência ou questões morais, pedi 10 dólares emprestados para minha irmã, comprei a maconha e fui trabalhar. Enrolei quarenta baseados e logo os vendi por cinquenta centavos cada. Em poucas horas, tinha duplicado meu dinheiro. Bom, eu estava longe de ser um gênio da economia, mas reconhecia uma boa oportunidade. A partir daquele momento, entrei no ramo: um traficante de drogas barato que ganhava o suficiente para ficar doido e colocar comida na barriga quando a geladeira estivesse vazia, o que era bastante frequente. Em pouco tempo, o preço dos baseados subiu para setenta e cinco centavos. Depois um dólar. Aí, a erva mexicana foi substituída pela colombiana, mais potente e cara, que, por sua vez, foi substituída pela *rainbow* e pela tailandesa. A cultura geral abraçou a maconha com um fervor cada vez maior, o que era bom para minha carteira e talvez não tão bom para minha cabeça. Não me importava realmente. Estava em casa. Tudo que eu precisava era de um pouco de fumo e música, e alguns amigos.

Lembro-me de ver *Reefer Madness* no velho cinema de Stanton Picture Palace, que ficava na jurisdição do meu cunhado. Não havia virtualmente nenhuma regra nos anos 1970; dava para beber e fumar a quantidade que se quisesse. E quando os policiais apareciam, o dono do lugar falava pelo aparelho de som: “Senhoras e senhores, para não violar as regras de segurança, queiram apagar seus cigarros agora”. Aí, os ventiladores eram ligados e acabavam com a fumaça, os policiais iam embora e todo mundo acendia de novo. Que lugar ótimo! Eu vi *Fritz the Cat* ali também e *Gimme Shelter*. Tinha meu cachimbo de dois dólares e minha sacola de maconha, ficava ali sentado durante horas, escondido, assistindo a filmes. Essa era a cultura. Essa era a minha vida.

Claro que minha mãe não aprovava nada disso, e não posso culpá-la. Em mais de uma ocasião eu estava pronto para sair, para encontrar meus amigos ou tocar, e tinha de alertar minha mãe para a possibilidade de uma entrega.

– Ah, mãe?

– Quê?

– É possível que esse cara passe por aqui às três. Ele vai pegar um pacote. Está no meu quarto. É só entregar para ele. E diga que preciso de uns 25 dólares.

Minha mãe me olhava como se eu estivesse louco.

– O que tem exatamente nesse pacote, David?

– Não importa, mãe. É só entregar para ele. De verdade, não se preocupe. Está tudo bem.

O mais impressionante é que ela concordava. Pelo menos por um tempo. É difícil não amar seus filhos, acho, mesmo quando eles transformam sua vida num inferno.

No final, minha mãe se cansou. Incapaz de reconciliar meu comportamento com suas crenças religiosas (e sem dúvida temendo o dia em que os policiais entrassem em casa e prendessem todos por tráfico de

drogas), mamãe se mudou do apartamento. Não fui convidado a acompanhá-la. Tinha quinze anos e estava completamente sozinho. Um menor emancipado.

Felizmente, os dois caras que administravam o complexo de apartamentos eram clientes meus. Então, se não tivesse grana para pagar o aluguel, só precisava fazer um acordo com eles. Uns baseados aqui e ali costumavam resolver a questão e deixavam todos felizes e chapados. Nessa época, eu não era mais um amador; já trabalhava com uma quantidade considerável de erva. E não tinha nenhum problema com isso. Aqui está a verdade: quando você tem quinze anos, está faminto e não possui nenhum meio viável de renda, nenhuma ajuda ou supervisão dos pais, acaba não tendo muitas opções. Não é velho o suficiente para conseguir um emprego de verdade, então precisa ser mais... *criativo*. O desespero alimentou meu espírito empreendedor – isso e o conhecimento de que, se não vendesse maconha, talvez a única outra forma de ganhar dinheiro seria me vender. Vender minha bunda. Eu conhecia alguns caras que tinham ido por esse caminho, ou pelo menos tinha ouvido falar deles, podia vê-los trabalhando nas ruas, e não ia permitir que isso acontecesse comigo.

Sob as circunstâncias corretas, no entanto, não me importava em trocar sexo por drogas, ou drogas por sexo, tanto faz. Havia, por exemplo, uma garota chamada Willow que trabalhava numa loja de música em Westminster Mall. A gente se conheceu por causa das minhas visitas frequentes à loja. Eu ficava ali por horas, manuseando os discos de vinil, tentando descobrir o que iria ouvir em seguida, se havia alguma forma de conhecer mais. Eu era maconheiro e traficante, mas realmente adorava música e queria ser um grande guitarrista – só não tinha nenhuma ideia de como fazer isso. No final, acabei fazendo amizade com Willow, que era talvez um ou dois anos mais velha, e a amizade acabou se tornando outra coisa. Em troca de maconha grátis, ela me dava discos. A gente fumava maconha e ouvia discos enquanto transava no meu apartamento. Não era

nada mal, para dizer a verdade. Foi Willow, afinal, que me deu meu primeiro disco do AC/DC, um presente muito importante para mim nos anos seguintes, mesmo depois de termos parado de transar ou até mesmo de nos encontrar de vez em quando.

Nunca tive a ilusão de ser algo mais do que uma diversão para Willow, alguém que tinha o mesmo gosto musical e não se importava de trocar maconha por sexo. Mas, mesmo naquela idade, eu tinha uns padrões bem pobres, que apareceram uma tarde durante uma conversa pós-coito.

– Sabe, meu namorado gosta quando eu raspo meus pelos púbicos em forma de coração – disse Willow.

– É, percebi. Legal.

– Sabe do que mais ele gosta?

– O quê?

Ela se virou e colocou seus braços ao meu redor, depois sussurrou no meu ouvido:

– Ele gosta de passar molho de carne na minha buceta antes de me chupar.

– Uau...

E foi isso. Nem mesmo a perspectiva de um suprimento infinito de discos foi suficiente para tirar da minha cabeça a imagem indelével de Willow, seu namorado e uma enorme garrafa de molho. Nunca mais transamos.

Quando os negócios iam mal e meu estômago resmungava, eu tinha algumas poucas opções. Não podia voltar a morar com minha mãe – nossa relação estava muito fraturada e suas ligações com as Testemunhas de Jeová impediam que aceitasse meu estilo de vida cada vez mais decadente. A salvação, então, estava no norte. Especificamente, em uma pequena cidade perto de Pocatello, Idaho. Minha irmã Michelle tinha se mudado para lá

com Stan, que além de ser um policial era um ótimo carpinteiro. Quando houve um *boom* turístico e imobiliário na região, havia muito trabalho para caras como Stan; ele deixou o uniforme e passou a ganhar bastante dinheiro. Cansado de tentar viver sozinho e desgastado pela situação, liguei para Michelle e perguntei se poderia ir morar com ela por um tempo. Ela aceitou, apesar de colocar alguns parâmetros estritos no acordo.

Um deles era que eu precisava voltar para a escola. Também concordei em conseguir um emprego de meio período. Michelle me ajudou a conseguir um trabalho de limpar mesas no restaurante em que trabalhava, um lugar chamado Ox Bow Inn. Meu sobrinho Stevie (filho da Michelle) trabalhava ali como ajudante também, então ficou sendo uma coisa meio familiar. Stevie, no entanto, acabou se tornando um pé no saco. Queria começar uma banda, mas não tinha dinheiro para comprar equipamento. Então ele “pegou emprestado” umas coisas de uma banda que estava tocando no Ox Bow. Eu não tive nada a ver com aquilo, mas fui um alvo natural da subsequente investigação.

Isso, no entanto, não foi nada comparado com o que Stevie fez comigo na escola. Assim que ficou sabendo, ele espalhou a notícia sobre a iminente chegada de seu tio Dave, o “mestre de *kung fu* da Califórnia”. Bom, claro, eu não era mestre do *kung fu*; na verdade, nem tinha estudado nada disso. Tinha feito classes de artes marciais² durante três anos e progredido até o ponto em que poderia me virar numa briga, se necessário. Mas não era faixa preta ou coisa do gênero e certamente não ficava me gabando disso. O estudo das artes marciais tem sido uma parte importante da minha vida – espiritual e fisicamente – por quase quatro décadas, mas eu não era nada mais do que um aprendiz na época, estudando para melhorar minha autoestima e criar algum sentido de disciplina dentro de uma vida bastante caótica.

Stevie via as coisas de forma diferente, assim como todo o resto. Quando cheguei à escola, metade dela estava pronta para brigar comigo só

por prazer. No primeiro dia de aula, um cara veio até meu armário e enfiou o cotovelo no meu estômago. Eu ainda estava tentando recuperar o fôlego quando ele olhou para mim e disse, com um sorriso nojento e um monte de falhas entre os dentes: “Eu e você, cara, vamos brigar depois da escola hoje”.

– Quem é você, caralho?

Ele não respondeu, só se afastou, rindo, com um bando de caipiras.

O nome dele era Wilbur. Era – não estou brincando – filho de um criador de porcos, o que lhe dava um lugar importante nesse estrato social caipira. Não tinha como evitar isso. Precisava pegar o ônibus para casa e, quando entrei, todos sabiam que haveria um espetáculo de luta entre o mestre do *kung fu* e o criador de porcos. Agora, ir e vir da escola na área rural de Idaho envolvia vários ônibus e bastante tempo. Meu encontro com Wilbur ocorreu numa das paradas, enquanto eu esperava o segundo ônibus que iria me levar de volta para o trailer onde Stan e Michelle viviam. Segundos depois de sair do ônibus, Wilbur e eu nos encontramos no centro de um círculo de adolescentes loucos por sangue.

“Porra, não queria que isso acontecesse.”

Wilbur levantou as mãos, imitando os lutadores de boxe, e sorriu confiante.

– Vamos lá, seu merda – ele gritou. – Quero que me acerte! Dê um salto ou alguma dessas coisas.

Por alguma razão eu ouvi – “Me acerte! Dê um salto” – e pensei que parecia o título de uma música punk. Senti uma calma tomar conta de mim. Toda a coisa parecia tão ridícula, eu parado ali no meio de um bando de jovens estranhos gritando, preparando-me para brigar com esse filho de um grande criador de porcos do Idaho. Pensei que tinha saído da Califórnia para me afastar de situações perigosas. Como é que isso foi acontecer?

– Vamos, cara! Vai me dar um golpe de caratê ou não? Bicha do *kung fu*!

Era um empate. Wilbur não queria me acertar primeiro porque era maior; eu me recusava a acertá-lo porque tinha aprendido com meu sensei que só podia dar um golpe em autodefesa. E assim foi, nós dois dançando daquela forma estranha, até o ônibus chegar. Entramos, sem acidentes, e o ônibus partiu.

Crise evitada.

Foi o que pensei, até chegarmos na parada de Wilbur. Quando ele saiu do ônibus, levantou o braço e acertou a minha nuca com o cotovelo. Soube instantaneamente que tinha me ferrado – e não só porque tinha a obrigação de brigar com Wilbur, mas também porque tinha a boca cheia de tabaco de mascar, um pedaço que agora deslizava pela minha garganta. Se você acidentalmente já engoliu isso, sabe o que acontece. Em segundos, eu estava mal; quando cheguei em casa, vomitava sem parar.

Em resposta, fiz o que qualquer pessoa na minha situação teria feito: joguei uma praga no cara.

Bom, nem todo mundo faria isso, só quem tem uma irmã que estava bastante envolvida com feitiçaria e magia negra. Na verdade, para mim, esse foi o começo de um longo e perturbador flerte com o oculto, cujos efeitos me perseguiram por anos. Na época, no entanto, parecia uma ferramenta à disposição. Tendo sido batizado como luterano e sofrido lavagem cerebral pelas TJs, eu era, na adolescência, um recipiente vazio quando se tratava de religião. Ao contrário da crença popular, apesar de ter lido *A Bíblia Satânica*, nunca me tornei um satanista de verdade – todo o conceito parecia meio bobo, para ser honesto –, mas certamente me aventurei nas artes obscuras e não duvido nem por um segundo que isso fodeu com minha cabeça a um grau quase incomensurável.

Acreditava no oculto e algumas pessoas vão dizer: “Como você pode acreditar no oculto, praticar magia negra e não ser satanista?”. Bem, há uma divisão aqui. Converse com quem já se envolveu com o oculto e vão contar

que há muitas facções para diferentes tipos de magia. E como em todo o resto, há aspectos bons e maus no oculto.

Só sei que tanto a bruxaria quanto as Testemunhas de Jeová me causaram muito sofrimento por vários anos. São diferentes, claro. A dor por entrar na bruxaria era residual. O sofrimento da religiosidade das Testemunhas de Jeová era causal. É como quando as pessoas dizem: “Ei, você usa drogas, então seus relacionamentos são uma merda”, e você responde com: “Não, meus relacionamentos são uma merda, então é por isso que uso drogas”. De todas as formas, você está ferrado.

Mas naquela tarde, enquanto tentava acalmar meu estômago furioso? A bruxaria parecia um mecanismo perfeitamente razoável para lidar com aquilo.

Como Michelle relutava em me oferecer, roubei alguns de seus livros; e depois de uns poucos dias de estudo, comecei a trabalhar, montando um boneco feito de massa de pão, usando sementes de papoula para escrever W-I-L-B-U-R, e amarrei uma forca feita de barbante ao redor do pescoço do boneco. Depois recitei um encantamento do livro de magias. Finalmente, bem no final, peguei o boneco e quebrei uma das suas pernas.

Funcionou?

Não posso dizer com certeza, mas sei que pouco tempo depois Wilbur se envolveu num acidente de carro; quebrou a perna. Levando em conta a natureza da vida naquela parte do mundo – a forma como as pessoas bebiam muito e dirigiam sem se importar com as consequências – e considerando que Wilbur era um imbecil, suponho que algum tipo de episódio como esse era inevitável.

Mas pensando bem...

Meio assustador, não?

Depois de meu hiato em Idaho, voltei ao Orange County e retomei aos poucos o estilo de vida rock ‘n’ roll. Como gostava de carros e sabia um pouco como eles funcionavam, consegui um emprego de meio período numa garagem; isso ajudou a segurar a onda até eu conseguir cultivar um número suficiente de clientes para ressuscitar minha empresa de venda de maconha. Eu ia à escola à noite na esperança de conseguir um diploma do nível médio e encontrei companhia nos braços de uma garota chamada Moira, que se tornou meu primeiro interesse amoroso sério.

Musicalmente, eu era uma esponja, ouvindo qualquer coisa que chegasse às minhas mãos, tentando aprender minhas batidas favoritas e imitar meus guitarristas favoritos. Durante o dia, ficava na praia com meu melhor amigo, Mike Jordan, e algum outro amigo branquelo descendente de europeus do norte, bebendo e tentando não fritar. À noite, a gente andava por aí, de festa em festa, às vezes brigando, mas no geral só bebendo, fumando maconha e rindo das bandas amadoras que tocavam “por diversão”.

Mesmo a pior delas, no entanto, conseguia fazer algo primitivo e conseguia um nível pequeno de celebridade, com alguma audiência. Lembro de ouvir falar sobre um cara chamado Pat Knowles, o único guitarrista em nosso bairro universalmente visto como ótimo músico. Nessa época, eu o conheci pessoalmente. Que decepção! O cara era um magricelo com cor de pudim e jeito de Peter Pan. Só um garotinho moleirão. Mas, Jesus... ele sabia tocar! E depois havia John Tull, que era quase a antítese de Pat Knowles. John era um cara estilo lenhador, com braços grossos e um crânio grande e duro. Sabe que dizem que o adulto típico possui uma testa igual à largura de quatro dedos? Bom, John tinha cinco. Talvez até seis. Ele tinha uma Les Paul negra com três captadores e tocava de uma forma incrível. Como nenhum outro ali na região, pelo menos. Eram canções legais, também – músicas que ouvia no rádio e sempre me impressionava muito a forma como ele tocava.

“Porra... esse cara é bom.”

E era só a metade da coisa. Quando a banda parava e John deixava a guitarra, as garotas iam todas para cima dele. E não se esqueçam que o Sr. Cinco Dedos de Testa não era exatamente o sujeito mais lindo do lugar. Mas não importava – era a guitarra e a magia da música que faziam que John fosse atrativo para o sexo oposto. Eu queria ser como ele e como Pat Knowles.

Só que *melhor* que eles.

Começou quando tinha dezessete anos, com um rapaz chamado Dave Harmon, baterista de Huntington Beach cuja vida familiar parecia ser o oposto exato da minha. Dave vinha de uma família estável, com uma mãe e um pai que apoiavam tudo que ele queria fazer, inclusive ser músico. Eles entendiam que eu estava basicamente sozinho e ficaram com pena, por isso abriram sua casa e me trataram com carinho e compreensão. Para mim, era como ganhar na loteria. Estava vivendo sozinho, bebendo cerveja genérica, comendo macarrão instantâneo com queijo, como se não houvesse outra coisa. Aí, conheço esse cara com pais legais e uma geladeira cheia de comida.

Dave e eu começamos a conversar sobre tocar juntos e talvez montar uma banda de verdade, uma que fosse melhor do que qualquer outra nas festas do bairro. Para tocar guitarra, Dave recrutou um amigo dele chamado Rick Solis, que tinha uma linda Gibson Flying V. Como eu, Rick estudava artes marciais, então a gente se deu bem desde o começo. Rick era também o primeiro aspirante a roqueiro que conheci realmente com o visual para isso – era como um cruzamento entre Vinnie Vincent e Paul Stanley. E não era nenhum acidente. Rick era um desses caras com uma compreensão inata da imagem – ele usava camisetas sem manga, cabelo comprido e uma mistura estranha de acessórios de astro do rock. Também tinha um nariz

enorme e pele escura, o que lhe dava uma exótica aparência mediterrânea, e era um dos caras mais cabeludos que já conheci. Ele mistura o bom e o ruim – o peito peludo (ei, nos anos 1970, isso era considerado o máximo da virilidade) e as longas madeixas que se esticavam de um lado para o outro da cabeça.



Numa pose inspirada em Michael Schenker (do UFO, na época), tocando numa festa com o Panic

Rick era o primeiro cara que conheci e que estava comprometido a tocar bem e se tornar um astro do rock. A gente ensinava um monte de músicas um para o outro, de “Fire”, do Jimi Hendrix, à maioria do catálogo do Judas Priest, ou qualquer coisa que soasse interessante. Como eu, Rick ainda estava desenvolvendo seu gosto por música. Não demorou muito para ele se comportar de uma maneira que era profundamente estranha e inaceitável, o

que levou não só à sua expulsão da banda, mas – isso só posso presumir – também à sua morte prematura (Rick geralmente dirigia travado e morreu num acidente de moto alguns anos depois).

Com a saída de Rick, Dave e eu começamos a montar uma nova banda. O primeiro a se juntar foi um guitarrista chamado Tom Quecke, amigo meu da escola noturna. Tom vinha de uma família com três irmãos. O mais velho trabalhava para o governo na área de segurança nacional; um cara ótimo. O do meio eu não conheci muito – era a ovelha negra da família. E depois estava Tom, que era como uma ovelha negra que se deu bem. Ou estava tentando, pelo menos. Para dizer a verdade, ele era um guitarrista medíocre, mas era tudo de que precisávamos, porque só ia tocar guitarra base; eu faria os solos.

Em seguida, entrou Bob Evans, um baixista que me lembrava um personagem do programa de TV *Hee Haw*. Era gordo, com cabelo curto e franja, e usava macacão o tempo todo. Bobby parecia... bem, um caipira. Mas era um cara bem legal. Assim como seu pai, que era engenheiro de som bem-sucedido e tinha construído incríveis caixas de som para sua casa. Essas coisas tinham a qualidade das do Royal Albert Hall, ou lugares assim. A gente ia tocar com esse cara e eu tinha meu amplificadorzinho, enquanto o Bobby ligava aquelas caixas enormes, com 2,5 metros de altura e tocava sua primeira nota no baixo – *BOOOOWWWWW!* – e esterilizava todo o bairro. Bobby tinha dinheiro e carro, então é claro que estávamos felizes por tê-lo na banda.

Nesse ponto, tudo de que precisávamos era de um vocalista – eu ainda não tinha considerado a possibilidade de assumir o microfone – e encontramos Pat Voelkes. Pat era magro e musculoso, com cabelo comprido – ele tinha o visual de vocalista. Era também uns anos mais velho que nós, um pouco mais maduro, um pouco mais esperto sobre o lado prático de montar uma banda. A gente montou um estúdio de ensaio na garagem de Pat e se juntava o máximo que podia para ensaiar. Mas todos tinham outras

vidas. A minha girava em torno do tráfico de substâncias ilícitas. Nessa época, eu tinha passado de vender maconha a vender qualquer coisa que conseguisse encontrar: haxixe, LSD, Mandrix, cocaína. Quando o assunto era ganhar dinheiro, eu não discriminava nada.

Não digo isso com orgulho. Essa era somente a verdade. Eu precisava de dinheiro e essa era a forma mais fácil e mais eficiente de conseguir. Além do mais, é preciso considerar o clima cultural e político da época. Quimicamente falando, o final dos anos 1970 foi bastante liberal. Não via nada particularmente perigoso ou imoral em consumir e distribuir drogas. Parecia algo absolutamente normal para mim. Com meu passado e histórico familiar, isso não é exatamente uma surpresa.

A gente deu o nome de Panic para a banda. Não me lembro por que – provavelmente porque parecia legal, selvagem e anárquico. Nossa primeira apresentação foi em Dana Point, numa festa organizada pelo meu primo John. Foi meio sem preparação. Dave Harmon não podia tocar naquela noite, então recrutamos um baterista substituto chamado Mike Leftwich. Tocamos bastante bem e a plateia nos adorou. O set list foi uma mistura aleatória de músicas que eu ouvia em outras festas – The Scorpions, Judas Priest – junto com algumas coisas mais obscuras que eu gostava, como Budgie e Sammy Hagar (como artista solo). Todo mundo se divertiu e, no final da noite, o apartamento tinha uma atmosfera de orgia, com garotas bêbadas tirando as roupas e transando com os caras da banda.

Não podia ficar mais feliz.

O dia seguinte, no entanto, trouxe notícias terríveis. Os membros da banda tinham se separado depois da festa. Mike saiu com um amigo chamado Joe, um cara gente boa e despretensioso que havia ajudado na mesa de som para o show. Dirigindo para casa, na Pacific Coast Highway, ao sul de Huntington Beach Pier, Mike e Joe se envolveram num terrível acidente. Eu recebi a notícia de Tom Quecke, enquanto ainda estava lutando contra uma ressaca matutina.

– Joe dormiu ao volante – ele falou, a voz falhando. – Os dois morreram.

Aos dezessete anos você não faz imediatamente a conexão causa-efeito entre bebida e morte, mas eu estava começando a entender que meu estilo de vida – que eu adorava – tinha suas consequências. Por exemplo, quando eu bebia, tinha a tendência a ficar realmente violento. A maconha tinha um efeito relaxante, quase soporífico. O álcool, no entanto, provocava raiva. Eu devia ter uns dezesseis na primeira vez que bebi a ponto de perder a consciência. Não seria a última. Invariavelmente, meu humor ficava ruim nessas ocasiões. Minha intenção nunca foi a de machucar alguém. Não começava a beber já pensando na ideia de encontrar uma briga no final da noite. Minha motivação era muito mais simples: me sentir bem e encontrar alguém que ficasse com pena e tirasse a roupa para mim. Em geral, no entanto, os planos davam errado. Vamos ver dessa forma: eu não me metia em problemas sempre que bebia, mas sempre que me metia em problemas, tinha bebido. Isso era certeza. Fumar maconha era uma experiência completamente diferente. Eu acordava de manhã, fumava um, assistia à MTV, cantava junto com o Buggles, tocava um pouco de guitarra, tirava uma soneca e seguia com o dia. Tudo bom, tudo na paz.

Tudo isso era parte de uma mesma coisa: a música, o estilo de vida, a bebida, as drogas, o sexo. Por muito tempo fui incapaz de reconhecer a menor possibilidade de que poderia ter um problema de abuso de substâncias. Olhava para o espelho e via o protótipo de astro do rock. Um festeiro. Demorou muitos anos para voltar a olhar e ver algo bem diferente:

“Ó meu Deus. Não sou Keith Richards. Sou Otis de Mayberry!³ Um bosta de um alcoólatra!”

Mas demorou para isso acontecer. A maconha era, na maioria dos lugares, uma droga socialmente aceitável nos anos 1970; em menor grau, a

cocaína também era, apesar de que a rejeitei no começo por estar ligada, na minha visão, com o movimento disco e depois com house e techno. A cocaína era para quem gostava de Village People e Donna Summer, ou as bichas que iam aos concertos de Flock of Seagulls. Para fãs de metal, principalmente para músicos de metal, havia bebida e drogas. As mais pesadas.

Uns dias depois do acidente, Dave Harmon e eu fomos até a casa de Mike e tentamos falar com sua família. Foi estranho oferecer nossas condolências, mas eles aceitaram isso muito bem. Foi um encontro doloroso, de todas as formas. Suponho que, em algum nível, eles nos culpavam pelo que tinha acontecido com Mike, talvez só por estar envolvido com a banda. Alguém tinha de levar a culpa, não é? Não é assim que funcionam as tragédias?

Tentamos ressuscitar a banda, até tocamos alguns shows em Dana Point, Huntington Beach e lugares perto nos meses seguintes. Mas o espírito já não existia mais; havia muitas lembranças do que havia acontecido. Muita culpa, talvez. Só posso falar por mim, e aquilo não estava funcionando. Não existia mais a afinidade que impele uma banda durante os anos de formação. Não gostávamos mais tanto um do outro e não queríamos tocar juntos como antes.

O uso de drogas no Panic era comum. Eu me drogava com os membros da banda, experimentando coisas, me chapando com meu próprio suprimimento... descendo em espiral pelo caminho das drogas e do alcoolismo. Mesmo o maior de todos os benefícios secundários – sexo aleatório e indiscriminado – começou a perder o brilho. Disse a Moira um dia que tinha sonhado em fazer um ménage com ela e uma de suas melhores amigas (o que era verdade, por acaso); naquela tarde, quando cheguei em casa do ensaio, Moira e Patty estavam ali, nuas e sorrindo, esperando minha chegada. Qualquer um poderia assegurar, com total razão, que tal recepção

elevaria o espírito de qualquer homem com sangue nas veias. E elevou... por um tempo. Mas algo estava faltando. Simplesmente não sabia o que era.

Escolhi o rock ‘n’ roll pelo estilo de vida, não porque tinha a aspiração de ser um grande músico. Não ficava sentado esperando que as pessoas viessem e dissessem: “Nossa, Dave, seu arpejo é tão lindo!”. Não, não era nada disso. Eu era um rebelde do rock ‘n’ roll. Tinha uma guitarra nas costas, uma faca presa ao cinto e um sorriso desdenhoso na cara. E era só isso. Era suficiente.

Foi o que pensei.

Na mesma época, eu me reconectei por um tempo com meu pai. Era junho de 1978; eu tinha dezessete anos e, por alguma razão, senti vontade de encontrá-lo. Minha mãe e meu pai tinham se divorciado havia muito tempo e ele havia sido uma figura meio vaga em minha vida, mas eu precisava ver com meus próprios olhos se tudo que me contaram era verdade. As lembranças eram tão distantes que acabavam não sendo mais confiáveis, não mais do que as histórias horripilantes de abuso contadas por minhas irmãs e minha mãe.

Não foi difícil encontrá-lo e, quando liguei e sugeri que nos encontrássemos, ele pareceu realmente emocionado.

– Gostaria de fazer isso, claro. Quando?

– Que tal nesse fim de semana?

A gente se encontrou no apartamento dele, um lugarzinho escuro, com uns poucos móveis alugados e papel de parede feio. Era Dia dos Pais, mas isso não importou muito. Não me sentia seu filho e não sei se ele se sentia meu pai. Éramos apenas duas pessoas – estranhos, na verdade – tentando se conectar. Qualquer emoção que eu esperava – raiva, alegria, orgulho – fora sufocada pela tristeza de sua vidinha patética. Meu pai não se parecia com o bicho-papão dos meus pesadelos; nem se parecia com o bancário bem-

sucedido que já tinha sido. Ele só parecia... velho. Num momento, abri a geladeira procurando algo para beber e fiquei espantado com o vazio. Lá, na porta, havia um jarro pequeno de maionese, com uma crosta na borda. Na prateleira central havia um saco de pão aberto. Algumas garrafas de cerveja espalhadas.

Só isso.

Não sabia o que falar, então fechei a porta e me sentei numa cadeira em frente à mesa da cozinha. Não me lembro exatamente quanto tempo durou a visita. Lembro de pedir desculpas por ser um péssimo filho, um reconhecimento que o fez chorar; ele fez um gesto desdenhando isso. Quando fui embora, nos abraçamos e concordamos em fazer um esforço para nos juntar com mais frequência.

Isso não aconteceu. A próxima vez que vi meu pai, talvez uma semana depois, ele estava numa cama de hospital, respirando com a ajuda de aparelhos. Seu emprego na época não tinha nada de glamoroso – consertava caixas registradoras para a NCR. Aparentemente, até onde entendi (apesar de haver algumas dúvidas sobre os eventos que levaram à sua morte), papai estava num bar quando caiu de um banco e bateu a cabeça. Preferia pensar que estava trabalhando numa caixa registradora no momento, que sua morte foi – de alguma maneira – nobre. Mas a probabilidade disso é pequena. É como o cara que é pego num puteiro e diz: “Uh... estava só dando uma olhada”. Meu pai era alcoólatra e sofreu uma hemorragia cerebral num bar. Difícil imaginar que estivesse sóbrio quando isso aconteceu. A tragédia é que ele poderia ter sido salvo, mas quando os médicos encontraram alguém que poderia dar permissão para quebrar seu crânio e aliviar a pressão, ele já tinha entrado em coma. Imagine isso. Você tem uma ex-esposa e quatro filhos, todos vivendo na mesma região. Possui vários irmãos e irmãs. Netos. Mas no dia em que sofre um acidente terrível, não há ninguém para ligar, ninguém se importa.

Quando recebi a ligação da minha irmã Suzanne, tive um choque.

– Papai está no hospital – ela falou. – É melhor vir aqui agora.

– O que aconteceu?

– Venha logo.

A primeira coisa que fiz – a porra da primeira coisa – foi agarrar uma garrafa de uísque Old Grand-Dad. Enfiei no bolso da camisa e saí correndo, pulei na minha moto e desci a Goldenwest Street até a Pacific Coast Highway. O mais engraçado é que eu odiava uísque; a garrafa nem era minha, tinha sido esquecida depois de alguma festa, sem dúvida. Mas eu a vi e sabia que queria machucar alguém, então pensei que o uísque poderia me ajudar nisso.

Podia fazer a viagem até o hospital em Costa Mesa sem nem pensar, apesar de nunca ter ido lá antes. Conhecia toda a região porque vivia como uma pulga, pulando de cão em cão por todo o Orange County, Riverside County, Los Angeles e San Diego. Corria pelas autoestradas, bebendo com uma mão, acelerando com a outra. Quando cheguei ao hospital, meu pai estava numa posição fetal, com tubos por todo o corpo conectados a vários monitores e equipamentos de respiração. Minhas irmãs já estavam ali, alinhadas ao pé da cama como os Três Macacos Sábios. Ninguém disse nada, até que Suzanne se aproximou, cheirou o álcool no meu bafo, viu meus olhos vermelhos e a garrafa quase vazia de Old Grand-Dad no bolso da camisa.

– Sabe o quê? – ela falou, sua voz cheia de desdém.

– O quê?

– Você vai acabar como ele.

Ela enfatizou a última palavra – “*ele*” – de tal forma que eu não tinha certeza qual de nós – eu ou meu pai – era o verdadeiro objeto de seu desprezo. Só sabia que estava furioso. Estava bravo porque meu pai estava morrendo justo quando eu começava a conhecê-lo. Estava bravo por minha irmã ver em mim os mesmos defeitos de caráter que tinham levado meu pai a um fim tão triste. Mais do que tudo, no entanto, estava bravo comigo

mesmo. Tinha medo, no fundo, que ela pudesse ter razão. Talvez eu terminasse como meu pai, enrolado numa cama de hospital, meu cérebro se afogando em si mesmo, cercado por pessoas sem emoções que pareciam não se importar se eu morresse ou vivesse.

² Especificamente de caratê *Shorin-ryu*. Eu competi em meu primeiro torneio mais ou menos nessa época e descobri como o esporte pode ser desafiador. Ganhei minha primeira luta depois que meu oponente foi desclassificado por me acertar no rosto e na virilha. Infelizmente, não consegui mais lutar e precisei desistir.

³ Otis: personagem ficcional da série de TV norte-americana *The Andy Griffith Show*. [N. T.]



© William Hale

A sagrada trindade do Metallica, para alguns:
eu, James e Cliff no Old Waldorf em San Francisco

3

Lars e eu, ou no que estou me metendo?

“A vaga é sua.”

O Panic não se separou, foi mais uma dissolução, o resultado de uma falta de compromisso e química.⁴ Um dos nossos últimos shows, no final de 1981, foi também um dos mais memoráveis. Foi um concerto beneficente para um motoqueiro que tinha falecido. Organizar um set list para um grupo de motoqueiros – e estou falando de caras sérios, não dos que trocam as BMWs por Harleys no fim de semana – pode ser um desafio. Meu gosto era bastante eclético. Eu realmente gostava de muitas coisas de várias bandas que tinha descoberto só por manter os ouvidos bem abertos.

Por exemplo, havia uma banda pouco conhecida chamada Gamma, que era o projeto solo de Ronny Montrose. Eu adorava Montrose, adorava como eles tocavam e o que faziam. Eram realmente uma banda de rock bastante sólida. A maioria das bandas que você via em festas nessa época estava tocando sempre as mesmas coisas: Robin Trower, Rush, Ted Nugent, Pat Travers, Led Zeppelin, Kiss. Algumas eu gostava mais do que outras, mas digeriria tudo e pensava no que as pessoas queriam ouvir. Dessa forma, podia formular um set list razoavelmente satisfatório. Mas descobrir o que os jovens dos subúrbios querem ouvir é um pouco mais fácil do que agradar a

uma gangue de motoqueiros bêbados. Então, uma das canções que aprendemos especificamente para esse show foi “Bad Motor Scooter”, do Sammy Hagar. Pelo menos fizemos nossa lição de casa.

O show aconteceu em um descampado, num lugar enorme dentro de uma reserva. E preciso dizer que foi empolgante – provavelmente a noite mais intensa que o Panic já tinha vivido ou iria viver, como descobriríamos depois. Aqueles eram motoqueiros barra-pesada. Membros de gangues. Bom, eu tinha visto *Gimme Shelter*, o documentário de 1970 sobre o infame e trágico show dos Rolling Stones em Altamont, em que a segurança fornecida pelos Hells Angels resultou em um assassinato e em caos. Então, eu tinha ideia do que esperar. Estava com medo?

Claro que não!

Achei que tinha *chegado aonde queria*.

Mas a noite foi ao mesmo tempo mais e menos do que tinha imaginado. Havia dois odores diferentes preenchendo o ar por toda a noite: maconha... e *chili*. Isso mesmo – *chili*. Vários barris disso, por causa de uma competição de *chili* ao ar livre; eu não sabia, mas isso era bem comum nesse tipo de evento. Havia treze barris de cerveja no centro do lugar – lembro especificamente do número por causa de seu simbolismo (sorte ou azar, dependendo do caso). Não fizemos passagem de som ou algo parecido. Só nos reunimos, fumamos maconha, comemos *chili*, bebemos cerveja com esses caras, até um deles gritar: “Comecem a tocar!”. E foi o que fizemos.

A gente colocou uma corda na frente do lugar e montou nosso equipamento. Na época, instrumentos sem fio eram relativamente raros (e em geral muito caros). Mas eu tinha montado um equipamento sem fio usando um estéreo, um amplificador e um aparelho conhecido como sistema *wireless* Nady. Conhecia pouca gente com um equipamento desses e pude ver que isso deixou os motoqueiros doidos. Dava para vê-los pensando: “Caralho! Como esse cara toca sem nenhum cabo?”

De qualquer modo, a gente passou todo nosso set list, tocando rápido e sem erros. Uma tonelada de energia, nenhum erro (nenhum que eles pudessem perceber, pelo menos). Terminamos com uma versão absurda de “Bad Motor Scooter”, agradecemos à multidão pelo apoio e começamos a desmontar.

Foi quando as coisas ficaram feias. O organizador se aproximou do “palco”.

– Que porra vocês estão fazendo?

No começo não disse nada, o que era, evidentemente, a coisa mais inteligente a fazer. Pensei em jogar tudo na cara dele. Quero dizer, eu era um traficante de drogas, certo? Entendia as regras do mercado e do comércio justo. Eles tinham nos pagado para tocar. Nós tocamos. Como ousavam não honrar nosso contrato?

Bem, eles eram motoqueiros, claro. Faziam o que queriam fazer. E o que eles queriam, naquele momento, era mais música. Felizmente, tínhamos um diplomata em nosso meio: Pat Voelkes, que, como já mencionei, era o mais velho da banda e claramente o mais maduro quando se tratava de lidar com outras pessoas. Pat negociou com eles por alguns minutos, depois voltou com um novo contrato. Aqui estavam os termos: tocaríamos mais um set list; eles não iam nos pagar nem mais um centavo. Tinham concordado, no entanto, em nos dar um saco de cogumelos alucinógenos.

“Fechado!”

Então, tocamos de novo, todo mundo comeu os cogumelos mágicos e viajou de forma espetacular, resultando em uma das piores experiências de nossa vida profissional. Todos dissemos coisas que não queríamos, divulgamos segredos que deveriam ter sido guardados. Quando chegamos em casa, a irmandade tinha sido destruída. E chegar em casa não foi algo fácil. A embreagem do nosso meio de transporte primário, o Volkswagen Rabbit de Tom, quebrou no caminho. No começo, tentamos empurrar a coisa até em casa – e que visão isso deve ter sido: um bando de

adolescentes magrelos e anêmicos empurrando um carro de quase mil quilos. Não havia como, então, terminamos dormindo na parte de trás de um trailer que tínhamos usado para transportar nosso equipamento. Conosco, naquela noite, estavam dois caras que me ajudavam com meu comércio de drogas – basicamente, ficavam de olho na minha casa enquanto eu viajava com a banda ou trabalhava na garagem. Esses caras eram Dumb e Dumber, porém eram simpáticos na maior parte do tempo. Infelizmente, o pouco cérebro que tinham havia diminuído ainda mais com os cogumelos e, num ponto, eles acharam que seria uma boa ideia roubar um barril de cerveja dos motoqueiros.

© Brian Lew



Passagem de som do Metallica num show em San Francisco, março de 1983

Tudo ficou péssimo muito rápido, claro. O barril escapou das mãos deles e começou a rolar por uma colina, batendo nas pedras e acordando

todo mundo no acampamento. Finalmente, ele parou num riacho.

“Ah, merda...”

De repente, nossa pequena aventura se transformou em *Sexta-Feira 13*.

Os criminosos (Dumb e Dumber) ficaram escondidos, tentando se comunicar conosco através de pios de aves e assobios, enquanto o resto de nós era encurralado pelos motoqueiros e aprisionado na parte de trás do trailer. No final, chegamos a um acordo (tocamos outro show), o barril foi recuperado e todo mundo conseguiu sobreviver àquela noite. Quando chegamos em casa, no entanto, algo tinha mudado. Era como aquela cena em *Quase famosos*, em que a banda sobreviveu a uma aterrorizante turbulência enquanto voava de um concerto no final da turnê, todo mundo está exausto e você sabe que o fim está próximo.

Foi como me senti.

Não tinha nada mais a dar para o Panic. E o Panic não tinha nada para mim.

Algumas semanas depois, eu estava folheando um jornal alternativo chamado *Recycler* quando encontrei um anúncio de uma banda ainda sem nome que estava procurando um guitarrista. Isso não era nada anormal – o *Recycler* estava cheio desse tipo de anúncio toda semana; eles eram leitura obrigatória para quase todo aspirante a músico no sul da Califórnia. Poucos deles me interessavam, principalmente porque não tinha desejo de ser um cara contratado na banda de outra pessoa. Sabia que era um bom guitarrista; também estava começando a perceber que gostava de mandar. Não era bom em aceitar ordens.

Esse anúncio em particular chamou minha atenção, no entanto, já que era o primeiro que se referia não a uma ou duas, mas a três das minhas bandas favoritas. A primeira era o Iron Maiden. Nada realmente especial sobre isso – não dava para tocar metal e *não* apreciar o Iron Maiden. A

segunda era o Motörhead. Nada estranho aqui, também. A terceira, no entanto, era uma banda chamada Budgie. Só de ver o nome impresso fez meu coração bater mais rápido. Eu tinha conhecido o Budgie, uma pauleira do País de Gales – na verdade, eles são considerados por alguns como a primeira banda de heavy metal – uma noite, alguns anos antes, enquanto pedia carona na PCH. O motorista que parou trabalhava para uma estação de rádio em Los Angeles.⁵ Era um cara bem decente. Dividimos alguns Mandrix, deixamos a música rolar e, num momento, depois de descobrir que eu tocava guitarra, ele sorriu e disse: “Cara, você precisa ouvir essa banda”. E colocou uma fita do Budgie para tocar.

Eu fiquei louco na hora. A velocidade e a força da música, sem abandonar a melodia, eram diferentes de tudo que já tinha ouvido.

Ali estava eu, lendo o *Recycler*, pensando no que fazer na próxima fase da minha vida e era como se tivessem me mandado uma mensagem.

“Budgie!”

Naquele mesmo dia eu liguei para o telefone no anúncio.

– Ei, cara, estou procurando o Lars.

– Sou eu. – O cara tinha um sotaque estranho que não consegui saber de onde era. Também parecia ser muito jovem.

– Estou ligando por causa do anúncio. De guitarrista?

– Certo...

– Bom, eu conheço Motörhead e Iron Maiden – falei. – E amo o Budgie.

Houve uma pausa.

– Que foda, cara! Você conhece a porra do Budgie?!

Não precisou de mais nada. Lars Ulrich, o moleque (e, sim, ele era só um moleque, eu ia logo descobrir isso) do outro lado da linha, era um ávido colecionador de música da New Wave of British Heavy Metal (NWOBHM). E quando eu falei o nome de uma banda que estava à frente daquele movimento, ganhei o cara. A coisa é que eu só fiquei sabendo mais

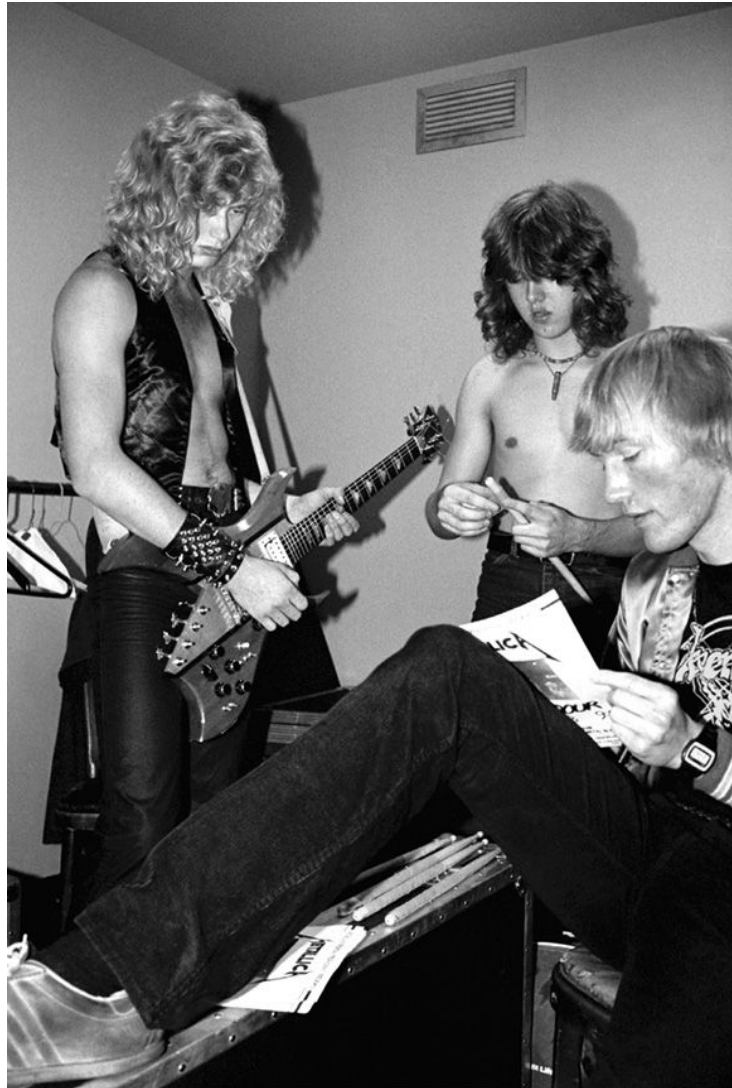
tarde que o Budgie tinha um lugar tão proeminente naquele mundo; eu só gostava da música deles. E Lars respeitava isso, o que só mostra que lá no fundo, há muito tempo, já fomos almas gêmeas.

A gente se conheceu alguns dias depois no apartamento de Lars em Newport Beach. Na verdade, era a casa dos pais dele, o que só fui perceber quando cheguei. Foi quase uma viagem ao passado, já que Lars vivia num bairro perto de onde minha mãe trabalhava quando eu era criança. Num ponto, depois de sair da Pacific Coast Highway, cheguei a um semáforo e percebi que, se virasse para a direita, entraria em Linda Isle, onde minha mãe tinha limpado os banheiros dos caras ricos. Se virasse à esquerda, estaria na casa de Lars em uns poucos minutos. Depois de fazer a curva, lembrei que uma vez, há muito tempo, tinha colocado uma gravata borboleta e camisa branca para ajudar enquanto minha mãe trabalhava servindo as mesas numa festa particular naquele mesmo bairro.

Dá para imaginar o que eu estava pensando quando estacionei meu velho Mazda RX-7, com silenciador detonado fazendo tanto barulho que pensei que a janela fosse quebrar:

“Filhinho de papai maldito...”

O pai de Lars, Torbin Ulrich, era um ex-jogador de tênis profissional de algum renome. Sua mãe era dona de casa; nunca a conheci muito bem. Lars nasceu na Dinamarca. Não é surpreendente que tivesse começado a jogar tênis bem jovem e fosse um prodígio. Supostamente, tinha vindo para os Estados Unidos com a ideia de aprimorar sua carreira de tênis, mas isso logo foi abandonado por causa da sua verdadeira paixão: música, especificamente, tocar bateria. Não sabia nada disso quando nos encontramos pela primeira vez. Tudo que sabia quando ele abriu a porta naquela manhã era que o cara era bem jovem (eu tinha vinte anos; Lars não tinha nem dezoito) e obviamente tinha vindo de um mundo bem diferente do que eu conhecia.



Backstage com Lars Ulrich e meu amigo de longa data, John Strednansky

Não tive grandes expectativas em relação a esse encontro inicial. De muitas formas, eu ainda era bastante inocente. Tinha alguma maconha comigo e pensei que, se nada funcionasse, passaria um tempo com o cara, ficaria chapado e ouviria seus planos para conquistar o mundo da música. A gente se cumprimentou e subiu para seu quarto, possivelmente para tratar de negócios (sem saber muito bem o que isso queria dizer). A primeira coisa que percebi quando entrei no quarto foi que ele tinha um monte de merdas interessantes nas paredes: fotos de bandas, capas de revistas. Uma

que ficava bem na entrada era um grande pôster do Philthy Animal, o baterista do Motörhead, martelando uma bateria incrível, cujas peles eram adornadas com o que pareciam ser bocas de tubarão.

“Muito legal”, pensei.

Um pouco mais desconcertante foi a gigantesca pilha de pornô dinamarquês na prateleira. Eu não era nenhum puritano. Nessa época, eu já tinha realizado uma boa quantidade de fantasias sexuais. Mas essa merda era estranha. Não era o que se via em geral nas revistas norte-americanas, mas aquelas estranhezas pesadas europeias: garotas sendo fodidas por bastões de beisebol e garrafas de leite, coisas dessa natureza.

– Cara, isso é meio estranho, não?

Lars deu de ombros. Parte disso, acho, era porque ele parecia tão jovem. Poderia ter falado que tinha treze ou catorze, parecia estranho ser amigo dele, folhear umas revistas pornô dinamarquesas e conversar sobre montar uma banda. E fumar maconha, claro, que foi o que fizemos em seguida. Lars tinha um cachimbo de bambu bem ali (seus pais, obviamente, não eram do tipo repressor) e naturalmente a conversa gravitou para o assunto das drogas. A gente trocou algumas histórias por um tempo e Lars me contou sobre seu método favorito de fumar haxixe. Ele cavava um buraco no chão, enterrava o haxixe enquanto estava queimando, depois fazia um pequeno túnel e inalava a fumaça através de uma tela do outro lado. Eu tentei imaginar isso: esse moleque com a cara enfiada na terra, sugando fumaça de haxixe para os pulmões. Não conseguia me imaginar fazendo isso e não tenho certeza de qual era a vantagem que esse método tinha sobre outros, mais tradicionais... mas precisei admitir que era criativo.

Conversamos um pouco, ficamos chapados e no final perguntei a Lars se ele tinha algumas gravações da banda que estava tentando formar. Havia três pessoas na formação, ele contou: um vocalista chamado James Hetfield (James ainda não tinha começado a focar em tocar guitarra para a banda), um baixista chamado Ron McGovney e Lars, o baterista. Eles precisavam

de um guitarrista – um cara realmente bom – para completar a formação. No entanto, a banda ainda estava em um estágio embriônico. Não tinha nome, não tinha histórico de apresentação. O que ela tinha, aparentemente (apesar de não saber disso naquele momento), era um acordo entre Lars e um produtor chamado Brian Slagel, cujo novo selo, Metal Blade, estava a ponto de lançar uma compilação de heavy metal chamada *Metal Massacre*. Um espaço no disco tinha sido reservado para o empreendimento de Lars; tudo que ele precisava fazer era criar uma música, uma banda e gravar.

– Ouça isso – disse Lars. Ele colocou uma fita em seu estéreo e tocou uma demo bem crua de uma música chamada “Hit the Lights”, escrita por James e um dos seus amigos, de uma banda anterior. O guitarrista era um cara chamado Lloyd Grant, que tinha tocado um tempo com Lars e James, antes de minha chegada. A música não era ruim; os músicos eram um pouco desleixados, a qualidade do som era ainda pior e o vocalista tinha pouco controle de tom ou carisma. Mas havia energia. E estilo. Quando terminou, Lars sorriu.

– O que você acha?

– Vocês precisam de mais solos de guitarra, isso é óbvio.

Lars concordou. Ele não pareceu ofendido. Acho que queria ouvir minha opinião honesta. Lars estava procurando por um guitarrista que combinasse com seu gosto musical, e talvez eu me encaixasse. Crua como estava, a fita me lembrou algumas das coisas da NWOBHM que tinha ouvido. Entendia a forma como aqueles caras tocavam guitarra de um ponto de vista de riff. Não tinha muito a ver com rasgar os acordes ou fazer arpejos – indo de um lado da guitarra para o outro – tinha mais a ver com bater na mesma corda muitas vezes, ao ponto em que tudo ficava um pouco monótono. Dessa forma, o riff precisava carregar o peso de toda a música. Se isso parece simples, bem, não é. É incrivelmente desafiador, porque o guitarrista precisa depender duma pequena medida de música. O efeito, quando executado de forma apropriada, é quase hipnótico.

Eu saí daquele encontro com poucas expectativas. Lars estava descontraindo demais. Além do mais, como falei, ele era muito jovem – era difícil imaginar que tivesse algum tipo de plano infalível para montar o que acabaria se tornando a maior banda de heavy metal do mundo. Ele era só mais um dos muitos jovens com sonhos de rock ‘n’ roll vagamente definidos. Eu já tinha passado por isso.

A tarde terminou com um aperto de mão e uma promessa de manter contato, e voltei para Huntington Beach, chapado. Não sabia se ia conversar com Lars de novo. Mas ele me ligou uns dias depois, querendo saber se eu podia encontrar com toda a banda em Norwalk, onde Ron McGovney vivia.

– Para quê? Um teste?

– É, mais ou menos isso – respondeu Lars.

© Brian Lew



Clássica pose Mustaine/Hetfield. Estávamos destinados à grandeza – mas não juntos

Eu disse que tudo bem, pensando que não tinha nada a perder. Era seguir em frente com isso para chegar a uma conclusão lógica – saber se esses caras tinham algum potencial – ou voltar para o Panic, que claramente não ia chegar a lugar algum.

McGovney era um ponto de interrogação para mim. Não sabia nada dele. Nem sabia muito sobre James, que, descobri, estava vivendo com Ron. Os dois eram amigos desde a escola e agora dividiam um duplex que era dos pais de Ron. Na verdade, eles eram donos de várias unidades no bairro e Ron tinha liberdade para viver em um e transformar o espaço da garagem num estúdio. Não era uma vida extravagante – todo o bairro tinha um jeito de periferia –, mas comparado com a forma como estava vivendo (vendendo maconha para colocar comida na mesa), Ron parecia ter uma vida de rei. E Lars também.

Ron não me impressionou muito. Eu era um cara difícil, um cara das ruas, e suspeitava (provavelmente também invejava) de qualquer um que parecesse ter tido uma vida mais fácil. Na época, Ron estava trabalhando – ou pelo menos tentando começar – como fotógrafo de rock ‘n’ roll, com um interesse especial por heavy metal. Ele estava sempre tirando fotos de outras bandas, principalmente do Mötley Crüe. Por alguma razão, Ron era superfã do Crüe e acho que ele pensava que impressionaria outras pessoas se mostrasse fotos de Vince Neil passando spray no cabelo ou se vestindo. Não entendia e continuo sem entender. Não mais do que entendia a forma como Ron estava vestido naquele primeiro dia, com suas botas até o joelho; jeans agarrado estilo Austin Powers; cinto com tachas e camiseta do Motörhead bem passada.

Yuppie metal. Esse era o visual.

Lembro-me de não falar muito naquele dia. Era quase como se eu fosse um soldado e levasse o assunto com o grau apropriado de seriedade. Veja, eu nunca tinha feito um teste antes. Sempre que tinha tocado numa banda, havia sido a minha banda. Não fazia “testes” para a banda de outra pessoa.

Foda-se! Eu era um líder, não um seguidor. Tocar acompanhando outra pessoa realmente não funcionava comigo e, na verdade, tinha me colocado de mau humor. Simplesmente por ter concordado em ir até Norwalk e passar pelo processo de ser avaliado e entrevistado, eu já tinha comprometido minha integridade e padrões. Era a forma como eu via aquilo, na verdade. O que posso falar? Eu era arrogante. E estava bravo. Mas precisava engolir meu orgulho. Estava cansado de traficar drogas e tocar com uma banda que não funcionava. Talvez essa outra coisa valesse a pena.



Tenho tendência a ser antissocial. Aqui está a prova. Diversão no backstage

Havia uma sensação estranha desde que cheguei na casa do Ron. Além de Lars, Ron e James, havia outras pessoas por ali, incluindo a namorada de Ron e um cara chamado Dave Marrs, amigo do Ron que seria, por pouco tempo, roadie do Metallica. Não tenho certeza do que esperavam de mim. Eu tinha sido bastante honesto com Lars sobre como vivia. Contei que tocava e vendia maconha nas horas vagas; na verdade, claro, eu vendia

maconha e tocava música nas horas vagas. Apesar disso, ele pareceu não se importar. Nenhum dos outros tampouco.

Lars me apresentou a todo mundo enquanto eu tirava o equipamento do meu carro e levava para a garagem. Enquanto montava tudo, o resto foi até outro quarto, o que me pareceu um pouco estranho. Não parecia haver nenhuma animação pelo que estávamos fazendo. E até onde eu sabia, era o único tentando a vaga.

Liguei meu amplificador e calmamente comecei a esquentar. Depois esquentei um pouco mais. Continuei tocando, mais rápido e mais alto, pensando que, em algum momento, alguém iria entrar e começar a fazer uma jam comigo; pelo menos que iriam entrar e ouvir, fazer algumas perguntas. Mas eles não vieram. Simplesmente me deixaram ali tocando sozinho. Finalmente, depois de uma meia hora mais ou menos, deixei a guitarra e abri a porta da casa. Todo o grupo estava ali sentado, bebendo e fumando, assistindo à televisão. Percebi, por falar nisso, que James e Lars estavam bebendo *schnapps*, o que era quase cômico. Não conhecia ninguém que bebia isso – era bebida de velhas.

– Ei, vamos tocar ou não? – perguntei.

Lars meio que sorriu para mim e fez um gesto com a mão.

– Não, cara... você está dentro.

“Hã?”

Olhei ao redor da sala. Tinha sido realmente tão fácil? Não sabia se deveria ficar ofendido ou orgulhoso. Minha resposta vacilou entre alívio e confusão. Eles não se importavam? Tinham ficado tão impressionados com meu aquecimento que precisavam de mim na banda? (Eu sabia que era bom, mas não que era *tão* bom.) Pensando naquilo anos depois, talvez eles não quisessem fazer um teste de verdade – com todos tocando juntos – porque isso teria me dado a oportunidade de avaliar o nível deles. Isso parece um pouco irônico agora, levando em conta a natureza às vezes cáustica de nosso relacionamento nesses anos, e o fato de que eu geralmente

sou retratado como alguém que teve sorte de estar no lugar certo no momento certo, preenchendo um buraco de forma temporária na formação do Metallica.

Mas não sabia nada disso na época. Tanto fisicamente como na forma como se vestia, Lars parecia tão estrangeiro como tinha sido no dia em que nos encontramos, mas eu atribuía isso principalmente à sua infância europeia. Ron estava na dele e James... bem, James era muito magro, com calças pretas apertadas com botas e uma camiseta de oncinha. Bem evidente no seu pulso, estava um bracelete largo de couro com um remendo no meio – quase como o tipo de coisa que um jogador de futebol americano usaria num dia de jogo, com as jogadas escritas ali. James, dava para perceber, estava tentando muito se parecer com um astro do rock. Ele tinha cabelo comprido bem cuidado, com um corte que lembrava Rudy Sarzo, o baixista do Ozzy Osbourne.

Tentei não rir.

“Ah, meu Deus. No que estou me metendo?”

4 Do tipo espiritual, quero dizer – químicos havia em abundância; faltava química.

5 Ele afirmava ter em sua casa uma réplica do obelisco que ficou famoso na capa do disco *Presence* do Led Zeppelin. Pensando nisso agora, entendo completamente: todos os DJs importantes recebem presentes para colocar o álbum em circulação. Na época, no entanto, aquilo me pareceu simplesmente a coisa mais legal do mundo.



© William Hale

O Young Metal Attack
está certo: sou apenas
um garoto aqui ainda no
Metallica

4

Metallica: rápido, alto, fora de controle

“Se você continuar falando assim, vou te dar um soco na boca.”

No começo, tinha tanto a ver com estilo quanto com substância.

Lembro de ir fazer compras um dia com Lars e de me espantar com o modo como ele passou a maior parte da tarde tentando me ensinar sobre os melhores motivos para comprar tênis de cano alto. Era, aparentemente, algo científico, e Lars e eu discordávamos sobre a fórmula apropriada. Olhe as primeiras fotos do Metallica e verá que estou usando brilhantes All-Stars de couro branco com estrelas vermelhas na lateral. Essa era minha escolha, não a de Lars. Por alguma razão, ele tinha a opinião de que estrelas do rock usavam os de cano alto tradicionais.

– Foda-se! – falei. – Isso parece com os moleques do *Fat Albert*.⁶ Não vou usar essa merda.

Podia estar errado, mas lembro que esse foi meu primeiro desacordo com Lars. Pode parecer um detalhe, mas acho que aponta para a inevitabilidade da dissolução do Metallica como ele era na sua infância. Muitos *chefs* na cozinha. Eu era um líder de banda. Lars também. Inevitavelmente, a incapacidade de chegar a um objetivo comum ou de

aceitar papéis específicos começou a crescer dentro do grupo. Já tinha visto isso muitas vezes. Choques entre egos, as diferenças de personalidades pegam fogo. As possibilidades de sobreviver a esses obstáculos – sem nem falar em desafios financeiros, artísticos e gerenciais – são astronomicamente baixas.

E mesmo assim, vendo em retrospectiva, entendo o que Lars estava fazendo, porque eu também fiz isso: estava tentando formar uma imagem, bem como uma entidade musical. Seu coração, acho, estava provavelmente no lugar certo. Para mim, era seu gosto que estava errado. Um dia, ele mostrou uma foto do Diamond Head, uma banda de heavy metal britânica que ele admirava a ponto de ser obcecado – ele até os havia seguido, estilo Deadhead,⁷ numa turnê europeia no ano anterior.

– Olha isso – ele falou. – Esses caras parecem estrelas do rock.

Só dei uma olhada e meu queixo caiu. Havia muita coisa para se gostar no Diamond Head, mas moda não era uma delas. Olhei a foto, vi todo aquele spandex, as botas brancas, as camisas compridas e soltas, desabotoadas até a cintura e com a parte de trás amarrada com um nó, mostrando o umbigo peludo do vocalista. Eu queria rir muito.

– Lars, nem consigo acreditar que um cara se vestiria dessa forma. Ele parece uma garota.

Vejam, havia linhas de distinção que não poderiam ser apagadas. Você precisava decidir que tipo de música ia tocar e sua aparência precisava refletir a música de forma apropriada. Nesse sentido, o Diamond Head não era o que eu queria. Muitas bandas eram assim. Considere a importância do cabelo. Todo mundo tinha cabelo comprido naqueles dias, com a exceção das bandas punk. No hard rock e no metal, o cabelo era comprido e, dentro desse quadro, era preciso tomar uma decisão.

Para cima ou para baixo.

Ou você era como Page e Plant (cabelo para baixo e, portanto, legal) ou você era como o Kiss, Mötley Crüe e tantos outros imitadores (cabelo para

cima e, portanto, nada legal). Meu cabelo sempre foi para baixo. Sempre foi e sempre será.

Em seguida vinha o nome. Toda banda precisa de um grande nome, certo? Discutimos e descartamos muitos, incluindo Leather Charm, que tinha sido o nome de uma banda na qual James e Ron tinham tocado por pouco tempo. Esse era um daqueles nomes que pareciam totalmente errados para mim. Leather Charm? O que você procura com um nome desses? Quem é seu público? Parecia meio questionável em termos de projetar sua noção de se divertir, se entende o que estou falando.

Foi Lars que sugeriu “Metallica” e é um nome excelente, sem dúvida. O logo veio do James. A primeira vez que vi o logo do Metallica, com todo mundo falando como era legal, lembro de ter pensado: “Uau, realmente é bom.”

Se o Metallica tinha alguma chance razoável de fazer sucesso, era algo que não tinha como saber. Sei que a primeira vez que vi Lars tocar bateria, fiquei chocado com a mediocridade. Mesmo assim, era preciso admirar sua determinação. O moleque adorava música (e boa música, é preciso dizer) e queria ser um astro do rock. Que fosse se tornar o personagem maquiavélico que é hoje... bem, isso eu não pude prever.



A série Mustaine de abdominais. Notem: eu era tão jovem que nem tinha pelos no peito

Obviamente, não tínhamos muito material quando começamos a ensaiar. Os set lists, no começo, consistiam principalmente de covers, bem como músicas escritas por James e seu ex-parceiro, Hugh Tanner. A maioria do material novo que tínhamos era meu.

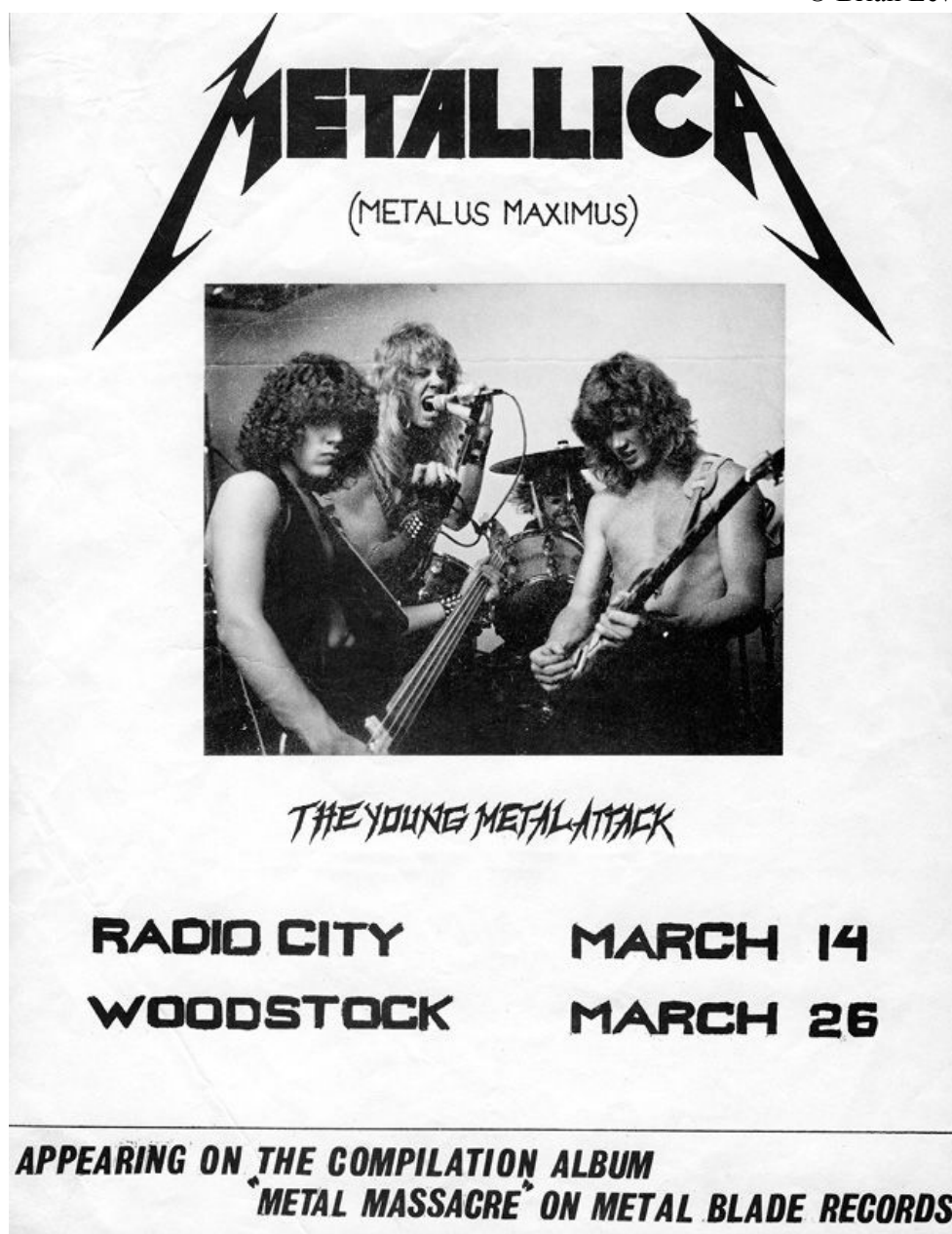
No inverno de 1982, o Metallica entrou num estúdio pela primeira vez. Não estávamos juntos há muito tempo, mas de alguma forma terminamos num lugarzinho em Orange County, gravando “Hit the Lights”. Quando

chegou a vez do solo de guitarra, eu mandei bala e todo mundo começou a falar como tinha sido ótimo. Por alguma razão, no entanto, quando a primeira versão daquela demo saiu no *Metal Massacre*, vários meses depois, também incluía uma guitarra de Lloyd Grant. Isso me pareceu muito estranho e fora do espírito de irmandade que alimenta uma banda, mas não quis fazer nenhum escândalo por isso. As coisas estavam acontecendo de forma bem rápida e eu estava animado por ser parte daquilo.

Nosso primeiro show foi em 14 de março de 1982, no Radio City em Anaheim, Califórnia. Foi uma apresentação crua, pouco trabalhada, mas muito enérgica, na frente de uns duzentos headbangers, muitos deles nossos amigos. Mesmo assim, é uma plateia respeitável para uma banda desconhecida fazendo seu primeiro show. Para dar uma ideia de onde estávamos musicalmente, quase metade do set list de nove músicas consistia em covers do Diamond Head. Também tocamos “Hit the Lights”. A única música que poderia ser considerada razoavelmente original do Metallica, naquele momento – escrita exclusivamente por um dos membros da banda – era “Jump in the Fire”.

Que era minha.

Falo isso simplesmente como uma forma de ilustrar que meu papel no Metallica foi na verdade bastante importante. Eu era o guitarrista solo e um dos principais compositores. O papel do membro de uma banda não pode ser maior que isso. Não que estivesse muito preocupado com territorialidade naquela época. Estávamos nos divertindo, tocando, fazendo festas loucas, tentando melhorar a cada show. Estávamos juntos naquilo, pelo menos por um tempo.



Um dos primeiros *flyers* de show

Cada um de nós tinha pontos fortes e fracos, e é interessante olhar para trás agora e ver como era o Metallica naqueles dias. Tentando assumir o papel de front man e vocalista, James não tocou guitarra naquela noite em Anaheim, e continuou assim por algum tempo. Mas havia um problema: James não era um cara naturalmente desinibido, principalmente no palco.

Num dos primeiros shows, eu me lembro que ele ficou ali parado no microfone, congelado, com medo de falar. Não durante as músicas – James não tinha problema para cantar ou atuar, e mais tarde, quando começou a tocar guitarra, provou ser um bom guitarrista também. Mas conversa de palco? Isso era difícil para ele. Num momento, sentindo sua ansiedade, caminhei até o microfone e comecei a falar. Esse foi o começo de minha persona como guitarrista provocador e loquaz. Um agitador de merda, em outras palavras. A tradição, claro, diz que os guitarristas tocam sem falar nada. Eles podem pular para cima e para baixo, rasgar as roupas, até botar fogo em seus instrumentos. Mas não devem falar. Esse papel é do vocalista. Todo mundo sabe que é assim que a coisa deve funcionar.

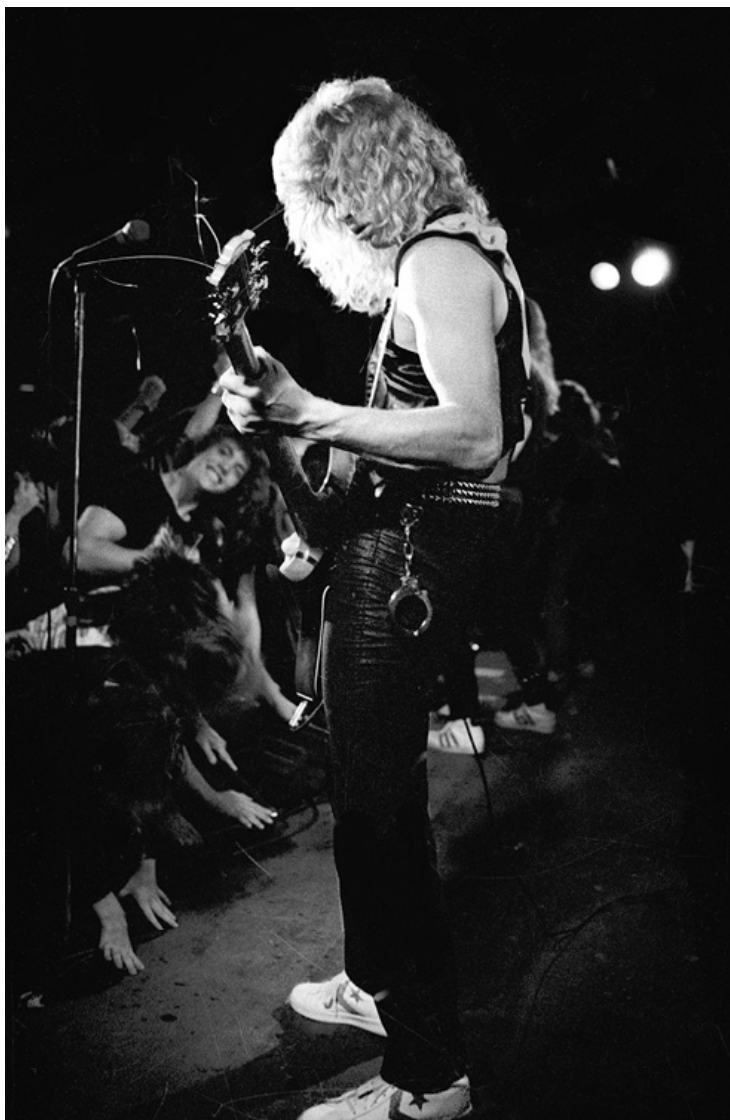
Não me importava. Eu fazia o que era natural para mim.

Duas semanas depois, conseguimos uma boa chance, tocando dois shows numa noite no Whisky em Hollywood, abrindo para o Saxon. Ron precisa receber o crédito por isso, já que foram suas conexões com o Mötley Crüe que ajudaram a abrir a porta. Ron tinha levado uma demo com três músicas para o clube, esperando conseguir falar com o gerente. Enquanto estava lá, ele se encontrou com os caras do Mötley Crüe, contou sobre seu plano e eles se ofereceram para ajudar. Se isso parece algo cortês, bom, não foi só isso. O Mötley Crüe tinha sido chamado, originalmente, para abrir para o Saxon, mas em algum momento, eles ou o manager tinham decidido que eles eram agora grandes demais para ser uma banda de abertura; queriam ser a banda principal. E como estávamos prontos, dispostos e éramos capazes, com uma demo sólida como cartão de visita, a hora não podia ser melhor.



É óbvio que falar mesmo não sendo o front man era engraçado enquanto eu estava no Metallica

Mais uma vez, durante os dois shows, tocamos principalmente covers. Dessa vez, no entanto, incluímos duas composições minhas, “Jump in the Fire” e “Metal Militia”. Apesar de estarmos melhores e errarmos menos do que em Anaheim, certamente não estávamos perfeitos. Lembro de pegar o microfone de James mais uma vez e correr de um lado para outro do palco enquanto tocava a guitarra. Nos dias seguintes, todo mundo falou da gente, apesar de a imprensa de rock mais “mainstream” não ter ficado impressionada no começo. Na verdade, a primeira nota que saiu foi mais um soco na cara do Metallica do que outra coisa.



Muito antes das barricadas serem necessárias nos shows do Metallica

Com uma notável exceção.

“Viria bem ao Saxon um guitarrista rápido e bom ao estilo de Eddie Van Halen. O quarteto de abertura, Metallica, tinha um assim, e nada mais. O grupo local precisa se desenvolver bastante para superar uma estranheza dominante.”

Ai!

Não me lembro de sentir prazer algum por ser citado como o ponto brilhante em um show esquecível (tenho certeza de que defendi meus companheiros de banda). A gente passou por problemas para crescer como qualquer outra grande banda. A verdade é que estávamos fazendo algo radical. Éramos rápidos, barulhentos e perigosos, radicais dentro do heavy metal. Falando de forma prática, o thrash começou com o primeiro Metallica, tanto na forma como na atitude.

Nos meses seguintes, nos dedicamos a ensaiar, compor, tocar e fazer festas. Tudo aconteceu tão rápido. Gravamos uma demo de quatro faixas (que acabou sendo chamada de *The Power Demo* na tradição do Metallica) na garagem de Ron McGovney. Aquela fita incluía duas músicas minhas, “Jump in the Fire” e “The Mechanix”, junto com “Hit the Lights” e “Motorbreath”, que estavam creditadas a James (embora acredito que nos primeiros estágios elas pertenciam, em parte, ao ex-parceiro do Leather Charm, Hugh Tanner).

Não tenho certeza de como conseguimos realizar tudo aquilo, se contarmos o estilo de vida que tínhamos – todo o sexo e as brigas, as drogas, as bebidas e os vômitos. Mas conseguimos. Nosso repertório cresceu, nossos shows melhoraram. Rapidamente percebemos que, para conseguir o peso que queríamos, precisávamos de outro guitarrista. Como James ainda não estava interessado em nada mais do que cantar, recrutamos um cara chamado Brad Parker. No primeiro dia de ensaio ele apareceu usando uma camiseta com tiras estilo francês – o tipo que você vê num marinheiro russo. Ele usava delineador e um brinco com uma pena branca. Dei uma olhada nesse cara e comecei a rir.

“Cara, se você durar um dia nessa banda, vou ficar chocado”, foi o que pensei.

Ele acabou durando alguns dias – talvez semanas –, mas não tempo suficiente para fazer alguma diferença. Tocou um show conosco, num lugar chamado Music Factory, em Costa Mesa. Antes de subirmos ao palco, ele

se virou para mim e disse: “Ei, enquanto estivermos lá em cima, quero que me chame de Damien, certo?”.

– O quê?

– Damien... Damien Phillips – ele falou.

– Caralho, quem é Damien Phillips?

Ele sorriu.

– Sou eu. É meu nome artístico.

Foi a primeira e única vez que Brad Parker e/ou Damien Phillips tocou com o Metallica. Nosso show seguinte foi um mês depois, pouco antes do Memorial Day de 1982, com James tocando guitarra base e cantando. Nesse momento, tínhamos desistido dos posers e da busca por outro guitarrista, simplesmente decidimos encorajar James a assumir essa função; ele acabou se tornando, claro, um guitarrista formidável.

Durante o verão, intensificamos o trabalho e, assim, nossa reputação. Tocamos pelo menos um show por semana em vários lugares no sul da Califórnia: o Troubadour e Whisky em Hollywood, o Woodstock em Anaheim, várias pequenas festas e concertos em lugares que vocês nunca ouviram falar. A primeira versão de *Metal Massacre* foi lançada em junho e, um mês depois, estávamos num estúdio, trabalhando com um executivo de gravadora chamado Kenny Kane. Esse cara era dono de um selo punk e aparentemente tinha tido a impressão de que o Metallica poderia funcionar com o público do selo, então nos ofereceu a chance de gravar um EP. Quando ele ouviu as fitas, bem, acho que não ficou muito animado, já que (óbvio) o Metallica não era uma banda punk. Ele retirou a oferta, mas a gente ficou com as fitas. A demo resultante, chamada de *No Life Till Leather*, consistia em sete músicas: “Hit the Lights”, “Mechanix”, “Phantom Lord”, “Jump in the Fire”, “Motorbreath”, “Seek and Destroy” e “Metal Militia”.

Eu era o compositor principal de quatro dessas músicas: “Mechanix”, “Phantom Lord”, “Jump in the Fire” e “Metal Militia”. Sem querer ser

amargo, é importante notar que essa demo, que criou a fagulha para o fenômeno underground que o Metallica se tornou, é uma prova irrefutável na guerra entre aqueles que pensam que minhas contribuições para a banda foram significativas (os fãs do Megadeth, principalmente) e aqueles que pensam que não foram (fãs do Metallica). Quando o Metallica lançou seu primeiro disco, em 1983, todas as quatro canções foram incluídas (apesar de “Mechanix” ter sido retrabalhada e ter recebido um novo título, “The Four Horsemen”, eu ainda recebi os créditos).

No Life Till Leather se tornou nosso cartão de visita e a usamos para ganhar uma base de fãs de L.A. a San Francisco. Não tínhamos nenhum contrato formal, nenhuma forma de distribuir as músicas, mas isso não era um obstáculo insuperável. As fitas eram copiadas e distribuídas, e logo estávamos tocando para fãs que conheciam as letras das nossas canções e isso, preciso dizer, é o máximo para um aspirante a astro do rock. Estávamos melhorando e sabíamos disso.

Também estávamos completamente fora de controle. Nunca vou negar que eu era terrível naqueles dias. Era agressivo, agitado e imprevisível, além de beber muito. Mas o resto da banda não era diferente. A gente praticamente vivia nos nossos carros, dirigindo por toda a costa, bebendo antes e depois dos ensaios e shows. Não era incomum que um ou mais membros da banda desmaiassem durante essas viagens e, quando acordasse, tivesse o rosto ou corpo todo pintado. A gente dividia casa, dinheiro, equipamento, drogas, álcool, garotas. Era uma vida de completa decadência (e, às vezes, de muita diversão). Para todos nós.

A questão, e acho que era algo importante, é que éramos tipos diferentes de bêbados. Eu geralmente ficava bravo e hostil; Lars e James ficavam felizes. Inofensivos, na maior parte, apesar de que suas palhaçadas eram juvenis e às vezes, na minha opinião, estranhamente maldosas. Por exemplo, eles abusavam sem parar de Ron McGovney, o que eu atribuí ao fato de que Ron não era capaz de se defender.

Com o sucesso de *No Life Till Leather*, nossa reputação também cresceu. A gente começou a passar mais tempo na estrada, dirigindo para cima e para baixo na costa entre L.A. e San Francisco. Invariavelmente, essas viagens se transformavam em exercícios de humilhação para Ron. Em cada viagem, um dos tênis de Ron era jogado para fora, só para que Lars e James pudessem vê-lo bravo. Mas ele raramente revidava. Se tivessem me tratado dessa forma, eu teria saído. Ron, no entanto, era um adulator e ficava chorando e reclamando, mas ainda pagando as contas com mais frequência do que qualquer outro. Ele se sentava na van, parecendo que ia chorar, enquanto James e Lars ficavam bêbados e dividiam a comida. Literalmente. Uma vez vi Lars dar uma mordida grande num sanduíche, mastigar, depois se inclinar e cuspir a massa na boca de James, como um passarinho alimentando seu filhote. Meu limite de depravação era bem alto naqueles dias, mas lembro com alguma clareza que esse rito de passagem em especial, ou o que quer que fosse aquilo, parecia demasiado para mim.

Admito que a pessoa que eu era no palco – bravo, tentando tocar minha guitarra tão rápido que quase queimava meus dedos – não estava muito distante de quem eu era fora do palco. Quando bebia, eu acabava ficando muito briguento. Nem sempre procurava briga, mas claro que nunca fugia de uma. Mesmo quando envolvia meus amigos e colegas de banda.

Antes da formação do Metallica, eu comprei dois cachorros para que ninguém entrasse em minha casa (o que tinha acontecido algumas vezes, em parte por causa do meu “negócio”). Eram cães formidáveis – Staffordshire terriers (que são parecidos com pit bulls) cruzados com Rhodesian ridgebacks – e naturalmente eles amedrontavam a maioria das pessoas. Mas eram muito carinhosos e leais, e eu gostava muito deles. Quando ia até a casa do Ron para ensaiar, ou para um show, normalmente os deixava soltos para proteger a casa. Às vezes, no entanto, um deles me acompanhava. Um dia, no verão de 1982, fui até o ensaio e quando deixei a cadela sair do carro, ela começou a correr em círculos. Os cães fazem isso

quando ficam presos por algum tempo. Num momento, a cadela pulou sobre o painel frontal do carro do Ron, um lindo Pontiac GTO e James deu um chute forte no peito dela. A cadela (ainda era filhote) deu um grito e saiu correndo.

E eu fiquei doido.

– O que você está fazendo?

– Ela estava riscando o carro, cara – disse James, como se isso fosse uma desculpa aceitável para chutar um cachorro.

– Vai se foder!

A briga real não aconteceu naquele momento. Chamam isso de “hang fire”, quando há um atraso inesperado entre o apertar do gatilho de uma arma e a saída da bala. Você sabe que está vindo e não há como parar. É questão de tempo. James e eu nos xingamos e nos recusamos a falar um com o outro, até chegarmos os dois na casa do Ron. Estávamos nos preparando para ensaiar, quando as tensões voltaram a crescer. Houve outra rodada de acusações e insultos, mais xingamentos e mais ameaças.



Descarregando os alto-falantes com o Ron antes de um show

– Continue falando assim e vou dar um soco na sua boca – falei.

– Vai se foder!

No meio dessa troca de gentilezas, Ron saiu do banheiro e entrou na sala. Ele e James foram para o fundo e, apesar de James sempre o tratar mal, Ron instintivamente defendeu seu amigo.

– Para bater nele, vai precisar bater em mim primeiro.

– Cale a boca e sente a bunda aí – falei.

Foi aí que James pulou para defender Ron.

– Para tocar nele, vai precisar passar por mim primeiro.

“Jesus”, pensei, “o que é isso, algum tipo de show de calouros?”

Percebi que teria de tomar uma decisão.

– Certo, você venceu – falei e com isso mandei uma direita que foi direto na cara de James, transformando sua boca num jorro de sangue com chicletes. Para minha surpresa, Ron imediatamente pulou sobre minhas costas. Como reflexo, eu mandei uma cotovelada no estômago; ele voou pela sala e caiu no estêreo, mandando pedaços de plástico por todos os lados e destruindo o velho videogame de Pong ligado à TV. A briga poderia ter demorado mais se não fosse pela presença do meu amigo e colega de treino de artes marciais, Rick Solis, que interveio rapidamente. Eu estava muito bravo, pronto para matar os dois, quando Rick me pegou por trás e torceu meu cotovelo, beliscando meu nervo ulnar e me deixando incapacitado.⁸ Ficamos ali juntos por um momento, sem falar nada, quando de repente James começou a gritar para mim.

– Você está fora da banda! Vai embora daqui!

Ron estava gritando, também. Lars, enquanto isso, estava parado num canto, meio que enrolando uma mecha de cabelo nos dedos e tentando chegar a um acordo, sem conseguir:

– Calma, cara... Não quero que as coisas terminem assim.

– Vai se foder! Eu estou fora!

– Ótimo! Vai se foder, também!

Apesar de nossos desacordos nunca terem chegado a tal nível de intensidade antes, deve ser notado que, nessa época, o Metallica era uma banda que já estava tendo seus conflitos de personalidade. Cada um apontou a culpa no outro em algum momento. Minha vaga estava garantida, até onde podia imaginar, apesar de que obviamente não consegui entender a situação de forma apropriada.

A demissão não durou nem vinte e quatro horas. Voltei a ensaiar no dia seguinte, pedi desculpas para todos e fui bem recebido de volta. Tudo ficou bem. Exceto que não tinha ficado. Algumas coisas não podem ser desfeitas e essa era uma delas. De muitas formas, foi o começo do fim. Ron e eu fomos nos tratando cada vez pior. Eu achava que ele era convencido e mimado, sem contar que tinha pouco talento; ele me via como imprevisível e perigoso – algo bastante verdadeiro, preciso confessar. Quando um roubo na casa de Ron foi conectado a uns conhecidos meus (não amigos, vejam bem, e claro que eu não tinha a menor ideia do que tinham feito), Ron ficou bravo e me acusou. Minha resposta, e não conto isso com orgulho, foi entrar na sala de ensaio um dia, quando Ron não estava, e derramar uma lata de cerveja nos captadores do seu baixo Washburn, destruindo uma peça muito cara do equipamento.

© Brian Lew



Backstage do Metallica. Nossa primeira fotografia com Cliff Burton em 1983

Sabia que isso ia deixar o Ron puto, mas não me importava. Racionalizava assim:

“Não gosto de você, não gosto que tenha me acusado do roubo, não gosto que seja um filhinho de papai, não gosto do fato de que você parece ter tudo de bom, tudo entregue numa bandeja, e você não saiba apreciar isso. Não parece que seja um dos nossos.”

Nesse momento, final do outono de 1982, o Metallica tinha começado a tocar regularmente em San Francisco, onde a cena metal era bem menos artificial do que em Los Angeles. O cabelo e a maquiagem importavam menos do que a música. Quando a questão era tocar, o Metallica era diferente de tudo que se tinha visto ou ouvido antes. Mas sempre havia espaço para melhorar. E foi onde entrou Cliff Burton.

Cliff era o baixista estrela de uma banda da Bay Area chamada Trauma. Só essa frase – “baixista estrela” – deveria já contar algo, porque baixistas estão geralmente na base da cadeia alimentar do rock ‘n’ roll. Guitarristas e vocalistas no topo, bateristas no meio, baixistas na base. Uma vez publicaram uma citação minha, “Tocar baixo está um degrau acima de tocar kazoo”, o que deixou muitos baixistas putos, claro, mas é essencialmente verdade. Claro, há exceções à regra e Cliff, certamente, não era um tocador de kazoo melhorado. Ele era brilhante. A primeira vez que o vi tocar, sabia que ele tinha algo especial. Lars e James também, por isso começaram a cortejá-lo furtivamente enquanto Ron McGovney ainda estava na banda.⁹

Valia a pena tentar ganhar o Cliff e acho que todos nós (com a exceção de Ron) vimos que ele era a “peça que faltava”. Tínhamos chegado a San Francisco como a banda do momento, uma sensação do underground que rapidamente tinha ultrapassado a todos, até mesmo aos reis do thrash local, Exodus. Estávamos prontos para detonar, com um show energético, mostrando um filho da puta perigoso e falastrão na guitarra e uma variação do heavy metal que era ao mesmo tempo mais pesada, mais rápida e mais melódica. Éramos a sensação. Assim como Cliff. O Trauma não tinha nada

de especial, mas todos sabiam que valia a pena ver a banda só para assistir à mágica de Cliff com o pedal wah-wah. Não é sempre que um baixista aparece como a estrela da banda, mas Cliff, com um cabelão selvagem e um estilo atlético e musculoso de tocar, era insuperável. Era inovador.

Ele também estava relutante em entrar no Metallica ou em qualquer outra banda fora da Bay Area. Mas Lars perseguia o cara. No final, quando Ron saiu, uns poucos dias depois da violação de seu baixo Washburn,¹⁰ a porta estava aberta para Cliff entrar na banda. Mas concessões teriam de ser feitas. Cliff estava impressionado pelo que tinha visto do nosso trabalho e mais do que interessado em trocar o Trauma pelo Metallica. Com uma condição.

Teríamos de nos mudar para San Francisco.

Se houve algum problema com essa decisão, não me lembro. Todos sabíamos que Cliff era talentoso o suficiente para fazer o que, com outro qualquer, seria uma exigência ridícula: “mudar toda a banda? Por um baixista?” Ele era realmente muito bom. E estávamos muito animados; estávamos dispostos a qualquer coisa para fazer sucesso. Acho que todos reconhecemos que, ao incluir Cliff, poderíamos ser a maior banda do mundo.

A transição aconteceu em alguns meses, durante os quais nós modificamos arranjos pessoais e profissionais numa tentativa de guardar algum dinheiro e nos preparar para a mudança para San Francisco. Pouco antes do Natal de 1982, James recebeu um pé na bunda de Ron McGovney (nada surpreendente, já que Ron não queria mais, claro, continuar sustentando James depois de sair do Metallica). Eu já tinha voltado para a casa da minha mãe porque... bem, porque estava sem grana. Então convidei o James para morar comigo e com minha mãe, criando uma variação do tema de *Three's Company*¹¹ com resultados previsivelmente desastrosos. De repente, você

tinha dois headbangers furiosos vivendo com minha mãe, a calma dona de casa. Dizer que ela achou horrível a nova situação seria muito pouco, e não só por causa de suas crenças religiosas. O estilo de vida que tínhamos – a bebida, as brigas, as orgias – eram suficientes para deixar qualquer mãe preocupada. E, ainda por cima, isso aconteceria em sua própria casa? Não deve ter sido fácil. Especialmente quando ela percebeu que não era só uma fase. Eu era bom tocando guitarra e ganhar a vida desse modo era algo sério para mim. Mas essa não era a única razão para tocar. Não era só me mostrar, transar e tentar ficar famoso. Quando eu segurava a guitarra, me sentia bem. Quando tocava, me sentia confortável e realizado, como nunca antes. Quando tocava as músicas que adorava, sentia uma conexão com elas e com os músicos que as tinham composto. E quando comecei a escrever canções próprias, sentia-me como um artista, capaz de me expressar pela primeira vez. Talvez minha mãe sentisse tudo isso, e seja por isso que ela aguentou toda aquela loucura. Ou talvez seja isso que as mães fazem.



Tocando com Cliff Burton na mansão Metallica (a casa do Mark Whitaker)

Independentemente do que tenha sido, por respeito pela minha mãe (e medo de ser pego), parei de vender drogas e tentei ganhar algum dinheiro de uma maneira mais respeitável. Lars tinha conseguido um emprego à noite entregando jornais para o *Los Angeles Times*, e ele perguntou se eu queria um emprego também. Fiz isso por um tempo, mas odiava o horário e a chatice do trabalho. Às vezes, só para torná-lo mais interessante, Lars e eu entregávamos os jornais juntos. A gente saía no AMC Pacer da mãe dele, passando pelos bairros, às vezes riscando os carros e derrubando caixas de correspondência. Havia poucas imagens mais engraçadas do que Lars

dirigindo o Pacer, que era basicamente um aquário com rodas. Vê-lo descendo a rua num dos carros mais feios da história, jogando jornais pela janela, sem se importar onde eles caíam... Era impossível não rir. Era como um videogame: *Evil Danish Paperboy!* [O Jornaleiro Dinamarquês Maldito!].

Só faltava uma narração de Orson Welles ou James Earl Jones: “Metallica está chegando para pegar você!”.

Em fevereiro de 1983, a gente tinha se mudado para a Bay Area, especificamente para El Cerrito, na casa do manager do Exodus, Mark Whitakker, que logo se tornaria o road manager e facilitador do Metallica. A casa do Mark, conhecida afetuosamente como a Mansão Metallica, tornou-se o ponto zero de todas as coisas relacionadas com a banda. Lars e James se mudaram primeiro e pegaram os dois quartos disponíveis. Eu me enfiei num quartinho de merda – sem banheiro, pia ou geladeira – na casa da avó do Mark, quase a uma hora de distância. Vivia com uma geladeira de isopor, onde enfiava tudo de que precisava para o dia... ou por dois dias... talvez três. Um dos caras, normalmente Cliff Burton, me pegava de manhã e me levava de carro até o ensaio. Cliff e eu ficamos bem amigos naqueles dois primeiros meses, simplesmente porque passávamos muito tempo juntos. A gente andava sempre de carro, fumando um pouco da horrorosa maconha caseira de Cliff, conversando e ouvindo música. E não só metal ou hard rock antigo, mas coisas que nunca poderiam se conectar com o Metallica. Posso me lembrar de vários momentos nos quais estávamos no carro, dividindo um baseado e cantando Lynyrd Skynyrd em voz alta.

Quando o ensaio acabava, e os outros caras começavam a conversar sobre o que fazer no resto do dia, eu sugeria que continuássemos tocando. Não necessariamente porque adorava ensaiar, mas porque não podia suportar a ideia de voltar para aquela casinha sozinho. Às vezes, eu me recusava a ir embora; dormia vários dias no sofá. Era uma existência estranha e surreal. Eu já tinha passado por isso antes, claro; sempre tinha

sido pobre, pedia grana na rua para tomar cerveja, sabia como era usar o mesmo jeans sujo por dias e viver de caixas de macarrão com queijo. Acho que era mais difícil para Lars e James. E por isso, junto com o fato de que sempre os considerei como irmãos, eu acabava defendendo-os sempre.

Uma vez, por exemplo, estávamos todos numa festa, e entraram uns caras de uma banda conhecida como Armored Saint. Como às vezes acontece nessas situações, provocações verbais inocentes deram lugar a insultos pessoais, que abriram caminho para um confronto físico. Eles foram para cima de Lars, provavelmente porque ele era o mais baixo. Não me lembro exatamente como começou; mas me lembro de pular da minha cadeira e falar para eles deixarem meu amigo em paz. Eles riram de mim, da mesma forma como tinham rido de Lars, o que não era uma boa ideia. Lars podia não ser um cara bom de briga, mas eu era. Tinha treinamento e conhecimento. Mais importante de tudo, não me importava com nada.

Quando os caras do Armored Saint foram para cima de Lars, eu corri pela sala e apliquei um chute lateral no primeiro cara que estava no caminho. Seu nome era Phil Sandoval e era o guitarrista solo da banda. A primeira coisa que ouvi foi um *crack* bem alto! Como o som de um galho se quebrando. E depois o som de alguém gritando enquanto Phil caía no chão e agarrava a perna.

Tinha quebrado seu tornozelo.

Nem é preciso dizer que isso terminou com a briga. Conto essa história não para me gabar, mas simplesmente como uma forma de mostrar o que sentia por Lars, James e Cliff. Eu teria feito qualquer coisa por eles. Eram meus amigos.¹²

Apesar de parecer um assassino, James também não era bom de briga. Uma noite, fui ao Mabuhay Gardens, uma boate em North Beach conhecida como a “Velha Mabuhay”, com James e sua namorada. Enquanto estávamos esperando do lado de fora a boate abrir, uma garota veio correndo de um beco ali perto, balançando os braços e gritando o mais alto possível.

– Ele quebrou meu nariz! Ele quebrou meu nariz!

Não tinha ideia de quem era ou o que tinha acontecido. E não me importava. Imediatamente senti a adrenalina que se sente antes de uma briga. Olhei para James, não disse nada. Só sorri e conseguia saber o que ele estava pensando.

“Ah, que merda esse porra vai fazer agora?”

Finalmente, toquei seu ombro e disse:

– Vamos lá, cara!

Então entramos no beco, quase não conseguindo ver nada. Eu estava em silêncio, mas, atrás de mim, James estava grunhindo, cafungando, gritando ameaças pela metade.

– Vamos matar você, filho da puta!

Eu quase ri. James estava mais tentando se convencer do que ameaçando alguém. Sabe, como quando se é criança, tentando se convencer de que não tem medo de nada quando, na verdade, está a ponto de cagar nas calças.

No final do beco havia uma van estacionada. Quando nos aproximamos, com James ainda gritando, abriram a porta do motorista e saiu um filho da puta enorme.

– Qual de vocês merdas quer me matar? – ele perguntou, o olhar em seu rosto mostrando ou que estava bêbado, ou que não tinha medo de nada. Talvez os dois.

Antes de eu responder algo, James deu um passo rápido para trás e gritou:

– Ele!

Eu me virei para ver James apontando para mim.

“Valeu, irmão...”

Não houve tempo para explicações. O cara grande veio para cima de mim e enquanto se aproximava, eu abri minha mão, os dedos apontados

para baixo e agarrei sua nuca. Depois dei uma rasteira, derrubei-o e comecei a dar socos na sua cabeça até ele ficar inconsciente.

Uns minutos depois, chegou a polícia e levou o cara algemado. James e eu voltamos para a frente do clube, agindo como se nada tivesse acontecido, mas por dentro eu estava bastante agitado. Quando acordei na manhã seguinte, minha mão estava inchada e inflamada, como se tivesse dado um soco na parede. Quando James me perguntou se eu estava bem, disse que sim. Nunca conversamos explicitamente sobre o incidente. Não havia por quê. Éramos quem éramos. E eu aceitava James como ele era.

6 *Fat Albert and the Cosby Kids* era um desenho animado criado pelo comediante Bill Cosby. [N. T.]

7 Deadhead: assim eram conhecidos os seguidores do Grateful Dead que acompanhavam as turnês da banda pelos Estados Unidos durante toda sua existência. [N. T.]

8 Foi parecido com o ferimento que sofreria no meu braço esquerdo muitos anos depois, exceto que daquela vez era algo temporário. Quando o nervo é pressionado, envia uma onda de choque para a vítima, que geralmente fica incapacitada imediatamente.

9 No final, o mesmo tipo de coisa aconteceu com Kirk Hammett, que mais tarde tomou meu lugar na guitarra.

10 Se ele foi demitido ou saiu, ainda é algo em disputa, dependendo de quem conta a história. Certamente, Ron teria sido demitido se não saísse; de qualquer forma, não foi uma saída amigável.

11 Série de TV norte-americana. [N. T.]

12 O mais interessante é que Phil é meu amigo também, até hoje e por muito tempo eu me senti mal pelo que tinha feito a ele.

– O que posso fazer para me redimir? – sempre perguntava para ele.

– Bom, isso não é realmente necessário, mas se vai se sentir melhor...

– Vou.

– Sempre é bom ter uma guitarra nova.

Então, há alguns anos, comprei uma guitarra legal para o Phil e está tudo bem entre nós. Esse capítulo está fechado e só quero o melhor para sua vida e carreira.



© William Hale

Tocando um solo arrasador na barriga do Lars enquanto evitava com cuidado a alavanca

5

Chutado do Alcoholic

“Você é um filho da puta maldito!”

San Francisco, com sua crescente cena de casas de show e vigorosos fãs de metal, provou ser um bom lugar para o Metallica. Tocamos nosso primeiro show com Cliff em 5 de março, no Stone. Em 19 de março tocamos por uma segunda vez, na mesma casa. Entre os dois, gravamos outra demo e vimos nossa popularidade crescer. Parecia que tínhamos tomado a cidade numa questão de apenas algumas semanas. Não que alguém parecesse se importar com a invasão; era, na verdade, um lugar legal lá no norte, com muitas bandas atrás de objetivos parecidos, tocando e amando o mesmo tipo de música, que terminaria conhecido como thrash metal. O ciúme e a pose típica das casas de L.A. quase não existiam na Bay Area e a gente se ligou rápida e facilmente com outros músicos, mais notavelmente (e de modo irônico, como vamos ver) com o pessoal da banda Exodus. Num ponto, eu até fiquei bem amigo deles. Tipo, quase irmãos de sangue – cortando nossas mãos e trocando fluidos numa maneira que, em retrospectiva, levando em conta o estilo de vida que tínhamos, só pode ser chamado de temerário.¹³

De qualquer forma, o Metallica parecia estar se movendo a grande velocidade. Uma manhã, em abril de 1983, saí da cama, olhos turvos, de ressaca e fedendo como um queijo velho e vi um trailer na frente de casa. Tudo tinha acontecido tão rápido que eu nem sabia os detalhes (ou, francamente, não me importava com eles). Se alguém se pergunta por que me tornei um maníaco por controle mais tarde na minha carreira, bem, a evolução tem suas raízes aqui. Eu estava perfeitamente contente em seguir a corrente.

A demo *No Life Till Leather* tinha se espalhado pela Costa Leste e terminado nas mãos de um cara chamado Jon Zazula. “Jonny Z” tinha uma loja de discos popular em Nova Jersey, chamada Rock and Roll Heaven, que era bem conhecida por descobrir e promover artistas underground. Ele também era aspirante a produtor de discos; depois de ouvir a demo e ver a reação entre seus clientes, Jonny Z ofereceu ao Metallica a oportunidade de tocar alguns shows em Nova York e ajudar a banda a conseguir um contrato de gravação. A maioria das discussões em relação a esse arranjo aconteceu sem meu conhecimento ou envolvimento. Dias depois, quando chegamos a Nova Jersey, descobri que meu nome não estava em nenhum dos contratos e fiquei um pouco nervoso, Lars afirmou que eu estava exagerando.



O Metallica fazendo pose na lateral da casa do Mark

Então, deixei pra lá.

Acho que poderia culpar Lars ou James ou até Mark Whittaker por me cortarem quando estávamos crescendo, e foi isso que fizeram, mas também preciso assumir a responsabilidade por não ter conseguido ficar de olho no que acontecia. Estava muito ocupado fodendo e ficando doido. Esses caras eram meus amigos e apesar de nossos desacordos periódicos, eu confiava neles.

Erro meu.

Só um de muitos, como verão.

Uma mulher, que vou chamar de Jennifer, tinha dormido comigo na noite anterior a sairmos de San Francisco. Ela era, na época, mais ou menos namorada de Kirk Hammett, o guitarrista do Exodus (como falei, a gente

dividia muitas coisas com os caras do Exodus). Jennifer era bonita e gostava de guitarristas, e claro que eu não me importava de ficar com ela. Quando saí do quarto, Lars e James estavam esperando.

– Desculpe – falei. – Preciso de cinco minutos para tomar um banho. Não posso ir até Nova York desse jeito.

Eles concordaram. Tudo parecia bastante bem. Mas não estava. Não tinha ideia de que meu tempo na banda estava próximo do fim.

Houve muitas discussões em relação à linha do tempo dos eventos durante esse período do Metallica, mas isso é o que eu acredito que aconteceu. Em algum momento das semanas anteriores, ou talvez até meses, começou um flerte; Lars e James – Lars, principalmente – tinham conversado com Kirk Hammett sobre a possibilidade de ele entrar no Metallica. Como não havia espaço ou necessidade de um segundo guitarrista solo, seu papel era claro: ele ia me substituir.

Apesar de tudo, não esperava por aquilo.

A gente encheu um motor home de sete metros e prendeu o trailer de James atrás. A divisão era: três iam na frente, na cabine do motor home. Os outros dois passageiros, incluindo Mark Whittaker, que era agora oficialmente o road manager do Metallica, dormiam entre a carga, onde a temperatura alternativamente subia e baixava, e as vibrações das paredes de metal faziam que se parecesse com uma lata de lixo. Paramos para comprar cerveja menos de 2 quilômetros depois de pegar a estrada e permanecemos num estupor alcoólico pelo resto da viagem.

Nos primeiros 200 quilômetros, a gente era movido pela adrenalina de embarcar em uma nova aventura. Lembro de cruzarmos uma ponte saindo da Califórnia e entrando em Nevada, e sentir a excitação e a sensação de conquista, como se fosse a primeira vez que estivesse fazendo algo importante em minha vida. Estava adorando a ideia de que tinha um dom: a

oportunidade de viver de tocar música. E era quase como aquela música de Willie Nelson, “On the Road Again”, que capturava tão perfeitamente o apelo da vida do circo, de tocar música e se apresentar na frente de outras pessoas. Ele acertou totalmente nesse aspecto da existência de um trovador.

Tudo envelhece, no entanto, não é mesmo? Depois de um tempo, com os quilômetros avançando, todos ficamos irritados e bravos. Sempre que era minha vez de ir para o fundo, eu sentia uma onda de ansiedade; imaginava alguém dormindo na direção e o motor home caindo de uma ponte, e me imaginava afogando no fundo, o último momento da minha vida devotado a tentar furar os tom-toms do Lars para roubar um pouco de ar. O sol e o calor da Califórnia deram lugar às nuvens cinzentas e à neve de Utah e Wyoming, e era minha vez na direção. Eu era um moleque surfista que tinha crescido dirigindo carros pequenos em autoestradas lotadas, mas perfeitas. Então isso era um território novo para mim, em mais de um sentido. Nunca tinha dirigido um veículo comercial, e só algumas vezes (em viagens de esqui) tinha dirigido na neve. Estava, então, completamente despreparado quando atingimos o gelo e começamos a deslizar para o lado na interestadual.



Ron Quintana, James e eu

Por um momento, tudo ficou mais lento, como eles dizem que acontece nos acidentes. A única forma que posso descrever a sensação é comparar com o surfe. Como quando você está em cima de uma onda e caminha até a ponta da prancha, e a quilha sai da água, deixando-o sem direção. É uma sensação de impotência e alegria inexplicável. E é exatamente o que senti enquanto o motor home deslizava pela autoestrada, completamente descontrolado, parando, finalmente, no meio da pista. Todos pulamos do veículo, rimos nervosos, do jeito que se faz quando não se acredita que ainda está vivo e preparados para continuar a viagem. De repente, no entanto, um caminhão enorme veio na nossa direção, desviando no último segundo. Mas logo veio um Jeep Wrangler, bem na nossa direção. A gente ficou congelado por um momento e depois começou a correr, bem quando o

Jeep veio deslizando e bateu na frente do motor home. Eu agarrei Mark Whitakker no último segundo, puxando-o para fora do caminho do Jeep e talvez salvando sua vida no processo.

Felizmente, ninguém se machucou. O Jeep foi embora e a gente dirigiu até outro centro da empresa U-Haul, que nos deu outro veículo. Mas o clima tinha mudado. Havia menos risos, mais hostilidade. Poderia ter acontecido com qualquer um de nós. Estávamos todos chapados ou bêbados, e nenhum tinha experiência em dirigir motor homes em passagens montanhosas cobertas de neve. Infelizmente, eu estava atrás do volante no momento, então o peso do incidente – a *culpa* – caiu sobre meus ombros. Pelo resto da viagem, eu me senti um rejeitado.¹⁴

Uma noite, enquanto estava dormindo no fundo do motor home, batemos em algo e um pouco de ferrugem caiu do teto. Eu senti aquilo caindo no meu rosto e quando olhei para cima, para ver o que estava acontecendo, a ferrugem entrou no meu olho. A dor foi horrível. Isso, combinado com o fato de que eu estava delirando por causa da dieta de álcool e batatas chips, provocou um tipo de ataque de pânico.

– Caras, precisamos parar – eu falei. – Preciso ir a um hospital, agora.

Eles não queriam isso.

– Você vai ficar bem, cara – disse Lars. – Volte a dormir.

A gente discutiu por vários quilômetros. Num ponto, quando paramos para encher o tanque, eu até liguei para minha mãe e contei que parecia que as coisas não estavam funcionando; perguntei se ela me mandaria algum dinheiro para eu voltar para casa.

Isso parece louco, eu sei, mas é como me sentia naquele momento. Vou assumir minha responsabilidade em tudo isso. Nem sempre era o cara mais fácil do mundo. Mas sei que, se os papéis fossem opostos – se fossem Lars ou James que quisessem ver um médico, por qualquer motivo – eu teria levado o motor home para o hospital mais próximo. Imediatamente. Claro que a bebida tinha um papel importante em tudo isso. Mas eu não era o

único que bebia. É por isso que nos chamavam de “Alcoholica”. Um nome que perdurou, não por acaso, por muito tempo depois que eu saí.

Depois de uma semana na estrada, chegamos a Old Bridge, Nova Jersey, na casa de Jon Zazula. Não tenho ideia de como Jonny Z se apresentou ou o que contou a Lars antes de sairmos de San Francisco. Se o que esperávamos era algum promotor muito bom ou um executivo de gravadora em ascensão, o que encontramos foi algo totalmente diferente. Jonny Z e sua esposa viviam num sobrado pequeno em um bairro de subúrbio comum. Além de um carro enferrujado e outros detritos, o jardim não tinha mais nada.

Na verdade, o currículo de Jonny Z era muito pobre. Mas ele tinha coragem e obviamente era bastante inteligente para ver algo no Metallica em que valia a pena investir. Mesmo assim, ele foi uma decepção. Jonny Z tinha prometido que íamos ser tratados como heróis.

– Esperem até chegarem na minha casa – ele tinha dito. – Temos um bar cheio e um churrasco para comemorar.

Podia parecer algo pequeno, mas a ideia de uma carne tinha nos ajudado a passar toda a semana anterior. Eu imaginava Jonny Z no quintal de sua mansão, próximo a uma piscina, em frente a uma churrasqueira gigante. Haveria bebidas de primeira e lençóis de seda nas suítes. Quando chegássemos à casa de Jonny Z, pensei, não haveria dúvidas de que o Metallica tinha chegado.

O que nos esperava, no entanto, era um único pedaço de lombo de baixa qualidade cortado em tiras e dividido entre toda a gangue, além de umas batatas minúsculas assadas – tudo isso acompanhado de garrafas de cerveja Michelob. Lembro de ficar embaraçado por toda a situação e quase sentir simpatia por Jonny Z, que claramente não era nada mais do que se propunha a ser. Mas quando pensei que a noite não poderia ficar pior, Jonny Z se levantou da mesa e pediu licença.

– Desculpe, caras, mas preciso ir agora.

Eu olhei para o relógio na sala. Seis da tarde.

“Você deve estar brincando! Dirigimos por todo o país, estou quase cego pelos fragmentos de ferrugem nos meus olhos, todos estamos famintos, enjoados e exaustos... e você tem outro lugar melhor para ir?”

Eu imaginei que Jonny Z pudesse ter outra reunião, talvez com um cliente mais importante. Outra banda, quem sabe. Isso não seria nada terrível – pelo menos teria dado a impressão de que o cara na verdade tinha certa importância na indústria. Talvez estivéssemos em boas mãos, afinal.

Não foi assim. A verdade era bem mais desconcertante.

Jonny Z disse que tinha um toque de recolher. Precisava ir para o centro de reabilitação.

– Fui condenado – ele explicou dando de ombros.

– Verdade?

– Verdade.

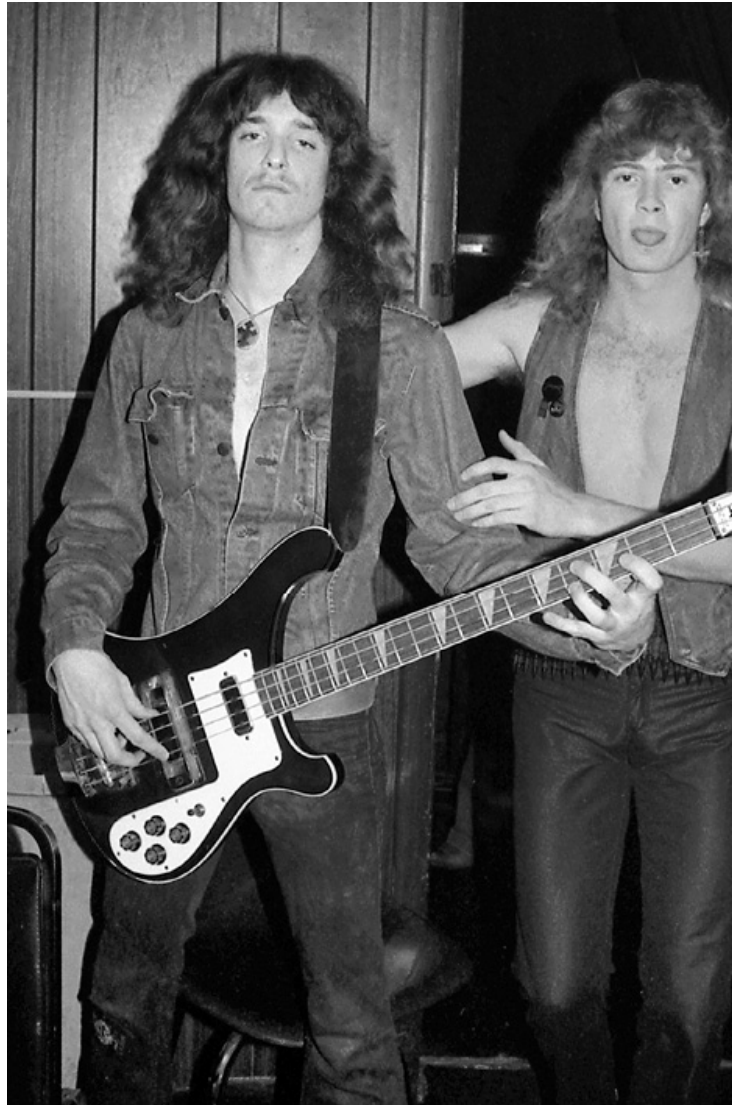
Até onde eu entendi, era somente a ideia de piada de Jonny Z; o mais provável é que ele pensou que isso iria nos impressionar. De um jeito ou de outro, o encontro inicial deixou muito a desejar. Não conseguia acreditar que esse cara era agora o responsável pelo sucesso ou fracasso do Metallica.



Lars e James fazendo um imaginário comercial de rum Captain Morgan, sendo que logo se tornariam verdadeiros baús de tesouro

Os primeiros dias em Nova Jersey passaram sem percebermos. Íamos a muitas festas, conseguíamos comida de graça sempre que era oferecida e geralmente perseguíamos a decadência com um fervor que não tínhamos conhecido em San Francisco. As festas eram ferozes e, às vezes, perigosas. Lembro de uma noite em que estava em uma dessas casas altas que se pareciam com aquelas em que filmaram *Horror em Amityville*. Estávamos ouvindo música quando, de repente, a noite tomou outro caminho e o álcool e a cocaína deram lugar à metanfetamina. Mesmo naquela época, quando eu

me achava virtualmente indestrutível, essa foi uma das poucas drogas que realmente me assustaram; era uma merda muito ruim. Eu tinha experimentado algumas vezes em San Francisco, mas achei uma merda. Algumas pessoas realmente gostavam de metanfetamina. Era considerada a cocaína dos pobres, basicamente com o mesmo efeito, mas bem mais barata. Para mim, metanfetamina era como uma linha na areia que era melhor não cruzar. Vindo de um cara que já foi viciado tanto em cocaína quanto em heroína, isso poderia parecer estranho. Mas é a verdade. Quando a questão é provocar comportamentos aberrantes e colocar a vida do usuário em risco, a metanfetamina era a melhor. As pessoas falam muito sobre distintas drogas, e é verdade que cada uma delas possui seu próprio aviso de perigo metafórico. Mas o da metanfetamina deveria ser mais forte. A merda de que é feita e as pessoas cozinhando aquela coisa? Estamos falando de moleques de doze anos misturando aquilo em seus banheiros. Ou algo pior.



“Senhoras e senhores... Cliff Burton!” Tinha orgulho de tocar com ele

Qualquer pessoa com meio cérebro deveria saber disso. E, mesmo assim, a metanfetamina estava por todas as partes. James conheceu uma garota assim que chegamos à Costa Leste. Eu pude ver na hora que ela era viciada em metanfetamina. Tinha a pele feia – corada, esburacada e com outras lesões – que resulta do uso habitual da droga. Não é a droga em si que causa essas erupções; é a merda tóxica que é parte da receita.

Francamente, não entendia aquela atração. Preferia as curtições orgânicas – tentava não colocar nada em meu corpo que não tivesse sido destilado ou colhido. O que posso fazer? Todos temos nossos padrões.

Apesar de sua óbvia falta de influência na indústria musical, Zazula tinha feito a lição de casa no que diz respeito ao Metallica. Podem falar o que quiserem sobre o cara – ele viu uma oportunidade e a aproveitou. Logo depois que chegamos a Nova Jersey, fizemos um show promocional na loja dele, que estava em um grande mercado de pulgas ao ar livre, perto de East Brunswick. Não posso dizer que a ideia de tocar num mercado de pulgas fez que nos sentíssemos como estrelas do rock – parecia um retrocesso mediante a nossa experiência em San Francisco. Mas minha opinião logo mudou quando chegamos à loja. Havia centenas de moleques na fila, comprando nossa fita demo e esperando pela oportunidade de conhecer os caras da mais nova, mais pesada e mais legal banda de heavy metal do mundo: Metallica.

Não tenho ideia de quanto dinheiro foi arrecadado naquele dia e certamente nunca vi nenhum centavo. Não me importava. Só sei que fiquei ali horas, assinando camisetas, fitas, pôsteres, discos... qualquer coisa. Quando saímos, percebi que havia ocorrido uma enorme mudança de paradigma. Naquele mercado de pulgas, cercado por fãs que me adoravam, eu me senti um astro do rock.

Foi tudo incrivelmente empolgante, desorientador e vagamente inquietante. Estávamos famintos havia dias e de repente as pessoas estavam jogando comida para nós. Lembro de olhar no espelho quando acordei uma manhã e perceber que meu estômago estava grotescamente esticado. Claro, isso podia ter a ver com o fato de que estava bêbado ou chapado virtualmente o tempo todo. A curtição nunca parava. Bebida, cocaína, maconha, metanfetamina – estavam por todos os lados e era só pedir. Junto

com as groupies, a qualidade e o volume daquilo pareciam aumentar a cada dia. A gente fazia uma aparição ou um show, ou só ia a alguma festa, e todos queriam nos conhecer.

© William Hale



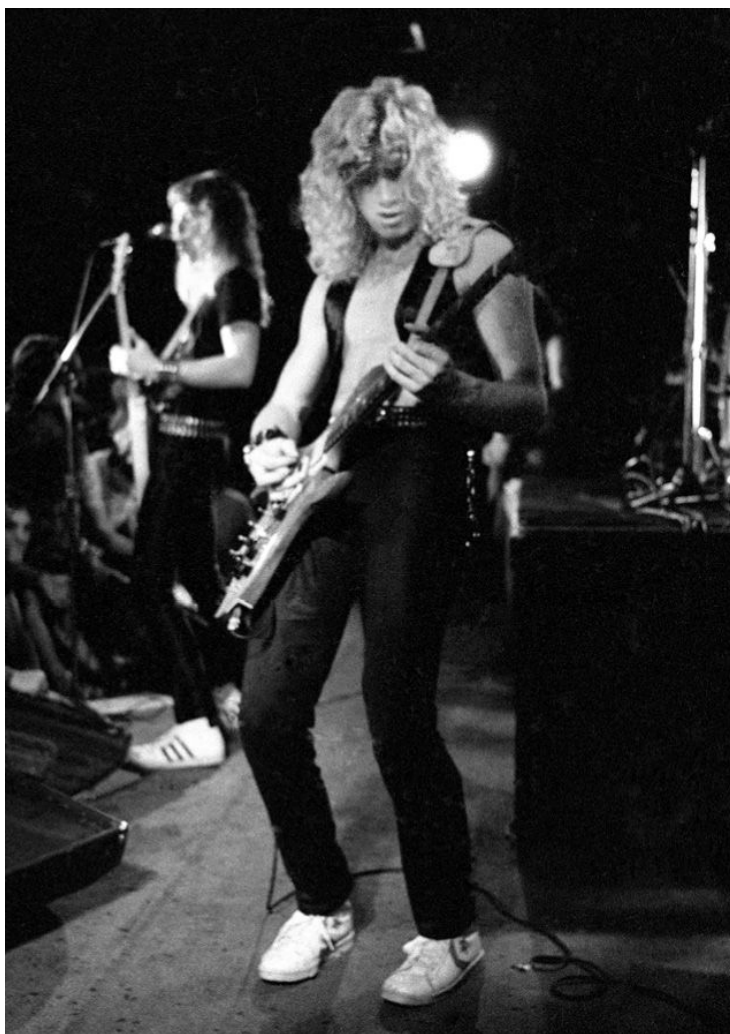
Uma das últimas vezes que toquei em San Francisco com o Metallica

– Você é um filho da puta maldito! – eles gritavam.

Eu concordava aprovando. *Era* mesmo um filho da puta maldito. E sentia orgulho disso.

Na primeira semana, mais ou menos, ficamos no porão da casa de Jonny Z. Ele tolerou a libertinagem infinita por um tempo, provavelmente porque tinha investido tanto em nosso sucesso. Dessa forma, pelo menos, podia ficar de olho na gente. Logo, no entanto, a gente ficou pesado demais para ele. A última gota proverbial foi a abertura, e subsequente ingestão, de uma garrafa de champanhe muito velha e muito especial que tinha ficado

guardada no gabinete de bebidas dos Zazulas desde o dia em que eles se casaram. Depois disso, Jonny Z nos botou para fora. Bem, ele não colocou dessa forma. Em vez disso, sugeriu que todas as festas poderiam ser melhores se a gente se mudasse para um espaço em cima da nossa sala de ensaio, um lugar chamado de Music Building em Jamaica, Queens. Chamo aquilo de “espaço”, porque não era um apartamento ou algo assim. Era somente um quarto vazio, sem cozinha, sem geladeira e sem chuveiro. Só uma única pia e um forninho. Nós cinco – Mark Whitakker estava lá, também – vivemos de uma geladeira de isopor, na qual enfiávamos cerveja e mortadela. Essa era a dieta. A gente acordava no meio do dia, comia, bebia um pouco para limpar a ressaca, ficava por ali e depois voltava a dormir. Às vezes, quando escurecia, a gente acordava de novo, como um bando de vampiros de merda, e começava a tocar. A gente ensaiava por algumas horas, depois bebia até desmaiar. No dia seguinte, fazíamos tudo de novo.



Sem dúvida irritado, James canta atrás de mim

“Espuma, enxágua, repete.”

Esse era o ritmo da nossa vida.

Durante esse período, fizemos amizade com os caras da banda Anthrax. O Music Building era o lar deles também, apesar de que só durante o dia, quando estavam ensaiando. Sou amigo de alguns deles até hoje, incluindo o guitarrista Scott Ian. O Anthrax era bem diferente do que é hoje – menos polidos, menos refinados, com uma formação completamente diferente – mas ainda assim interessantes, e lembro de vê-los tocar algumas vezes e pensar que as coisas iam dar certo para eles. A camaradagem que

conhecíamos na Bay Area não existia em Nova York, mas vimos um pouco disso com o Anthrax. Um dia, entrei no estúdio e comecei a conversar com Danny Lilker, baixista e fundador da banda (junto com Scott). Ainda consigo me lembrar da cara dele – uma mistura de espanto e pena – enquanto ficamos conversando. Só posso imaginar como era meu visual... e meu cheiro.

– Cara, você quer vir até minha casa e tomar um banho?

Ele não precisou perguntar pela segunda vez. No caminho, paramos numa pizzaria e Danny me comprou um par de fatias. Não foi nada demais, talvez, mas foi um gesto de delicadeza que me pareceu completamente genuíno e nunca esqueci disso.

Enquanto isso, no Music Building, toda a merda clandestina continuava. Eu não sabia de nada em relação ao plano-mestre do Metallica, se é que isso existia. Com certeza, não tinha ideia de que meu tempo na banda estava a ponto de terminar, e que os planos para minha expulsão já estavam sendo colocados em funcionamento. É um testemunho da minha ingenuidade – ou talvez da minha complacência induzida pelo álcool –, que mesmo quando coisas estranhas aconteciam, eu não tomava nenhuma atitude. Um dia, estávamos andando de carro, bebendo e fumando um pouco, só mantendo o espírito festeiro vivo (ou era o que eu achava) quando, de repente, paramos na casa de alguém para olhar algum equipamento musical. Esse cara tinha alguns amplificadores de merda, Fender Bassmans, e não consegui entender por que tínhamos algum interesse neles. Eu já tinha bastante equipamento – coisas realmente de qualidade.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntei ao Lars.

Ele deu de ombros.

– Equipamento é sempre bom.

James e Lars acabaram pedindo emprestado umas bostas desse cara. A primeira vez que fizemos um show em Nova York, de repente, meus amplis estavam do lado do James no palco e os amplis ruins estavam do meu lado.

Eles deram alguma explicação de bosta para isso e eu engoli sem brigar. Mas, no fundo, eu sabia que tinha algo errado. O pêndulo estava indo de um lado para o outro e era questão de tempo antes de me acertar.

Eu só toquei dois shows com o Metallica em Nova York, em noites consecutivas. A primeira foi em 8 de abril de 1983, no Paramount Theater, em Staten Island. A segunda foi em 9 de abril, no L'Amour no Brooklyn. Nas duas noites, dividimos o palco com Vandenburg e The Rods. Na minha lembrança, os dois shows foram legais. Steve Harris do Iron Maiden estava na plateia e me disse depois quanto tinha gostado da forma como eu tocava; considerando a fonte, não foi pouca coisa.

Depois, como era nosso costume, fomos todos beber. Essa era nossa forma de comemorar. Era também nossa forma de nos consolar. A gente bebia quando estava feliz, bebia quando estava triste. Bebia para espantar o tédio. Bebia para nos inspirar e consolar.

A gente bebia. Muito.

Naquela época, já tinha virado um padrão. Quanto mais bebíamos, mais nossas personalidades divergiam. Eu já mencionei isso, mas Lars e James ficavam estranhos, e por estranhos, quero dizer bobos – infantis. Quanto mais bebiam, mais palhaços ficavam. Comigo era uma história diferente. Quanto mais eu bebia, mais procurava um escape para minha raiva e frustração. Queria sair e tentar a sorte nas ruas. Então, essa noite não foi nada fora do comum. Pensei nela muitas vezes, tentando me lembrar de um incidente específico que poderia ter provocado o que aconteceu em seguida, mas não há nada. A noite terminou como sempre, com os cinco desmaiados no chão do Music Building, bêbados e sexualmente saciados, muito entorpecidos para nos preocupar com o preço que teríamos de pagar na manhã seguinte.

Acho interessante que a execução foi adiada por mais de vinte e quatro horas. Não sei por que, mas por alguma razão eles esperaram até segunda para me dar a boa notícia. Passamos todo o domingo juntos, nos

recuperando da ressaca, dando tapinhas nas costas um do outro por ter deixado Nova York de joelhos duas noites consecutivas. Depois ensaiamos um pouco, bebemos um pouco mais e desmaiámos de novo. Quando eu acordei na segunda-feira de manhã (11 de abril), eles estavam ao meu redor, os quatro, uma resignação triste no rosto. Minhas malas estavam atrás deles, prontas.

James e Cliff eram, na essência, mansos e tranquilos, então coube a eles o papel de apoio, principalmente. Foram Lars e Mark que falaram.

– O que está acontecendo? – perguntei.

– Você está fora da banda – disse Lars, sem um traço de emoção. – Pegue suas coisas; vai embora agora.

Não sabia o que fazer. Apesar de todos os avisos prévios, eu estava chocado. Tudo pelo que tinha trabalhado, tudo que tínhamos realizado – juntos – estava desmoronando na minha frente e não podia fazer nada. Senti como se estivesse de volta à escola, quando não tinha controle de nada e todo dia era um pesadelo vertiginoso.

– O-o quê, sem nenhum aviso prévio? – gaguejei. – Sem segunda chance?

Eles se entreolharam, balançando a cabeça lentamente.

– Não – disse Lars. – Não tem jeito.

Brigar parecia não fazer sentido. De qualquer forma, eu não estava disposto a entregar qualquer resto de dignidade que permanecia comigo rastejando por meu lugar na banda. Se eles já tinham decidido – e, obviamente, tinham – não havia por que tentar mudar o ponto de vista deles.

– Certo – falei. – Quando parte meu avião?

Houve uma longa pausa enquanto eles trocavam olhares. Lars me entregou um envelope.

– Aqui está sua passagem de ônibus – ele falou. – Parte em uma hora.

Já tive vários dias ruins na minha vida, mas esse continua sendo um dos piores, ao lado do dia em que meu pai morreu. Na verdade, isso doeu mais.

– Está bem – falei. – Mas não usem nada das minhas coisas.

Não estava me referindo a meus amplis ou outros equipamentos (que demoraram semanas para cruzar o país de volta), mas a algo mais precioso. Algo mais pessoal.

Minhas músicas.

Eles concordaram e depois se afastaram aos poucos. James tinha sido escolhido para me levar de carro, provavelmente porque era meu amigo mais próximo na banda. Jogamos minhas coisas no carro e atravessamos o Queens em silêncio, até o terminal de ônibus. Nem nos olhamos enquanto cruzávamos a cidade. James criou uma imagem de dureza e machismo durante anos, mas eu o conheço há muito tempo. Sei como ele é por dentro. Quando me deixou no terminal, havia lágrimas nos seus olhos. Nós dois estávamos feridos.

– Cuide-se – ele falou.

– Está bem.

A gente se abraçou pela última vez e depois eu me afastei. Não olhei para trás. Só quando eu me sentei na área de espera que percebi algo importante: não tinha um puto. Nenhum dólar. Ia encarar uma viagem de ônibus de quatro dias, de Nova York até a Califórnia sem comida, água, nada. Só tinha um saco de roupas sujas e minha guitarra. Por que eles não me deram alguma grana – de sobrevivência – para a viagem, não sei. Talvez nem tivessem pensado nisso. De qualquer jeito, passei os quatro dias seguintes num inferno de mendicância, pedindo moedas, aceitando qualquer coisa que os outros passageiros me ofereciam – um *donut* aqui, um saco de batatas ali. Mais de uma pessoa ficou com pena de mim. É interessante como as pessoas podem ser legais mesmo sendo estranhas, quando não têm nenhum motivo para ajudá-lo ou confiar em você, quando você está tendo espasmos de ressaca e a ponto de começar a sofrer de síndrome de

abstinência, já que não pode nem comprar uma bebida, e começa a feder de suor e álcool. Mas essas pessoas existem e quando você se encontra com elas consegue recuperar um pouco a fé na humanidade.

Não que eu estivesse particularmente preocupado com olhar o lado positivo da vida no momento... ou por um bom tempo depois daquilo. Num momento, estava sentado no fundo do ônibus, meu estômago fazendo barulho, minha cabeça girando. No chão, encontrei um panfleto, eu o peguei e comecei a ler, só para passar o tempo, realmente. Acabou sendo um panfleto do senador Alan Cranston, da Califórnia. A discussão focava principalmente nos perigos da proliferação nuclear. Por alguma razão, uma linha em particular me pareceu interessante:

“O arsenal de megamorte não pode ser destruído, não importa o que digam os tratados de paz.”

Eu deixei aquilo viajar pela minha cabeça dolorida por uns minutos – “*o arsenal de megamorte... o arsenal de megamorte*” – então, por alguma razão que não consigo explicar, comecei a escrever. Usando uma caneta emprestada e um guardanapo, escrevi a primeira letra de minha vida pós-Metallica. A música se chamou “Megadeth” (eu tirei o segundo “a” de Megadeath – megamorte) e apesar de nunca ter entrado em nenhum disco, ela serviu como base para a música “Set the World Afire”.

Não tinha pensado naquele momento que Megadeth – como usado pelo Senador Cranston, *megadeath*, se referia à perda de um milhão de vidas como resultado de um holocausto nuclear – poderia ser um nome incrível para uma banda de thrash metal. Mas é preciso dizer que não estava pensando nisso.

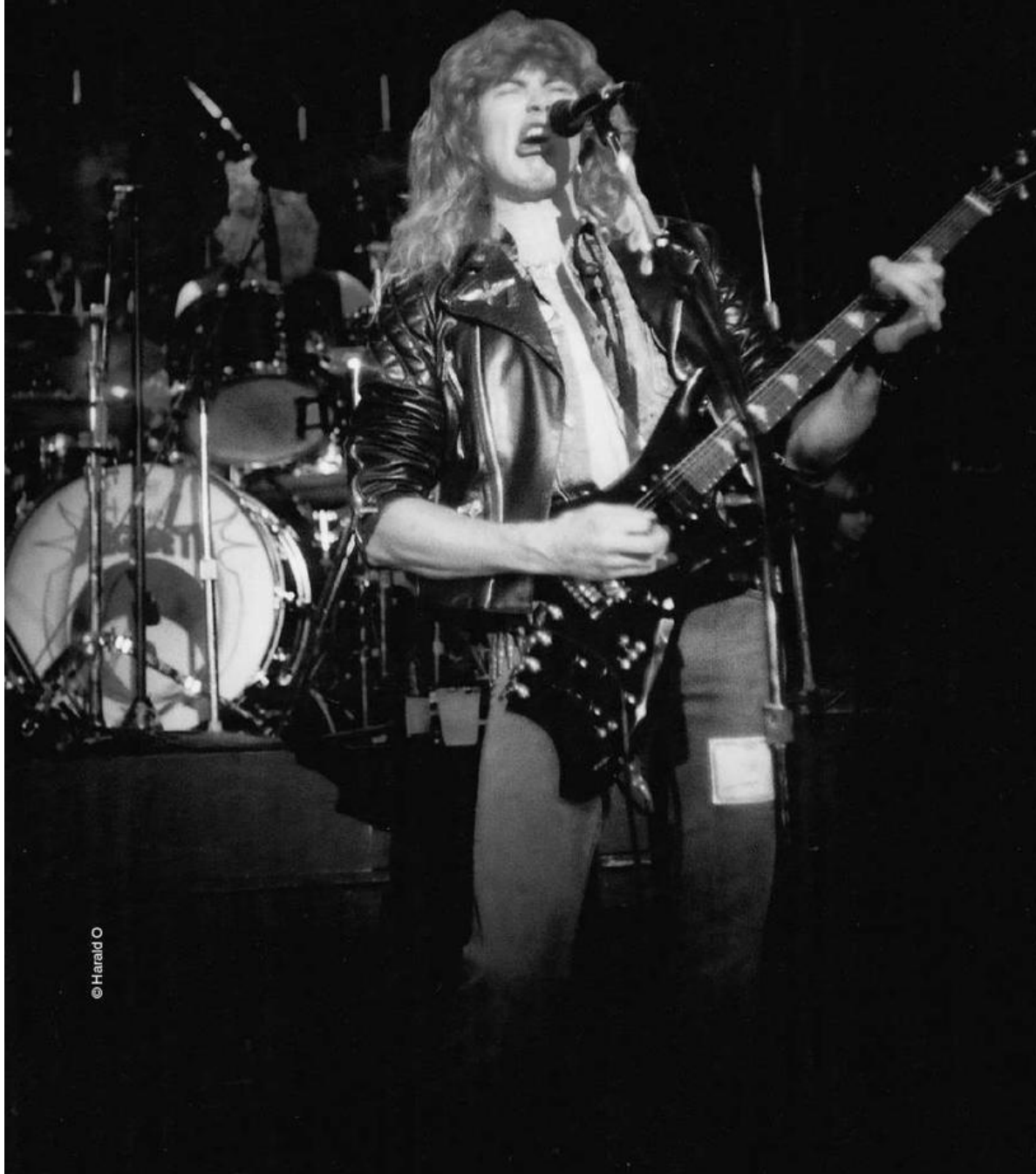
Eu só queria ir para casa.

13 Passava uma boa parte do tempo com o vocalista, um cara chamado Paul Baloff. Tínhamos muito em comum, com nossa infância bastante complicada que envolvia ter de nos virar desde muito jovens. A vida de Paul tinha sido ainda mais difícil que a minha e (como eu) ele teve problemas com drogas e álcool. Mas que espírito incrível! Uma energia ilimitada, talento prodigioso, grande senso de humor.

No final, no entanto, acho que Paul era basicamente um pivete de rua que nunca realmente se adaptou ao mundo normal. Foi chutado do Exodus alguns anos depois, e, em 2002, faleceu de complicações relacionadas com um derrame. Um memorial foi organizado em sua honra e doações foram solicitadas em nome da Fundação Save the Wolves. Isso fazia sentido, já que nos últimos anos Paul viveu periodicamente como mendigo e, supostamente, no meio do mato, com um lobo cinza como companhia leal. Não sei se isso é verdade ou algo apócrifo, mas certamente se encaixa na lenda de Paul Baloff. E parece algo bastante apropriado. Descanse em paz, irmão.

14 Muitos anos depois, tanto James quanto Lars identificariam essa viagem como o ponto de ruptura; os dois até reconheceram que enquanto eu estava longe, enfiado na área de carga do motor home, eles estavam na frente ouvindo fitas de outras bandas, secretamente “testando” guitarristas que poderiam ocupar meu lugar.

Essa é uma imagem estranha para mim. Respondendo a um desafio de David Ellefson, eu me tornei o vocalista do Megadeth numa Véspera de Ano-novo. Não tenho ideia do que estava acontecendo com a minha boca, mas foi aqui que o "rosnado" começou



6

Construindo a besta perfeita: Megadeth

“Cara, se você quer ser um grande músico, precisa experimentar heroína. Vai ver. É como voltar para o útero.”

Quando voltei para a Califórnia, estava bastante abalado. Tinha perdido meus melhores amigos, minha banda, meu ganha-pão. Na prática, tinha perdido minha identidade, algo que tinha se tornado indistinto do Metallica. Eu era a cara da banda e agora não tinha banda. Não tinha nada.

Sem nenhum lugar para ir, voltei para a minha mãe que, nessa época, estava mal de saúde (ela morreria de problemas cardíacos sete anos depois). A humilhação que sentia ao voltar àquela casa, ao mesmo quarto em que James e eu tínhamos vivido juntos por um tempo, era quase insuportável. Toda manhã sentia o gosto amargo do fracasso.

Durante um tempo, devo admitir, só havia autocomiseração e depressão. Mamãe me alimentava, me dava um lugar para dormir e, à noite, eu buscava o conforto de velhos amigos. Mas isso, também, era desconfortável, porque o círculo tinha incluído também, em outros tempos, os caras do Metallica. Agora eles tinham ido embora, e eu estava de volta, e

tudo parecia um pouco difícil de explicar. Estava uma noite com minha amiga Heidi, afogando minhas tristezas com álcool, quando a conversa chegou ao Metallica.

– Ainda bem que pulei fora – falei. – Aqueles caras estavam realmente começando a me deixar nervoso.

Heidi me conhecia há anos. Não havia como enganá-la. Ela balançou a cabeça e riu.

– Vamos, Dave. Você sabe que não saiu. Eles te mandaram embora.

Fiquei chocado.

– Quem te contou isso?

– Lars – contou Heidi. – Ele me ligou na semana passada.

Mesmo naquela época, Lars já era um ágil mestre da fofoca – quando tinha a ver com sua reputação ou a reputação da sua banda, ele não deixava espaço para o azar. Por isso, tinha contatado meticulosamente todo mundo que tínhamos em comum, para ter certeza de que conheceriam sua versão da história. É justo, eu acho, já que eu era igualmente culpado de tentar distorcer a história a meu favor.

Independentemente disso, a descoberta de que Lars tinha me criticado de longe, enquanto o Metallica continuava com sua carreira, serviu como um poderoso fator motivador. Naquele momento, sentado em frente a Heidi, pego mentindo e vendo a pena em seus olhos, fiquei com vergonha. Mas também fiquei muito puto.

– Você está certa – falei. – Eles realmente me chutaram. Mas eu ia sair de qualquer forma. Quero começar minha própria banda.

Era meia-verdade. Eu não sei se iria sair do Metallica, mas acredito que estávamos destinados a nos separar. E ao falar em voz alta sobre meu novo sonho – *“Quero começar minha própria banda”* – pelo menos, eu estava fazendo... algo.

Nos meses seguintes, o sonho se transformaria em uma obsessão, graças, em grande parte, a uma onda aparentemente infinita de publicidade

aduladora acerca do surgimento de um novo tipo de heavy metal, tipificado pelo som de uma banda de garagem de Nova York, nascida na Califórnia.

Metallica.

Imagine meu choque quando o disco de estreia deles, *Kill 'Em All*, foi lançado no verão de 1983, e quatro das minhas músicas estavam incluídas: “The Four Horsemen” (anteriormente “Mechanix”), “Jump in the Fire”, “Phantom Lord” e “Metal Militia”. As mesmas quatro canções que tinham sido incluídas na demo *No Life Till Leather*. Os créditos de composição foram alterados para refletir as mudanças feitas nas canções durante o processo de gravação, e, só posso especular, para minimizar minha contribuição. Cada uma dessas canções eram principalmente minhas, e mesmo assim James ou Lars (ou os dois) pegaram uma parte do crédito para todas as quatro músicas. Em cada uma, meu nome foi colocado por último, então o crédito de composição para “Jump in the Fire”, por exemplo, aparece como o seguinte: Hetfield/Ulrich/Mustaine.

Eu ouvi essas canções com uma mistura de espanto e indignação. Não conseguia acreditar que eles usariam minhas músicas depois de me expulsar da banda. Eles nunca me contataram, nunca pediram permissão. Nada. Sugerir que as modificações feitas a essas músicas refletiam, de alguma forma, uma atmosfera amigável ou uma divisão mais equilibrada de trabalho, é igualmente impreciso. No dia seguinte à minha demissão do Metallica, Kirk Hammett estava em Nova York, assumindo meu lugar no Music Building, fazendo um teste para meu lugar na banda e imitando os devastadores solos que eu tinha criado, solos que até hoje são vistos como a gênese do thrash metal.

Eles pensavam que eu não iria perceber?

Eles achavam que seria fácil me deixar de lado?

Provavelmente não. O mais provável é que tenham pensado que eu nunca iria conseguir nada e, assim, não iria apresentar nenhum tipo de desafio para eles.

Mas estavam errados pra cacete.

Montar a besta perfeita – nesse caso, a banda perfeita – leva algum tempo. Não queria correr e trabalhar com os primeiros caras que encontrasse, sem levar em conta personalidade ou compromisso. Pelo que já conhecia da indústria musical e o que eu aprenderia depois, não acho que seja possível evitar conflitos ou brigas dentro da estrutura de uma banda. A longo prazo, há chances de ter problemas, como em qualquer família. Pelo menos, eu queria encontrar um grupo de músicos que fossem talentosos e ambiciosos. Estava procurando sangue. Queria chutar a bunda do Metallica e não podia fazer isso com amadores. A missão era muito importante para diletantes.



No primeiro show do Megadeth em 1983, no Ruthie's Inn em Berkeley, Califórnia. Eu usava cinto de balas e granadas de mão falsas para esse show. Queria que servissem como uma declaração

Para ganhar um pouco de autoestima e independência, mergulhei de volta no mundo do trabalho, um lugar que não tinha visitado muitas vezes. Em vez de voltar à vida que suga a alma (e francamente perigosa) de um traficante de drogas, fui trabalhar com telemarketing: vendas telefônicas. Esse seria meu último emprego “de verdade” e isso é parte do passado, já faz um quarto de século. Era um emprego horrível, tão chato e deprimente quanto dá para imaginar, só tolerável pelas pessoas legais com quem trabalhei. Minha supervisora era uma mulher chamada Marjorie, tão

abençoada que entendia intuitivamente que as pessoas sob sua supervisão estavam ali principalmente porque não tinham outra opção. Nenhum de nós aspirava a uma carreira no telemarketing. Só precisávamos do salário. Marjorie era exigente, mas justa. Andava pelo escritório num estado geralmente perturbado na maior parte do tempo, mas você tinha a sensação de que era uma pessoa decente. Ela só era... mal-humorada. Mas divertida, também, do tipo militante feminista (pensem em Janeane Garofalo).

Metade do tempo eu ia trabalhar chapado ou ficava chapado em minha “parada para fumar”. Marjorie sabia, meio que esperava isso e não lhe importava muito. Quero dizer, quão lúcido você precisava estar para discar um número e ter alguém desligando na sua cara? Marjorie era fascinada pela cultura da maconha que permeava seu escritório, e, num dos meus últimos turnos, ela até me puxou de lado e disse: “Você pode me conseguir um pouco de maconha, cara?”.

E eu podia. E consegui. Um bando de nós ficou chapado junto, e aí eu saí para voltar a ser guitarrista de novo. Tempo integral.

Apesar de estar longe de ser um gênio do telemarketing, ganhei dinheiro suficiente para ficar de pé novamente e conseguir meu próprio apartamento, na Avenida Vernon, em Hollywood. Os primeiros dois caras na minha nova banda – que por pouco tempo teve o nome de Fallen Angels – se chamavam Robbie McKinney e Matt Kisselstein. Robbie, que tinha me ajudado a conseguir o emprego de telemarketing, tocava guitarra. Matt, outro cara do telemarketing, tocava baixo. Eram dois caras legais, com algum talento, mas eu conseguia ver que a coisa não ia funcionar. Faltava a química, a energia, a fagulha – ou como quiserem chamar – que dá vida a uma banda em seu nascimento. Mas tudo bem. Foi através da minha amizade com Robbie que conheci uma jovem chamada Diana Aragon, por quem me apaixonei e mantive um relacionamento que durou mais de sete anos.¹⁵ Meu objetivo na época era montar uma banda, a qualquer custo, e depois melhorar as partes necessárias até ter a máquina de guerra mais definida e

má possível. Demorou um tempo, mas acho que finalmente consegui. E essa banda, como a primeira encarnação do Megadeth, foi um passo necessário nessa viagem.

Acordei numa manhã, de ressaca como sempre, por causa da batida rítmica de um baixo. Não o som gravado saindo de um estéreo, mas um baixo de verdade, vindo do apartamento embaixo do meu. Quando você é músico – na verdade, mesmo se não for – sabe a diferença; consegue sentir no fundo, principalmente se dormiu tarde na noite anterior e sua cabeça está girando e tudo que quer é dormir.

Bomp... Bomp... Bomp... Bomp...

Caí da cama, batendo no chão com meu pé, e gritei: “Cala a boca!”.

Bomp... Bomp... Bomp... Bomp...

Aquilo continuou, uma das linhas de baixo mais simples e famosas na história do rock: a abertura de “Runnin’ with the Devil”, do Van Halen.

Bomp... Bomp... Bomp... Bomp...

Bati no chão de novo. Ainda sem resposta. Fui até a cozinha e abri uma janela.

– Ei! Cala a boca!

Bomp... Bomp... Bomp... Bomp...

Era suficiente. Peguei um vaso que estava na janela e joguei para baixo. Ele explodiu no ar-condicionado do apartamento barulhento. E funcionou. A música parou.

Voltei para o quarto, puxei as cobertas e me preparei para dormir por mais algumas horas, mas fui interrompido de novo por alguém batendo na porta.

“Ah, merda... esses caras estão realmente procurando problema.”

Fui até a sala e abri a porta da frente. Lá, parados no corredor, estavam dois moleques imponentes. Os dois usavam jeans e camisetas sem manga,

com jaquetas de couro baratas, que pareciam do tipo que se comprava por menos de 30 dólares – sabe, aquelas com o cinto ao redor do meio e que dava para colocar algum patch. O mais jovem dos dois tinha cabelo castanho comprido. O outro estava ficando prematuramente careca, só com um tufo de cabelo no alto da cabeça e um pomo de Adão proeminente que me lembrou Beaky Buzzard, o urubu de cara triste dos desenhos animados do Pernalonga.

Antes que pudesse gritar com eles, o cara de cabelo comprido sorriu.

– Ei, cara. Sabe onde podemos conseguir uns cigarros?

Bati a porta, falando pouco antes de fechar na cara deles:

– Tem uma loja na esquina.

Passaram pouco mais de dois minutos quando eles bateram de novo na porta. Agora eu estava realmente puto. Fui caindo de novo até a sala e voltei a abrir a porta, dessa vez preparado para acertar um deles na cara.

– Ei – o mais jovem disse, ainda sorrindo. – Hmmmm... você tem idade para comprar cerveja?

Eles eram ao mesmo tempo amáveis e irritantes. E que merda... Um pouco de cerveja não parecia mal naquele ponto.

– Bom – falei, sorrindo. – Agora, sim, estou gostando.

Descemos até a esquina e compramos umas Heinekens, e nas próximas horas começamos a cultivar uma amizade que evoluiria para uma parceria. O cara de cabelo comprido se chamava David Ellefson, filho de um fazendeiro de Jackson, Minnesota. David tinha vindo a Los Angeles aparentemente para estudar música num lugar chamado Musicians Institute, que ficava a um quarteirão do meu apartamento. O Musicians Institute podia ser bem conceituado em alguns círculos, mas para mim era digno de desprezo – o tipo de lugar onde você ia para aprender a tocar covers do Toto em festas de casamento e de formatura. Para David, no entanto, parecia a Juilliard. Ou era o que contava a seus pais. Enquanto seu irmão, Elliott, ficou em casa no Minnesota para ajudar a administrar a fazenda da família,

David foi para a Califórnia atrás de seu sonho de ser músico. Eles lhe deram a bênção, junto com um cartão de crédito, e o deixaram solto. Não deve ter sido fácil para eles, mas acho que ficaram mais tranquilos por saberem que, pelo menos, seu filho estava matriculado em um programa acadêmico respeitável numa boa instituição de educação superior.

Só que ele não estava. David nunca foi para o Musicians Institute. Em vez disso, depois de vir com a van da família até Hollywood, ele e uns amigos do colégio (incluindo Greg Handevitdt, o cara com o pomo de Adão protuberante) começaram a tentar algo na indústria da música. Quando eu os conheci, tinham pouco mais de dezoito anos e nenhuma ideia do que iam fazer. Mas eram extremamente simpáticos.

Conversamos horas naquele primeiro dia, tomando Heinekens, conversando sobre tocar, falando sobre o que gostávamos e o que odiávamos. David e Greg tinham tocado numa banda chamada Killers em Minnesota (por algum motivo, acho que havia uma pequena mas interessante cena de metal no meio-oeste), que era influenciada, claro, pelo Iron Maiden, então eu conhecia algumas das coisas que eles vinham tocando. Copiei alguns riffs, mostrei para eles o que conseguia fazer. Dava para ver que ficaram impressionados. Eu era um pouco mais velho e, apesar dos problemas recentes, mais experiente no meio musical. Pode ser exagerado dizer que eu era um irmão mais velho para esses caras, mas realmente me tornei o líder de nossa estranha proto-banda: Mustaine e os garotos de Minnesota.

Demorou pouco para eu pedir tanto a David quanto a Greg para entrarem na minha nova banda. Os dois aceitaram felizes o convite. David e eu ficamos bons amigos desde o começo e o fato de que ele era realmente um bom baixista fez a transição ser ainda mais fácil. Greg foi um pouco mais problemático. Um cara legal, e um bom guitarrista, mas tinha um visual estranho e incomum. Não de uma forma ruim – era somente um cara tentando criar um visual rock ‘n’ roll. Metade da batalha teria sido tentar

cultivar seu cabelo. Isso pode não parecer importante, mas era para mim. Eu tinha uma imagem precisa de como minha banda deveria ser – como qualquer verdadeira banda de heavy metal *deveria* parecer – e isso não incluía carecas e couro. Sim, eu sei, fãs do Judas Priest podem gritar, mas continua o fato de que cabeças raspadas e couro significavam algo que eu não queria abraçar. Cada um, cada um, sabem? Queria um visual mais tradicional para acompanhar nosso som decididamente anticonvencional e duro. Íamos ser a banda mais rápida, mais barulhenta e mais perigosa na história e precisávamos de um visual combinando.

Greg não tinha esse visual.

Greg ficou amigo de um cara da empresa de telemarketing e se perdeu na obscuridade.

Então, ele estava fora. O cara permaneceu como parte do nosso círculo de amigos por algum tempo, antes de acabar voltando para Minnesota e entrando em outra banda. Mais tarde, depois de desistir do sonho, como quase todo mundo faz no final, ele se tornou algum tipo de agente funerário. Ou foi o que fiquei sabendo.

Então estávamos nós dois, eu e Júnior. “Júnior” – era como eu chamava David Ellefson. Tinha decidido pouco depois de convidá-lo que não podíamos ter dois caras chamados Dave. Muito confuso.

– Qual é o seu nome do meio? – perguntei.

– Warren.

– Ah, cara. Isso não vai funcionar. Que tal se encurtamos? Vamos te chamar de “War”. Sabe, brincar com sua herança escandinava. Toda essa merda viking.

Achei muito legal. David discordou.

– Certo, então. Mas não vou chamá-lo de Dave. De agora em diante, você é Júnior.

E foi como eu o chamei pela maior parte dos vinte anos seguintes.

No começo, eu não acreditava muito na minha capacidade de cantar, então, trouxemos um vocalista chamado Lawrence “Lor” Kane. Lor não ficou muito tempo na banda, mas vou dar crédito a quem merece: foi ele que sugeriu Megadeth como o nome da banda. Aconteceu quando estávamos andando de carro em uma noite, conversando sobre o nome certo. Lor sabia que eu tinha escrito uma música chamada “Megadeth” e pensou que seria também um bom nome para a banda.

E ele estava certo. Então, valeu por isso, Lor.

A gente teve um monte de bateristas também. O primeiro foi Dijon Carruthers, filho do ator Ben Carruthers, cujos créditos incluem *Os Doze Condenados* como principal trabalho. Dijon era alto e magrelo, com um rosto liso e uma atitude bem relaxada. Era difícil falar sobre ele, além do fato de que era um baterista fantástico, já que era um cara estranho e misterioso. Dijon afirmava ter ancestrais espanhóis, mas não parecia. Ele escrevia letras, de vez em quando, que eram realmente doentias e sádicas, algo inesperado de um cara cujo músico favorito era o violinista italiano Paganini. Uma vez, num ensaio, apareceu usando um chapéu da Pilgrim e o que parecia ser uma peruca; não explicou nada. Mas também nenhum de nós esperava uma explicação.

De qualquer modo, numa noite, enquanto estávamos jantando na casa do Dijon, entrou um cara com um baixo pendurado no ombro. Abriu a porta da frente, caminhou pela casa como se fosse dono do lugar, só fez um movimento com a cabeça nos cumprimentando e um superficial: “E aí?”.

Olhei para Dijon. Ele parecia pouco confortável.

– Quem é esse, porra? – perguntei.

– Ah... esse é meu irmão.





Uma das primeiras fotos ao vivo com meu melhor amigo por quase duas décadas, David “Júnior” Ellefson

Foi algo realmente surpreendente, porque o cara que tinha acabado de passar por nós era negro e Dijon dizia ser espanhol. E aí estava o centro do mistério de Dijon Carruthers. Seu irmão era Kane Carruthers, o baixista de uma banda conhecida como The Untouchables. Dijon, como descobrimos, tinha uma herança racial mista.

Essa revelação provou ser um obstáculo formidável em minha relação com Dijon. Não sei se ele ficava embaraçado por sua ascendência ou se ele tinha alguma suspeita de que eu era racista. Independentemente disso, o mal já estava feito. Não me importava nada se Dijon era negro ou branco, mas me importava que tivesse mentido sobre algo tão fundamentalmente importante. Isso tinha a ver com quem ele era e como se apresentava, e se não podia confiar em mim ou Júnior com essa informação, então como poderíamos confiar nele?

Em seguida, entrou um baterista chamado Lee Rausch, outro cara estranho que tocava bastante bem, mas que tinha alguns problemas sérios de personalidade. O apelido de Lee era “Retardado”, então dá para imaginar provavelmente como ele era, e falava sempre sobre seu fascínio pelo satanismo. Bom, por causa do meu passado e dos anos que passei me aventurando com bruxaria e magia negra, sabia o que se envolvia nesse tipo de coisa. E isso mudou completamente o que eu achava desse cara. Sabia que não poderia tocar junto com ele por muito tempo. Apesar de não ser cristão, sabia com certeza que não queria ser satanista nem revisar o assunto, mesmo casualmente.

Não era exatamente militante em relação a isso, no entanto; por isso a breve amizade da banda com Kerry King. Kerry, claro, era o membro fundador do Slayer, uma banda de thrash metal que, como o Megadeth,

surgiu nos anos 1980, em Los Angeles. Apesar de já ter um bom número de seguidores enquanto eu estava lutando para montar uma banda, o Slayer ainda não tinha assinado com nenhuma gravadora grande. Pensei que Kerry, um guitarrista talentoso, poderia estar aberto à possibilidade de entrar na banda, pelo menos por um curto período, enquanto tentávamos encontrar um segundo guitarrista. O Slayer é bastante confundido com uma banda satânica e Kerry foi muitas vezes (e, de novo, equivocadamente) chamado de satanista. Hoje em dia ele diz ser ateu, apesar de que nossas visões divergentes de religião e música provocaram uma briga (por falta de um termo melhor) que só recentemente esfriou.

Naqueles dias, no entanto, eu não tinha nenhum problema com Kerry. Ele era um guitarrista bem jovem, limpo e ambicioso, filho de um delegado, que não bebia álcool ou tomava drogas. E tocava numa banda chamada Slayer. Vai entender. Enquanto ele estava no Slayer e eu montava o Megadeth, Kerry e eu éramos bem amigos e passávamos bastante tempo juntos. Eu mostrava um monte de coisas na guitarra para ele, inclusive o infame trítone do diabo, um intervalo musical complicado que une três tons. O trítone do diabo exige certa destreza, mas é bastante legal, principalmente por causa do folclore ligado a ele. Por um período de tempo, na Idade Média, o trítone do diabo foi banido pela Igreja Católica; supostamente, os músicos que desrespeitassem a lei eram severamente punidos e às vezes até degolados. Se isso é verdade, não sei, mas a existência dessas lendas foi suficiente para inspirar legiões de guitarristas de heavy metal a incorporar o trítone em suas músicas. Kerry nunca tinha ouvido falar disso; mas depois de ser apresentado ao trítone, tornou-se grande fã e quase toda música do Slayer agora inclui aquele acorde.

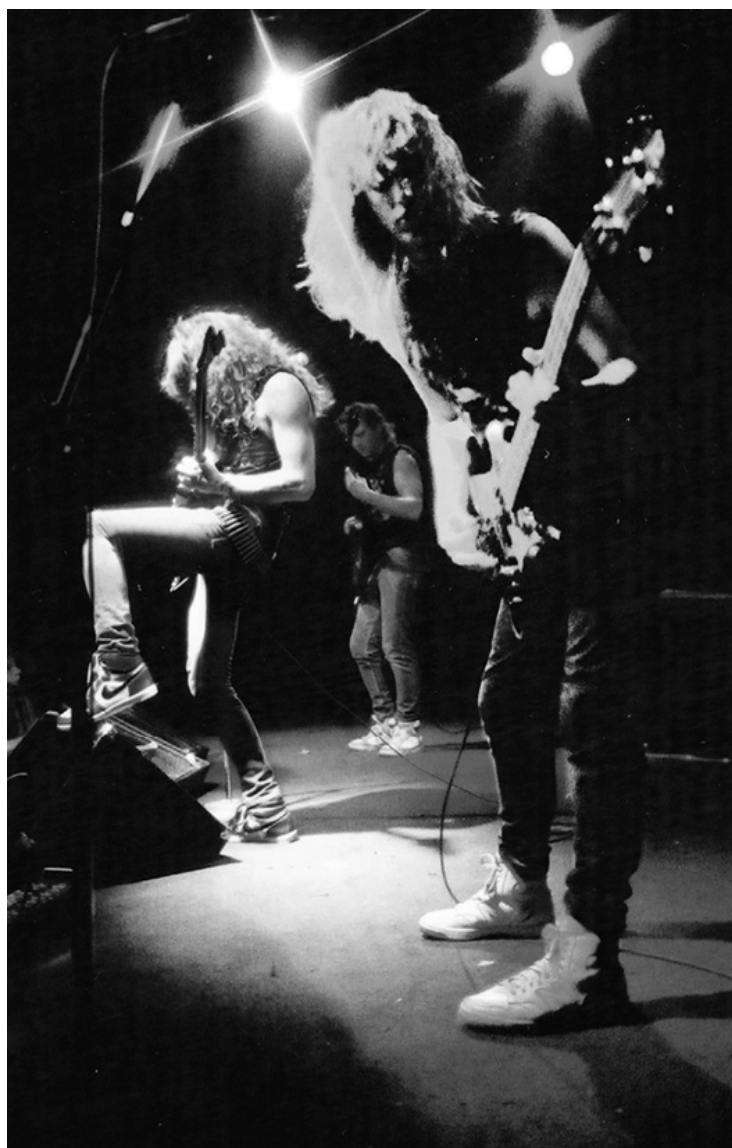
Kerry, na verdade, participou do Megadeth em alguns shows em San Francisco, na primavera de 1984. Ainda estávamos procurando um novo guitarrista, mas não queríamos perder a oportunidade de tocar ao vivo, então pedi para Kerry nos acompanhar. Uma parte de mim estava esperando

que ele concordasse em sair do Slayer e entrar no Megadeth, de forma permanente. Mas isso não aconteceu. Nem passou perto.

A gente se preparou para aqueles shows num estúdio de ensaio em L.A. dirigido por um cara chamado Curly Joe. Nesse lugar sempre havia festas. A gente voltou lá uma noite depois do ensaio e o estúdio estava lotado de gente basicamente louca e chapada. Lembrem-se, estamos no começo dos anos 1980, quando a cocaína não era só socialmente aceitável, mas uma merda bastante forte. Eu tinha me tornado um tremendo festeiro nessa época, então não achava nada chocante. Mas a cena no estúdio era verdadeiramente perturbadora. A gente entrou e a farra era ao mesmo tempo obscena e aterradora – parecia uma cena do filme *Abaixo de zero* (filmado nos anos 1980, por falar nisso), em que você abre a porta e algum cara usando uma máscara de porco está com a cara no meio das pernas de outro cara.

– Puta merda!

Saímos de lá correndo pelas escadas, porque não queríamos esperar o elevador. No fim das escadas, pintada com spray na parede, havia uma suástica gigantesca, junto com as palavras: Curly Joe é um judeu *hippie*.



Eu, Chris Poland e David. Obviamente, estou solando

Fodidos e correndo por nossa vida (era o que pensávamos), demos uma trombada um contra o outro na porta da saída, fazendo que Lee Rausch caísse e quebrasse o pé. Nosso primeiro show em San Francisco ia ser uma semana depois e Lee naturalmente queria cancelar, mas eu o convenci a não fazer isso.

– Quando for hora do show, a gente tira o gesso – sugeri. – Depois você pode engessar de novo no dia seguinte.

O show deve continuar, certo?

Mas quando Lee tirou o gesso, seu pé estava preto, tão fodido que não dava para reconhecer.

– Ai, cara, isso tá foda – falei. – Tem certeza de que consegue tocar?

Lee concordou, subiu no palco e fez um trabalho louvável. Mais do que isso, na verdade. Quero dizer, não é fácil tocar sentindo dor. Lee era um dos caras mais duros que já conheci. O incidente teve um efeito nele, apesar de tudo. Ou talvez tenha sido outra coisa. Não sei, mas, assim que chegamos em Los Angeles, Lee anunciou que ia sair para se encontrar, procurar algum significado mais profundo na vida. A última vez que o vi, ele estava entrando em seu carro, cantando em voz alta e agindo como o cara mais feliz do mundo.

Nunca mais falei com ele.

Então, mais uma vez, o Megadeth precisava de um baterista. A gente o encontrou em Gar Samuelson. David Ellefson e eu estávamos trabalhando juntos num lugar chamado Mars Studio na época e foi lá que “entrevistamos” Gar. Se é que se pode chamar assim. Gar era um cara muito legal, com grandes olhos sonolentos e lábios grossos – ele me lembrava o ator Don Knotts, principalmente o Don Knotts caricato (como em *The Incredible Mr. Limpet*, por exemplo). Havia diferenças, claro – Gar tinha cabelo comprido e uma forma de falar que era lenta e gutural. Eu logo descobriria que ele também era viciado em heroína, e esse fato, mais do que qualquer outro, marcava sua existência diária. Mas, com todos os seus problemas, Gar era uma pessoa genuinamente adorável, que tinha um dom para divertir as pessoas.

No dia de seu teste e entrevista, Gar chegou ao Mars Studio totalmente chapado. Para ser capaz de ir à reunião, Gar precisou sair e se picar com heroína antes. O momento, no entanto, é tudo na vida de um viciado (como

eu descobriria mais tarde). É possível que Gar tivesse planejado ficar chapado mais cedo e conseguir chegar a um estado de relativa lucidez quando fosse a hora de conhecer seus potenciais companheiros de banda (e empregadores). Mas como ele não tinha conseguido uma dose logo e, provavelmente, tinha tomado um pouco demais, o processo foi num caminho diferente. Gar tinha passado logo de “Aahhhhh”, para “Opss” e “Ah, merda... tô caindo de sono”.

Quando entrei na sala para conhecer o Gar, ele estava sentado numa cadeira, a cabeça caída, os olhos tremendo, um cigarro entre os dedos. O cigarro já estava no filtro, eu podia ver que já tinha queimado sua pele. Gar nem tinha percebido.

– Uau, isso vai ser legal – falei para Ellefson. – O cara é um sádico ou algo no estilo. O que virá depois, um desses marcadores de gado?

Dei uma volta pela sala, olhando para Gar, tentando medi-lo... tentando imaginá-lo no Megadeth. A primeira coisa que percebi (depois do cigarro, claro) foi o sapato. Capezio! O cara estava usando uma porra de um sapato de dança. Tive um flashback dos meus dias no Metallica, quando tocamos numa pista de skate com uma banda chamada Ratt e um dos caras deles estava usando Capezios. Algo naquilo me pareceu muito errado. Se você é guitarrista e se veste como uma garota, não é um headbanger, é um travesti do metal. Não pertence ao Metallica, não pertence ao Megadeth. Se quiser tocar metal, precisa assumir o estilo de vida, e isso não inclui se sentar na frente de um espelho e colocar delineador e batom – e Capezios! É como dizer que você precisa usar delineador para ser pescador. Não funciona. Não deveria acontecer, pelo menos.

Qualquer problema que poderia ter tido com Gar, no entanto, desapareceu depois que ele acordou e começou a tocar. Em poucos segundos, sabia que ele era o cara certo para substituir o Lee Rausch. Gar criou essas viradas incríveis influenciadas pelo jazz que imediatamente desafiaram o modo como eu tocava guitarra. Tecnicamente, ele era

maravilhoso – usando as duas mãos para criar uma mistura que era, ao mesmo tempo, espalhafatosa e eficiente. O estilo de Gar, formado por anos de treinamento com jazz, se tornou uma grande parte dos primeiros dois discos do Megadeth. Por um tempo, nos primeiros dias, quando as pessoas me pediam para descrever o tipo de música que tocávamos, eu dizia: “Somos uma banda de punk com orientações jazzísticas e algumas influências clássicas”. Dizia isso para zoar com as pessoas, mas estava realmente perto da verdade.

Gar chegou ao Megadeth por intermédio de Jay Jones, um traficante de cocaína que se tornou nosso manager. Jay era um personagem extremamente estranho com um crânio absurdamente desproporcional ao seu corpo (pensem em Fred Flintstone) e uma voz parecida com a de Ratso Rizzo. Todas as vogais distorcidas e anasaladas. Cada sentença, parecia, começava com um “Ei, caaara”.

Não quero afirmar que Jay era incompetente ou que fomos inconsequentes por colocar nossa carreira nas mãos dele. A gente pesquisou um pouco. Não muito. Jay tinha algum crédito. Ele já se envolvera com algumas poucas bandas punk conhecidas, incluindo o Circle Jerks, bem como alguns artistas que estavam na vanguarda do que iria ser conhecido como hip-hop. Jay tinha algumas ideias interessantes; ele era mais do que um traficante e usuário de drogas.

Mas era as duas coisas também.

Estávamos sempre juntos, viajando do estúdio para onde Jay ia conseguir heroína. Ele conseguia heroína mexicana barata que tinha sido diluída com graxa de sapato ou algo assim. Tinha uma coloração roxa, então, quando você cheirava e depois passava a mão pelo nariz, ficava com uma linha roxa na mão. As mãos de Jay estavam sempre manchadas, e ele não percebia ou não ligava. Por que, você poderia perguntar, nós

permitimos que um reconhecido traficante de cocaína e viciado fosse nosso manager? Simples: ele tinha as manhas de vender. Ele tinha a lábia.

Também, ele tinha acesso fácil a cocaína e heroína, o que significava que o Megadeth tinha acesso a isso, um fato que ganhou muita importância quando a banda começou a crescer.

Jay, infelizmente, faleceu e a forma como isso aconteceu foi tão incrível como a forma como viveu. Seu pai tinha sido militar e se envolveu em algum tipo de acidente explosivo que o deixou permanentemente incapacitado. Jay e seu irmão nunca deixaram a casa da família, dividindo, inclusive, um quarto, mesmo quando eram adultos. Com beliches, vejam bem. Eles tinham dois cachorros enormes, descuidados e cheios de sarna que dormiam com eles. E um barril de comida para cães no canto. Então dá para imaginar como esse quarto fedia quando Júnior e eu íamos visitá-lo. Quando passávamos para pegá-lo e ele estava no quarto, pedia para esperarmos um segundo e ficávamos do lado de fora da casa, que era como um canil ou pior; seu quarto cheirava como a entrada de serviço de uma clínica veterinária; só dava para entrar segurando a respiração.

Alguns anos mais tarde, bem depois que ele e o Megadeth já tinham se separado, Jay Jones foi assassinado com uma faca para manteiga durante – dizem os rumores – uma briga por um sanduíche de mortadela. Não é nada engraçado, claro. Mas se você conhecia Jay, tampouco é surpreendente.

Graças ao Jay, no entanto, o Megadeth tinha seu baterista. Nos meses seguintes, descobrimos mais coisas sobre Gar Samuelson – algumas boas, outras nem tanto. Do lado positivo, ele era, como já falamos, um virtuoso na bateria. Do lado negativo, seu vício em drogas era ainda mais forte do que eu tinha suspeitado. Gar e Jay faziam uma formidável dupla de fodidos, e com os dois participando com vontade na banda, era uma questão de tempo antes que a cocaína e a heroína ultrapassassem o álcool como as drogas preferidas no Megadeth.

Lembro de estar na casa de Gar um dia, matando o tempo, quando a conversa foi para o uso de drogas recreativas e um debate filosófico sobre os méritos de substâncias em particular. Quimicamente falando, eu estava longe de ser um novato. Podia ser bem descrito como um alcoólatra funcional que também gostava de fumar maconha, cheirar uma ocasional carreira de cocaína e experimentar outras drogas. Havia poucas que ainda não tinha experimentado. Mas heroína?

Nunca.

– Não entendo por que vocês gostam dessa merda – disse.

Gar riu.

– Está falando de heroína?

– É. Qual é o barato?

Ele balançou a cabeça, sorriu convencido.

– Cara, se você quer ser um grande músico, precisa experimentar heroína. Vai ver. É como voltar ao útero.

“Voltar ao útero...”

Isso parecia bastante legal. E, merda... eu queria ser grande. Em seguida, você pode imaginar que eu estava encurvado sobre a mesa, cheirando uma carreira de heroína. Foi uma quantidade pequena, então não senti muita coisa, só uma sensação quente, seguida por uma soneca rápida.

Quando acordei, Gar e seu irmão estavam encurvados sobre o fogão da cozinha, os olhos turvos e em silêncio, fumando crack. Lembro de vê-lo e pensar: “Uau, isso é realmente estúpido.”

– Não critique antes de ter experimentado – disse Gar, rindo como uma criança.

Para explicar: eu já tinha fumado cocaína antes, quando tocava no Panic. Uma noite, quando íamos tocar um show, eu não estava me sentindo bem. Um dos caras em nosso pequeno grupo (não era ninguém da banda, devo dizer) gostava de pasta base e sugeriu que eu experimentasse. Melhor do que Tylenol, ele garantiu. Uma fumada e minha dor de cabeça

desapareceria. Mas era pasta base, não era crack; não sabia que havia diferença até me juntar a Gar e seu irmão no fogão.

Dei uma fumada e imediatamente senti como se todo o mundo tivesse desaparecido de debaixo dos meus pés. A sala começou a girar furiosamente e, de repente, eu me encontrei caminhando de forma estranha para o banheiro. Abri a porta, caí de joelhos e vomitei na privada. Fiquei ali no chão por uns minutos, tendo ânsias, suando, tentando recuperar o equilíbrio.

“Nunca mais. Juro por Deus... nunca mais.”

E depois passou. A náusea e a tontura tinham sumido, substituídas pela mais incrível euforia que já tinha experimentado e naquele exato momento... eu entendi. Entendi perfeitamente por que Gar e seu irmão tinham as caras enfiadas em cima do fogão. Entendi a heroína e por que alguém iria querer misturar com crack. Tudo fez sentido para mim. Esses caras eram jazzistas, e no mundo do jazz... bem, vale tudo. Nem todo músico de jazz era viciado em drogas, óbvio, mas, na minha experiência, não havia canto do universo musical onde o uso de drogas pesadas fosse mais comum – e aceito. Isso incluía o heavy metal. Como falei, no metal, nós gostávamos de beber; no jazz, a heroína está por todos os lados. E agora eu tinha sido doutrinado.

Não me lembro de sentir remorso com essa transição, pelo menos não no começo. Ao contrário. Isso foi, de alguma forma, outro buraco no cinto. Estrelas do rock usam drogas e eu era um astro do rock. Agora eu tinha fumado crack e cheirado heroína – no mesmo dia, vejam só! – algo que, na minha estimativa, me colocara um passo mais próximo de Jimi Hendrix ou Keith Richards. Esqueça por um momento que Hendrix está morto e Keith parece pior do que morto. A coisa sobre o vício em drogas é que nem tudo é mijo e vômito. Às vezes, é bastante divertido, de uma forma distorcida, estilo *Trainspotting*. Até que tudo saia do controle, o que acaba

acontecendo, e aquilo toma conta de seu coração e sua alma, e de todo o resto de você.

A queda foi lenta no começo, principalmente, porque Gar e Jay (como o resto dos outros) nunca tinham dinheiro e nunca havia heroína ou crack suficientes para todos, nunca havia a oportunidade de realmente ficar louco com aquilo. Não era incomum chegar ao ensaio e ver Gar meio que se lastimando, as mãos enfiadas nos bolsos. Aí você percebia que seus pratos tinham desaparecido. Ou suas baquetas. Ou mesmo toda sua bateria.

– Gar, cara, onde está a merda do seu equipamento? – eu perguntava.

Ele só dava de ombros daquele jeito inocente que me deixava com vontade de abraçá-lo e cuidar dele, em vez de dar um tapa por ser tão estúpido.

– Desculpa, Da-vey – ele falava arrastado. – Precisei penhorar para conseguir ficar bem.

“Bem” era um eufemismo. Era a palavra que usávamos para descrever quando ficávamos chapados. Se você tivesse heroína, ficaria bem; se soubesse onde encontrar heroína e tivesse dinheiro para comprar, poderia ficar bem. Tínhamos um cara – um traficante, ou um “conduíte” – chamado Doutor Tapete. Por muito tempo, não consegui entender o apelido, tampouco me importava, desde que ele me entregasse. Mais tarde, descobri que o nome estava ligado à sua capacidade de fazer que as pessoas se sentissem bem, que “se levantassem do tapete”, que é onde você fica quando está doente e passando por uma crise de abstinência. Quando se é um viciado em heroína, é assim todo dia. Você passa cada momento acordado procurando, cheirando, fumando, se picando. Qualquer coisa para se livrar dos sintomas da abstinência.

Houvera momentos em minha vida nos quais estive relativamente sóbrio, mas eu era como a piada do Velho Oeste:

*O que você consegue quando um ladrão de cavalos bêbado fica sóbrio?
Um ladrão de cavalos.*

Eu era um guitarrista frustrado com uma história de vida bem difícil e tendo de lidar com minha dor, raiva e solidão. Eu me medicava. Mas não encontrei realmente nenhuma solução até ter começado com a heroína. Para mim, a heroína foi a bala mágica. Mudou a forma como eu olhava para o mundo. Matou toda a dor, mais ainda do que o álcool. Beber alimentava minha raiva. Quando eu tomava heroína, ficava suave. Quando eu era moleque, nunca teria imaginado que seria um viciado. Principalmente, um viciado em heroína. Eu era Testemunha de Jeová e ainda consigo me lembrar da edição da revista *A Sentinela* com sua dolorosa e séria mensagem antidrogas e a foto de um viciado na capa, um velho sujo e fedido se injetando com uma tampa de garrafa enferrujada.

Mas não era assim que os viciados em heroína se drogavam, a menos que estivessem trancados numa prisão turca ou algo assim. A heroína era muito mais acessível e popular do que eu tinha acreditado. Muito mais traiçoeira também. Você toma um pouco de heroína e o cérebro fica confuso. Ele diz: “Hummm, parece que você não precisa excretar nenhuma dopamina hoje. Já tem o suficiente no sistema!”. Então, o cérebro manda a glândula pituitária tirar férias. Enquanto você continua alimentando o corpo (e assim, o cérebro) com mais opiáceos, a coisa continua. Mas aqui está o problema: se o mecanismo natural do corpo para produzir dopamina (e endorfinas) fecha por um dia e depois reabre, você vai se sentir um pouco mal. Se ele fecha por três dias, você fica realmente doente.

Eu estava disposto a pagar o preço, assumir qualquer risco envolvido. Francamente, tudo parecia ser parte do pacote. Eu era um rebelde do rock ‘n’ roll numa banda ferrada. Tinha uma namorada bonita e uma ampla reputação musical, aumentada pelo fato de que a maioria das pessoas que seguia o heavy metal conhecia meu papel no Metallica.

Uma dessas pessoas era Chris Poland, guitarrista que tinha tocado anteriormente numa banda de jazz fusion de L.A. com Gar Samuelson. Os dois, na verdade, tinham estudado juntos em Buffalo (daí o nome da banda deles: New Yorkers) e tinham vindo para a Califórnia em busca de fama, fortuna e sabe Deus mais o quê. Chris, como Gar, era amigo de Jay Jones.

– Caaaaara, você precisa conhecer esse cara – falou o Jay. – Ele tocou com Gar e é muito foda.

Naquele ponto, Jay estava correto. Ao contrário de Gar, que era naturalmente relaxado e quase anêmico na aparência, Chris era sólido e ambicioso. Ele se apresentou depois de um show do Megadeth numa noite e basicamente pediu um lugar na banda. Depois de conhecer o Chris, fiquei totalmente surpreso que ele parecesse tão robusto, dada sua relação com Jay e Gar. Meio que esperava outro viciado jazzista doentio. Mas, tanto em atitude quanto em aparência, Chris era forte, em parte por ter uma namorada, chamada Lana, cujos pais tinham várias barracas de burrito (a gente chamava de “vagões de vermes”), que entregava comida para construções por toda a cidade. Então Chris raramente tinha problemas para conseguir uma refeição (ou “ficar bem”), a menos que brigasse com a namorada ou ela brigasse com o pai, o que acabaria acontecendo. A vida de um viciado raramente é uma linha reta.



O primeiro cenário do Megadeth

Ouvi Chris por dez minutos antes de tomar minha decisão. O cara era um guitarrista com uma incrível destreza – melhor do que eu na época, com

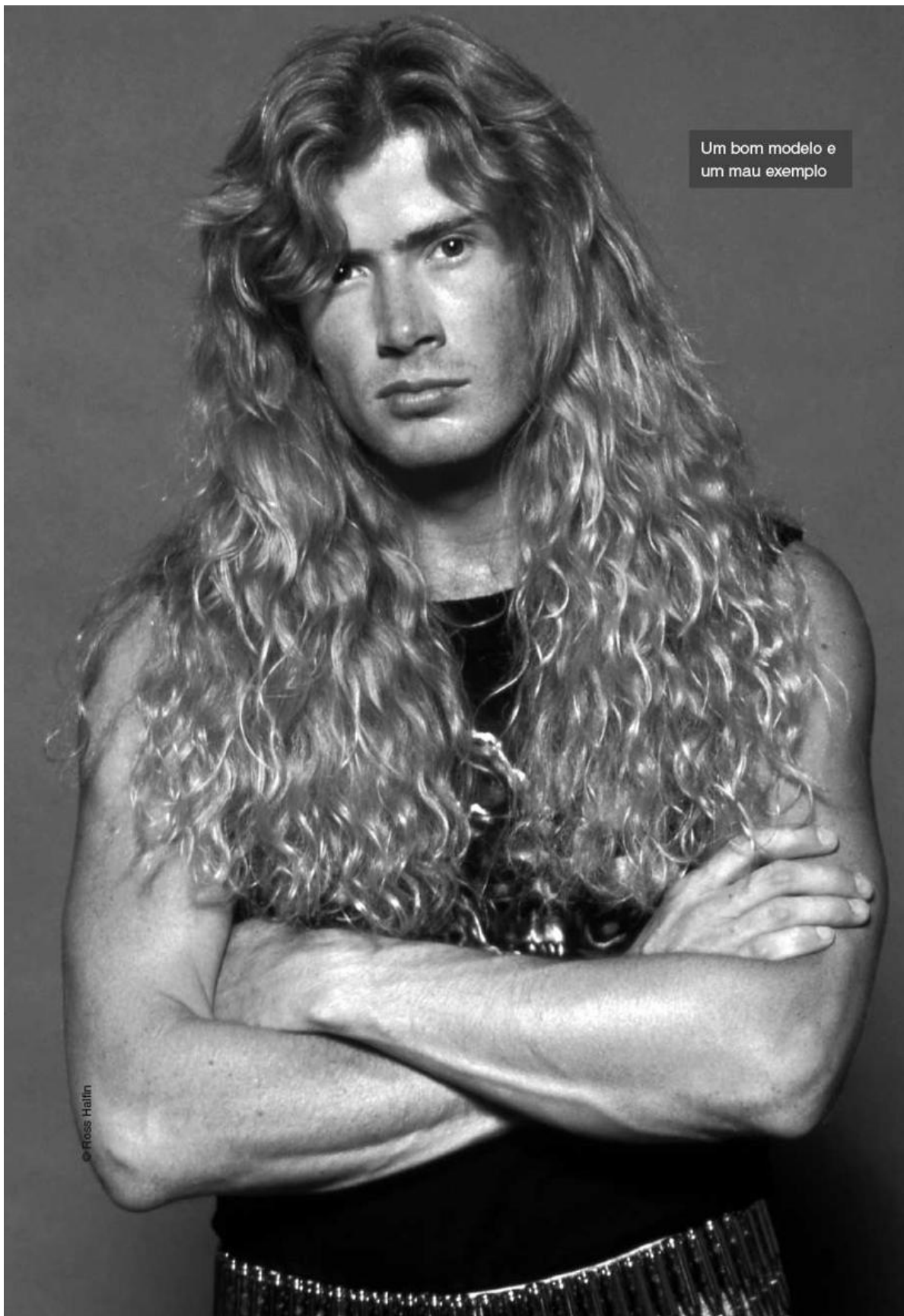
certeza – e, como Gar, tinha muita experiência com jazz, o que acrescentava nuance à forma como tocava. Igualmente importante era o fato de que ele e Gar já tinham desenvolvido uma certa química por terem tocado em outra banda juntos e por serem amigos há tanto tempo. Isso era importante para mim, principalmente depois da forma horrível como tinha rompido com o Metallica. Eu queria essa proximidade. Sempre disse que, quando você está numa banda com alguém, tocando músicas juntos, não dá para ser mais próximo... mais que isso, só se fizer sexo. Agora, a verdade é que a maioria dos caras em bandas faz sexo com o outro, de uma forma indireta – transando com a mesma garota, compartilhando namoradas, porque, sabe, quando você está numa banda, nada é “meu” e tudo é “nosso”.

Mas estou viajando.

A questão é: Chris era o mais perfeito possível. Então oferecemos a ele a vaga na hora.

E saímos para beber e comemorar.

15 Não monogâmico, claro; eu permaneci um alcoólatra sempre de olho em outras garotas durante um bom tempo.



Um bom modelo e
um mau exemplo

© Ross Halim

7

Missão: quebrar todas as regras de Deus e do homem

“E, por falar nisso, quando encontrar seu guitarrista, diga-lhe que o agradeço por ter mordido minha buceta.”

Jay Jones tomava conta de nós, digamos.

Ele aparecia no Mars Studio quase todo dia, por volta do meio-dia, bem quando Ellefson e eu estávamos começando a sair de nossa letargia. Para ajudar a limpar as teias de aranha, Jay nos levava a um lugar chamado Norm's, uma lanchonete de bairro realmente grotesca onde, por 5,99 dólares, você tinha um pedaço de carne seca, batatas (como purê, ao forno ou fritas), um pedaço de alface congelado e uma tigela de gelatina como sobremesa. Ah, claro – um copo enorme de chá gelado ou limonada. A comida era horrível, mas não reclamávamos. Havia muita e não estávamos pagando. É incrível como se precisa de pouca coisa para sobreviver quando se é jovem e quer alcançar objetivos tanto nobres (sucesso artístico) quanto pouco nobres (a dose diária de heroína ou cocaína).

A gente tinha aprendido a comer por literalmente centavos por dia. Jay não se importava em pagar, apesar de sempre ter pouco dinheiro, porque o

Megadeth era sua passagem para uma vida melhor. Acho que ele gostava mesmo da nossa companhia – estávamos fazendo festa o tempo todo e Jay era nosso facilitador. Depois do almoço, a gente ia a um bar perto, onde Jay completava a transação do dia, distribuía um balão de heroína e a gente ficava bem, a tempo de começar o ensaio. Cada um de nós tinha seu método preferido de ficar chapado. Eu comecei cheirando heroína, depois (como com a cocaína) passei a fumar, o que dá uma intoxicação mais rápida e mais intensa. Gar e Chris Poland tinham muito mais experiência; os dois eram usuários de drogas intravenosas quando os conhecemos. Vício, no entanto, é vício, e não quero minimizar ou distorcer minha própria capacidade de autodestruição, mas podia ver desde o começo que injetar era outra história, e francamente um pouco assustador demais para meu gosto. Injetei heroína umas duas vezes. Não gostei de como me senti, não gostava das agulhas, não gostava de toda a cultura ao redor disso (que geralmente envolvia o compartilhamento de seringas). Parecia simplesmente perigoso, pouco saudável e, bem, nojento.

Que fôssemos capazes de fazer música – às vezes, até boa música – enquanto vivíamos dessa forma continua sendo algo espantoso. Mas fazíamos. Éramos jovens, ambiciosos, talentosos e indestrutíveis. Ou era o que pensávamos. Antes de Chris entrar na banda, tínhamos gravado uma demo com três músicas (“Loved to Death”, “The Skull Beneath the Skin” e “The Mechanix”) que aos poucos começou a se espalhar pela rede underground de troca de fitas e distribuição, da mesma forma que *No Life Till Leather* tinha funcionado para o Metallica. A gente tocou por toda a Costa do Pacífico, principalmente em L.A. e San Francisco, montando um feroz show que era às vezes brilhante, às vezes descuidado, mas nunca chato. Nesse ponto, o primeiro disco do Metallica tinha virado um sucesso e a banda estava crescendo. Eu tentava não prestar atenção, mas era difícil (e só foi ficando mais difícil). Em entrevistas, Lars Ulrich ocasionalmente difamava minha contribuição para o Metallica, descrevendo-me

alternativamente como um guitarrista temporário ou uma mera nota de rodapé. Mais de uma vez ele chegou a criticar a forma como eu tocava. Bem, era mais do que eu conseguia aguentar. Se quer dizer que eu era um bêbado, tudo bem. Eu era um bêbado. Se quer dizer que eu dava trabalho, certo. Eu dava mesmo. Deveria ter entrado nos eixos. Mas não venha mentir sobre minha capacidade de tocar; não venha sugerir que eu não fiz grandes contribuições para tudo que a banda realizou em seu estágio embriônico. Sem minhas músicas e meus solos – sem minha energia – não sei se o Metallica teria se transformado na banda que chegou a ser. Uma declaração ousada, talvez, mas aí está. E eu ficava muito puto por Lars não ter a cortesia de ser, pelo menos, respeitoso.



Flyer de um dos primeiros shows do Megadeth

Respondi da maneira mais ridícula e juvenil possível. Nos anos seguintes, enquanto o Megadeth abria seu próprio nicho, brigando contra o Metallica pela supremacia do thrash metal, jornalistas e radialistas geralmente pediam entrevistas. Invariavelmente, eu desviava qualquer discussão para longe do Lars, às vezes falando em dinamarquês.

– *Godmorgen* – eu dizia com um sorriso.

Os problemas que estivera carregando sobre os ombros desde minha infância ficaram cada vez mais pesados com o crescimento da reputação do Megadeth. Nossos shows, combinados com a demo, naturalmente provocaram interesse das gravadoras. Meu objetivo era conseguir um contrato com uma gravadora importante logo no começo, mas ficou evidente, em pouco tempo, que não tínhamos força para que isso acontecesse. Quer dizer, não poderíamos fazer isso em nossos termos.

Durante uma viagem a Nova York, houve um breve flerte com uma gravadora grande. O diretor da empresa na época era um carismático gay, bastante fora do armário. Posso afirmar com algum grau de certeza que, apesar de saber bastante do seu trabalho, ele também tinha uma personalidade bastante estranha e agressiva. Eu o vi certa noite no Limelight, uma boate popular em Nova York. O executivo da gravadora tinha nos levado lá como parte de nossa viagem de recrutamento e isso definitivamente teve o efeito desejado. Uma das primeiras pessoas que vi quando entrei foi o guitarrista do Cars, que era uma das principais bandas do momento. “Let the Good Times Roll” estava entre as primeiras canções que aprendi quando tocava numa banda no colégio, então não pude deixar de sorrir quando passei por ele, pensando: Cara, eu consegui – estou bebendo com o cara do Cars!

Como sempre acontecia nas boates em Nova York nos anos 1980, terminamos no banheiro cheirando carreiras de cocaína. E aí entrou o executivo da gravadora. Eu já tinha saído com ele antes, então sabia de sua prodigiosa capacidade para curtição, mas esse incidente em particular me

pegou de surpresa. Ele veio até nós, tirou umas pílulas do bolso (ecstasy, suponho), enfiou em nossa boca e depois tentou selar o acordo com um grande beijo.

Júnior, o cara do meio-oeste longe de casa, ficou ali parado com um olhar vazio. O executivo da gravadora, enquanto isso, ria como louco. Eu consegui falar somente um fraco “Que merda?!”.

Não sei se essa era a ideia de brincadeira do cara ou somente sua forma de tratar bem os convidados. Talvez, pensei, esse tivesse sido o primeiro de uma longa lista de favores trocados que ele esperava de nós. Mas eu não ia fazer isso. Se, para conseguir um acordo com uma gravadora grande, eu teria de apresentar meu pinto à bunda de algum cara... bem, então o Megadeth seguiria uma rota independente.

A gente se encontrou primeiro com representante da Enigma Records, um pequeno selo com uma lista razoavelmente forte de artistas em seu portfólio. Quando aquilo não deu em nada, a gente tentou a Combat Records, um selo independente de Long Beach que era, de alguma forma, parte do império Sony. Representando a Combat naquela reunião estava Cliff Cultreri, o vice-presidente.

Cliff era acessível. Nascido e criado em Nova York, era meio gordinho, falava com uma voz nasal estilo Adam Sandler e parecia mais interessado em ser nosso amigo do que em desempenhar o papel de executivo de gravadora. Que eu me lembre, naquela reunião, Júnior e eu fomos um pouco petulantes. Estávamos sendo procurados por selos grandes e pequenos, e outros mais estavam batendo na porta. Parecia improvável que fôssemos sair dessa sem um contrato. Na verdade, cinco minutos depois que saímos do escritório da Combat Records, Cliff Cultreri veio correndo pela rua, gritando: “Esperem! Esperem!”. Quando ele nos alcançou, seu rosto estava vermelho e coberto de suor, o coração acelerado. Por um momento, pensei que ele ia ter um ataque cardíaco.

– Eu... liguei... para... Nova York – falou ofegante. Presumi que estava se referindo à empresa-mãe, mas ele não explicou. Provavelmente porque estava muito cansado. Ou muito animado. Talvez os dois. – Eles querem... contratar... vocês.

Então fomos contratados pela Combat Records e não demorou muito para os porcos do *show business* começarem a se aproximar, tentando tirar alguma vantagem, me ensinando por que precisava contar meus dedos sempre que apertava a mão de alguém e por que precisava ficar de costas para a parede. A educação demoraria um pouco. Não estava muito interessado na parte de negócios naqueles dias. Queria fazer música, ficar chapado e transar. Não necessariamente nessa ordem. O Megadeth facilitou a conquista desses objetivos abertamente hedonistas, e nos preocupávamos pouco pelos danos causados a amigos, familiares ou à nossa reputação.

Depois de sair do estúdio, eu era essencialmente um sem-teto, apesar de que Ellefson me deixou ficar em sua casa por um tempo. Estava fumando cocaína e heroína. Éramos viciados, éramos barra-pesada, éramos alcoólatras. A gente fumava maconha, brigava e transava. E não tinha nem um pinga de remorso. Como uma vez falou Chris Poland: “Acho que nossa declaração de princípios era que queríamos quebrar todas as regras de Deus e do homem, e a gente praticamente conseguiu”.

Na verdade, havia outra declaração de princípios, uma mais precisa, talvez não mais articulada, expressa em nossas aspirações criativas. Apesar de mudar com alguma regularidade, o sentimento era consistente: fazer do Megadeth a “banda de heavy metal mais rápida, incrivelmente pesada e ultrafuriosa da história”.

Ou alguma besteira como essa. Parecia bom na época e se a frase deixava muito a desejar, pelo menos o espírito era admirável. A gente ia ser mais pesado que o heavy metal, mais rápido que as bandas de speed ou thrash metal. Iríamos redefinir o gênero. Em nossos próprios termos.

Apesar da promiscuidade desenfreada que acontecia em nossa vida, todos tínhamos namorada nessa época. Eram relacionamentos de conveniência e nada mais. Diana permanecia sendo meu verdadeiro amor, mas como ela vivia com os pais e eu precisava de um lugar para morar, me mudei por um tempo para a casa de uma garota chamada Sharon.

Estávamos uma noite dirigindo por aí na van do Ellefson, tomando branca chinesa (heroína sintética) quando Chris Poland e eu começamos a discutir. Chris tinha uma personalidade volátil – provavelmente não era a melhor companhia para alguém como eu – e já tínhamos discutido feio em outros momentos. Isso era devido à natureza inflamável de nosso relacionamento, mas também ao fato de que a heroína tem uma tendência a torná-lo... digamos... ranzinza. Não quando se está chapado, claro – os usuários ficam geralmente bem relaxados, enquanto estão chapados. Mas quando não se está bem, aí a história é diferente. Você fica intensamente irritado – Poland costumava chamar isso de “chatice da heroína” – e naquele estado, é fácil ficar muito puto.

Esqueci exatamente como começou a briga. Só me lembro de Poland brigando incessantemente com Sharon e com a namorada de Ellefson, Robin, o volume aumentando, os insultos e as ameaças ficando piores, até que finalmente foram trocados uns tapas, com as duas garotas mandando tapas no Chris e ele respondendo com um soco. Os gritos continuaram até que Ellefson pisou no freio e parou. Sem saber quem culpar, mas pensando que qualquer cara que briga com uma mulher (ou duas) merece tomar uns chutes na bunda, eu arranquei Poland da van e comecei a bater na sua cabeça, tentando com todas minhas forças deixá-lo inconsciente. Mas ele não caía. O cara estava tão fodido que se recusava a desistir, então essencialmente se tornou um nocaute técnico. Só a intervenção de Scott Menzies, um dos melhores amigos de Chris (e futuro road manager do Megadeth), evitou que eu acabasse matando o Chris naquela noite. Scott pulou nas minhas costas e me puxou; enquanto ele e Ellefson tentavam me

acalmar, Sharon pulou no assento do motorista e acelerou. A van pulou por cima do meio-fio e voou para um Bob's Big Boy do outro lado da rua. Felizmente, Scott estava funcionando em modo herói naquela noite. Assim que Sharon pisou no acelerador, ele pulou de cabeça pela janela, para dentro da van, brigou com ela pelo controle do volante e levou o carro para o parque.

A van fez um barulho horrível e parou. Ainda acredito que, se o salto mortal de Menzies tivesse ocorrido um ou dois segundos depois, Sharon teria passado por cima de metade dos clientes no Bob's Big Boy. Ela era capaz dessa loucura e se não fosse pelo fato de que eu precisava de uma cama quente e comida, tenho certeza de que nosso relacionamento não teria durado tanto. Mas esse foi o fim da linha. Demorou quase uma hora para tentar limpar essa bagunça. Encontramos o Chris, que tinha saído correndo, depois fomos para a casa de Sharon. Quando chegamos lá, ela tinha desmaiado na parte de trás da van, então a colocamos no jardim da frente do seu prédio. Jogamos umas garrafas de vodka vazias perto dela, para aumentar o desgosto de qualquer vizinho que pudesse vê-la.

Quando voltei mais tarde, não sentindo nem um pouco de culpa e simplesmente precisando de algum lugar para dormir, Chris estava no sofá da sala de Sharon. Não me importei, não pensei em nada. A gente caía onde estivesse naqueles dias. Acordei na manhã seguinte com uma ressaca brutal e imediatamente procurei um Quaalude para diminuir a dor de cabeça. Depois de dar uma olhada em Poland, decidi dividir a pílula pela metade.

– Ei, cara – falei, recuando ao ver o rosto inchado dele. – Acho que vai precisar disso.

Ele pegou a pílula, agradeceu e lá fomos nós para o ensaio, sem problemas. Mas com Sharon, no entanto, a coisa foi diferente.

Quando voltei para o apartamento à noite, toda minha merda estava empilhada no corredor do lado de fora. Quase tudo que era meu – discos, estéreo, roupas, até mesmo uma lata de bolacha com um pouco de maconha

– tinha sido removido do apartamento. A única coisa que faltava, estranhamente, era meu escorpião de estimação (um presente de um dos meus clientes). Tirando o fato de não ter mais um lugar para ficar, não me importava muito com a dissolução do meu relacionamento com Sharon, e certamente não a culpava por me chutar; não a tratara muito bem. Mas fiquei puto por ela ter deixado tudo no corredor, onde poderiam ter roubado, e queria meu escorpião de volta.

Tentei bater na porta por um tempo; ninguém atendeu, então convenci um vizinho a me deixar entrar e conseguir acessar o apartamento de Sharon pelo lado de fora, pulando de varanda para a varanda, três andares de altura. No final, cheguei ao apartamento dela e o que vi me deixou assustado. Lá estava Sharon, meio vestida, com uma mulher de mais de 100 quilos e cabelos brancos, que parecia um homem. Eu nunca tinha visto aquela mulher antes.

– O que você quer? – gritou a mulher.

– Uhhhhh... quero meu escorpião de volta.

Sharon veio até a janela e começou a gritar comigo.

– É? Bom, que pena. Não vou devolver seu escorpião. – Ela fez uma pausa, sorriu. – E, por falar nisso, quando encontrar seu guitarrista, diga-lhe que o agradeço por ter mordido minha buceta.

Não tinha resposta para isso. Tudo que pude fazer foi ficar ali, de queixo caído, pensando: “Uau... Poland. Você trepou com a minha namorada. *Touché*, irmão.”

O primeiro disco do Megadeth se chamou *Killing Is My Business... and Business Is Good!* Do conceito ao produto final, foi uma aventura, durante a qual aprendi mais sobre a indústria musical do que já imaginei. E a maior parte desse aprendizado não foi particularmente encorajadora. Ah, as prévias foram ótimas – criar os riffs no ensaio, compor as músicas, aprender

a ter confiança em minha própria capacidade não só de tocar guitarra, mas de cantar. Isso foi um obstáculo mais pesado. Até irmos ao estúdio, eu ainda estava considerando a possibilidade de contratar um vocalista em tempo integral. Antes de fazer nossa demo, tinha um cara que gostávamos. Seu nome era Billy Bonds, mas ele apareceu uma noite para ensaiar usando delineador e maquiagem, e foi o fim. Não me importava se o cara podia cantar como o Robert Plant – um *wannabe* de banda de glam rock não poderia nunca ser a cara do Megadeth.

© Brian Lew



Segundo show, Ruthie's Inn, Berkeley, 1984

– Foda-se – disse Ellefson. – Por que você não tenta cantar?

Demorou um certo tempo para aprender a técnica apropriada. Não sabia como respirar de forma correta ou como me cuidar para não destruir minhas cordas vocais. Consequentemente, desenvolvi uma voz única. Nem todo

mundo é fã, claro. Mas não há como questionar a originalidade. Quando você ouve uma música do Megadeth, sabe quem é. Minha voz é tão reconhecível quanto a de James Hetfield ou de Axl Rose. Abrir mão da segurança do (relativo) anonimato que um guitarrista desfruta foi igualmente desafiador. Digam o que quiserem dos vocalistas: eles são arrogantes, egocêntricos, imaturos, petulantes, hipersensíveis. Eles também são bem corajosos. Sem esse atributo em particular, não dá para subir ao palco e cantar. Simplesmente não dá.

Depois de receber os contratos da Combat Records e descobrir que a linguagem era quase indecifrável (eu fiquei mais esperto com essas coisas), precisei encontrar um advogado. Jay Jones sugeriu um com quem já tinha feito alguns negócios no passado e pensamos, bom, se o Jay diz que é bom, então deve ser. No final, essa não foi uma decisão que funcionou a meu favor. Lembro de olhar para o contrato e me perguntar por que ele parecia tão unilateral, com tudo a favor da gravadora. Percebi incentivos para o advogado, mas não era esperto o suficiente para questionar nada disso. Só queria fazer música e me divertir. Era tudo que queríamos.

Nesse ponto, éramos viciados completos. Em mais de uma ocasião visitei, com David Ellefson, o advogado e eu dormia assim que ele começava a falar em legalês. Júnior ficava acordado e tentava prestar atenção, mas não tinha ideia de que merda o advogado estava fazendo e tenho certeza de que seria o primeiro a admitir. Quando a tinta secou sobre todos os contratos, a gente tinha o mais patético acordo da história do rock 'n' roll. Mesmo pelos pobres padrões dos selos independentes, a gente estava ferrado.

Todo nosso orçamento era de 8 mil dólares, um número tão insultantemente baixo que era quase ridículo. E, mesmo assim, fomos intrépidos. O disco seria gravado num estúdio chamado Indigo Ranch, em Malibu. O estúdio tinha sido originalmente construído pelo e para o Moody Blues nos anos 1970 (por isso o nome *Indigo*), então, havia um legado de

profissionalismo e sucesso, que foi importante para nós. Todo artista recebe uma carga quando entra num estúdio ou numa sala de show e para no mesmo lugar em que grandes músicos tocaram no passado. É bom pensar que a história viaja pela nossa medula, transformando-nos em algum tipo de musa. Se isso parece um pouco místico, bem, é verdade. De todas as formas, apesar do orçamento perversamente minúsculo, eu estava animado por entrar no estúdio e deixar uma marca no mundo.

Infelizmente, as coisas começaram a dar errado desde o primeiro momento. Gar e Chris apareceram com Jay Jones, armados com uns 50 quilos de hambúrguer congelado e uma boa provisão de cocaína e heroína. Basicamente, gastamos quatro mil em drogas e os outros quatro para fazer o disco, que é uma das muitas razões pelas quais *Killing Is My Business* não saiu do jeito que eu esperava. Colocando de uma maneira simples, ficamos sem dinheiro.

O mais incrível é que também ficamos sem drogas depois de uma semana. Sem drogas, ficávamos incapacitados. Sem drogas, não haveria disco. Então, liguei para um amigo e implorei ajuda para encontrar alguma cocaína. Terminamos indo de Malibu até Manhattan Beach para conseguir a coca e foi terrível, uma merda batizada que não ajudou em nada o processo.

Frustrados, bravos e com abstinência, terminamos demitindo Jay Jones no meio do projeto (apesar de que ele iria entrar e sair de nossa vida outras vezes no futuro). Por algum tempo, fiquei achando que não conseguiríamos terminar o disco. Ellefson e eu estávamos vivendo na época com um cara chamado Karat Fay, que foi o engenheiro de som de *Killing Is My Business*. Karat era bem competente, mas também outro louco da longa lista de caras associados com Jay Jones (que o havia contratado para o emprego). No alto do currículo de Karat estava o fato de que já tinha trabalhado com o Kiss. Por que algum velho que já tinha aberto a porta para o Kiss deveria ser o cara certo para o Megadeth, eu não sei. Mas lá estava ele. Karat era bem legal e me deixou dormir na sua casa depois que Sharon me expulsou. Isso

foi algo generoso e eu tampouco tinha muitas opções. Mas depois de alguns dias vendo Karat andando pela casa pelado (algo que ele fazia de forma muito frequente, para meu gosto), comecei a pensar aonde exatamente minha vida estava indo.

© Brian Lew



Conseguir seguidores ia demorar um pouco, mas os fãs estavam lá desde o primeiro show

A gente acabou indo até a gravadora e conseguindo uns 4 mil dólares, assim, todo o disco custou uns 12 mil para fazer. Uma ninharia, na verdade. Mas a gente terminou, entregou e começaram as discussões sobre a arte de capa. Isso também acabou sendo uma decepção.



Cantar não foi ideia minha!

Eu tinha um desenho mais ou menos do logo para o Megadeth e, com a ajuda de um amigo chamado Peyton Tuttle, tínhamos desenhado uma arte original bem antes de gravar o primeiro disco. Eu tinha desenhado o logo porque queria fazer uma tatuagem que incorporasse meus sentimentos sobre a religião, repressão e liberdade de expressão. O logo mostrava uma caveira com ossos, havia outros ossos colocados, de tal forma que pareciam quase crucifixos gêmeos. No final, isso levou à criação de nosso mascote, Vic Rattlehead, uma criatura esquelética cujos olhos, ouvidos e boca estão cobertos ou fechados com grampos – “não veja o mal, não fale o mal, não ouça o mal” – e cuja evolução mítica foi o centro de uma música chamada “Skull Beneath the Skin”, a terceira faixa de *Killing Is My Business*. Na canção, o pobre Vic se encontra com uma sessão de magia negra; ele é agarrado, capturado e... bem, muitas coisas ruins acontecem com ele.

*Prepare the patient's scalp
To peel away
Metal caps his ears
He'll hear not what we say
Solid Steel Visor
Riveted across his eyes
Iron staples close his jaws
So no one hears his cries¹⁶*

Quando contei à Combat meu conceito para o logo, eles não viram nada de errado. Entreguei a arte e esperei para ver o produto finalizado. Hoje, eu lidaria com essas coisas de forma diferente. Eu me envolveria em todos os aspectos. Insistiria em ver esboços e provas. Trabalharia junto com os artistas gráficos encarregados do desenho. Mas eu era um novato, e a gravadora me tratou desta forma. Até hoje não sei o que aconteceu com a arte que eu sugeri – se perderam ou ignoraram. Sei que, quando o disco saiu e eu vi o que tinham feito, fiquei espantado. O formidável Vic tinha sido reduzido a uma caricatura. Em vez de uma imagem brilhante e perturbadora, a capa de *Killing Is My Business* mostrava o que parecia ser uma caveira de plástico de Halloween e uma variedade de acessórios baratos. Parecia como se alguém tivesse virado uma lata de cerveja ao contrário e usado como visor para cobrir os olhos; o sangue parecia ketchup. Tudo no desenho tinha cara de amador. Lembro de segurar a capa nas mãos e dizer: “Vocês devem estar brincando”.

Pobre Vic. Ele merecia algo melhor. Vic tinha nascido não tanto por causa do meu desprezo pela religião organizada e mais pelo fascínio com as histórias em quadrinhos. Quando eu era moleque, ia até a loja da esquina e comprava pacotes de cartões de beisebol com chiclete dentro. Um dia, eles tinham cartões de super-heróis e eu consegui um com o Homem de Ferro dentro. Depois, outro com o Capitão América, e logo estava devorando

revistas de quadrinhos, submergindo em um mundo de fantasia de heróis com defeitos, mas corajosos. Queria ser como eles. E se você pensa nisso, Vic tem bastante a ver com os quadrinhos. Muito do sucesso do Megadeth pode ser relacionado a certas imagens icônicas, e na forma como elas se encaixam em nossas letras. Uma das canções mais populares, por exemplo, é “Holy Wars: The Punishment Due”, cuja segunda metade é baseada em *The Punisher* [O Justiceiro], uma *graphic novel* sobre o grande Frank Castle. A inspiração está em todas as partes e a minha, pelo menos no começo, vinha do reino vastamente subestimado e pouco apreciado dos quadrinhos e das *graphic novels*, principalmente as que tinham uma visão niilista.

Vic devia servir como uma homenagem. Em vez disso, nessa encarnação, ele apareceu como uma piada. Não exatamente do jeito que eu tinha planejado. Anos depois, *Killing Is My Business* foi relançado com uma arte que refletia melhor o que eu tinha em mente. Mas em 1985, ficamos presos àquela caveira de plástico com ketchup. E não havia nada a fazer sobre isso.



O disco em si, apesar de não ser exatamente uma obra-prima, estava longe do embaraço que a arte da capa sugeria. Havia muita coisa boa em *Killing Is My Business* – a energia, a velocidade, as histórias. Com certeza, o som estava um pouco embolado, mas é o que se consegue com 12 mil dólares. Há boas músicas naquele disco que se sustentam até hoje, principalmente quando você ouve a versão remasterizada digitalmente; com tudo isso considerado, tenho orgulho da forma como ele saiu. Apesar de nem chegar perto de ganhar platina, o disco vendeu bem, principalmente para uma banda desconhecida num selo independente, e foi bem recebido por críticos que se deram ao trabalho de ouvir.

Apesar de *Killing Is My Business* ter anunciado o Megadeth como uma nova voz no heavy metal, foi na verdade uma velha canção pop que se

tornou a faixa mais conhecida do disco. A música era “These Boots Are Made for Walkin’”, um blues que ficou famoso na voz de Nancy Sinatra nos anos 1960. Ainda consigo ouvi-la saindo das caixas de som do Ford Fairlane da minha mãe, estacionado na praia do Lago Cachuma, com as portas abertas e o som distorcido enquanto pulávamos na água.

“You keep saying you got something for me...”

Eu me conectei com essa música de uma forma bem visceral; ela me atraiu de um jeito que nunca consegui entender. Pode ter sido algo hormonal, claro, mas mesmo assim... quando isso acontece, você simplesmente não esquece. Quando a gente se juntou e começou a ensaiar para o primeiro disco do Megadeth, a oportunidade de fazer um cover se apresentou. Era uma forma fácil de adicionar algum material para o disco, dar um pouco de espaço para respirarmos se não tivéssemos material suficiente; naqueles dias, havia um espaço fixo para cada lado do LP em vinil antes de os sulcos do disco diminuírem a ponto de serem incompatíveis e as canções começarem a se sobrepor. Não queríamos colocar muito material naqueles primeiros discos, por medo de ter problemas técnicos. Então criamos uma fórmula simples: quatro canções de cada lado do disco, oito no total. Cada música tinha mais ou menos quatro minutos de duração. Fomos até o estúdio para gravar *Killing Is My Business* armados com sete músicas originais. Isso significava que havia espaço para mais uma. E eu queria que fosse algo completamente diferente, algo totalmente inesperado. Algo que você nunca esperaria ouvir de uma banda de speed metal.

A escolha era óbvia.

Não foi difícil convencer os outros caras da banda que “These Boots Are Made for Walkin’” seria perfeita para fechar o disco.

– Vejam, somos um tipo de banda de jazz esfumaçada, não é? – falei, exagerando só um pouco (está bem, talvez muito). – Vai ser perfeito.

A canção ficou boa no disco e era sensacional quando tocada ao vivo. Tornou-se a favorita dos fãs, principalmente quando acrescentávamos um pouco de drama, arrastávamos a intro de blues e a transformávamos em uma obra-prima. Um dos roadies ficava ao lado do palco e jogava um banco de bar para Júnior. Com as luzes apagadas, ele acendia um cigarro e se sentava ali, tocando, enrolando a intro de baixo por quanto tempo quisesse. Finalmente, no final da intro, eu gritava: “É isso!”, e a guitarra entrava, depois a bateria, e a canção era do Megadeth. Era quando Ellefson ficava de pé e chutava o banquinho para fora do palco.

Falando no geral, não sou grande fã de bandas que ficam fazendo jam. Já vi algumas tocando durante as paradas em que o vocalista vai ao banheiro ou para que se trocasse ou vai saber o que mais. Raramente, na minha opinião, isso funciona. É como aquela velha piada popular entre músicos, na qual dois caras estão caminhando nervosos pelo meio da floresta, ouvindo a batida rítmica da bateria a distância. E, de repente, a bateria para.

– Más notícias – um deles fala.

– Por quê?

– Agora começa o solo de baixo.

É verdade. Mas no caso de “These Boots Are Made for Walkin’”, um pouco de jam era apropriado. E inteiramente dentro do espírito do Megadeth.

A única pessoa que não gostou da nossa versão de “These Boots Are Made for Walkin’” foi o compositor, Lee Hazlewood, apesar de que, algo interessante, ele demorou muito tempo para mostrar seu descontentamento. Eu tinha alterado um pouco a letra numa tentativa de apelar aos garotos que formavam a base da nossa audiência. Por exemplo, “something you call love, but confess” tornou-se, na versão do Megadeth, “something you call love, but I call sex”. Honestamente, pensei que as mudanças eram tão pequenas que não importavam muito, mas Lee pensou diferente e acabou

pedindo que tirássemos nossa versão “vil e ofensiva” das próximas edições do disco.

Vale a pena notar que o protesto de Lee foi feito mais de dez anos depois que *Killing Is My Business* fora lançado. Um cínico poderia argumentar que as sensibilidades do Sr. Hazlewood ficaram ofendidas só depois que diminuiu o dinheiro dos *royalties*. Sei que ele nunca deixou de descontar cada cheque. Independentemente disso, seu protesto recebeu alguma atenção da mídia e nós concordamos. Pelo menos por um tempo. Quando relançamos o disco alguns anos atrás, “These Boots” foi incluída, mas com toda a letra original de Lee Hazlewood reproduzida de forma indecifrável. Minhas palavras estavam audíveis; as de Lee tinham um bipe.

Pode chamar de estranha concessão. Eu prefiro pensar que é um triunfo da tecnologia sobre a hipocrisia.

16 Preparem o escalpo do paciente / Para ser cortado / Tampas de metal em seus ouvidos / Ele não vai ouvir o que falamos / Visor de aço sólido / Fixos em seus olhos / Grampos de ferro fecham sua boca / Assim ninguém ouvirá seus gritos.

Backstage do Megadeth: Gar Samuelson, David Ellefson, eu, e atrás de pé, Mike Albert



8

Familiaridade traz desprezo

“Por que caralho a sua puta está fugindo com a limusine?”

Foi como um foguete. Assim me senti nos primeiros dias do Megadeth. Tudo aconteceu tão rapidamente e nossas relações eram tão inflamáveis, que a melhor estratégia era simplesmente aguentar e esperar o melhor. Chris Poland uma vez disse que era como estar no filme *Clube da Luta* – toda noite. Não foi uma analogia ruim, realmente. Infelizmente para Chris, era raro ele conseguir o papel de Tyler Durden, esse normalmente era meu.

Toda banda tem seus problemas, sendo que manter a formação intacta é um dos maiores. Admiro qualquer banda cuja carreira se estende por décadas, em vez de anos, sem múltiplas mudanças. Bandas como Rolling Stones, U2 e um punhado de outras. Persistência desse tipo exige compromisso, mas também sorte, diplomacia e bom senso. A única vez em que isso acontece é quando o sucesso vem cedo, os papéis estão bem definidos e aceitos, e o dinheiro é tanto que todos percebem a besteira que é deixar o barco.

Na maioria dos casos, no entanto, uma banda passa por mudanças sísmicas muito antes de alguém começar a ver um centavo. Logo, é preciso tomar uma decisão: mantenho meu compromisso com a banda ou faço algo diferente com a minha vida? Você está sentado em casa, com sua mãe e os

caras estão esperando para ensaiar. Você vai... ou fica? A sua mãe pensa que “ensaiar” significa “ficar na farra” (o que geralmente é verdade). Os companheiros de banda, por seu lado, pensam que “passar um tempo com sua mãe” significa “não estou nem aí para a banda”. Então, você perde das duas maneiras. Todas as bandas acabam se separando por causa de algum desses quatro Ps: poder, propriedade, prestígio, putas.

Quando o Megadeth se preparava para a primeira turnê, éramos uma coleção impressionante de narcisistas selvagens degenerados. Honestamente acreditávamos que era possível beber, usar drogas e trepar como Calígula a noite toda e ainda ser uma das bandas mais importantes do heavy metal. Mas sempre há um preço a pagar. Umas poucas horas antes da hora marcada para cairmos na estrada – e não era por alguns dias apenas, era uma turnê de verdade – Chris foi pego tentando comprar heroína. Não conseguia acreditar que ele tivesse feito algo tão estúpido; eu estava furioso. O que deveríamos fazer – cancelar toda a turnê? Nossa primeira turnê divulgando um disco de verdade? As consequências seriam muito fortes.

Precisávamos encontrar um novo guitarrista. Imediatamente.

– Não se preocupe com isso, caaara – disse Jay Jones. – Eu consigo o Mike Albert.

– Quem? – Nunca tinha ouvido falar no cara.

– Mike Albert – repetiu Jay. – Ele tocou no Captain Beefheart. Confie em mim, o cara detona.

Então fui conhecer esse cara... e... Jesus. Que visão! Ele se parecia com Benjamin Franklin, com tufos de cabelo branco na lateral da cabeça e quase nada no alto. Um boné de beisebol não conseguia esconder sua idade – ele devia ser entre quinze ou vinte anos mais velho do que qualquer cara na banda. Mas Mike era, inegavelmente, um avô guitarrista, com a disposição mal-humorada que você esperaria de alguém que já tinha passado a maior

parte da vida na estrada. Mike gaguejava e contraía o rosto sempre que estava desconfortável, o que aconteceu muitas vezes naquela primeira turnê.

Ele fez o melhor que pôde, e obviamente merece crédito por aceitar com tão pouco tempo. Mesmo assim, nunca realmente gostei do Mike. Primeiro, porque ele não era tão bom quanto Chris. Segundo, tinha problemas para manter a boca fechada. Agora eu entendo esse defeito de caráter em especial, pois já fui acusado de também sofrer disso. Mas você realmente deveria ter a capacidade de bancar suas palavras com ações, um fato que Mike parecia não perceber.

Estávamos em Tucson uma noite quando os guardas de segurança, por alguma razão, permitiram que os fãs entrassem na casa de shows enquanto ainda estávamos fazendo a passagem de som, o que provou ser perturbador e contraprodutivo. Durante o show, fiz alguns comentários sobre como nossa atuação poderia ter sido melhor se a segurança não tivesse interferido com a passagem de som. A plateia adorou isso, claro – um ataque raivoso vindo do palco sempre vai bem com os jovens fãs do metal; no entanto, o gerente e os seguranças da casa não ficaram muito felizes. Antes mesmo de sairmos do palco, os guardas de segurança tinham entrado em nosso camarim e retirado toda a comida e as bebidas alcoólicas. Quando terminamos de tocar e entramos no camarim, encontramos somente umas garrafas de leite.

Não tinha nenhuma intenção de deixar por isso. Nosso acordo exigia serviços específicos, incluindo bebida alcoólica, e eu ia obrigá-los a cumprir o contrato. Não gritei nem fiquei bravo, mas tampouco me acovardei. A diplomacia poderia ter prevalecido se não fosse pela interferência de Mike Albert. Ele abriu sua boca e, em seguida, estava cercado por um círculo fechado de seguranças, todos parecendo tomar esteroides no cereal pela manhã.

“Ah, merda... isso vai ficar feio.”

Quando me aproximei do grupo, podia ver Mike procurando algo em sua carteira, muito nervoso.

– E-e-esperem – ele gaguejava. – Está bem aqui. Vou mostrar!

Os seguranças olhavam para ele, espantados, da forma como um gato olha para um rato.

– Se vocês me acertarem, vou levar um comigo! – gritava Albert. – Sou faixa preta e tenho um cartão aqui que prova isso.

Começou a tirar um monte de merda de sua carteira: receitas, dinheiro, plástico. Mas nada de cartão. Eu acho que nem havia nenhum. Quero dizer, tenho três faixas pretas diferentes, mas ninguém nunca me deu um cartão para levar na carteira ou me contou que eu deveria mostrar algo antes de me defender. Era uma ameaça vazia por parte de Mike, uma demonstração bastante embaraçosa de uma bravata. Não acho que nenhum daqueles gorilas que o cercavam estava preocupado que ele pudesse dar uma de Bruce Lee. Na verdade, provavelmente teria o efeito contrário: só ia deixá-los ainda mais putos.

Pensei por um momento em deixar que batessem no Mike – ele meio que merecia –, mas, em vez disso, decidi intervir com calma. Terminamos sendo pagos pelo show e continuamos com nossa dignidade e saúde intactas. Mas toda a turnê, apesar de ter pontos altos, com certeza, foi bem mais fraca do que se Chris estivesse na formação. Mais uma vez, considerando nossa propensão para brigar, talvez essa ausência temporária fosse uma bênção, já que adiou a inevitável fratura do Megadeth por mais alguns meses.

A familiaridade, afinal, traz desprezo, principalmente quando se está fodido de heroína ou cocaína... ou os dois.

A gente voltou da turnê sem nenhuma ideia sobre o que o Megadeth deveria fazer. As coisas tinham mudado – isso sabíamos. Aparecíamos em vários

lugares – boates, festas, restaurantes – e, de repente, as pessoas estavam nos tratando de forma diferente. Sentávamos em lugares onde antes não nos admitiam, lugares que nem tinham cadeiras, só cordas de veludo e correntes. Era, devo admitir, uma ótima sensação. Imagine isso: você está no Rainbow Lounge, onde todo mundo é o rei da cocada e está perto da máquina de cigarros, na base da escada, como qualquer outro otário. Espere um minuto! Não, você não está. Não é mais assim. É levado para o andar de cima, nas festas particulares, com todas as drogas e gatas que conseguir aguentar. E quando está entediado, entra numa limusine e acha outra festa. E o tempo todo você está pensando: “Uau! Como isso foi acontecer?”



Eu adorava os quadrinhos *The Punisher* e escrevi pelo menos duas músicas inspiradas na série:
“Killing Is My Business and Business Is Good” e “Holy Wars: The Punishment Due”

O segundo disco do Megadeth, *Peace Sells... but Who's Buying?*,¹⁷ aumentou bastante a aposta. As músicas eram melhores, a musicalidade ficou mais sofisticada, a produção mais polida. Quando começamos a gravar no Music Grinder, em Los Angeles, ainda estávamos sob o contrato

com a Combat Records, que era tão abrangente e vinculado à existência do Megadeth que eles foram donos de um pedaço da banda pelos anos seguintes. Eu não estava feliz com isso, mas tentei me focar na música. Isso nem sempre era fácil. Houve momentos em que íamos entrar no estúdio e Poland (que tinha se livrado de seus problemas legais) estava ali na entrada, tremendo, com a barba por fazer, esperando que aparecêssemos. Quando o víamos dessa forma, nem precisávamos falar nada. Era só entrar no carro, ir até o centro, conseguir alguma heroína e voltar ao trabalho.

Era preciso perdoar muita coisa do Chris simplesmente porque ele tinha um talento tão incrível. Você deixava passar por toda a merda que ele fazia, esquecia as brigas e as mentiras, só para que ele se sentasse e tocasse guitarra; ele era um dos melhores.

Gar era uma história diferente. Era um excelente baterista, mas não tão indispensável quanto Chris, e seu comportamento, apesar de não ser nada violento, era seriamente prejudicial. Nas várias ocasiões em que tínhamos de ir recuperar os pratos empenhados em algum bairro de merda para podermos começar a ensaiar, ele invariavelmente sugeria uma mudança de caminho.

– Ei, o que me dizem de dar uma parada em Ceres?

Ceres era o nome da rua onde a gente sempre comprava drogas, principalmente heroína. Essa sugestão era geralmente seguida de um momento de estranho silêncio e depois risos. A festa começava.

Então vejam, eu não era um cúmplice inocente da orgia. Eu seguia a onda, às vezes até me divertia muito. A verdade é que eu cuidava de Chris e Gar mesmo quando estávamos caídos um ao lado do outro, desmaiados na sarjeta. Por quê? Porque não me via como viciado. Chris e Gar eram usuários pesados de drogas, injetando heroína nas veias. Eu não tinha alcançado – ou caído – a esse nível, apesar de estar, com certeza, a caminho.

Os dias assumiram uma confortável, apesar de bizarra, rotina: encontrar Chris e Gar, conseguir drogas, levá-los ao estúdio, gravar suas partes e se livrar deles. Era assim, ou pelo menos, como acabou se tornando. Ellefson e eu morávamos juntos, saíamos juntos, lidávamos com as tarefas mundanas de tornar o Megadeth uma força criativa viável. Até onde sabíamos, Gar e Chris eram parceiros menores. Não em termos de musicalidade, necessariamente, mas em termos de comportamento e atitude em relação ao Megadeth. Os dois, principalmente Chris, tinham entrado no grupo com intenções cínicas: eram músicos de jazz até a alma, com pouco amor pelo metal, mas viam o Megadeth como uma oportunidade para escapar da pobreza e da obscuridade que a maioria dos músicos precisa aguentar. Foi uma decisão nascida de forma prática, não passional. Entendi isso desde o princípio e aceitei, porque eles realmente trouxeram algo único para o processo.

Júnior e eu ficávamos nos encontrando com executivos de gravadoras e assessores de imprensa. Acreditem ou não, éramos a cara profissional da banda. Pense dessa forma: se o Megadeth fosse uma unidade militar, Ellefson e eu éramos os oficiais, e Gar e Chris eram os caras do serviço obrigatório. Isso acabou se tornando uma triste dinâmica, com divisões entre os dois campos claramente marcadas. Chris e Gar começaram a questionar as finanças da banda. Eles sugeriram abertamente que ficávamos com o dinheiro que eles ganhavam e se perguntavam por que as entradas não pareciam ser divididas de forma igual. Por algum motivo, eles não podiam entender uma das bases fundamentais da indústria musical: se você compõe as músicas, ganha dinheiro; se não compõe, a única forma de receber é fazer algum tipo de arranjo com alguém que recebe o dinheiro – seja por negociação, seja por manipulação. Eu sei porque, como o principal compositor do Megadeth nos últimos vinte e cinco anos, acabei sendo sujeitado aos dois.

Não quero sugerir que foi tudo uma luta ou que não tivemos dias excelentes. Por que eles existiram – muitos. Mesmo no estúdio, meio detonado, o Megadeth era capaz de uma musicalidade extraordinária. O ataque das duas guitarras em “The Conjuring”, a linha harmônica em “Peace Sells” – isso foi conseguido não só por causa de uma cuidadosa composição, mas pela camaradagem que surge quando uma banda está realmente funcionando bem. “Peace Sells” se tornou uma das canções mais conhecidas do Megadeth, graças, em grande parte, à MTV, que, por quase dez anos, usou a famosa linha de baixo da música como a introdução do *MTV News*. Não que a gente tenha ficado rico com aquela exposição. A MTV cortou a música uma nota antes do ponto em que seriam legalmente obrigados a pagar *royalties*.

Como aconteceu com *Killing Is My Business*, tivemos a oportunidade de acrescentar um cover no segundo disco. Jay Jones sugeriu “I Ain’t Superstitious” do lendário cantor de blues Willie Dixon. Não foi uma escolha óbvia, de jeito nenhum, mas era interessante, com certeza. Eu gostava da ideia de surpreender as pessoas. Tinha funcionado com “These Boots Are Made for Walkin’”; não tinha por que não funcionar com “I Ain’t Superstitious”, que era uma música ótima, isso era inegável.

– Imagine com uma superbateria – disse Jay. – E no final, você entra e dá um tratamento Megadeth à coisa.

Foi exatamente o que fizemos e funcionou muito bem. A música nos deu uma chance de mostrar como Chris tocava e mais uma vez desafiar os ouvintes ao apresentar uma música que abria com uma sensação jazzística e fechava com um ritmo de speed metal. O melhor de tudo, Willie Dixon colocou um selo de aprovação; ao contrário de Lee Hazlewood, ele adorou o que fizemos com seu trabalho.

De muitas formas, *Peace Sells... but Who's Buying?* foi sucesso antes de ser lançado. O “buzz marketing” era algo diferente há vinte e cinco anos, em comparação ao que é hoje. Baseava-se menos em tecnologia e mais no velho e bom boca a boca. O Megadeth tinha a reputação de fazer shows incríveis e quando os elogios ao nosso último trabalho de estúdio começaram a se espalhar, nos tornamos uma banda conhecida. Tão boa, na verdade, que nosso contrato foi vendido para a Capitol Records, que trouxe Paul Lani para corrigir alguns problemas com a qualidade técnica da engenharia e do ridículo orçamento da Combat. Na prática, esse foi um acordo com o diabo. A partir daquele momento, o Megadeth não era mais uma bandinha independente com um culto de seguidores. Éramos parte de uma grande gravadora, e com essa designação veio a responsabilidade e as expectativas (e a implicação do compromisso) como nunca tínhamos visto antes. Não que tivéssemos ficado preocupados. Estávamos muito ocupados cheirando carreiras de coca na Capitol Records Tower em Hollywood para nos preocupar com controle criativo. Os benefícios superavam quase tudo.



Aqui está outro exemplo: a festa de lançamento de *Peace Sells* foi feita num lugar chamado Firefly Bar, que era famoso por, entre outras coisas, uma tradição de colocar fogo no bar. De verdade. No bar mesmo. Várias vezes por noite, um dos barmen pegava uma garrafa e esguichava algum líquido inflamável no balcão, dava um rápido aviso e jogava um fósforo na superfície.

Vummm!

Todos aplaudiam sem pensar e voltavam a beber. Acho que perde a graça se você já viu algumas vezes, mas eu nunca tinha ido ao Firefly e fiquei bastante impressionado.

Os convidados de honra se vestiam com um estilo rock 'n' roll e irreverente: formal da cintura para cima – paletó preto, camisa branca,

gravata preta, faixa de smoking – e decididamente informal da cintura para baixo – jeans desbotado e tênis de cano alto. A gravadora também tinha nos dado braçadeiras militantes com a frase PEACE SELLS... BUT WHO'S BUYING? impressa. Tínhamos chegado de forma gloriosa, saindo de duas limusines: uma para os caras da banda, outra para nossas putas.¹⁸ De alguma forma, mesmo aquela noite, que poderia ter sido somente uma comemoração, foi ficando pesada com o passar do tempo. Quando saímos do clube no final da festa, percebi que só havia uma limusine estacionada do lado de fora. A gente entrou, só os caras, e perguntei onde estava a segunda limusine.

– Lana a pegou – disse o Chris, referindo-se à sua namorada.

Eu conseguia sentir a raiva crescendo.

– Por que caralho a sua puta está fugindo com a limusine? – falei.

E foi o que fez tudo explodir. Chris, que nunca recuava de uma briga, mesmo quando sabia que ia perder, mandou eu me foder. Respondi chutando sua cara. Gar se meteu, tentando separar a briga – e proteger seu amigo – segurando meus braços, mas eu me soltei e comecei a brigar com ele. Nesse momento, o motorista da limusine estava gritando conosco. Esses caras aguentam um monte de merda, mas acho que conseguimos ultrapassar os limites. Ele parou o carro na calçada.

– Querem brigar? Então saiam do meu carro! – ele gritou.

As hostilidades pararam imediatamente. Acho que todos estavam mais do que embaraçados. Todos pediram desculpas pelo comportamento e depois começamos a tarefa bastante familiar de remendar as coisas. E como se faz isso depois de tentar arrancar a cabeça do seu amigo? Bem, faz o que qualquer viciado experiente faria: vai para o centro e compra um monte de heroína. Eu me sentei no fundo da limusine, bem ao lado do Chris, olhando para seu rosto inchado e machucado, e fiquei completamente chapado. E parecia a coisa mais natural do mundo.

Peace Sells... but Who's Buying? foi lançado em novembro de 1986, quase um ano depois que entramos pela primeira vez no estúdio. O disco foi aclamado tanto crítica quanto comercialmente, e acabou ganhando disco de platina. Até hoje gosto dele; é básico e forte. Tenho orgulho. Ainda adoro a arte da capa, que surgiu numa conversa durante um almoço em Nova York, em frente às Nações Unidas. Ellefson e eu estávamos ali com nosso agente, Andy Summers, e começamos um brainstorming. No final daquela conversa, tínhamos a ideia de Vic parado na frente da ONU, logo depois de um holocausto nuclear, tentando vender a propriedade – junto com uma mensagem, claro. Essa se tornou a imagem quintessencial de *Peace Sells*.

Fazer uma turnê para divulgar *Peace Sells*, no entanto, foi um exercício de autoabuso. Eu estava de olho no Metallica, cujo terceiro disco, lançado alguns meses antes de *Peace Sells*, tinha elevado a banda ao território de superestrelas. Não estava obcecado com eles, mas tampouco conseguia esquecê-los. Não posso dizer que não dava a mínima para o sucesso deles. Esse seria um tema por toda minha carreira. Não era suficiente que o Megadeth fizesse sucesso; queria que o Metallica fracassasse.

Mesmo que *schadenfreude* seja uma resposta perfeitamente razoável e humana, também tende a vir com o potencial para problemas cármicos. Em setembro de 1986, quando estávamos dando os toques finais em *Peace Sells* e eu me preparava para tentar superar Lars e James na corrida pela supremacia no heavy metal, recebi a ligação de uma amiga em Nova York cujo apelido era Metal Maria e que trabalhava com Jonny Z. Eu a havia conhecido durante minha viagem à Costa Leste com o Metallica. A gente permaneceu em contato durante aqueles anos, e às vezes ela vinha a L.A. e a gente se encontrava. Agora, no entanto, ela estava no telefone, chorando histérica.

– É o Cliff – ela soluçava. – Ele morreu.

Não tinha nem ideia do que ela estava falando. No começo, achei que era o Cliff Cultreri da Combat, mas depois me lembrei que Maria nem o

conhecia.

– Que Cliff? – perguntei.

– Cliff Burton – ela disse. – Foi um acidente.

Maria me contou tudo. O Metallica estava fazendo uma turnê na Suécia e o ônibus da banda tinha capotado depois de derrapar no gelo. Cliff foi jogado para fora pela janela e esmagado quando o ônibus caiu em cima dele.

Não tinha o que falar. Fiquei ali parado, segurando o telefone, sentindo como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Fazia tempo que não falava com Cliff, mas ainda o considerava um amigo. Se eu guardava bastante raiva de Lars e James, bem... era impossível sentir a mesma coisa por Cliff. Ele era um cara muito decente.

Por qualquer razão – culpa, raiva, tristeza – eu desliguei, entrei no meu carro e comprei um pouco de heroína. Fiquei chapado, me sentei e chorei por um tempo, depois peguei minha guitarra e comecei a compor. Em uma sentada, escrevi uma música inteira: “In My Darkest Hour”, que entrou no disco seguinte do Megadeth. É uma música interessante, porque a letra tinha tanto a ver com as brigas na minha relação com Diana na época, quanto com outras coisas. Mas a música – o som e a sensação da música – era inspirada pela dor que senti ao ouvir falar da morte do meu amigo. Cliff e eu não trocávamos cartões de Natal ou coisa assim, mas ainda sentia que éramos próximos. Passamos aquele tempo juntos em San Francisco, todos aqueles dias indo juntos ensaiar, e só senti afeto por ele. Cliff era transparente e isso é um elogio. Ele não era enigmático; era exatamente quem parecia ser, sem nenhuma pretensão.

Alguns meses depois, num show em San Francisco, os pais de Cliff vieram e tivemos a chance de conversar por uns minutos. Num momento, apresentei-os à plateia, que respondeu com simpatia e um aplauso sincero. Depois tocamos “In My Darkest Hour”.

– Essa – falei – é para o Cliff.

Você martela enquanto o ferro está quente, certo? Para uma banda que tinha acabado de lançar um disco de sucesso, tanto em termos de crítica quanto comercial, isso significa uma coisa: pegar a estrada. Eu vivia com as malas prontas, em quartos de hotéis, a maior parte dos quatro anos da segunda metade da década de 1980, e com *Peace Sells*, a coisa começou a ficar séria. Não era exatamente difícil. Era, na verdade, mais fácil viver na estrada do que em casa. Eu não tinha casa; nenhum de nós tinha. Ir para casa significava encontrar uma forma de se aproveitar de alguém. A vida na estrada era mais simples, apesar de inclemente.

Gar já tinha a prática beirando à perfeição. Assim que chegávamos a uma nova cidade, ele abaixava o vidro e perguntava para alguém na rua:

– Ei, cara, você sabe onde é o bairro barra-pesada?

– Hã?

– Estou querendo umas garotas – Gar explicava. – Onde devo ir?

Nunca demorava muito para obter a informação necessária, e logo Chris e Gar estavam do lado errado da cidade, atrás de prostitutas e pagando por seus serviços, mas sem fazer sexo com elas. O objetivo não era transar – isso normalmente acontecia depois dos shows e não exigia nenhum tipo de pagamento. Em vez disso, o objetivo era ficar bem e depois comer. Sempre nessa ordem. Gar fazia isso com mais frequência do que Chris, e com mais imprudência também. Tivemos de ir a alguns bairros realmente perigosos para buscá-lo. A gente caminhava pelos bairros, dando uma descrição detalhada de Gar que devia soar ridícula: “Ele se parece com um gafanhoto, com um casaco de couro negro e tênis multicolorido. Você o viu?”.

Uma parte substancial de todos os dias estava devotada a “ficar bem”, às vezes com um efeito cômico grotesco. Uma noite, num hotel da Flórida, Gar tinha conseguido sua dose, distribuído heroína para nós, depois entrou no banheiro e se injetou. Ele também tinha limpado o intestino, e quando fui usar o banheiro depois, a combinação de cheiros foi demais para meu frágil estado. Quando saí do banheiro, uma onda de náusea tomou conta de

mim e, de repente, percebi que ia vomitar. Sem querer voltar para o banheiro e vomitar na privada que tinha causado minha náusea, tentei encontrar outro depósito. Mas não havia nenhum. Quando meu estômago fez sua erupção, eu entrei em pânico e enfiei minha cabeça no armário.

Burp!

Em segundos, senti alguém me puxando de trás, gritando palavrões.

– Sai do caminho, porra!

Para meu espanto e desgosto, Chris Poland caiu de joelhos e começou a procurar no meio do meu vômito, pegando-o com a mão e deixando escorrer entre os dedos. Várias vezes.

– Jesus, Poland. Que porra você está fazendo?

Ele olhou para cima, bravo e voltou a garimpar como se estivesse procurando ouro.

– Você zoou a minha merda!

Sem eu saber, Chris tinha escondido seu estoque de heroína no canto do armário, embaixo de uma toalha que agora estava empapada com meu vômito.

Vejam, tudo aquilo parecia fazer sentido para nós. Tínhamos entrado de cabeça na toca do coelho e não havia uma saída fácil.

Brigas se tornaram tão comuns que a gente nem pensava nisso. Não estou falando de discussões inofensivas – estou falando de brigas sérias, sangrentas e psicodélicas, geralmente com Chris levando a pior. Até Scott Menzies, que adora Chris até o dia de hoje, perdia a paciência em algumas ocasiões. Um desses encontros épicos começou – como sempre acontecia, é bom ter isso claro – com a compra de drogas.

– Caaara, o que você acha? Dois e cinquenta? Dois e cinquenta?

Era Jay Jones falando. Estávamos indo por uma interestadual no sul, viajando de um show para o outro em nosso Winnebago, tentando ficar acordado, tentando passar o tempo.

– Que merda você está falando, Jay?

Ele sorriu:

– Dois e cinquenta por cabeça. É quanto custa.

Seu plano era que cada um desse uns trocados que tivesse no bolso para conseguir comprar vinte dólares de heroína. Depois Jay ia derreter, colocar num tubo de colírio e jogar algumas gotas do líquido puro em nosso nariz enquanto íamos pela estrada.

Pareceu uma boa ideia no momento. Engenhosa, para falar a verdade. Mas a gente também tinha bebido e cheirado cocaína, e a combinação transformou o ônibus num lugar mágico. Chris, como era sua tendência, começou a falar merda e fazer bosta, e não demorou para Scott puxar uma faca e começar a esfaquear furiosamente o console do carro, acho que completamente frustrado. O fato de que era ele quem estava dirigindo só aumentou a loucura do ato, um ponto observado, e notado, por Poland, que começou a tirar um sarro de seu amigo.

Scott era, na maior parte do tempo, um cara com um grande coração, mas, se você o provocasse, o risco era todo seu. A primeira vez que o encontrei, ele estava cruzando o palco, carregando um amplificador de quase 50 quilos sozinho. Com cabelo comprido enrolado e peito largo, ele me lembrava Paul Bunyan. Demorava para se esquentar, mas depois que ficava bravo... melhor sair de perto.

Scott parou o motor home ao lado da estrada e pulou para cima de Poland. Os dois lutaram por pouco tempo, mas não demorou para Scott controlar a situação. Ele agarrou Chris pelo tornozelo, colocou-o de cabeça para baixo e desceu a escadinha batendo a cabeça dele nos degraus: *Bang! Bang! Bang!* Tendo executado um dos melhores bate-estacas de todos os tempos, Scott concluiu tudo deixando Chris numa valeta. Pensamos em deixá-lo ali, ir embora e nunca mais voltar a falar com ele. Mas não era a primeira vez que pensávamos nisso. Não fomos embora e ficamos sentados no motor home embriagados e esperando até a situação melhorar. Depois de

alguns minutos, a porta do motor home se abriu e Chris entrou, parecendo encabulado e ferido.

– Desculpa, cara – ele falou para o Scott.

– Tudo bem.

E continuamos.

Até McAllen, Texas, que foi uma das primeiras oportunidades para usar pirotecnia. McAllen está localizada perto da fronteira norte-americana, então, naturalmente, Chris viu isso como uma oportunidade para conseguir algumas drogas baratas e exóticas.

Minha resposta?

– Você deve estar brincando.

Não que eu me opusesse a isso. Só achei o plano suicida. Previ que Chris seria parado na fronteira e terminaria numa nojenta prisão mexicana pelos próximos vinte anos, tirando baratas da comida e cagando parasitas. Chris, aparentemente, não tinha essas preocupações. Era, naquele momento pelo menos, o cara mais imprudente que já tinha conhecido. Claro, ele voltou algumas horas depois, em segurança, armado com algo conhecido como Mandrax, que era basicamente um tipo de methaqualone. Em outras palavras... Mandrix. Eles vinham numa lata e pareciam ser legítimos, mas eu estava cético assim mesmo. Vivi no sul da Califórnia toda a minha vida e sei como eles enchiam os bancos quando escondiam as drogas dentro dos carros para cruzar a fronteira. O comércio de drogas cresce; nem tudo é o que pretende ser. Se havia alguma etiqueta, geralmente dizia: CONSUMA POR SUA CONTA E RISCO.

Chris consumiu, claro. E, superando meu ceticismo inicial, eu também.

Naquela noite, as drogas foram comparativamente seguras e eficientes, oferecendo um efeito tranquilizante antes de subirmos ao palco. O lugar era uma merda e eu estava preocupado com o show. Assim, quando um cara que trabalhava para a casa perguntou se queríamos usar alguma pirotecnia, eu aceitei. Tudo pelos fãs, certo?

- Só tenho uma – ele falou.
- Uma o quê? Uma fileira, uma carga?
- Uma única carga pesada. Só isso. Mas é suficiente, confie em mim.

Eu o instruí a detonar quando eu desse um sinal, pouco antes de começarmos “Skull Beneath the Skin”. Nesse ponto, no entanto, estávamos todos começando a sentir os efeitos do Mandrax, que estava tentando realmente acabar conosco. Combinado com o que pode ser generosamente descrito como uma configuração de palco bastante incomum, você tinha o potencial para desastres. Como a casa era relativamente pequena, mesas de madeira compensadas eram usadas como extensão do palco. Nenhum problema, exceto que num esforço para ser criativo, o promotor do show tinha montado as mesas de uma forma aleatória; em vez de distribuí-las igualmente na frente do palco, formavam um tipo de xadrez, com vários buracos, de 1,5 metro de largura e 2,5 metros de comprimento, separando a banda da plateia. Admito que parecia legal, mas foi uma péssima ideia.

Quando estávamos para começar “Skull Beneath the Skin”, dei o sinal e a carga explodiu.

BUUM!

O som seguinte que deveríamos ouvir naquele momento era o de Gar tocando a bateria. Em vez disso, o que ouvi foi algo como o som de dois lápis caindo no chão. Olhei para Gar; ele estava com as mãos vazias.

“Ah, merda! Esqueci de avisá-lo sobre a carga.”

A explosão tinha assustado tanto o Gar que ele tinha deixado cair suas baquetas. E não foi o pior. A maioria dos bateristas deixa pelo menos um par extra de baquetas perto enquanto estão no palco. Às vezes, dois ou três. Mas Gar tinha se tornado tão descuidado com seu equipamento que não tinha nenhum de reserva. A seguinte cena foi Gar se arrastando de sua bateria e correndo pelo palco atrás das suas baquetas.

Foi uma noite daquelas.

Algumas canções depois, olhei para a direita, onde Chris Poland estava, e não vi nada. Mas sua guitarra continuava a tocar. De repente, Chris apareceu em um dos buracos na frente do palco, com sangue escorrendo do braço. Sem errar uma nota, ele voltou à sua posição e continuou a tocar, como uma versão heavy metal do jogo Whack-a-Mole.

Enquanto ele sorria, eu só podia balançar a cabeça, não acreditando. Sabia que não daria para continuar assim para sempre. No final, alguém ia morrer de overdose ou num acidente de carro, ou talvez até matar o resto da banda. O potencial para catástrofe era quase incalculável. A única pergunta era, qual de nós seria o primeiro?

17 Tirei o título de um velho artigo da *Reader's Digest*.

18 Está bem, podem me bater por causa da misoginia. Estou tentando reproduzir a linguagem que usávamos. Era o espírito da época e nós falávamos assim. Elas eram putas, namoradas, companhias para a noite. Às vezes, eram as três coisas ao mesmo tempo, já que brigávamos com nossas namoradas pelo menos uma vez por semana. As coisas eram assim.

A clássica formação de *Peace Sells... but Who's Buying*: David Ellefson, eu, Gar Samuelson e Chris Poland no backstage antes de um show (ou de uma briga)



9

O fim da civilização ocidental

“Não dá para continuar com esse ritmo. Ou vão ficar esgotados ou vão morrer.”

Deveria ser uma intervenção, mas parecia que estava sendo chamado à sala do diretor. Foi no começo de 1987 e, numa daquelas parcerias intergeracionais que podem, às vezes, não funcionar, o Megadeth estava abrindo para o Alice Cooper durante sua turnê *Constrictor*. Nesse caso, no entanto, foi uma boa jogada de marketing. Alice, que tinha sido um dos roqueiros mais populares dos anos 1970, estava no processo de reconstruir sua carreira depois de alguns erros artísticos e problemas pessoais. Apesar de seu auge comercial ter ficado no passado, Alice ainda tinha um grande número de seguidores fervorosos e muito respeito dentro da indústria. Pessoalmente, sempre fui um grande fã desde criança, quando *Welcome to My Nightmare* tocava direto em minha casa, então fiquei animado com a possibilidade de fazer a turnê com ele e sua banda. Era uma oportunidade para tocarmos para outras pessoas. A audiência central do Megadeth, afinal, não era diferente da que tinha sido a do Alice Cooper, quinze anos antes: adolescentes com um gosto por música alta, rápida e perigosa.

Alice tinha enfrentado seus próprios desafios relacionados a drogas e álcool, mas tinha conseguido ficar sóbrio, e isso era algo bem notório. Não faltava gente que adorava uma farra entre sua equipe, incluindo um

domador de cobras cuja função era cuidar da jiboia que acompanhava Alice no palco. Esse cara tinha uma caixa de seringas que usava para sedar a cobra, assim ela podia ser manuseada de forma mais segura, mas ele às vezes tirava umas para usar em si mesmo. Alice, no entanto, estava sóbrio e saudável, com uma atitude geralmente relaxada em relação a tudo aquilo, desde que não atrapalhasse a música. Em outras palavras, era muito profissional.

Depois de um tempo na turnê, no entanto, Alice ficou preocupado com as loucuras do Megadeth. Se ele achava que meu comportamento era pior do que o do resto, não sei. Acho que ele provavelmente gostava de mim e me via como o líder da banda, e, portanto, achava que eu era o responsável pela loucura que cercava o Megadeth. De qualquer forma, uma noite, ele pediu para que eu passasse pelo seu ônibus para conversarmos um pouco. Não estava bravo nem condescendente. Não me tratou como uma criança, mas como um amigo.

– Eu já vi de tudo, já fiz tudo isso – disse Alice. – E simplesmente não funciona. Não dá para manter esse ritmo. Ou vão ficar esgotados ou vão morrer.

Eu ouvi, concordei nos momentos certos, agradei por sua preocupação e apoio, e basicamente ignorei tudo que ele tinha dito. Tinha muito respeito por Alice para discutir com ele, mas estava em total negação – e me divertindo muito – para considerar os méritos de seu conselho. É muito simples, na verdade: quando você é viciado, não ouve os outros. Não importa o que as outras pessoas digam ou façam. Muito raramente você vai encontrar alguém com problema de drogas ou álcool que é facilmente influenciado.

Muito raramente a conversa será assim:

– Ei, cara, você deveria parar de beber. Ficar sóbrio.

– É mesmo? Você acha que eu não devia ficar chapado e agarrar aquela fila de modelos suecas? Verdade, você está certo. Vou parar. Obrigado por

cuidar de mim, mano.

Não é suficiente que outra pessoa queira mudá-lo nem que você queira mudar. É preciso sentir realmente a necessidade de mudar.

Uma diferença sutil, mas importante. Naquela época, eu não estava nem perto disso.

Gostava da curtição, mas também gostava do sexo e do poder que isso trazia. Para mim, estar no palco, com um mar de caras gritando meu nome e suas namoradas loucas para tirar a roupa para mim, era uma grande vingança. Depois de todos aqueles anos sendo o invisível, o ruivo magrelo da escola, eu tinha me tornado o cara mais foda em qualquer lugar. E adorava isso.

Assumi todos os aspectos da vida rock ‘n’ roll, sendo as drogas e o álcool apenas os mais perigosos e debilitantes. Quando Ellefson e eu estávamos vivendo juntos, às vezes eu acordava de manhã e a primeira coisa que via, através dos olhos vermelhos e embaçados, era Júnior sentado ao lado da minha cama.

– Ei, Júnior.

– Ei, Dave. Quer dar uma cheirada?

– Uhhh... claro.

E era isso. Já era. Dois, três dias direto. Ellefson era meu camarada, mas também era esperto. Ele sabia que, se eu ficasse chapado logo pela manhã (e sejamos honestos – ele não precisava se esforçar para me convencer), eu pagaria por tudo no resto do dia. Eu não me importava, porque Júnior era meu comparsa. Ficar chapado e ir atrás de garotas era muito mais divertido quando feito com outra pessoa.

Quanto a Gar e Chris, acho que deveria esclarecer algo: não foi o uso de drogas por parte deles que os fez ser demitidos do Megadeth; as consequências do uso de drogas é que fez. Durante a maior parte dos

primeiros anos, o consumo de drogas foi desenfreado na banda. Cada um de nós pagou um preço pelas escolhas que fez. O tamanho desse preço depende bastante de quão bem – ou quão mal – fomos capazes de equilibrar o comportamento autodestrutivo com o trabalho legítimo, e às vezes exaustivo, de ser uma banda de heavy metal que vende muito. Não vou minimizar minhas próprias contribuições para a espiral descendente, mas a verdade é essa: Gar era o menos capaz de lidar com seu próprio abuso de drogas, seguido de perto por Chris. Júnior e eu estávamos num terceiro e quarto lugares distantes (está bem, não tão distantes). Também éramos os membros fundadores da banda, a força criativa dominante e, assim, com mais responsabilidades, que Chris e Gar não tinham. Sentia isso de forma mais precisa do que David, tenho certeza, porque também escrevia a grande maioria das músicas, e a pressão contribuiu para episódios que outros chamaram de maníacos, mas que eu simplesmente lembro como insanidade alimentada pelas drogas e pelo álcool.

Gar perdeu seu posto no Megadeth aos poucos, até um ponto em que tudo estourou. Tínhamos contratado um novo roadie para a bateria durante uma parada em Detroit, antes de tocar numa casa punk chamada Blondie. Enquanto estávamos lá, um moleque usando uma camiseta amarela suja e uma calça jeans ridiculamente apertada veio falar comigo. Os olhos estavam vermelhos, o cabelo era comprido e embaraçado.

– Ei, cara, precisa de ajuda para montar a bateria? – perguntou.

Não tinha ideia de quem ele era, mas a verdade é que sim, a gente geralmente precisava de ajuda para montar a bateria.

– Fala com o Gar – disse.

Então o cara começou a conversar com Gar e logo se transformou no técnico de bateria do Megadeth. Bom, na verdade, ele não se chamava de “técnico de bateria”, mas somente de roadie. Não importava – sua função era mais importante que o título, e acabou que esse cara, cujo nome era Chuck Behler, sabia tocar bateria. Tinha vinte e um anos e já era veterano

de algumas bandas punk. E apesar de ter crescido no meio-oeste, não teve problemas em entrar no ônibus com o Megadeth naquela mesma noite. Então, se quiserem trabalhar com rock ‘n’ roll, jovens, aqui vai um conselho: estejam prontos para atender quando a oportunidade bate à porta.

O mais legal de Chuck foi não só que ele sabia montar a bateria do Gar, mas também sabia tocar. Isso significou que nas muitas noites em que Gar estava indisposto na hora da passagem de som, não precisávamos esperar por ele. Como resultado, a gente realmente soava melhor quando era a hora do show. Em vez de chegar ao lugar e montar tudo correndo porque o baterista tinha desaparecido em algum puteiro (e o guitarrista estava revolvendo meu vômito), éramos capazes de nos preparar de forma adequada para cada atuação – pelo menos de um ponto de vista técnico.

E foi assim que Chuck Behler se tornou o baterista do Megadeth. Gar continuou a ficar doido e Chuck estava ali, simples assim, esperando sua oportunidade. Tanto quanto seu talento, foi sua presença – sua confiabilidade – que fez que ganhasse o posto.

Gar e Chris foram demitidos da banda na mesma semana, no verão de 1987, logo depois de concluirmos uma turnê com uma viagem ao Havaí. Eu tinha saído dessa última fase da turnê pensando que a situação podia ser consertada, mas estava errado. A gente voltou para L.A. e mais equipamento tinha sumido. E foi quando Chris se agitou a um grau que simplesmente não consegui mais aguentar. Por um tempo, ele e Gar tinham sido inofensivos, empenhando equipamentos para pagar por seu vício. Agora tudo já tinha se tornado uma batalha esgotante e incessante. No final, era uma loucura. Nada estava certo, tudo errado. O vício de Gar tinha acabado com sua capacidade de assumir um compromisso com a banda, e Chris... bem, não acho que ele queria continuar no Megadeth. Não tenho certeza se ele alguma vez quis ser do Megadeth ou de qualquer outra banda de heavy metal. Ele era um jazzista virtuoso que viu a oportunidade de ser parte de algo grande e acho que viveu um conflito interno o tempo todo.

Independentemente disso, Gar e Chris saíram. Eles tinham entrado meio que num pacote virtual e foi da mesma forma que saíram.

Preencher o posto de Gar foi bastante tranquilo, já que Chuck não tinha nenhum problema em vir de Detroit para L.A. e entrar de cabeça na cena metal da Costa Oeste. Ele conhecia nossas músicas, conhecia as personalidades e trouxe algo diferente para a banda: uma dinâmica direta que contrastava bastante com o estilo livre de Gar. Este usava o bumbo e a caixa, colocando alguns rolls na caixa a cada compasso. Chuck ficava só com o bumbo e a caixa, com um monte de chimbal; tinha mais a ver com o punk rock. Nenhum dos dois estilos era necessariamente “melhor”, mas não havia dúvidas de que ter Chuck na banda era revigorante. Era quase como uma brisa fresca voltar a um heavy metal direto, bloqueado.

Achava um alívio me livrar de Gar e Chris, mas isso provou ser um erro de cálculo, uma vez que eu mesmo já estava bem avançado em meu vício. Júnior e eu tínhamos a opinião que éramos os melhores e que não importava se estivéssemos mal, não importava quão fodidos ou exaustos nos sentíssemos, íamos nos levantar e tocar. Não apenas tocar de qualquer maneira, também. Íamos tocar melhor que todo mundo, mesmo se isso acabasse nos matando.

Chuck se encaixou bem. Ele sabia como se comportar, sabia tocar. O que mais poderíamos pedir? Mas ainda precisávamos de um novo guitarrista para substituir Chris Poland. A primeira opção foi um cara chamado Jay Reynolds, que tinha tocado numa banda de metal menor chamada Malice. Por alguma razão, o Malice nunca conseguiu estourar, mas era uma banda legítima com músicos sérios e comprometidos. A primeira vez que vi o Jay, achei que era fantástico, a escolha perfeita para tocar no Megadeth. O cara tinha um ótimo visual: alto e magro, com cabelo comprido e loiro, botas até os joelhos, tocando uma Flying V. Júnior e eu o vimos numa casa de shows em Reseda, Califórnia, e meu primeiro pensamento foi: “Ele é totalmente metal; é o cara certo.”

Sabia que Jay ainda precisava melhorar, que não poderia assumir o lugar de Poland sem preparação. Mas achei que podíamos apostar. Já tinha ensinado outras pessoas a tocar e queria fazer isso de novo.

Infelizmente, com Jay, o pacote era basicamente vazio. Jay era um usuário de drogas bem conectado, o que provou ser benéfico e prejudicial para o Megadeth: benéfico no sentido de que Júnior e eu agora tínhamos um acesso ridiculamente fácil ao que parecia ser um suprimento infinito de drogas; prejudicial no sentido que, bem... Júnior e eu agora tínhamos um acesso ridiculamente fácil ao que parecia ser um suprimento infinito de drogas. A gente ia ao apartamento do Jay pelo menos uma vez por dia. Chuck Behler terminou se mudando para o mesmo prédio, só para evitar a viagem.

– Essa foi a coisa mais inteligente que já fizemos. Digo, contratar o Jay – falei uma vez, meio brincando.

– É... um supermercado com tudo que precisamos.

Eu ri.

– Eliminamos os intermediários.

Não tínhamos problemas com o Jay. Ele tinha um bom visual, uma grande personalidade, sempre tinha dinheiro. Esqueça o problema com drogas – se Jay fosse um grande guitarrista, ele ainda poderia estar com o Megadeth hoje, porque a gente se dava muito bem.

Mas ele não era um grande guitarrista.

Jay entrou no Megadeth no Music Grinder quando começamos a compor, ensaiar e finalmente gravar nosso terceiro disco, *So Far, So Good... So What!* Depois de dois discos, um estilo tinha sido estabelecido: eu tocava a guitarra base nos canais principais e o outro guitarrista tocava num único canal no centro. Assim, eu fazia um canal de guitarra base na direita, outra na esquerda, e o outro guitarrista adicionava um canal de base bem no meio. Fazíamos isso porque dava a toda música um som único, que tinha a assinatura do Megadeth, mas também porque sou melhor guitarrista base

que a maioria dos caras que já tocaram com a banda. Então, estávamos no estúdio e era hora de Jay começar a tocar.

– Certo, vamos ouvir sua parte – falei.

Nada, Jay estava sentado ali no banco, olhando para o espaço.

– Jay?

– Ahhh... hummmm... vou pedir para meu professor de guitarra vir aqui, se vocês não se importam.

“Professor de guitarra?”

– O que você está falando, cara?

– Não, tudo bem – ele continuou. – Ele faz os solos agora e depois ele me ensina.

Jay sorriu tão inocentemente quanto uma criança. Era como se tivesse tentado esconder durante semanas algo que o estava preocupando, e agora tivesse encontrado uma solução. Só que não era nenhuma solução.

Eu me virei para Júnior. Nosso queixo estava quase no chão.

– Estamos fodidos – falei.

Ele não discordou.

Se nos preocupássemos em ensaiar de vez em quando, poderíamos ter visto isso, mas com o tempo no estúdio já fechado e pago, e com um prazo final estabelecido, não tínhamos escolha a não ser aceitar o professor de guitarra do Jay. Seu nome era Jeff Young, e ele apresentou um conjunto de desafios totalmente diferente dos de Jay Reynolds. Na verdade, se você tivesse pegado os dois e escolhido os melhores atributos de cada um – a forma de tocar do Jeff e o estilo do Jay – criaria um maravilhoso guitarrista de speed metal.

Jeff, pobre cara, parecia-se com Bobby Sherman, com rosto liso e meio de garoto e um cabelo em camadas perfeitas que aparentemente passava por um secador meia hora toda manhã. Quando entrou no estúdio, estava usando sapatos e um shorts da Ocean Pacific que era pequeno demais. Lembre-se, estávamos na era pré-Jordan, antes dos caras começarem a usar

shorts mais compridos, até a barriga da perna, e todo mundo seguir a onda. Em alguns cantos do mundo (não no meu, claro), Jeff teria sido considerado “na moda”. Para mim, ele não estava.

Mas estava disposto a tocar as coisas do Jay, e é preciso admirá-lo por isso.

– Vamos ver o que você tem a mostrar – falei.

Jeff começou a tocar e o cara era bom. Realmente bom. Tipo... totalmente diferente do que eu já tinha ouvido ou visto. Havia muitos guitarristas talentosos em L.A. na época, a maioria deles do mesmo tipo: fazendo o estilo de pistoleiros do Velho Oeste. Jeff era diferente, e o fato de sua aparência esconder a forma como tocava realmente me pegou desprevenido. Depois de Jeff ter tocado um pouco, Júnior e eu pedimos licença para conversar em particular. Com certeza estávamos doidos no momento. Tenho certeza de que estava fodido quando vi Jeff tocar, então, pode haver questionamentos com relação à validade da minha declaração.

Mesmo assim...

– Ele é bom – disse o Júnior. – Mas você sabe...

Júnior riu, principalmente porque ele conhecia o currículo, conhecia as regras.

“Essas são as roupas que você vai usar. Esses são os tênis. Esse é o tipo de acessório que você usa na comunidade metal. Isso é o que você faz com seu cabelo (para baixo, não para cima).”

Chamamos o Jeff para fora e conversamos com ele um tempo, tentando entender melhor sua personalidade, mas era tão difícil e tínhamos tão pouco tempo. Eu ainda estava em estado de choque com relação ao Jay. Jeff concordou polidamente, respondeu cada pergunta com a porção correta de entusiasmo, mas eu estava tendo dificuldades para chegar à parte importante. A parte onde eu fazia uma oferta. Não conseguia superar os sapatos e os shorts OP. Não conseguia ver seus olhos por causa dos óculos

escuros. Ele era um porra de um garoto bonitinho e eu não conseguia parar de pensar: “Será que vou me arrepender disso?”

Respirei fundo.

– Jeff, gostaríamos que você entrasse na banda.

Ele acenou com a cabeça, tentando parecer calmo. Até hoje, não tenho certeza se Jeff tinha alguma ideia que isso ia acontecer; é bem possível que ele não tivesse nenhum objetivo além de ajudar Jay a se encaixar no Megadeth. O cara certamente pareceu surpreso.

– Mas tem uma coisa... – acrescentei.

– O quê?

– Você vai ter de mudar tudo.

Jeff deu uma risada.

– O que você quer dizer com *tudo*?

– Quero dizer seu cabelo, o jeito que se veste, o jeito que anda e fala. Tudo.

Jeff passou a mão pelo cabelo de ídolo teen, olhou para seus sapatos e seu shorts da OP. Tenho certeza de que achava que estava bem, e em muitas partes do universo, principalmente no sul da Califórnia no final dos anos 1980, provavelmente estaria. Mas não no heavy metal. E, certamente, não no Megadeth. Jeff deu de ombros, sorriu de forma estranha.

– Tudo bem, cara. O que for preciso.

Em retrospectiva, a substituição de Jay por Jeff foi uma questão que poderia ter sido tratada de uma forma melhor. Eu basicamente chamei o Jay e falei que estava fora – antes de ele ter entrado. Fui frio e sanguinário e me arrependo da forma como fiz aquilo.¹⁹ Mas esses tipos de decisão caíam naturalmente sobre meus ombros; ninguém mais queria a responsabilidade. É um pouco irônico, eu sei (o manco falando do coxo), porque não estava exatamente com a cabeça boa e nem era 100% confiável. Mas, novamente, era minha banda. Para o bem ou para o mal, eu precisava tomar as rédeas.

Tendo remixado *Peace Sells*, Paul Lani foi trazido pela Capitol Records para fazer o mesmo com o *So Far, So Good... So What!* Paul tinha credenciais impressionantes. Só que, na minha opinião, eram as credenciais erradas. Ele era bastante famoso por seu trabalho com Rod Stewart e eu não sabia disso antes de contratá-lo, ou teria vetado a decisão da gravadora. Rod Stewart, principalmente no final dos anos 1980, era decididamente uma figura pop; o Megadeth, uma banda de thrash metal. É verdade que há momentos em que os gêneros musicais podem se misturar. Certamente não faltam exemplos de engenheiros e produtores de um gênero que trabalham bem com outros. Falando no geral, entretanto, é uma parceria estranha. O pop e o metal não são amigos. Cada um sabe exatamente onde o outro vive e tenta manter distância. Eles preferem escolher ruas, bairros e cidades diferentes.

Por essas razões e outras mais, eu estava cético. Mas animado com o disco e as músicas que tínhamos composto. Chuck trouxe uma nova dimensão para a banda e agora Jeff estava começando a se encaixar também. “Talvez,” pensei, “isso acabe funcionando bem.”

Nesse ponto, tinha se tornado uma tradição para o Megadeth incluir um cover em cada disco. Depois de “These Boots Are Made for Walkin’” e “I Ain’t Superstitious”, tínhamos uma reputação bem merecida por fazer escolhas interessantes em relação a isso e por distorcer, ao estilo metal, canções famosas de outros gêneros. Sim, isso vai contra a filosofia do metal *versus* pop, mas uma boa canção é uma boa canção. Decidi relativamente cedo no processo de compor e gravar que queria incluir um cover do Sex Pistols em *So Far, So Good... So What!* Era fã do punk e adorava os Pistols havia muito tempo. Sugeri “Problems” – uma das minhas canções punk favoritas – como o cover perfeito, mas Jay Jones discordou.

– Se vai tocar uma música dos Pistols, precisa ser “Anarchy in the UK” – ele falou.

A escolha do Jay era ao mesmo tempo filosófica e pragmática. Se havia uma música do Sex Pistols que todo mundo conhecia, era “Anarchy in the UK”. Haveria uma identificação instantânea por parte dos ouvintes e poderia ser bem divulgada.

– E faz sentido porque vocês são uma banda política – ele acrescentou.

Não acreditei nisso. Estávamos escrevendo músicas bem obscuras contendo imagens apocalípticas de guerra e morte, mas isso não necessariamente fazia do Megadeth uma banda política. Não naquele momento, pelo menos. Sim, tínhamos tocado temas políticos – “Peace Sells” sendo o exemplo mais óbvio –, mas não éramos abertamente políticos.

Mesmo assim, depois de alguma consideração, concordei com Jay e decidimos gravar “Anarchy in the UK”. A melhor coisa de toda a experiência foi chamar Steve Jones dos Pistols para tocar guitarra na faixa. Não sabíamos como responderia ao convite, mas ele aceitou logo. Estava vivendo no sul da Califórnia na época e veio um dia com sua moto Triumph, entrou no estúdio com um sorriso no rosto e... um gesso no braço!

– Que merda aconteceu com você? – perguntei.

Ele riu.

– Ah, estava andando de moto em Brentwood e uma mulher virou na minha frente. Passei voando por cima do guidão.

Orgulhoso e punk resistente que era, Jonesy não ia deixar que algo menor como um braço quebrado o impedisse de tocar. A gente se sentou e conversou um pouco sobre música. Eu estava nas nuvens, claro, porque tinha sido um fã dos Pistols, e era um verdadeiro prazer tê-lo no estúdio conosco. Quando sugeri que fôssemos trabalhar, no entanto, Steve fez um pedido surpreendente.



– Preciso de cem dólares e um pouco de sucção.

Eu ri. Da mesma forma que David Ellefson, que estava comigo no momento. Jonesy não riu.

– Cara, você está brincando, certo?

Nenhuma reação.

– Vou fazer o seguinte. Que tal se eu te der *mil* dólares e você arranja alguma sucção você mesmo, porque não vou ligar para ninguém vir até aqui e chupar você.

Jonesy estava tentando ficar sóbrio na época (não me lembro se tinha cruzado a linha final) e acho possível que estivesse nos sacaneando. Também é possível que estivesse completamente sério. Independentemente disso, para meu alívio, tudo foi esquecido e no final do dia, Steve estava no

estúdio, tocando guitarra em “Anarchy in the UK”, enquanto eu gritava os vocais como Johnny Rotten.

Entre a gravação *So Far, So Good... So What!* e o lançamento do disco, várias coisas aconteceram, algumas boas, outras nem tanto. Entre as boas estava a aparição em *The Decline of Western Civilization Part II: The Metal Years*, o documentário da diretora Penelope Spheeris sobre a cena heavy metal do final dos anos 1980 em Los Angeles. “In My Darkest Hour” foi incluída na trilha sonora e eu apareci no pôster promocional do filme. O mais surpreendente, dada nossa afeição pelas drogas e depravação, foi que os caras do Megadeth apareceram talvez como os mais inteligentes e conscientes no filme. Não sei se isso fala bem de nós ou mal do estado geral do heavy metal no final dos anos 1980. Um pouco dos dois, acho. Na minha opinião, Penelope, que também dirigiu o vídeo de “Wake Up Dead”, do *Peace Sells*, é genial; ela conseguiu capturar perfeitamente a sensação daquela era, em toda sua gloriosa e autodestrutiva decadência. *The Decline of Western Civilization Part II* foi bem recebido pela crítica e ganhou os créditos, na visão geral, por ajudar a acabar com o movimento glam rock²⁰ no sul da Califórnia. Só por isso, Penelope merece um grande abraço.

Apesar de todo nosso sucesso e aparente trajetória ascendente, o Megadeth ainda tinha uma série de problemas. Tanto Jeff Young quanto Chuck Behler tinham submergido na cultura da banda e eu ficava, na maior parte do tempo, negando para mim mesmo que estávamos perto de perder o controle. Isso se manifestava de forma trágica e cômica, muitas vezes tragicômica.

Num ponto, no meio dos anos 1980, fui me encontrar com Belinda Carlisle, a ex-vocalista de uma banda de garotas bastante popular e estranha chamada The Go-Gos, que tinha partido para uma carreira solo. Nesse caso, eu estava mais do que feliz de suspender minhas ideias sobre a impossibilidade de pop e metal conviverem (na mesma cama). Belinda era maravilhosa e estava, ao mesmo tempo, no auge (além de ser solteira). Não

tenho ideia se ela era fã do Megadeth ou de heavy metal em geral. Só sabia que, por intermédio de um amigo em comum, ia conhecê-la e embarcaríamos num honesto e bom “encontro”. Belinda veio até o Music Grinder um dia enquanto estávamos começando a mixar o *So Far, So Good... So What!* Infelizmente, o momento poderia ser melhor. Pouco antes de sua chegada, eu tinha terminado de cheirar um saco de heroína. Quando ela bateu na porta, joguei o saco vazio atrás de uma cômoda e acendi um baseado – melhor o doce cheiro de maconha do que o odor acre de heroína. Belinda entrou, bastante radiante – e sóbria, eu devo acrescentar – e sorriu.

– Oi – ela falou.

Eu tentei engolir toda a fumaça, mas sem sucesso.

– *Uou-hã!* – consegui soltar, com uma fumaça cinzenta preenchendo o ar.

Belinda se virou e saiu da sala. E foi o final desta história de amor estranha. Estava, acho, condenada desde o começo.

Com *So Far, So Good* quase perto de terminar e somente a mixagem final necessária para completar o trabalho, Paul Lani decidiu que encontraria maior inspiração no estado de Nova York do que no sul da Califórnia.

– Vamos para Bearsville – ele falou.

– Onde?

– Bearsville. É perto de Woodstock.

“Woodstock...”

A forma como ele falou, você pensaria que estava falando de Shangri-La. Eu entendi, claro. Inspiração é importante quando você está fazendo música ou criando qualquer tipo de arte, e se Paul achava que a proximidade com Woodstock, ou a beleza pastoral do norte de Nova York resultaria em um disco melhor, então eu estava a favor.

Até certo ponto.

Bearsville Studios tinha sido fundado em 1969 (isso mesmo, no ano do festival de Woodstock – difícil que tenha sido coincidência) por Albert Grossman, um manager talentoso cujo time incluía Bob Dylan, Janis Joplin e The Band. Todos esses artistas, e muitos outros, tinham tratado o estúdio como lar em algum momento, então o lugar certamente tinha uma forte reputação. Grossman, no entanto, tinha morrido uns anos antes e o Bearsville Studios logo entraria em declínio. Se esse processo já tinha começado quando chegamos para mixar *So Far, So Good* não posso ter certeza. Sei que se passaram apenas uns poucos dias para já me cansar de Woodstock. Minha exasperação tinha pouco a ver com os arredores bucólicos e tudo a ver com as excentricidades de Paul Lani.

Vou admitir que não cheguei com a melhor atitude. Droga, eu era um viciado e viajar é um desafio para qualquer viciado. Éramos somente nós dois – eu e Paul – e só tinha levado um pouco de heroína para a viagem, então sabia que ia terminar logo. Voar para o outro lado do país e se enfiar em algum local remoto significava encarar a realidade que, em algum momento, meu suprimento iria terminar e eu ficaria muito mal. E assim que isso acontecesse, tudo iria desmoronar. Eu perderia minha capacidade de entrar em foco, de me concentrar, de trabalhar.

O principal, no entanto, foi perder a paciência com Paul. Tudo em relação ao cara me cansava, de sua insistência em oferecer lições de etiqueta na hora das refeições (“Dave, essa é a forma correta de segurar uma colher”) a sua enlouquecedora atenção exagerada pelos detalhes no processo de mixagem. Em poucos dias, a irritação se transformou em desdém, ao ponto de que não conseguia mais olhar para o cara sem sentir um pouco de náusea.

Por sorte, havia outra banda gravando no Bearsville Studios ao mesmo tempo, que tinha uma sensibilidade parecida: Raven, outra das bandas influenciadas pela New Wave of British Heavy Metal. A gente começou a passar o tempo junto e, quando eles foram embora, por alguma razão que

não conseguia explicar, tudo ficou muito claro para mim: Paul Lani era o cara errado.

Sempre que tínhamos feito mudanças durante os estágios de produção ou mixagem do processo, a decisão tinha vindo da gravadora. Dessa vez, no entanto, fui eu. Tinha de brigar pelo que queria e não ia ser agradável. Mas precisava ser feito. Na manhã seguinte – como uma deixa – acordei e fiz café. Enquanto estava parado na cozinha, tentando tirar o sono dos meus olhos, olhei pela janela e o que vi desafiava a imaginação. Lá estava Paul Lani, respeitado produtor musical, andando no meio das árvores só de cueca. A visão desse gordinho, quase pelado, dando uma maçã (cortada e descascada, por acaso) para um alce, foi mais do que eu podia aguentar.

“Preciso ir embora. Preciso sair daqui imediatamente. Hoje.”

Poucas horas depois, eu estava voando para L.A. No final da semana, tínhamos demitido Paul Lani e trazido da Alemanha o engenheiro Michael Wagener para fazer a mixagem. Michael tinha trabalhado com várias bandas de rock e metal, incluindo o Metallica, mas o trabalho final de *So Far, So Good* não ficou bom, tudo ficou enterrado embaixo de muita reverberação, dando uma sensação geral de confusão para o disco.

Apesar de ter chegado a ganhar um disco de platina, a resposta da crítica foi bem dividida. Eu tomei umas porradas por mudar a letra de “Anarchy in the UK” e, no geral, a imprensa musical não foi tão elogiosa quanto tinha sido no lançamento dos dois primeiros discos. Não foi nenhuma surpresa – não éramos novatos e sempre há uma tendência a tratar melhor uma banda nova do que um grupo estabelecido. Para o Megadeth, as apostas eram altas. Como as expectativas.

Foi depois de *So Far, So Good* que comecei a desenvolver uma casca mais grossa. Eu tinha sido o rei da música até aquele ponto e, apesar de tentar não deixar algumas resenhas negativas modificarem minha visão de toda a indústria ou afetar minha atitude em relação ao marketing e à publicidade, claro que elas tiveram um impacto. Comecei a esquecer as

resenhas e focar mais intensamente nos fãs do Megadeth e como eles respondiam à nossa música. Para mim, resenhas sempre foram uma espécie de experiência bipolar. “Grande guitarrista, mas sua voz parece dois gatos trepando.” Mesmo se for verdade, fica algo velho depois de um tempo. E de todo jeito, nunca entendi a análise crítica que tenta ser rude acima de tudo.

Não sou um cara que gosta de responder quando a questão é a mídia (realmente é um jogo impossível de ganhar). Porque um artista sempre será julgado. No final, seu trabalho vai crescer ou fracassar por seus próprios méritos; o trabalho fala por si só.

19 Depois disso, eu me desculpei com o Jay e somos amigos até hoje.

20 Sempre afirmei que “GLAM” é na verdade uma sigla para “gay, L.A., música”.



Abrindo para o Dio em 1988.
Ouvindo a multidão aplaudir
no Long Beach Arena – um
dos meus lugares favoritos
desde que era moleque

10

O circo viajante

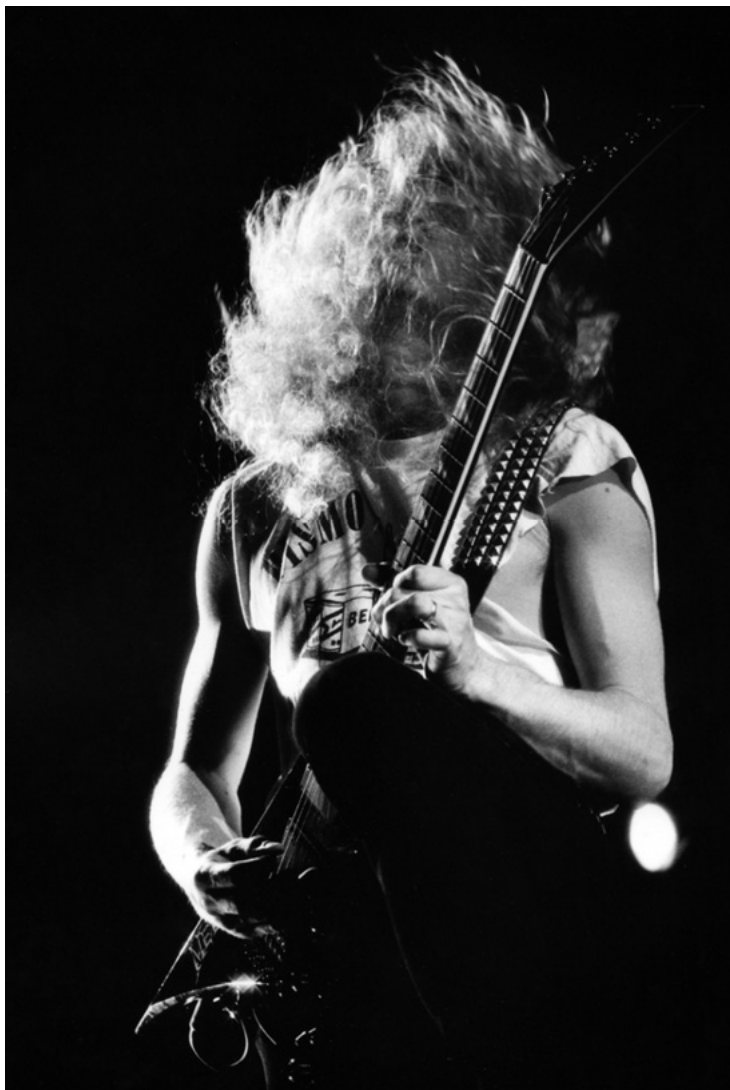
“Essa é pela causa! Devolvam a Irlanda aos irlandeses!”

Eu adoro o Reino Unido. É, afinal de contas, o lugar de nascimento do heavy metal. A primeira vez que o Megadeth tocou lá foi em 1987, depois do lançamento de *Peace Sells*. Eu ainda era bastante ingênuo e cheio de ambição, além de estar pronto para conquistar o mundo. Mas havia algumas coisas que ainda precisava aprender. Como a beber Strongbow Super Cider.

Depois de virar mais ou menos uma dúzia dessa coisa, uma noite no bar do hotel, subi para meu quarto. Ellefson e eu estávamos no mesmo quarto naquela turnê, mas ele tinha saído para ver um show do Deep Purple. Eu sabia que estava ruim assim que coloquei minha cabeça no travesseiro. O Strongbow Super parecia cerveja, tinha gosto de vinagre doce e quase o dobro de álcool em relação a uma cerveja vendida nos Estados Unidos. Em algum momento, entre o desmaio e o despertar no meio da noite, tinha ficado completamente bêbado. Para aumentar minha desorientação, não conseguia ver nada. Os hotéis na Inglaterra são geralmente antigas estruturas ao estilo de castelos, com paredes grossas e à prova de som e cortinas pesadas e enormes que inibem toda a luz. Assim, quando você

acorda às três da manhã com sua bexiga gritando por alívio, é melhor encontrar uma forma de chegar ao banheiro no escuro.

© Robert Matheu



Mandando ver durante um solo naquela noite em Long Beach, em 1988

A viagem pode ser desafiadora quando você está bêbado.

Eu me sentei na cama e tentei, sem sucesso, encontrar uma lâmpada ou um interruptor. Por quê? Eles não têm interruptores de parede nesse hotel (ou na maioria da Inglaterra, como descobri depois); em vez disso, as luzes eram ligadas por pequenos botões quase imperceptíveis na superfície da

parede. No escuro, você podia passar toda a noite tocando as paredes e não ia encontrar nada. Tentei caminhar pelo quarto, incapaz de ver minha mão na frente da cara. Finalmente, encontrei o que parecia ser algum tipo de tampa. Achando que era a tampa da privada (mas não ligando muito), levantei-a, abaixei minha cueca e comecei a mijar.

“Ahhh... sucesso.”

Depois voltei para a cama e desmaiei. Foi só na manhã seguinte que percebi o que tinha realmente acontecido. Acordei com a visão de Júnior parado ao lado da minha cama com uma cara de nojo.

– Ei, cara. Você mijou na minha mala?

Um ano e meio depois, em agosto de 1988, a gente voltou para o Reino Unido como parte da turnê Monsters of Rock, que também incluía Kiss, Iron Maiden, Guns N’ Roses e David Lee Roth. Ela começou espetacular, com um show para 114 mil fãs em Castle Donington. Sidra Strongbow foi a menor das minhas preocupações dessa vez. Momentos antes de entrar no palco, eu estava sentado em meu camarim, tentando fazer um cachimbo para haxixe com uma latinha usando uma faca de queijo engraçada que tinha encontrado durante o jantar pré-show. Quando vi, havia sangue escorrendo da minha mão.

– Me fodi...

Peguei uma toalha, fiz um torniquete e apliquei pressão por alguns minutos. Tive sorte. Poderia ter sido muito pior. Felizmente, umas faixas pararam o sangramento e consegui tocar. O show deve continuar, certo?

O negócio é que eu já estava bastante chapado quando chegamos ao Castle Donington. Sabia o suficiente sobre uso de drogas para esperar o pior: a estrada, afinal, era um lugar brutal para o viciado em cocaína e heroína, e não havia como evitar as coisas desagradáveis. Ninguém (bem, quase ninguém) era louco o suficiente para esconder um saco de heroína

nas malas, então, basicamente, você apenas aceitava o fato de que, quando saía do país para tocar, ia ter de aguentar uma abstinência por alguns dias. Para diminuir a dor, eu me automedicava de todas as formas para diminuir as necessidades. Bebia, fumava maconha... consumia haxixe usando uma lata. Qualquer coisa que funcionasse. Com o tempo, depois de três ou quatro dias, talvez uma semana, começava a me sentir melhor. Sempre dava para saber quem eram os viciados nas turnês: eram os que andavam por aí se arrastando, nariz escorrendo, parecendo ter uma forte gripe. E depois, milagrosamente, ficavam melhores.

Ou não.

Se estivesse desesperado, sempre dava para tentar táticas mais perigosas. Descobrir onde era o bairro barra-pesada e tentar ir até lá. Se não tivesse coragem para tal aventura, dava para tentar alguma tática mais saudável e sutil: procurar a ajuda de um membro piedoso da profissão médica.

Era uma técnica bastante comum, empregada por caras que não conseguiam aguentar esse sofrimento na estrada. E havia vários deles no Monsters of Rock. Só entre o Megadeth e o Guns N' Roses, já havia viciados em drogas e alcoólatras em número suficiente para abrir uma clínica de reabilitação.

Havia muita tensão e excitação no ar quando a turnê começou e, logo no primeiro dia, em Castle Donington, a excitação se transformou em tragédia, quando dois fãs foram esmagados e morreram quando a multidão se empurrava para a frente do palco durante o show do Guns N' Roses. Não há nada positivo nisso. Foi triste e horrível e, apesar de o Megadeth não estar diretamente envolvido, também sofremos. Assim, poucas horas depois do concerto, David Ellefson saiu do armário, por assim dizer, comentando que iria sair do Monsters of Rock para procurar tratamento contra o vício em heroína. Bom, não seria nenhum choque para alguém que seguia o heavy metal descobrir que um membro do Megadeth estava entrando na

reabilitação. Mas todo mundo teria suposto que esse membro da banda seria eu, não David Ellefson.

Vários fatores contribuíram para essa decisão, incluindo a intervenção da então namorada de David, Charley, bem como uma sensação de ansiedade esmagadora vinda da pressão de tocar para mais de cem mil pessoas. Mais do que tudo, no entanto, acho que a epifania de David foi animada por um desejo de terminar com a dor da abstinência. Colocado de forma simples, ele tinha ficado sem heroína e precisava se sentir bem.

Como resultado, o Megadeth foi obrigado a sair da turnê Monsters of Rock, uma decisão que teve implicações mais profundas. Tivemos de cancelar shows em sete estádios de futebol, o que afetou cerca de meio milhão de fãs. Estamos falando de muito dinheiro. Tudo na situação me deixou puto – das questões de David até o fracasso em relações públicas que se seguiu. Todo mundo na turnê sabia o que estava acontecendo, mas por algum motivo, nosso agente e manager decidiu inventar alguma ridícula versão Spinal Tap da verdade, na qual o Megadeth era forçado, relutantemente, a se retirar da turnê depois que o baixista da banda... *tinha escorregado na banheira e deslocado a porra do pulso!*

– Está brincando? – eu perguntei. – Isso é o melhor que conseguiu inventar? Ninguém vai acreditar nisso. Absolutamente ninguém.

Não acreditaram mesmo, claro, e os problemas começaram imediatamente, não só em termos de renda, mas também de vendas de discos, exposição e reputação. Foi uma das maiores turnês na história do metal e o Megadeth tinha desligado o plugue. Em pouco tempo, a verdadeira história tinha se espalhado e os dedos apontavam na minha direção. As pessoas estavam especulando havia muito tempo sobre meu uso de drogas, mas eu nunca tinha falado disso em público. Nunca *disse* nada, e certamente nunca falei nada sobre David. Então, quando ele entrou na reabilitação, as pessoas naturalmente pensaram que a culpa era minha. Não gosto de ficar distribuindo culpa por mau comportamento, meu ou de outro.

Responsabilidade é muito importante quando o assunto é evoluir como ser humano, então sou rápido em mandar à merda quando ouço pessoas chorando sobre seu próprio azar. Seria mais fácil dizer que me tornei um viciado em heroína sob a tutela de Chris Poland e Gar Samuelson, mas isso não seria justo. Também é igualmente injusto sugerir que David Ellefson teria permanecido sóbrio e limpo se não fosse sua amizade comigo. Éramos todos passageiros na mesma montanha-russa. Ninguém colocou uma arma em nossa cabeça e nos obrigou a entrar.

Ninguém nos mandou sair, também. Cada um de nós tomou sua própria decisão, com variados graus de sucesso.

Eu segui David, entrando em silêncio e voluntariamente num pequeno lugar em Van Nuys, Califórnia. Dizer que me esforcei no processo de reabilitação seria algo ridículo. Fui, em parte, porque sabia que tinha um problema, que meu uso de drogas estava se tornando absurdo e mais doloroso do que divertido, mas principalmente porque outras pessoas sugeriram que seria uma boa ideia. Minha namorada, Diana, tinha dito várias vezes que eu devia procurar ajuda e havia honestidade e amor em sua intervenção. Outras foram mais pragmáticas. A indústria musical, eu já tinha percebido, estava ficando menos condescendente com comportamentos ultrajantes e imprevisíveis. Se você quisesse proteger sua carreira, deveria ficar sóbrio.

Supostamente.

Lembro de chegar ao balcão de entrada, preencher o questionário e sentir tristeza, principalmente. Estava tão fodido que tudo que importava era ficar chapado. E não estava me chapando entre concertos ou ensaios; estava ensaiando entre as horas em que ficava chapado, estava fazendo shows entre as horas em que ficava chapado. Tinha me colocado numa situação muito ruim. Tinha me machucado e enganado os fãs. Era hora de resolver essa situação.

Só que não. Nem mesmo perto disso.

Depois de uns dias de tratamento, liguei para um amigo e perguntei se ele podia trazer algo até a clínica para ajudar a acabar com o tédio e a dor.

– Claro – ele falou. – O que você está precisando?

– Você sabe o que estou precisando.

– Está bem, sem problemas.

Meu amigo apareceu no dia seguinte para me visitar, o case da guitarra na mão. Falei para as enfermeiras que tocar música seria relaxante; diminuiria o desconforto e a ansiedade. Elas sorriram com compaixão. Assim que desapareceram, abri o painel frontal da guitarra e tirei o saco de heroína que estava escondido dentro. Não era mais difícil entrar com heroína na reabilitação do que roubar uma pizza do Domino's (algo que também já fiz). Oito dias depois de entrar, saí, viciado da mesma forma. Eles me obrigaram a assinar um papel reconhecendo que estava saindo “contra conselho médico”.

Olhei para o formulário e ri.

– Sabem de uma coisa? Se alguém deveria sair deste lugar, sou eu, porque estava trazendo drogas para este lugar e vocês nem se importavam. Vocês não ajudam realmente as pessoas.

A verdade, claro, era que ninguém poderia ter me ajudado naquela época. Nem no futuro próximo.

A formação do Megadeth responsável por *So Far, So Good... So What!* sobreviveu menos de um ano, sucumbindo, no final, a conflitos de personalidade alimentados principalmente por drogas e álcool. Chuck Behler tinha um amigo, técnico de guitarra, apelidado de “Gadget”.

Eu estava com ele uma noite quando fomos comprar heroína em Ceres. Uma das mais importantes regras em relação à compra de heroína era a de nunca carregar a merda no seu corpo. Você deveria carregar *dentro* do seu corpo. Assim que a transação se completava, o saco ia para sua boca. Dessa

forma, se fosse parado pela polícia, poderia engolir as provas. Mas o que fez o Gadget? Ele enfiou o saquinho entre os bancos de meu Z28 conversível. A gente nem tinha saído quando apareceu um monte de armas apontando para o carro.

© Robert Matheu



Uma foto durante a filmagem do vídeo “Wake Up Dead”, de *Peace Sells*. Foi tirada dentro de um hangar de aviação no aeroporto de Burbank, e os fãs vandalizaram os aviões depois da filmagem

– Mãos para cima!

Eu congelei. Não tinha visto nenhuma luz, nenhuma sirene. Nem sabia se esses caras eram policiais ou outros traficantes querendo nos roubar. Mas eram realmente policiais. Eu engoli meu saquinho e imediatamente comecei a pensar nas consequências do que estava acontecendo. Eles fariam uma busca no veículo, provavelmente o levariam e eu acabaria na cadeia. No entanto, por incrível que pareça, não foi isso que aconteceu. Na verdade,

estavam prendendo Gadget, porque era ele quem estava do lado de fora do carro, fazendo a compra. Mas os policiais também não queriam o Gadget. Queriam o cara que nos tinha vendido a heroína. Eles me deixaram livre e levaram o Gadget para que apontasse quem era o traficante. Ele acabou indo para a cadeia por alguns dias, dividindo a cela com o cara que tinha dedado. Gastei mais de 5 mil para resolver tudo, mas depois disso, não tinha certeza se devíamos manter o Chuck na banda. Havia muita loucura, muito drama.

Chuck foi substituído na primavera de 1988; numa cruel ironia do destino, sua saída foi facilitada por seu próprio técnico de bateria, da mesma forma que ele tinha ocupado a vaga de Gar.

É uma história que aconteceu em dois dias. Estávamos tocando em Antrim, na Irlanda do Norte, e eu estava nos camarins antes do show, enchendo a cara de Guinness, quando ouvi que alguém estava vendendo camisetas piratas do Megadeth na plateia. Isso era proibido; num show do Megadeth, as únicas pessoas que podiam vender camisetas eram os agentes autorizados. Então falei: “Alguém poderia tirar esse cara e pegar essas camisetas”. Confesso que os detalhes nesse ponto começam a ficar um pouco confusos. Lembro de uma forte discussão no camarim e alguém tentando me explicar algo sobre vendas de camisetas sendo usadas para levantar dinheiro para “a causa” e lembro de gritar para o cara: “Não dou a mínima para a causa; ninguém vende camisetas no meu show!”.

O cara começou a falar algo sobre religião organizada, opressão e intolerância. Em essência, ele estava resumindo a disputa existente entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte, apesar de eu não ter percebido isso naquele momento e não saber nada sobre o conflito. E estava muito bêbado para me importar. Quando subi ao palco, estava completamente descontrolado. Lembro de ter sido atingido na cabeça por uma moeda que algum moleque jogou. Tentei encontrá-lo, queria arrastá-lo para o palco e meter minha guitarra na sua cabeça. Não era minha primeira confusão no

palco, já tinha chutado uma tela de vídeo durante um show em Nova York e batido num fã em Minnesota depois que ele correu pelo palco. Completamente bêbado nas duas vezes, claro; então, quando vi esse moleque tentando passar por uma barricada e vir na minha direção, estava louco para brigar.

A segurança o parou antes que conseguisse subir, mas o clima da noite já estava criado. Acabei indo rapidamente para trás dos amplificadores enquanto a ordem estava sendo restaurada e vi Chuck com seu técnico de bateria, Nick Menza, os dois fumando maconha e cheirando umas carreiras.

Eu ri em voz alta.

– Isso é o que vocês fazem aqui atrás?

Na verdade, era exatamente o que eles tinham feito ali atrás, durante vários meses. Não me importava. Voltei para a frente do palco e continuei tocando, para a plateia que agora estava tomada pela loucura. A última coisa que me lembro é de pegar uma garrafa de *schnapps*, que Chuck sempre tinha por perto, e dar uns goles. Não me lembro do resto do show, mas me contaram que foi isso que aconteceu. Eu apresentei a última música da noite, “Anarchy in the UK”, com a seguinte frase:

– Essa é pela causa! Devolvam a Irlanda aos irlandeses!

Não sabia o que estava fazendo ou o que estava falando. Tenho certeza de que pensei que era algo legal para dizer, um inofensivo grito patriótico. Estilo Paul Revere: “Uma lanterna se por terra, duas se pela água!”.²¹ Em outras palavras, besteira ignorante. Basicamente, no entanto, minhas palavras criaram uma divisão estilo Mar Vermelho na frente do palco: os católicos de um lado, protestantes do outro. O que eles tinham em comum era que estavam bêbados e loucos para brigar ao menor sinal de provocação. E era o que eu tinha fornecido. O show terminou no ato e fomos logo levados para fora da área num ônibus à prova de balas.

O circo continuou e no dia seguinte fizemos um show em Nottingham, Inglaterra. Quando fazíamos a passagem de som, Chuck estava muito

travado para tocar.

© Ross Halfin



Jovem e sem medo de tirar a camisa

Por algum tempo, Nick tinha implorado pela vaga. “Toco melhor do que ele”, dizia. “Deixe-me tocar.” Agora ele tinha sua chance. Nick pulou atrás da bateria e começou a tocar a abertura de uma música que eu tinha composto apenas horas antes, uma música que seria gravada em *Rust in Peace*. Ainda com o título provisório de “Holy Wars”, foi uma tentativa de lidar com minha vergonha por causa do que tinha feito na noite anterior.

Apesar de a maioria das pessoas – inclusive eu – sempre rir quando ouve a história do show em Antrim, fiquei realmente envergonhado na época, então queria escrever algo atencioso e cheio de remorso. Foi por isso que assumi um tom autodepreciativo na letra:

*Fools like me who cross the sea and
Come to foreign lands
Ask the sheep for their beliefs
Do you kill on God's command?*²²

Nick tocou sem erro. A vaga ainda não era dele, mas poderia ter sido. A partir daquele momento, não havia necessidade de tolerar os lapsos de Chuck nem mesmo aguentar o fato de que não nos dávamos muito bem. Tínhamos um baterista perfeitamente capaz e legal esperando ali ao lado.

Encontrar um substituto para Jeff Young provaria ser uma tarefa mais complicada, mas sua saída também era necessária e inevitável. Jeff tinha suas excentricidades e inseguranças, nenhuma das quais se encaixava com as minhas. Houve, por exemplo, a noite na Flórida quando ele começou a brigar e ameaçou sair. A razão pela raiva de Jeff? Depois de abrir uma das minhas malas, ele tinha descoberto uma velha carta de amor escrita por uma garota chamada Doro Pesch, a vocalista de uma banda de metal chamada Warlock. Era uma garota linda e fiquei muito feliz pela atenção, por isso guardei a carta, apesar de que o flerte não deu em nada. Mas Jeff, que tinha perseguido a Doro sem sucesso nos meses anteriores, ficou tão ofendido que sentiu que não podia tocar mais com o Megadeth. Eu é que deveria ter ficado puto. O cara tinha mexido nas minhas coisas.

Esse episódio foi somente um falso alarme. Jeff não saiu, mas seu comportamento ficou cada vez mais complicado; por isso, eu estava a ponto de mostrar a porta de saída para ele. Quando descobri que Jeff tinha ligado para minha noiva, Diana, uma noite – completamente chapado, presumo – e

contou que tinha a fantasia de transar com ela enquanto trepava com sua própria namorada... bem, essa é uma linha que não se pode cruzar. Ninguém caga onde come, e não tenta foder com a noiva do seu companheiro de banda. Especialmente quando esse cara é seu chefe.

Então, a gente falou por telefone e eu disse que ele estava fora da banda. Nada de longas histórias chorosas, nenhuma explicação. Feito. Fim. Em poucos minutos ele estava do lado de fora da casa que eu dividia com Ellefson. Estava com o Yugo rosa de sua namorada, batendo na porta e chorando.

– Cara, por favor, deixe-me entrar. Me desculpe!

– Vai embora daqui, Jeff!

– Vamos lá, cara – ele pediu. – Eu estava sacado.

Sacado não era uma desculpa, mas um termo que usávamos para descrever quando estávamos tomados pelas drogas. Se você estivesse sacado, tinha tomado uma dose. E estava pronto para a farra.

Bem, claro, abri a porta. Jeff entrou, pediu desculpas de novo, depois dividiu seu suprimento comigo e com o Ellefson.

Na manhã seguinte, a gente chutou o cara da banda.

É engraçado como o tempo pode curar essas coisas. Nós nos reunimos há pouco tempo – a formação de pouca duração do Megadeth de 1988 (incluindo Jeff Young, agora um sobrevivente de câncer, limpo e sóbrio) – para trabalhar na remixagem de nosso catálogo e rimos muito com aquele ano em que vivemos de maneira bem cáustica. A gente se abraçou, pediu desculpas, riu da nossa própria depravação e da insanidade geral de toda a experiência. Mas na época, cara... foi brutal. Queríamos nos matar e chegamos perto disso.

21 Paul Revere ficou famoso durante as batalhas pela independência dos Estados Unidos. Era mensageiro dos colonos e sua tática era sinalizar com uma lanterna para avisar se o exército inglês avançava por terra ou duas se vinha pela água, que seria o rio Charles. [N. T.]

22 Estúpidos como eu que cruzam o mar e / Chegam a terras estrangeiras / Perguntam aos cordeiros quais são suas crenças / Você mata sob as ordens de Deus?

Eu adicionando fibras à
minha dieta

© Robert Matheu



11

Contra conselho médico

“Você está na lista proibida dessa porra de indústria! E sabe de quem é a culpa? Daquela sua mãe vagabunda e bêbada.”

Se você vai ser pego dirigindo bêbado, é melhor preparar o bolso. Valeu para mim.

No verão de 1989, eu estava dirigindo pela Ventura Boulevard, voltando para casa, tão perto da minha rua e tão completamente travado que não estava nem preocupado com um encontro com os policiais. Eu me sentia essencialmente intocável nessa época, ou era o que pensava. Tinha somente um semáforo para cruzar. Só isso, apenas um semáforo me separando de outra noite de liberdade. Eu arranquei e, à minha esquerda, vi alguém com a cabeça para fora, do lado do passageiro do carro. Estava tentando falar algo para mim, então abaixei o vidro para ver o que ele queria. Parecia um cara legal.

– Pare o carro, senhor – ele falou. Pude ver, então, que ele estava mostrando um distintivo.

– Tudo bem, policial. Sem problema.

Lembro que ele falou algo sobre como iam cuidar de mim, chamar um táxi e me levar para casa, e achei que era algo muito legal da parte deles.

Em seguida, havia dezenas de luzes brilhando ao meu redor, em todas as direções.

“Uau... esses táxis parecem carros da polícia.”

Foi então que percebi que *eram* carros da polícia.

“Oh-oh... alguém deve estar com problemas.”

A lista de itens encontrados em meu sangue ou no meu carro naquela noite é uma boa indicação de como minha vida estava descontrolada: maconha, Valium, cocaína, heroína, hidrato de cloral (remédio para dormir), álcool, uma colher e uma seringa. Por que esses últimos itens estavam comigo, não posso responder com certeza; não era usuário de drogas intravenosas. Eu me injetei poucas vezes na vida – uma muito antes da minha prisão, e outras pouquíssimas vezes bem depois, quando a heroína já tinha me esgotado. Não havia nenhum motivo para ter uma seringa no carro. Mas ela estava lá. Então que porra era aquilo? A questão é, o carro estava parecendo uma farmácia ambulante, e eu era tanto cliente quanto proprietário.

As consequências da minha prisão foram rápidas e simples. Fui condenado a participar de dez reuniões dos Alcoólicos Anônimos e de um programa contra o alcoolismo por um período de dezoito meses. Não funcionou assim, no entanto. Depois da primeira hora da primeira reunião do AA, eu já não aguentava mais. Não conhecia o programa a ponto de entender que a assinatura era opcional, que eu podia escrever “Joe Blow” no registro em vez de “Dave Mustaine” e ninguém se preocuparia (chamasse Alcoólicos *Anônimos* por um motivo). Achei que alguém estava espiando, esperando, mantendo um controle sobre todos os bêbados que eram enviados pelo juiz. Tive uma ideia. Como ainda estava escrevendo quase todas as músicas da banda, com os *royalties* e os direitos, era eu que ganhava mais dinheiro no Megadeth. Bem mais. Então, pensei, por que não fazer um acordo?

– Ei, Júnior. E se eu pagasse para você ir às reuniões do AA no meu lugar?

– Quanto?

– Não sei. Algumas centenas de dólares, talvez.

– Tudo bem, legal.

Foi simples assim.

David foi a uma reunião... depois a outra... e logo eu estava pagando para ele ir às reuniões às quais acho que iria até de graça. Algo mudou. Ele parou de beber, parou de usar drogas. E uma noite, olhei para ele, limpo e sóbrio, e disse:

– Puta merda! Eu acidentalmente fiz o Júnior completar os doze passos!

O AA funcionou para o David. Para mim? Não muito. A ideia de me encontrar com um bando de caras com camisas polo e cabelo para trás não me agradava muito. Tudo em relação ao AA me parecia cínico e falso. É um programa baseado no cristianismo e no poder curador de Deus justaposto à impotência do homem, um conceito que deve ser abraçado para entender e superar o vício e, mesmo assim, você não deve falar de Deus nas reuniões do AA. Eu saí da primeira reunião dizendo: “Vocês são uns fodidos. Não me espanta que tenham cem novatos para cada cara com mais de 20 anos no programa. Ninguém em sã consciência aguentaria esse programa”.

A verdade é que não achava que tinha um problema. Bom, isso não é toda a verdade. Sabia que tinha um problema. Só achava que podia resolvê-lo sozinho. Não era sério em relação à minha sobriedade. Quanto a arrependimento? É, eu tinha – tinha me arrependido de ser pego. Não tinha nenhum remorso do ato em si ou do comportamento imprudente e autodestrutivo que levou à minha prisão. Há uma grande diferença, óbvio. Programas de reabilitação e penitenciárias estão cheias de homens que se arrependem de suas maldades, principalmente por causa das consequências do que fizeram. Mas remorso é algo totalmente diferente. Ele nasce de algo

mais profundo, algo mais puro. Nasce de um desejo de ser uma pessoa melhor e de parar de machucar a si mesmo e às pessoas ao seu redor.

Eu ainda não sentia isso.

A vida continuou, como deveria, apesar de todos os problemas ao nosso redor. Nick Menza tinha assumido o lugar de Chuck Behler, mas a busca por um novo guitarrista iria se estender por alguns meses. Nesse meio tempo, continuei a compor músicas, a beber e a fumar heroína e cocaína. É absurdo como funciona a indústria musical – como a máquina de uma banda, principalmente uma com grandes vendas, continua funcionando mesmo com várias partes enferrujadas e quebradas.

Apesar das mudanças de membros e dos problemas pessoais, o Megadeth continuou sendo uma banda com grande potencial artístico e econômico, e, assim, trabalho e oportunidades continuaram aparecendo. Gravamos um cover de “No More Mr. Nice Guy” do Alice Cooper para a trilha sonora do filme de Wes Craven *Shocker – 100 mil Volts de Terror*.²³ Nossa querida amiga Penelope Spheeris foi contratada para dirigir o vídeo de “No More Mr. Nice Guy”, uma experiência que foi ao mesmo tempo hilária e deprimente.

Tenho o maior respeito por Penelope, então não vou discordar de sua bem-documentada lembrança que eu estava basicamente muito fodido para tocar guitarra no dia da filmagem. Para ser justo, no entanto, devo afirmar que foi algo bastante desafiador. Penelope me colocou ali parado, tocando, num gigantesco pedestal rotatório – como um toca-discos gigante. As coisas teriam sido mais fáceis se o pedestal fosse plano. Mas não era. Era mais como uma daquelas coisas que os skatistas usam para praticar quando estão em casa. Como uma gangorra. Então, lá estava eu, tentando tocar guitarra enquanto tudo estava girando, rotacionando e subindo e descendo.



Jeff Young, eu, Chuck Behler e David Ellefson (formação do *SFSGSW*, 1987-1989)

– Continue tocando, Dave! – gritava a Penelope. – Mantenha os olhos na câmera.

Mais giros... mais subidas... descidas.

– Gire, Dave! Olhe para a câmera. Não! Muito rápido! Desse lado!

Seria difícil atuar e tocar no vídeo, mesmo estando sóbrio. Fodido? Esquece. Sem chance.

A gente trocava de manager quase na mesma velocidade com que trocava de bateristas e guitarristas. Jay Jones, Keith Rawls e depois Tony Maitland, que tinha levado o Fine Young Cannibals a seus quinze minutos de fama. Tony ficou com o Megadeth por um nanossegundo antes de deixar o cargo para Doug Thaler, um ex-músico cuja carreira de manager tinha decolado graças a seu trabalho com o Mötley Crüe, Scorpions e Bon Jovi. Minha

primeira reação ao ouvir que Doug queria ser manager do Megadeth foi “Caralho, agora sim!”

Provou ser um pouco mais complicado do que isso. A assistente de Doug chamava Julie Foley, que também acabou sendo a namorada de David Ellefson. David e eu ainda vivíamos juntos e, supostamente, estávamos limpos. Ele tinha permanecido sóbrio, eu não. Assim, um dia, enquanto eu estava em casa, me chapando de heroína, Julie e David deram uma passada. Julie ficou puta e imediatamente ligou para o Doug, que entrou no modo intervenção. Ele não tinha nenhum pudor em falar que eu precisava de ajuda e que minha carreira dependia disso. Doug, afinal, tinha passado por esse tipo de coisa com o Mötley Crüe. Além do mais, nesse período era politicamente correto que celebridades bêbadas e viciadas – atores, músicos, escritores – abraçassem a sobriedade de uma maneira bem pública (e geralmente cínica e como forma de autopromoção). Doze passos para uma carreira melhor e essas coisas.

Havia, na época, um conhecido “policial da sobriedade” chamado Bob Timmons, cuja especialidade era trabalhar com artistas, principalmente músicos. Doug já o conhecia desde o tempo do Mötley Crüe. Se alguém poderia dar um jeito em mim, Doug pensou, seria o Timmons.

Concordei em entrar na reabilitação e começar a trabalhar com o Timmons, mais para que todos me deixassem em paz do que outra coisa. Certamente, seria exagero dizer que estava preparado para investir algum capital emocional no processo de reabilitação. Só queria acalmar os caras que estavam me enchendo o saco. Tudo aconteceu muito rápido, que é como sempre acontece nas intervenções.

“Vamos. Agora. Nem precisa fazer a mala. O carro está esperando.”

No meu caso, o carro era uma limusine. Enquanto esperava sua chegada, esvaziei um saco de heroína e depois enrolei um baseado. O último por um tempo, pensei. Poderia até gostar. Alguns minutos depois, Timmons apareceu. A gente conversou um pouco, entrou na limusine e foi

até o Scripps Memorial Hospital, em La Jolla. Alguns quarteirões depois, eu abri a janela do carro e acendi o baseado que tinha enrolado antes de sair.

– O que você está fazendo? – perguntou o Timmons.

– Ei, tudo bem, cara. Só vou fumar um baseado no caminho. Sabe, uma despedida.

Ri, pensando que um cara como Timmons já tinha visto e feito de tudo, por isso apreciaria uma boa piada.

Ele não gostou.

– De jeito nenhum, mano.

– Como assim?

– Estou falando *não*. Já estamos a caminho.

Num instante, minha atitude mudou de resignação – com um pouquinho de otimismo – para indignação.

– Vai se foder! *Você* está a caminho. Eu vou para casa. Pode voltar com a porra da limusine.

– Não posso, mano. A viagem já começou.

Qualquer energia positiva que eu tinha levado para o processo (e não era muita, devo admitir) desapareceu. Não queria estar naquela limusine, não queria estar perto de Bob Timmons, não queria entrar na reabilitação.

Timmons, claro, já tinha passado por esse tipo de situação antes; estava acostumado a casos difíceis e começou a falar durante todo o caminho, basicamente contando a história da sua vida. Disse que, quando era jovem, tinha sido membro da Irmandade Ariana. Nunca dá para conhecer ninguém, acho, mas para ser perfeitamente honesto, não conseguia ver esse cara na IA. Simplesmente não parecia verdade. Bem, quando fiquei sóbrio, alguns anos depois, e comecei a fazer algum trabalho de patrocínio, conheci alguns alcoólatras e viciados recuperados que tinham feito coisas realmente assustadoras e atroz. Muitos deles, não foi surpresa, tinham participado de gangues, incluindo a Irmandade Ariana. E alguns afirmavam ter cruzado com Bob Timmons.

– Muito barra-pesada, né? – eu disse.

– Uh... não exatamente.

Da forma como me contaram, Timmons tinha sobrevivido ao seu tempo na prisão fazendo favores sexuais à IA. A gangue, em troca, fornecia proteção. Era verdade? Não tenho como saber, mas parece plausível. Timmons morreu há alguns anos e nunca perguntei nada para ele. Nossa relação morreu logo depois dessa viagem de carro. Na verdade, quando chegamos lá, eu já estava pensando em ir embora. Durei um pouco mais do que na primeira vez, mas não muito.

Para diminuir o desconforto da minha estadia, havia uma linda jovem toda coberta de tatuagens. A gente se conheceu logo no começo e descobriu que tinha muitas coisas em comum. Bom, coisas suficientes, digamos.

“– Você gosta de heroína? Eu também!

– Você é fã do Megadeth? Puta merda! Eu toco no Megadeth!”

Houve uma revolta de pacientes um dia, com os internos correndo por todos os lados, putos com a comida, com as sessões de aconselhamento, com quase tudo que se possa imaginar. No caos que se seguiu, minha namoradinha punk fugiu da reabilitação, tomou um táxi até Via De La Valle, perto do hipódromo de Del Mar, a quase vinte quilômetros. Lá, ela entrou num restaurante, conseguiu um pouco de heroína e trouxe de volta para o centro de tratamento, onde nós dois ficamos chapados.

Como na minha primeira visita à reabilitação, fiquei chocado com a facilidade para entrar com drogas. Quando fiquei sóbrio, perdi todo o interesse em continuar com o programa. Só queria ir para casa. Então liguei para a única pessoa que não fazia perguntas, a única pessoa que me amava incondicionalmente e faria o que eu quisesse, mesmo se fosse algo pouco razoável e não necessariamente o melhor para mim.

Minha mãe.

Ela veio me pegar no dia seguinte e eu saí do hospital, como antes, “contra conselho médico”.²⁴ Quando cheguei em casa, havia uma

mensagem de Doug Thaler na minha secretária eletrônica. Não era algo surpreendente, claro. Sabia que haveria um preço a pagar por abandonar o programa. Sabia que Doug estaria furioso. Não sabia que ele ia perder a cabeça.

– Você está na lista proibida dessa porra de indústria! – ele falou. – E sabe de quem é a culpa? Daquela sua mãe vagabunda e bêbada.

“Uouuuu”.

Essa foi a minha primeira reação.

Minha segunda reação foi: “Vou matar esse filho da puta.”

A questão com a minha mãe é essa: ela teve uma vida dura e solitária. Amou seus filhos e teria feito qualquer coisa por nós, e geralmente não ajudávamos muito. Eu, pelo menos, não ajudei. Mas minha mãe era uma pessoa normal que trabalhou muito (limpando o banheiro e o chão dos outros) e gostava de tomar uma cerveja quando chegava em casa. É isso. Não era nem viciada em drogas, nem alcoólatra. Entendo a raiva do Doug; tive um papel nesse caos. Ele queria ser meu manager, mas eu não deixava. Era imprevisível e duvidoso, e, como resultado, colocava em risco sua segurança e reputação. Tudo bem. Pode ficar puto comigo. Mande um soco na minha cara. Mas falar bosta da minha mãe? Totalmente absurdo.

Claro que esse foi o último dia de emprego de Doug como manager do Megadeth. Ele disse que ia começar uma campanha de calúnias, mas eu esfriei a cabeça e paguei indenizações por ter colocado sua segurança em perigo e por não ser um bom cliente antes que aquilo começasse. A indústria musical geralmente é bastante condescendente com mau comportamento – e geralmente parece premiar quem se comporta mal – especialmente aqueles que possuem algum talento e um currículo de discos que venderam bem.

Nosso manager seguinte foi Ron Laffitte, que eu conhecia, e gostava, desde os dias do Metallica. Ron era elegante e inteligente, e tínhamos um monte de coisas em comum: sua mãe era alemã, minha mãe também; seu sobrenome era francês, o meu também; ele era de virgem, eu também. Além disso, os dois tinham cabelo comprido ruivo e personalidades extrovertidas, podíamos ser irmãos. Na verdade, Ron foi mais do que um manager para mim na época. Era meu amigo. A gente ficava do lado de fora do estúdio, treinando artes marciais num dojo que era do grande campeão Benny “The Jet” Urquidez. Fomos fazer paraquedismo juntos. Aos poucos, comecei a me sentir saudável. Não aconteceu de um dia para o outro, obviamente, mas certamente estava em melhor forma, física e emocionalmente, do que tinha me sentido havia muito tempo. É difícil explicar a trajetória do meu vício e da minha sobriedade – não foi algo parabólico, mas longo e ondulado.

Enquanto tentava compor músicas para o disco seguinte, *Rust in Peace*, fazia um esforço para viver como um cara relativamente “normal” que estava chegando aos trinta anos. Fazia exercícios, mantinha uma dieta saudável, focava no meu trabalho e bebia de vez em quando. Algumas vezes. Não estava convencido que era desaconselhável farrear como qualquer outro cara. Havia muitas pessoas no “programa” e, com isso, estou me referindo principalmente ao AA, que não eram muito tolerantes com quem não estava no programa. Se você não tem seu medalhão e não vai às reuniões de músicos, e não fica falando por aí: “Pela graça de Deus, cara”, não é parte do clube.

Eu não estava no clube.

Ao mesmo tempo, quando eu ia a bares olhava por cima do ombro um pouco, imaginando quem estava me espionando e anotando tudo que acontecia na minha vida. Por quê? Porque tinha medo. Apesar de agir como se isso não me importasse, eu tinha ficado abalado pela ameaça de Doug Thaler. Aquilo tinha me deixado bravo e motivado a procurar vingança.

Mas eu também sabia que a única forma para conseguir ter alguma credibilidade era dando um jeito na minha vida.

Para isso, eu continuava a procurar um grande guitarrista, alguém que fizesse todo mundo esquecer Jeff Young, e talvez até deixar de pedir a volta de Chris Poland. O processo foi lento demais, com milhares de testes. Um cara apareceu, e desde então ele conta para todo mundo que escreveu o comezinho de “Wake Up Dead”. Bom, mas o teste do cara aconteceu mais ou menos na época do quarto disco do Megadeth. “Wake Up Dead” está em *Peace Sells*, gravado uns três anos antes. Vai entender.

Também apareceu o cara que chegou ali uma manhã parecendo um músico de estúdio dos Allman Brothers: cabelo comprido, loiro, preso num rabo de cavalo, botas de bico, jaqueta jeans, uma voz nasal com sotaque sulista.

– Tudo certo – ele falou, enquanto ligava a guitarra ao amplificador. – Estou pronto para vocês me mostrarem suas músicas.

Eu fiz uma cara de: “Você está me zoando? Isso é um teste! Não é uma aula de guitarra.”

Júnior e eu tínhamos desenvolvido um sistema para lidar com esses idiotas. A gente se virava e desligava o transmissor sem fio, terminando, na prática, com o teste. Nesse caso, a gente se olhou e realizou o movimento simultaneamente.

“Terminamos por hoje.”

Nem me lembro quantos caras assim a gente ouviu; depois de um tempo, comecei a perder a esperança de encontrar o cara certo. Finalmente, um dia em fevereiro de 1990, entrei na sala de Ron Laffitte e vi a capa de um disco na mesa dele. *Dragon's Kiss* era o título. Era o disco solo de um guitarrista chamado Marty Friedman, que eu conhecia vagamente por causa de seu trabalho com uma banda chamada Cacophony. Peguei o disco, tentando não rir. Na capa, Marty estava usando algum tipo de jaqueta de

couro brilhante (ou macacão; era difícil saber) aberto no peito. O cabelo tinha sido penteado com longos cachos de dois tons.

– Você está me zoando, não?

– Ouça o disco, está bem? – ele pediu.

Menos de dois minutos depois de começar a ouvir, eu estava convencido. Mais do que isso, na verdade, estava chocado.

– Esse cara quer tocar com *a gente*?

Ron sorriu, acenando com a cabeça que sim.

Marty apareceu de uma forma que não causou muita impressão: jeans com buracos, sapatos de cinco dólares, cabelo da mesma cor que tinha aparecido na capa do disco. Seu equipamento consistia em uma guitarra barata, uma Carvin, e um pequeno rack. Para levar e instalar todo esse equipamento, tinha contratado os serviços de um técnico com um nome inconvenientemente comprido: Tony DeLeonardo. Enquanto olhava Tony trabalhar, fiquei preocupado, porque o equipamento poderia não fazer justiça ao que tinha ouvido no disco solo de Marty. Então fiz uma sugestão.

– Ei, Tony – sussurrei. – Quando for a hora do solo, você pisa nesse botão aqui, tudo bem?

Como eu tinha uma verdadeira parede de Marshalls, tinha passado um dos meus amplificadores ao Marty para que ele pudesse tocar a base. Depois, montamos outro ampli para detonar quando ele fizesse o solo. O som extra deixaria bastante claro se ele era o cara certo ou não. Não havia como se esconder.

Não que isso fosse necessário. Marty passou por todo o teste sem nenhum erro. Como tínhamos feito em todos os outros testes, filmamos, mas Marty tinha tocado tão bem que nem nos preocupamos em rever. Liguei imediatamente para o escritório de Ron Laffitte e disse: “Já temos nosso guitarrista”.



A formação que logo seria famosa ou infame de *Rust in Peace*. Da esquerda para a direita: David Ellefson, Marty Friedman, eu e Nick Menza

Marty tinha as manhas, e tanta que nada mais importava. Nem o cabelo ruim ou a falta de estilo, ou o fato de que seu nome não poderia soar menos “metal”. Pensei em mandá-lo para a Escola de Rock, assim como tínhamos feito com outros membros da banda, talvez conseguíssemos convencê-lo a mudar de nome. O nome do meio de Marty era Adam, então pensei: “Hummm... Adam Martin. Isso é bem legal” (Marty mais tarde gostou da minha ideia e colocou Adam Martin como o nome da sua empresa). Assim como David Ellefson, ele não aceitou, mas não podia chamá-lo de Júnior, também. De alguma forma, tudo acabaria funcionando.

E funcionou. A formação estava pronta – o Megadeth estava de volta, um quarteto poderoso, que tinha o potencial para ultrapassar até mesmo a formação que havia gravado nossos primeiros dois discos. Entramos no estúdio armados com grandes músicas e um compromisso de tocar forte e ficar sóbrios, pois éramos a maior banda de thrash metal do planeta. Em

poucas semanas, no entanto, tudo começou a desmoronar e dessa vez eu só podia culpar a mim mesmo. Ficava olhando o Marty tocar, ouvindo o que saía da sua guitarra e... bem... eu desmoronei. Não sei como explicar de outra forma. Ele era melhor do que eu – mais talentoso, mais comprometido, mais... tudo. Ver Marty me fez perceber como tinha me tornado preguiçoso. Não progredira como artista. Tinha estagnado. Essa percepção era mais do que poderia aguentar e para lidar com essa sensação, me voltei novamente para a heroína e a cocaína.

Não quero dar a ideia de que Marty foi, de forma alguma, responsável pela minha recaída. Não foi culpa dele, claro. Seu talento foi somente um catalisador. Queria Marty na banda, sabia que ele era o cara certo para preencher o vazio que já tinha dois anos. Só precisava superar minha própria insegurança e neurose.

Central para conseguir esse objetivo foi um cara chamado John Bocanegra, que era o diretor do programa no centro de tratamento de Beverly Hills, onde passei minha terceira tentativa de reabilitação.²⁵ Nessa viagem em especial, por qualquer razão, eu estava pronto para realmente mudar. Queria melhorar. Queria me *sentir* melhor.

John era diferente de qualquer conselheiro que já tinha conhecido no passado. Ah, ele também ficava se gabando das mesmas coisas, o mesmo comportamento irreverente, que não aceitava nenhuma bosta, mas havia algo mais debaixo da superfície e eu consegui sentir isso imediatamente. Gostava dele e confiava nele – na verdade, a gente ficou tão amigo que ele acabou sendo meu padrinho de casamento. John era um cara muito magro, com 1,60 m de altura e mais de 100 quilos, um bigode enorme e cabelo escuro dividido mais ou menos no meio. Se não fosse pela gigantesca tatuagem de gangue no pescoço, ele poderia passar por um desses caras divertidos que se vê tocando em bandas de mariachi nas noites de sábado em restaurantes mexicanos ruins.

Depois que você conhece o John, no entanto, compreende que seu jeito não é artificial. Ele não era o cara que enfrentou a prisão sendo uma putinha. A primeira vez que me contou que tinha sido um gângster antes de ficar sóbrio, eu meio que ri da palavra.

– Gângster? O que o torna um gângster?

John me contou, sem demonstrar que estava se divertindo, sua carreira como criminoso. Um dia, falou, entrou num banco e atirou num guarda de segurança durante um assalto.

– Que porra, cara? – falei incrédulo. – Por que você atirou nele? O que ele fez?

– A primeira coisa que eu disse quando entrei no banco foi: “Ninguém se mexe” – John me explicou. Depois ele fez uma pausa e deu de ombros. – O cara se mexeu.

Presumindo que a história era verdadeira, não tenho certeza de como John conseguiu evitar passar o resto de sua vida na prisão. Ele disse que teve de cumprir algum tipo de sentença, conseguiu ficar sóbrio e saiu em condicional. Depois de sair, tornou-se conselheiro e posso dizer honestamente que teve um grande papel na minha reabilitação. Não fiquei sóbrio para sempre dessa vez, mas com a ajuda de John finalmente consegui traçar as raízes do meu comportamento de viciado e encarar as consequências de minhas próprias decisões. Ele me ajudou a ver que, na verdade, era possível transformar minha vida. John foi muito importante para mim, e sei que para David Ellefson também. Dá para ver a inspiração de John na música “Captive Honour”, com sua brutal descrição de crime e punição, e Júnior foi coautor da letra.

Durante anos, eu sempre ouvi a voz de John quando cantava “Captive Honour”, mas nunca perguntei nada a Júnior. Finalmente, um dia, ele me contou que escreveu sua parte da música depois de ouvir John contando alguma história de horror sobre a vida na prisão.

Havia outro lado de John que eu realmente gostava, porque demonstrava o grau de realidade em seu papel. Ele uma vez me contou que mantinha uma seringa escondida no painel de seu carro.

– Bom, isso é bastante estúpido – falei. – Para que diabos?

– Em último caso.

Se você não é um viciado em drogas, se nunca foi um viciado em drogas, isso poderia parecer ridículo. Mas eu entendi. Entendi o sentimento. Em alguns aspectos, até o admirei por isso.

Mesmo quando comecei a ver resultados, lutei contra alguns dos aspectos secundários do processo de doze passos. Raiva e ambição tinham alimentado minha arte, criando o ponto de vista perturbador e frequentemente niilista do Megadeth. Será que eu conseguiria compor mesmo sóbrio? Podia gerar o mesmo tipo de riff feroz na guitarra sem os benefícios da assistência química? Claro que sim. Mas o que aconteceria se eu me tornasse um homem de paz? De serenidade? Tinha passado a maior parte da minha vida adulta provocando e cutucando. Poderia viver sem confronto, sem agitação? Não tinha ideia e não tinha certeza se queria descobrir. Essencialmente, eu tinha me tornado o buraco no *donut*, tentando viver minha vida em paz com as pessoas ao meu redor. Era um estado completamente antinatural e estranho. Minha popularidade como músico tinha nascido tanto do meu comportamento absurdo quanto do meu talento. As pessoas gostavam do Megadeth não porque eu cantava como James Taylor – eu não cantava, óbvio – mas por causa da intensidade da música. Elas não vinham a um concerto do Megadeth esperando ver a porra do Dalai Lama. Queriam ver um guitarrista acelerado, cantando sobre morte e aniquilação, dor e retaliação. Poderia continuar fazendo isso quando sentia que estava me transformando num pudim?



Usei branco para tentar algo totalmente diferente. Marty e eu em turnê

Sabe quem me ajudou a encontrar a resposta? Alice Cooper. A gente não tinha conversado desde a última turnê, quando o Alice se mostrou preocupado com meu uso de drogas e bebida. Liguei para conversar sobre uma ideia que tive para uma tatuagem. Combinava as imagens do logo do Megadeth com o logo do Alice: Vic e o Billion Dollar Baby. Alice achou legal, disse que eu não precisava de sua permissão ou nada do gênero e depois levou a conversa para outra direção.

– Como você está? – ele perguntou.

– Bem – respondi. – Vamos entrar em estúdio para gravar o novo disco e estou tentando fazer as coisas de forma diferente. Não é fácil.

– Sei o que você quer dizer. Se precisar da minha ajuda ou algo assim, quero que saiba que é só pedir.

Ri, mais por nervosismo do que por outra coisa.

– É mesmo, Alice? O que você vai fazer, ser meu padrinho ou algo assim?

Ele não hesitou.

– Claro, se é isso que você quer.

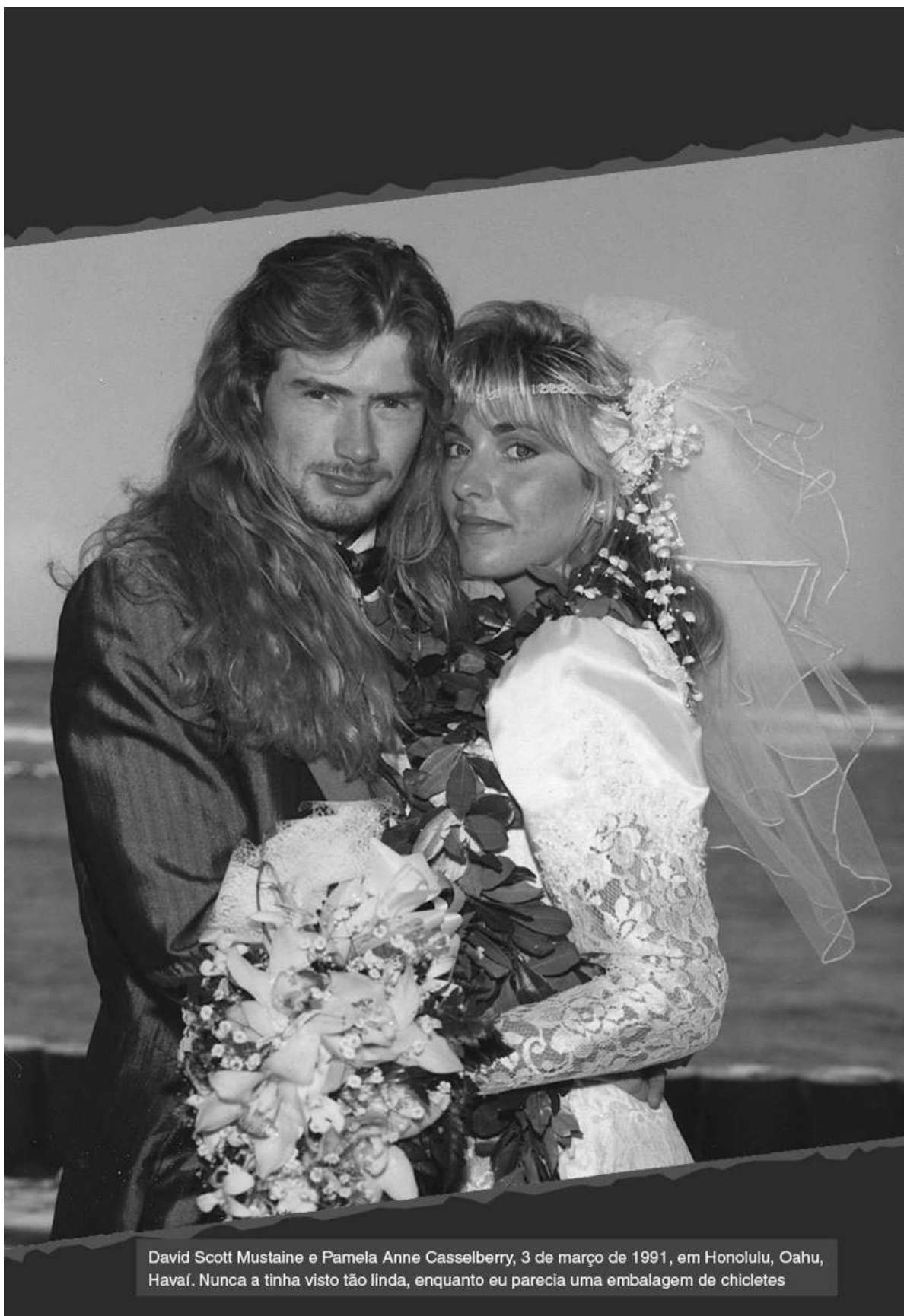
E foi como Alice Cooper se tornou meu padrinho. A gente não conversa muito hoje e acho que nossa relação evoluiu ao ponto em que é mais por escrito do que de outra forma. Mas tudo bem. Ele me ajudou na época e em várias outras situações depois. Tenho muito respeito por Alice, tanto como pessoa quanto como músico e sempre vou considerá-lo um amigo. Sem nem tentar, ele me fez falar algo que, francamente, nunca pensei que seria capaz de falar:

– Preciso de ajuda.

23 Foi a primeira e única vez que o Megadeth entrou num estúdio como trio: eu, David Ellefson e Nick Menza.

24 Isso significava que eu estava indo embora contra a opinião dos médicos e que eles não eram mais responsáveis pelo que acontecesse comigo.

25 Uma nota para o termo *reabilitação*. Estou usando-o para descrever qualquer período de tratamento, mas é importante notar que a duração e a intensidade dessas visitas variaram. Não é que eu fui a um lugar, fiquei preso a um monte de máquinas, limpei o sistema e depois saí e fiquei caminhando por plantações de milho por seis meses com Betty Ford. Não foi nada disso.



David Scott Mustaine e Pamela Anne Casselberry, 3 de março de 1991, em Honolulu, Oahu, Havai. Nunca a tinha visto tão linda, enquanto eu parecia uma embalagem de chicletes

12

Os anos de vida

“Sabe de uma coisa? Está na hora. Essa é a melhor mulher na Terra para você.”

A primeira vez que vi minha esposa, ela estava com uma amiga numa boate em North Hollywood chamado FM Station, uma das primeiras sedes do crescente império de Filthy McNasty. Eu estava lá com um grupo de pessoas, incluindo Nick Menza e seu amigo Juan. Isso deve ter sido no final de 1989, começo de 1990, quando eu estava lutando para permanecer sóbrio, reformar o Megadeth e compor músicas para Rust in Peace.

Como sempre, minha vida pessoal estava um caos. Durante mais de seis anos eu tinha namorado com a Diana e, apesar de nossa relação não ser monogâmica – pelo menos da minha parte –, achei honestamente que ela seria a mulher com quem me casaria. Estávamos juntos havia seis anos, faltava um ano para sermos considerados marido e mulher pela lei. Diana era linda e sexy, mas a gente brigava o tempo todo, a ponto de ser quase uma rotina, tinha até hora marcada. Ela vinha, a gente se divertia um pouco, algo era dito, a gente brigava, ela ia embora, eu ligava, ela voltava, a gente se beijava, fazia sexo... e voltava tudo ao início. No final, cheguei à conclusão de que não ia funcionar entre nós. Liguei para ela durante um dos períodos na reabilitação, num daqueles momentos de clareza descritos de forma tão forte por viciados e alcoólatras.

– A gente não pode se ver mais – falei para ela. – Somos simplesmente muito tóxicos um para o outro.

Como era de se prever, ela ficou louca – quem quer ser chutada por um cara em reabilitação? É deprimente. Mas acho que ela sabia que isso estava para acontecer. Também acho que ela sabia que estaria melhor sem mim. Eu estava fazendo mudanças na minha vida e sair de uma relação disfuncional era um passo no processo de melhorar. “Tornado of Souls” se tornou minha forma de lidar com o fim daquele relacionamento. Realmente, era isso, uma explicação de como eu estava me sentindo na época; referências líricas à parte, não era uma música sobre crime ou morte. Era sobre a decadência que surge por ficar preso a uma má relação.

*This morning I made the call
The one that ends it all
Hanging up, I wanted to cry
But damn it, this well's gone dry²⁶*

Com toda a sinceridade, eu não estava procurando uma alma gêmea. Depois de me separar de Diana e ficar um pouco limpo, eu estava mais interessado em aproveitar alguns outros benefícios de ser um astro do rock. Era o vocalista, compositor e guitarrista do Megadeth. Se não era exatamente o Brad Pitt, bem, tampouco era o cara mais feio do mundo. Sejam honestos: se você tem dinheiro e consegue tocar guitarra, consegue transar. Deus sabe como há caras feios no heavy metal, mas que sempre tiveram muitas bundas à disposição. Eu estava agora numa melhor posição para aproveitar a mesa do bufê.

E aí apareceu Pamela Anne Casselberry para atrapalhar meus planos.

– Está vendo aquela garota ali? – perguntei para meu amigo Juan.

– Qual?

– A loira alta.

Juan assentiu, aprovando.

– Uhum. Linda.

– É. Quero que você vá até lá e diga que eu gostaria de conhecê-la.

Juan, sempre um cara legal, riu e foi até a loira. Fiquei olhando os dois conversarem, vi Juan gesticulando na minha direção. Levantei meu copo (que estava cheio de Coca – com “C” maiúsculo) e sorri. A loira não fez nada como resposta. Momentos depois, Juan estava de volta, rindo.

– Ela disse que, se quer conhecê-la, deveria ir você mesmo.

Justo. Confiança é algo que nunca me faltou, quando o assunto é mulher. Então fui até lá e comecei a me apresentar.

– Oi, meu nome é Dave.

A loira me cortou.

– É, eu sei quem você é – falou, fria. O fato de parecer distante só aumentou meu interesse. É engraçado como isso funciona, não? Eu fui direto ao ponto.

– Olha, fiquei muito atraído por você e gostaria que passássemos algum tempo juntos. Mas estou ajudando um amigo essa noite que está tentando ficar sóbrio e não posso deixá-lo.²⁷ Podemos almoçar algum dia?

Como eu era um safado diabólico, sabia que isso iria funcionar. Implicava compaixão e responsabilidade assim como honestidade e integridade. Tinha deixado claro que a achava atraente, mas que também estava disposto a esperar. Não revelei meu motivo maior: vê-la à luz do dia, num café na calçada, sob a verdade brilhante do sol quente da Califórnia. Mesmo sem ter a bebida no meio, uma garota podia parecer bastante bonita no meio da fumaça da boate do Filthy McNasty às duas da manhã; depois você a encontrava à luz do dia, sem nenhuma maquiagem, e jurava que era uma pessoa diferente.

Se isso parece superficial e mal-educado, bem, eu reconheço minha culpa. Estava fazendo um concurso de Miss, entrevistando as candidatas ao título de Miss Certa. Na verdade, claro, todas estavam somente competindo

para o título de Miss Agora. Antes de ter oficialmente rompido a relação com Diana, tinha começado a sair com uma garota chamada Leslie. E enquanto saía com Leslie, eu cobiçava a loira da FM Station.

Ela me contou que seu nome era Pam e concordamos em nos encontrar. Um encontro para almoçar, depois outro e logo eu já comecei a me apaixonar por ela. Pam era uma dessas lindas garotas californianas – alta e magra, com uma pele que não precisa de maquiagem – que fica até mais bonita sob a luz natural. Era uma garota suburbana normal de Upland, Califórnia, com um passado não tão duro como muitas, mas tampouco muito tranquilo. Seu pai tinha morrido de câncer quando Pam era criança e ela tinha assumido o papel de companheira para sua mãe e de mãe para seu irmão mais novo. De certo modo, Pam tinha sustentado a família (ou pelo menos, era a que mais contribuía), o que levou a um sentido distorcido de si mesma. Sua mãe acabou casando de novo, com um cara que no começo parecia um príncipe encantado, mas acabou sendo muito menos que isso. Resumindo: Pam teve suas complicações antes de me conhecer, e apesar de termos nos apaixonado bastante rápido, não tenho certeza se ela sabia no que estava se metendo.

Claro, ela conhecia o Megadeth e sabia quem eu era. Mas não era uma fã nem nada parecido. Pam nem gosta de heavy metal (nem mesmo de Megadeth). Nunca gostou. Entro no carro agora e, se Pam esteve dirigindo, o rádio estará sintonizado em alguma estação de country. Eu ficava desanimado com isso, no começo, porque achava que o country era uma porcaria. Mas tem um monte de country agora que é realmente pop e algumas músicas não são tão ruins assim. Quero dizer, há tanta influência da escola Mutt Lange de produção que tudo parece meio Def Leppard. Baladas pesadas, vozes modificadas com Auto-Tune à perfeição. A tecnologia fez que qualquer um possa cantar como a Mariah Carey.

Independentemente disso, eu gostava da Pam o suficiente para não me importar com seu gosto musical. Ao mesmo tempo, não tinha exatamente

um compromisso com essa nova relação. A gente veio para o meu apartamento uma noite depois de jantar num lugar chamado Chin Chin. Eu tinha jantado várias vezes com ela, levando-a aos restaurantes mais caros que podia encontrar.

Pam não estava se sentindo bem e pediu licença para ir ao banheiro, saindo depois de algum tempo, parecendo cansada e pálida. Disse que precisava descansar um pouco. Não sabia no momento, mas ela estava sofrendo de uma hérnia no esôfago. De repente, ouvi um barulho na porta. Era o som de uma chave.

“Ah, merda...”

Momentos depois, entrou a Leslie, que, é claro, tinha uma chave do meu apartamento.

Eu nem gostava muito da Leslie. Nós nos conhecemos por intermédio do meu segurança, e ela era bonita e estava disponível, além de gostar bastante de mim. Mas não tínhamos muito em comum fora da cama. Na verdade, nem esse aspecto do nosso relacionamento era muito bom. Eu teria ficado bem contente se ela fosse embora. Mas não dessa forma.

Leslie deu dois passos no apartamento, viu Pam no sofá, se virou e saiu, batendo a porta atrás de si.

Não me pergunte por quê, mas eu corri atrás dela. Meu mecanismo normal era mentir, bajular e tentar fazer charme. E eu era bom nisso. Num raro momento de sanidade, no entanto, parei pouco antes de alcançar a Leslie e pensei em Pam.

“Seu idiota de merda! Tem alguém lá em cima de quem você realmente gosta. Por que está atrás dessa mulher?”

Também percebi que a mulher lá em cima poderia estar revirando meu apartamento de cabeça para baixo, rasgando minhas roupas, jogando minhas coisas pela janela. Em minha experiência, as mulheres faziam esse tipo de coisa quando descobriam que você as estava traindo. Então corri de volta para cima e Pam tinha sumido. Em questão de minutos, tinha

conseguido perder duas garotas. Não fiquei triste por muito tempo. Havia alguns números na minha agenda, um suprimento infinito de sexo casual para ser feito na estrada. Ou em casa, também. Mas isso é parte da doença, não é? Em tratamento ou não, eu era capaz de machucar as pessoas.

Uma coisa estranha aconteceu, no entanto. Senti saudades da Pam. Enquanto estava fazendo uma turnê com o Megadeth, liguei e pedi desculpas.

– Vamos tentar de novo – sugeri. – Vamos bem devagar.

Isso não aconteceu – a parte lenta, quero dizer. A gente voltou a namorar, e em poucos meses, eu decidi que queria me casar com ela. Não tinha falado isso em voz alta, mas estava sentindo, era evidente. Não estava só atraído pela Pam. Sentia uma conexão com ela que nunca tinha sentido com mais ninguém antes. Ajudou também o fato de que minha mãe havia aprovado Pam. Eu sabia que elas iam se dar bem, mas foi só quando minha mãe faleceu em 1990 que descobri o quanto ela gostava da Pam. Eu tinha me reconectado com minha mãe de uma forma muito positiva, de uma forma bem adulta nos últimos anos de sua vida. Ela sempre me ajudou muito, independentemente do que a obriguei a passar, mas, com a chegada da sobriedade, veio também o desejo de facilitar sua vida. Simultaneamente, mamãe tinha se animado com o fato de que eu era alguém bem-sucedido. Não importa quanto sua religião dizia para me rechaçar, ela não conseguia fazer isso; eu era seu orgulho e glória. Ela costumava comprar tudo com cheque para que vissem seu sobrenome e perguntassem: “Ele é seu filho?”. E ela confirmava feliz.



Durante a cerimônia, à beira-mar. Pam estava radiante. Eu escrevi a música “The Hardest Part of Letting Go Is Saying Goodbye” para ela. Ela disse que não gostou

Rust in Peace foi lançado em outubro de 1990; pouco depois, levei mamãe para a Europa, para ela poder visitar o lugar de seu nascimento: Essen, Alemanha. Foi uma ótima viagem, que ela queria fazer, e fiquei feliz em poder proporcionar isso a ela antes de sua morte. O enterro foi um pouco estranho, em parte por causa da tensão entre mim e a namorada (e futura esposa) de David Ellefson, Julie. Eu ainda estava furioso por causa de seu papel nos problemas com Doug Thaler; complicava mais ainda o fato de que Julie tinha namorado com Ron Laffitte antes de ele ter se tornado nosso manager.

O enterro foi memorável em outras questões que foram menos inquietantes. Minha irmã Michelle, por exemplo, escolheu essa ocasião para me puxar de lado e me contar algo que minha mãe tinha dito.

– Sabe, David... mamãe gostava muito da Pam.

Isso não foi pouca coisa, já que minha mãe não gostava de quase nenhuma das minhas namoradas, incluindo Diana.

– Vocês dois estão sempre brigando – ela falava. – Por que continuam juntos?



Eu levava meu treinamento de *kickboxing* a sério, e meu corpo começou a refletir isso

Uma boa pergunta, e no final eu não conseguia responder. Mamãe era muito inteligente. Eu me casei com Pam porque a amava, claro, mas também por causa da importante aprovação que recebi de minha mãe.

O Megadeth saiu em turnê pouco depois. Foi uma turnê longa, terminando em abril com vários shows no Japão, seguidos por uns dois shows no Havaí. Isso foi deliberado. Achei que seria uma forma legal de terminar a turnê: viajar pelo mundo todo, trabalhar muito e terminar no

Havaí. Depois do último show, passamos quatro ou cinco dias esfriando a cabeça, relaxando na praia, aproveitando o tempo. Quando chegamos ao Havaí, Pam já estava lá. Ela não sabia que eu tinha comprado o mais perfeito colar de pérolas que consegui encontrar no Japão. Nem sabia que eu tinha ligado para meu manager e pedido para ele encontrar um diamante em forma de pera e colocar numa caixa, cercado por outros diamantes.

Pam não sabia de nada, exceto que íamos ter umas lindas férias no Havaí. Depois, peguei o telefone e comecei a ligar para minhas irmãs, a família da Pam, John Bocanegra, meu patrono no AA.

– Pam e eu vamos nos casar – dizia. – Venha, por favor. Ah, e não conte nada. Ela ainda não sabe.

Quando cheguei ao nosso quarto no hotel, Pam estava no chuveiro. Ela saiu do banheiro, envolta em uma toalha, sem maquiagem, tão linda como nunca e sorriu para mim.

– O que você vai fazer no próximo sábado? – perguntei.

Pam deu de ombros:

– Vou estar aqui com você. Por quê?

Tentei fazer uma cara de paisagem, mas foi impossível. Comecei a sorrir.

– Bem, eu estava pensando se talvez você iria querer se casar comigo.

Ela começou a chorar, depois recuperou a postura para dizer sim, o que era algo bom, considerando quantas passagens de avião eu já tinha comprado. E depois embarcamos na desafiadora tarefa de encontrar um vestido de noiva pequeno no Havaí. É verdade que algumas nativas de ascendência asiática ou filipina são bem pequenas, mas também é verdade que nossas amigas de Tonga ou Samoa não são. O Havaí é um daqueles lugares com uma população nativa que é naturalmente grande. Não há muitos vestidos pequenos por lá.

Mas a gente encontrou um, graças a Deus, e era bastante bonito, que coube perfeitamente em Pam. O mesmo não pode ser dito do meu smoking,

que, à distância, parecia ser feito de papel alumínio. Mas que se dane. Ninguém olha para o noivo mesmo. A namorada do Nick Menza, Stephanie, foi a dama de honra. Meu padrinho foi John Bocanegra. Todo mundo achou que eu ia pedir para o David Ellefson assumir essa tarefa, mas não fiz isso. A verdade é que eu estava mais próximo do John na época. Se tivesse me casado quando conheci o David (e que desastre isso teria sido), então, sim, provavelmente ele teria sido meu padrinho. Mas do jeito que as coisas aconteceram e a banda evoluiu, nossa amizade diminuiu e flutuou. Não sei se isso deixou o David triste; talvez. Acho que machuca muito quando se é trocado por alguém que já esteve preso. Mas foi assim. Senti, naquele momento pelo menos, que devia isso a John Bocanegra. Ele era um padrinho melhor – de uma forma muito rock ‘n’ roll.

Quando começou a cerimônia de casamento, eu não tinha ideia de como ela terminaria – a gente não sabia muito bem o que estava fazendo. Mas a limusine parou e Pam desceu, absolutamente maravilhosa. Como nunca tinha visto antes. Isso pode parecer estranho, considerando que a gente já tinha se divertido muito. Eu já tinha visto Pam bem vestida e já tinha visto nua. Mas nunca tinha visto daquele jeito; ela estava... angelical.

“Uau! Mamãe estava certa.”

Devo admitir que, enquanto Pam caminhava pela grama, eu senti um breve momento de ansiedade. Mas, quando ela pegou minha mão e olhou nos meus olhos, o medo desapareceu e em seu lugar eu ouvi outra voz, bem mais parecida com a minha:

– Sabe de uma coisa? Já está na hora. Essa é a melhor mulher na Terra para você.

Só para registro: foi uma cerimônia sóbria. Não tinha havido droga nenhuma no Japão. Eu estava bastante sóbrio e saudável. Bastante otimista. Sabia exatamente o que estava fazendo.

Depois da cerimônia, a gente entrou na limusine e voltou para o hotel, com “The Living Years”, do Mike and the Mechanics, como trilha sonora

da corrida. Isso pode não ser muito metal, mas eu gosto muito daquela música. Adoro a melodia e adoro o sentimento. Sei que é uma música sobre pais e filhos, e os danos feitos quando os dois deixam de se comunicar. Destilada até sua essência, no entanto, é realmente uma música sobre amor. E a importância de contar àqueles que você ama exatamente como se sente.

Naquela noite, fomos a um grande luau e lá começamos a conversar com um casal de idade que estava junto havia mais de cinquenta anos. Num ponto, eu estava conversando só com o marido, um homem quieto e concentrado que podia ser meu avô.

– Como você consegue? – perguntei. – Quero dizer... meio século?

O velho sorriu.

– É simples. Nunca durma bravo com sua esposa.

– Nunca?

– Nunca.

Ri tão forte que quase me engasguei.

– Como é isso? Não é possível.

Ele olhou para sua esposa, sentada a apenas uns metros, conversando amavelmente com outras pessoas.

– Claro que é. Não importa o que ela faça, não importa o grau de sua raiva, sempre dê um beijo nela antes de dormir.

Deus sabe que eu e Pam não temos um casamento perfeito. Mas ainda estamos juntos depois de quase duas décadas. Tirando as noites em que estávamos separados por trabalho e viagem, posso contar nos dedos de uma mão as noites em que dormi sem dar um beijo de boa noite nela.

O que posso dizer? O velho estava certo.

26 Essa manhã fiz a ligação / A que termina com tudo / Ao desligar, queria chorar / Mas, droga, esse poço secou.

27 Verdade, realmente – um dos caras em nosso grupo realmente tinha pedido para que eu fosse seu guardião naquela noite; incrivelmente, eu era o policial da sobriedade!

Durante um bis eu sempre levanto minha guitarra acima da cabeça no final

© Ross Halfin



13

Rezo ao Senhor para minha alma guardar

“Estou cansado da turnê, estou cansado do Megadeth, não estou me divertindo... e você não quer que eu beba, então, estou tomando Valium.”

Em algum ponto, você precisa levar em conta o que as pessoas dizem de você, em especial quando estão essencialmente corretas. Esse foi o caso com minha atitude em relação ao Megadeth ser chamada de banda “política”. Eu tinha ficado desconfortável com esse rótulo quando a gente tinha começado, mas com *Rust in Peace* e *Countdown to Extinction*, ficou cada vez mais difícil negar que, no mínimo, eu estava consciente do que acontecia no mundo; consequentemente, observações e opiniões, às vezes não tão sutis, de forma ocasional encontravam espaço nas letras do Megadeth.

O conceito de *Rust in Peace*, por exemplo, surgiu de um adesivo que vi um dia enquanto ia pela autoestrada. Esqueci as palavras exatas, mas era algo como “Que todas as suas armas nucleares enferrujem em paz” e imediatamente pensei numa pilha de ogivas em algum lugar, cobertas com grafite. Não era exatamente um sentimento linha-dura, certo? Mesmo

assim, fui acusado várias vezes de ser de direita. Também era visto como ambientalista, o que não é exatamente consistente com valores tradicionais do Partido Republicano. A verdade é que eu me considero “político” somente no sentido de que sou cidadão dos Estados Unidos da América e, assim, livre (talvez até obrigado) para falar sobre coisas que despertam meu interesse.

Por isso fiz um disco como *Rust in Peace*, que inclui músicas sobre aquecimento global e impacto ambiental (“Dawn Patrol”), prisioneiros de guerra (“Take No Prisoners”) e, é claro, religião (“Holy Wars... the Punishment Due”).

Acho que a maioria das pessoas que estão familiarizadas com a música do Megadeth diria que sou um artista politicamente ativo (trabalhar para a MTV como “correspondente” durante a campanha presidencial de 1992 provavelmente solidificou essa reputação), mas não é fácil me rotular ou classificar, e espero que nunca seja. Minha postura é essa: se Clint Eastwood tivesse um partido dele, eu me afiliaria. Certo, eu sei, Clint foi eleito prefeito de Carmel, Califórnia, pelos Republicanos. Mas não estou falando do cidadão Clint Eastwood. Estou falando dos personagens que ele interpretou, de *Josey Wales – O Fora da Lei* e Dirty Harry até o velho e vingador William Munny em *Os Imperdoáveis*. O tipo de homem que ama seu país, defende pessoas que não podem se defender sozinhas e realmente não dá a mínima para o que os outros pensam dele. Pode ser que nem sempre concordemos com esse cara, mas é preciso respeitá-lo.

Não sou filiado a nenhum dos dois partidos políticos principais e suspeito que isso nunca vá mudar. Penso que sou um não partidário: geralmente não confio em políticos profissionais, então, quando entro na cabine de votação, minha tendência é escolher o mal menor. Em 1990, quando Bill Clinton ascendeu ao topo da lista Democrata e desafiou o velho Bush, para mim, foi bastante fácil votar nele. Meus sentimentos em relação a Al Gore eram um pouco mais complicados. Por causa do que acredito na

questão da proteção ambiental, era difícil para mim descartá-lo; ao mesmo tempo, eu era um oponente aberto do Parents Music Resource Center, fundado pela esposa de Gore, Tipper. Apoiei George W. Bush, apesar de não ser fã, principalmente porque admirei a forma como tratou a questão do 11 de Setembro, e não discordava de nosso envolvimento no Iraque. Além disso, não havia como votar em John Kerry, um elitista, que tinha sido rude e condescendente quando tentei entrevistá-lo para a MTV. Sabia que não tinha chance de ser eleito presidente – as pessoas conseguem ver através de toda aquela presunção.

É muito simples para mim, na verdade. Quero poder carregar uma arma; ouvir o tipo de música que quiser; comer, beber e ser feliz; e não machucar ninguém (exceto, claro, como autodefesa). É o Sermão da Montanha abreviado: trate as outras pessoas da forma como você quer ser tratado.

É impossível dizer que os fãs de metal não gostaram dos temas de *Rust in Peace*. O disco foi o maior sucesso do Megadeth, vendendo mais de um milhão de cópias e dando à banda sua primeira indicação ao Grammy. Não que isso me importasse muito (está bem, um pouco), mas também recebeu virtualmente só críticas positivas. Em todo padrão concebível, *Rust in Peace* foi um divisor de águas para o Megadeth. O mais engraçado é que isso não começou muito bem. A gente gravou num lugar chamado Rumbo Records, que era da dupla Captain and Tennille.²⁸ Imaginem isso! O Megadeth gravando no mesmo lugar onde “Muskrat Love” foi gravado. Eu não acreditava que o Rumbo poderia ser o lugar correto, uma sensação que foi exacerbada um dia quando entrei e vi nosso produtor, Dave Jerden, comendo um cachorro-quente e fumando um cigarro em cima do painel de controle. O lugar fedia.

Jerden foi embora alguns dias depois, substituído por Mike Clink, cujas credenciais eram ótimas, para não dizer impecáveis. Clink e eu começamos

mal quando, nos primeiros dias, ele falou:

– Olha, cara, se o Axl ligar, eu vou precisar viajar por uns dias.

– O quê?

– É, estou fazendo o disco do Guns N’ Roses também, se Axl precisar de mim... bem, você entende.

– É, eu entendo. É melhor torcer para ele não ligar.

Não ligou. Clink fez tudo quase até o final, até começar a trazer seu filhote de cachorro para trabalhar com ele, e o maldito fez um buraco na parede, derrubou minha guitarra e a gente precisou mandá-lo embora. Mas quero ser justo. Mike Clink sempre recebeu os créditos por produzir *Rust in Peace*, e certamente não poderia negar sua contribuição. É um disco maravilhoso, do começo ao fim.

A turnê de divulgação de *Rust in Peace* durou vários meses, começando com nossa participação na turnê Clash of the Titans, que também incluía o Slayer e o Suicidal Tendencies. Lembro dessa época como particularmente empolgante e frequentemente divertida, já que a infusão de sangue novo – Marty e Nick –, combinada com o fato de que estávamos divulgando um disco realmente forte, contribuiu para que a turnê parecesse menos mundana do que geralmente parecia.

Claro, ajudava (se essa é a palavra correta) termos um cara como Dominick (não vou divulgar seu nome real) na equipe.

Dom era o técnico de guitarra de Marty. Ele tinha trabalhado anteriormente com o Guns N’ Roses – quando eles estavam funcionando e a gente tinha alguma relação, havia muitas equipes que trabalhavam para os dois. Pedimos emprestado o engenheiro de som, Dave Kerr; o diretor de segurança, John Zucker e Dominick. Dom tinha uma atitude indiferente e desrespeitosa em relação a seu trabalho.

Com uma cara de lagarto e um senso de humor infantil, Dominick não era o cara mais atraente do mundo. Mas a diversão nunca acabava quando ele estava por perto. Se você pegasse o Dom mascando chiclete e perguntasse se ele tinha um, era assim que ele respondia:

– Claro, espera um segundo.

Ele então puxava um testículo do shorts, esticava o escroto e dizia:

– Deixa eu tirar os pelos.

Dominick sacaneava com todo mundo no Clash of the Titans, mas seu alvo principal era o Marty. Uma vez, quando ele dormiu num aeroporto, Dominick desenhou uma suástica em sua testa, uma brincadeira bastante nojenta quando se leva em consideração que Marty é judeu. Sabendo como Marty gostava da cultura japonesa, Dominick rabiscou as palavras *Comedores de gato* no Game Boy de Marty. Achei isso muito engraçado, na verdade, mas Marty ficou tão bravo que resolveu se vingar. Quando Dominick dormiu num avião, Marty pegou a mala de alumínio dele do compartimento em cima dos assentos e escreveu:

DROGAS – VERIFIQUE, POR FAVOR!

Quando aterrissamos na Austrália, Dominick pegou sua mala e estava muito bêbado ou de ressaca para perceber qualquer coisa. Ele demorou um pouco mais para passar pela alfândega naquele dia; quando finalmente apareceu, suado e tremendo, ameaçou matar o Marty, que não pediu desculpas.

– É o que se ganha por desenhar a porra de uma suástica na minha cabeça!

No final da turnê, a gente tinha começado a zoar coletivamente o Dominick. No voo final para casa, no avião, Dominick entrou, totalmente travado e logo desmaiou no seu assento, que, a sorte não poderia ser melhor, estava ao lado de um padre católico. Não posso imaginar o que esse

pobre homem estava pensando enquanto zoávamos com Dominick. Revezando uma caneta, pintamos o nariz dele de preto, para que ele se parecesse com o Espantalho de *O Mágico de Oz*, ou uma vítima de congelamento. Aí alguém escreveu “6 6 6” no rosto dele (tenho certeza de que o padre achou isso divertido). Quando terminamos, as aeromoças tinham entrado na brincadeira, oferecendo seus batons para fazer Dominick parecer a prostituta mais feia do mundo.

© Ross Halfin



Eu e Max Norman no console do estúdio que construímos no Arizona. Max também produziu os dois primeiros discos do Ozzy: *Diary of a Madman* e *Blizzard of Oz*

No final, ele acordou e começou a caminhar da frente do avião até o banheiro no fundo. Cambaleando, gemendo, bastante desconfortável – claro –, ele caminhava rápido e a gente conseguia ouvir os risos crescendo. Quando ele chegou ao banheiro, tendo passado por quase duzentos passageiros, todo o avião estava praticamente em convulsão.

E de repente o riso parou.

Dava para ouvir o som de passos, cada vez mais alto: era Dominick correndo do banheiro, o rosto coberto com batom vermelho e tinta preta. Ele parou na frente do meu assento e se inclinou.

– Está bem, Mustaine, seu merda! Quem fez isso?

Eu dei de ombros, tentando reprimir uma risada.

– Não me pergunte. Não vi nada.

Com o sucesso veio a pressão e quando entramos em estúdio, em 6 de janeiro de 1992, para gravar *Countdown to Extinction*, não havia dúvidas de que a exigência era maior. Depois que se vende um milhão de cópias, diminuir é considerado um fracasso. Essa é só a realidade da indústria musical. Foi, para mim, um período extraordinário. Pam estava grávida de nosso primeiro filho e, pela primeira vez, senti como se tivesse alcançado um grau de equilíbrio na minha vida. Nossa casa estava a poucos quarteirões do Enterprise Studios em Burbank, onde estávamos gravando, então eu conseguia caminhar para trabalhar pelas manhãs.

Para produzir *Countdown to Extinction*, a gente chamou Max Norman. Max tinha trabalhado anteriormente nos discos *Diary of a Madman* e *Blizzard of Oz*, do Ozzy Osbourne, e tinha feito a mixagem final de *Rust in Peace*. A gente se deu bem, o disco saiu ótimo, então pensei, por que não deixar o Max assumir os controles de *Countdown*?

Menos de um mês depois de entrarmos em estúdio, em 11 de fevereiro de 1992, meu filho, Justis, nasceu. Eu e Pam tínhamos feito tudo que

podíamos para nos preparar para seu nascimento, mas como a maioria dos pais de primeira viagem, estávamos bastante despreparados. Não para o nascimento em si, mas para o que viria depois. Sabe – a parte em que você leva a criança para casa. Pam tinha começado um regime absurdamente rígido de dieta, exercícios e suplementos nutricionais, então, estava pronta para a luta quando a bolsa rompeu. Ela se recusou a tomar analgésicos ou ser anestesiada por muito tempo no hospital, até, finalmente, eu gritar:

– Querida, por favor, aceite a porra do Demerol! Se não quiser, eu vou usar.

A estridência de Pam nessa questão vinha do fato de que sua mãe, Sally, tinha sempre se vangloriado de ter tido Pam sem qualquer anestesia. Tinha feito todo o processo parecer heroico. Foi só depois de estarmos no hospital vendo Pam se contorcer, agonizando no parto, que sua mãe finalmente admitiu que talvez tivessem dado algo para ela, afinal.

– Tipo o quê? – falei.

– Não sei, Dave. Foi há tanto tempo. – Ela fez uma pausa, se virou e esfregou a parte de baixo das costas. – Lembro vagamente de sentir uma picada aqui.

– Ah, isso é ótimo, Sally. Eles deram uma epidural em você.

Quinze minutos depois, Pam estava recebendo sua seringa mágica. Pouco depois disso, Justis veio ao mundo. No dia seguinte, enquanto eu estava dormindo numa cadeira perto da cama de Pam, vieram entregar um buquê de flores no quarto. Antes de ir embora, me contaram, o entregador parou no balcão das enfermeiras e exclamou:

– Senhora, sabe quem está aqui? *O Megadeth!*

Ao que a enfermeira de idade respondeu:

– Ah, não, jovem. Esse hospital é ótimo. Já faz muito tempo que não temos nenhuma morte [*death*] aqui.

É uma história verdadeira...

Com abril, veio o veredicto no julgamento do caso Rodney King e os subsequentes protestos que colocaram toda a cidade de Los Angeles em pânico. Foi um momento estranho e surreal, com tanques e soldados da Guarda Nacional nas ruas por vários dias – dava a impressão de que Sarah Connor ia virar a esquina a qualquer momento, sendo perseguida pelo Exterminador do Futuro. Um toque de recolher foi estabelecido, o que queria dizer que eu estava, de repente, tendo de trabalhar em horário de banco, das dez da manhã às seis da tarde. Bom para a família, principalmente com um bebê na casa e uma esposa bastante estressada e sofrendo de depressão pós-parto; não tão bom para fazer um disco, um processo que envolve tipicamente uma devoção quase total.

Mesmo assim, o disco foi entregue a tempo, e sabíamos, antes de ser lançado, que tínhamos algo especial nas mãos. Sabíamos que as músicas eram boas, sabíamos que tínhamos tocado bem. Tínhamos sido precisos, rápidos, barulhentos, até mesmo um pouco melódicos em alguns pontos. E sóbrios. Já mencionei isso? Pela primeira vez em muito tempo, a gente era uma banda de verdade, com contribuições de todos os quatro membros nas composições. Nick Menza deu o título do disco e a maior parte da letra da faixa-título, uma acusação aberta àquele tipo feio de “esportista”, o tipo que gosta de caçar animais confinados. Havia declarações políticas por todo o disco, de “Architecture of Aggression” (sobre a Guerra do Golfo) a “Foreclosure of a Dream”, uma música sobre o levante econômico que inclui um famoso pedaço de discurso (“read my lips” [leia meus lábios]) do Presidente George H. W. Bush. Essa foi uma música que nasceu da frustração de David Ellefson com a Reaganomics,²⁹ quando a fazenda de sua família no Minnesota foi embargada judicialmente³⁰. Além disso, havia músicas sobre minhas lutas contra o vício (“Skin o’ My Teeth”), a brutalidade da prisão (“Captive Honour”) e os efeitos da guerra (“Ashes in Your Mouth”, “Symphony of Destruction”).

Quando o disco ia sair, em julho de 1992, eu estava tão animado como sempre. Sabia que tínhamos um disco que podia alterar o cenário do heavy metal.

Então o que aconteceu? Bem, *Countdown to Extinction* foi um monstro, entrando em segundo lugar nas listas da *Billboard* em julho de 1992. Ainda lembro de receber a ligação, respirar fundo e pensar: “Foda demais!”

E depois de uns cinco segundos, perguntar:

– Quem é o primeiro?

– Billy Ray Cyrus.

– O quê?! Está querendo me foder? O cara de “Achy Breaky Heart”?

– É... uma pena.

Juro por Deus que essa é a principal coisa que me lembro desse verão de 1992: a maior realização do Megadeth sendo derrotada. “Achy Breaky Heart” tocava em todas as partes (sei porque minha esposa adora country) e o disco que gerou esse single infeliz também estava por todas as partes. *Some Gave All* debutou como número um nas paradas pop e ainda estava lá quando *Countdown to Extinction* foi lançado um mês e meio depois. Parecia para mim que teria sido suficiente para Billy Ray Cyrus dominar as paradas country, mas o cara tinha obviamente a missão de dominar o mundo da música.

Tão absurdo era seu domínio, que acabei deixando de prestar atenção no Metallica por um momento, parei de pensar como ia superar Lars e James, e simplesmente tentei entender os problemas de um sistema que premiava espetacularmente porcarias como “Achy Breaky Heart”. O Megadeth vendeu um monte de discos naquele verão, mas nada comparado a Billy Ray Cyrus. Não conseguia entender. Alguém me perguntou uma vez se nossos caminhos já se cruzaram, por termos dividido o topo das paradas ao mesmo tempo e eu brinquei:

– Sim, eu contei para ele que tive essa ideia de uma série de TV sobre um cara cuja filha adolescente tem uma vida dupla e se transforma numa

grande estrela pop. O merda roubou meu conceito.

A verdade é que nunca nos encontramos e tenho certeza de que não teria sido muito agradável se tivéssemos. Não tinha respeito por sua música. Ainda não tenho. Mas não levaria a coisa para o lado pessoal agora. Não existe, afinal, nenhuma regra para o gosto.

Também não há forma de racionalizar adequadamente ou explicar minha obsessão pelo sucesso, reconhecimento e respeito. Era assim – e ainda é, num certo ponto, apesar de que acho que lido melhor com isso agora. Com *Countdown to Extinction*, o Megadeth passou de uma banda modinha a uma verdadeira superbanda. O disco vendeu meio milhão de cópias (disco de ouro) bem rápido, depois um milhão (platina) e continuou... vendendo. De repente, éramos influentes num nível que nunca tínhamos conhecido antes. Uma grande turnê foi planejada. A imprensa de rock se ajoelhou perante a banda. Dinheiro estava vindo de todos os lados. Tinha a carreira que sempre sonhara e uma família maravilhosa. Deveria ser o cara mais feliz do planeta. Mas, claro, não era. Em vez disso, estava correndo em direção... bem... à morte.

No outono, estávamos de volta à estrada e, mais uma vez, eu me tornei obcecado por alcançar o Metallica. Por maior sucesso que fosse o *Countdown to Extinction*, ficou bem abaixo do então lançamento recente do Metallica, o autointitulado *Metallica* (também conhecido como “Álbum Negro”), que tinha sido número um no ano anterior, no verão de 1991, e continuava a lançar singles. Entre eles estava “Enter Sandman”, uma música que quase me fez ter um ataque do coração quando a ouvi pela primeira vez.

Um pouco da história...

Na época em que o Metallica estava gravando o “Álbum Negro”, o Megadeth recebeu a proposta de gravar uma música que seria usada na trilha sonora da sequência do filme *Bill & Ted – Uma aventura fantástica*. Tinham nos oferecido a faixa-título, na verdade, e aceitamos.

– Como se chama o filme? – perguntei.

– *Bill & Ted vão para o inferno.*

“Muito legal”, pensei, e comecei a escrever uma música chamada “Go to Hell”. Quando terminei, Tom Whalley, um executivo da Interscope Records, que estava lançando a trilha sonora, não aprovou muito.

– Não é *dark* o suficiente – disse.

Certo... então mudei um pouco a letra, deixei-a mais *dark*, gravei o vocal e entreguei a música. Todo mundo adorou. Algum tempo depois, descobri que o nome do filme tinha sido mudado para *Bill & Ted – Dois loucos no tempo*, uma decisão “criativa” (quer dizer, de marketing) que não só nos custou a faixa-título, mas também me colocou na infeliz posição de ter de explicar por que escreveria uma música que tinha o mesmo título de outra composta por Alice Cooper – meu padrinho, pelo amor de Deus. Foi horrível. Obviamente, não queria que ninguém fosse para o inferno. E obviamente não desrespeitaria Alice roubando o título dele. Estava simplesmente seguindo os direcionamentos de Hollywood. Infelizmente, me dei mal com isso.

A música abria com a seguinte letra, dita por uma criança:

*Now I lay me down to sleep
I pray the Lord my soul to keep
If I should die before I wake
I pray the Lord my soul to take*

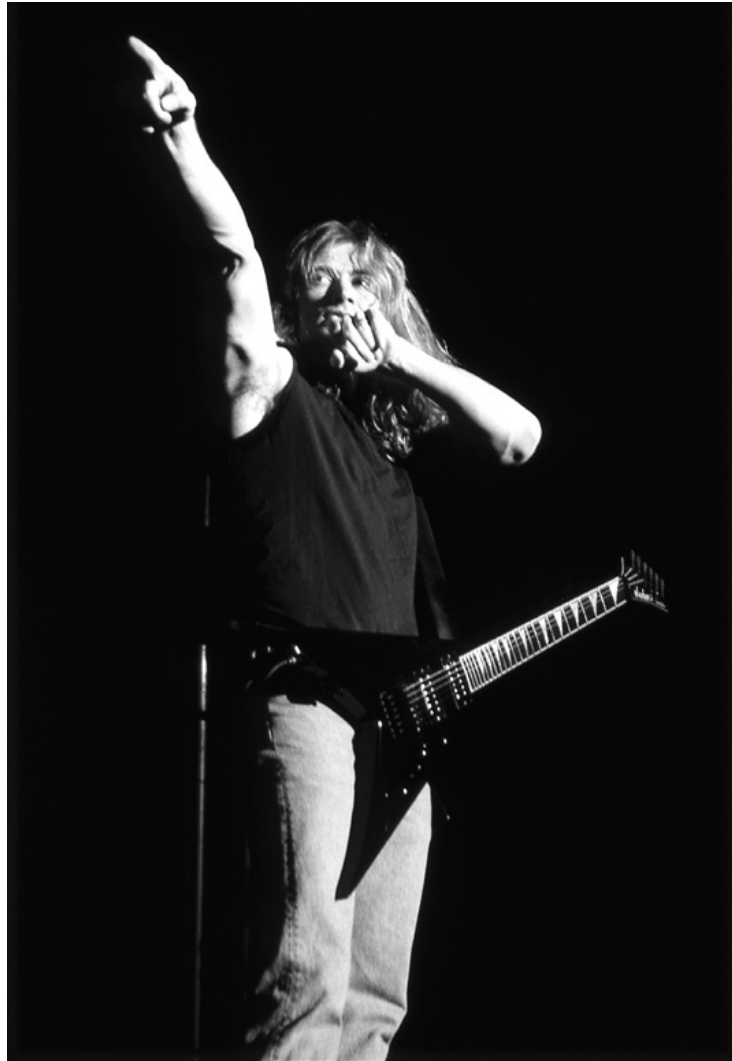
No final da música, uma versão brava e modificada da minha voz diz:

*Now I lay down to sleep
Blah, blah, blah my soul to keep
If I die before I wake
I'll go to hell for heaven's sake!*

E aí saiu o “Álbum Negro” e “Enter Sandman” tornou-se o maior single do Metallica. Esqueça por um momento que James e Lars já tinham usado minhas músicas. Esqueça que a abertura de “Enter Sandman” parece muito com a intro de uma música pouco conhecida chamada “Tapping into the Emotional Void” (gravada pela banda Excel, em 1989). O que realmente me impressionou foi o estranho interlúdio falado no meio da música:

*Now I lay me down to sleep
Pray the Lord my soul to keep
If I die before I wake
Pray the Lord my soul to take³¹*

Claro, não fui eu que escrevi a oração infantil que serviu de inspiração (para as duas letras). E talvez tenha sido pura coincidência. Não tenho como provar que não foi. Tanto “Go to Hell” quanto “Enter Sandman” chegaram ao conhecimento do público no verão de 1991. Não sei qual foi composta primeiro. Não sei se James ou Lars ficaram sabendo de “Go to Hell” enquanto estavam gravando. Só sei que, quando ouvi “Enter Sandman”, fiquei louco. A coincidência era espantosa e serviu para me lembrar que nunca iria escapar da sombra do Metallica. Sempre estaria ali, comprida e negra.



Nossas roupas de palco e imagem estavam seriamente desalinhadas, como estava toda a indústria nessa época

Desenvolvi um pouco de senso de humor ao ficar mais velho. Só dá para enfrentar os moinhos de vento por um tempo, afinal, e com muito trabalho e ajuda das pessoas que me conhecem melhor, aprendi a apreciar tudo que tenho na minha vida. Mas na época fiquei com muita raiva. Fui muito xingado nesses anos todos por nunca ter deixado o Metallica para lá. Justificadamente às vezes. Conheço algumas pessoas que me olham – e incluo Lars e James nesse campo – e dizem: “Por que não consegue ser

feliz com o que conquistou?”. E estão certos. Vender vinte milhões de discos não é algo pequeno. Mas é mais ou menos metade do que vendeu o Metallica, e eu devia ter sido parte daquilo.

É preciso ter sido parte para entender como é, sentir que você está mudando o mundo. E depois ter aquilo tirado de suas mãos, mas ver e ouvir sempre algo que o lembra de como poderia ter sido cada dia pelo resto da sua vida. E você sabe – realmente *sabe* – que tudo que conquistar, de alguma forma nunca será bom o suficiente.

Esse era eu.

Era como o cara dirigindo uma BMW série 5 e odiando a coisa porque seu vizinho comprou uma 7. Nunca dá para ganhar essas batalhas. Só se consegue ficar mais triste ao tentar.

Quando começamos a turnê de *Countdown to Extinction*, eu estava a caminho de me dar mal. Nunca é só uma coisa que causa uma recaída. O vício é muito mais complicado do que isso. Posso apontar numerosos fatores que contribuíram para o que acabou sendo uma experiência quase fatal: brigas com os outros caras na banda, pressão para alimentar o monstro em que tinha se transformado o Megadeth, a solidão da vida na estrada, a autoaversão que conheço desde criança e que periodicamente voltava quando era adulto. É só escolher.

Por qualquer razão, ou combinação de razões, eu me encontrava abrindo a porta de um minibar num hotel e tomando algumas cervejas. A racionalização estava bem na ponta dos dedos: estava trabalhando muito, sentia saudades da minha esposa e do meu filho; merecia um gole. E, de todas as formas, meu problema central era a cocaína e a heroína; umas cervejas não iam fazer mal.

Errado.

Não demorou muito para eu parecer o Mickey Rourke em *Barfly*.

– *Essa é para todos os meus amigos!*

Só que não havia nenhum deles. Realmente. Era só eu e a garrafa. Mais tarde, nessa mesma turnê, eu estava com um problema na garganta, provavelmente deveria ter descansado uns dias, mas em vez disso, por causa da pressão dos executivos da empresa de management e da gravadora, continuei, ajudado por xaropes contra a tosse com codeína. A codeína é um opiáceo e logo estava entrando no palco depois de tomar o xarope. Quando acabou, comecei a tomar vodka e 7 Up, com goles de conhaque. Pam e Justis se juntaram à turnê no começo de 1993 e Pam ficou imediatamente preocupada. Por um lado, ela estava preocupada com minha saúde. Por outro, me achou fisicamente repulsivo.

– Você está fedendo – ela falou. – Está cheirando como um bêbado.

Usando minha astuta mente de alcoólatra, mudei para Valium, que não é nada mais do que álcool concentrado, pelo menos em termos de seu efeito no cérebro. Como eu era um astro do rock, não era suficiente tomar dez ou vinte pílulas; precisava de quinhentas, aproximadamente, o suficiente para me deixar chapado pelos dois anos seguintes. Não sabia que o Valium tinha uma meia-vida longa: ele fica no seu sistema, fazendo sua mágica, muito depois de ter sido metabolizado. Você toma um e no dia seguinte ainda tem metade dele em você. Toma outro no dia depois do primeiro e tem um e meio em você. E por aí continua. Ele alcança níveis letais bem rápido. Pam suspeitou e acabou achando minhas pílulas, forçando uma confissão da minha parte.

– Estou cansado da turnê, estou cansado do Megadeth, não estou me divertindo... e você não quer que eu beba, então, estou tomando Valium.

– Você precisa parar – ela falou. – Vai se matar.

– Eu sei.

Concordei em jogar fora as pílulas. Pam ficou olhando enquanto eu jogava todas na privada.

Bem, quase todas. Guardei umas três dúzias, que tomei de uma vez quando voltei para a Califórnia, um ato de autodestruição e estupidez que resultou numa hospitalização e quase na minha morte. Acabei no Beverly Hills Medical Center, sob o cuidado de um médico que não deve ser nomeado, mas vamos dizer que pode ser chamado de Dr. Feelgood. A gente ficou bem amigo depois de minhas várias viagens até seu centro de tratamento, mas não há dúvidas de que esse cara tinha uma visão da ética bastante relaxada. Na primeira vez que nos encontramos, o cara me desafiou a uma disputa de queda de braço. O cara tinha uns setenta anos, mas com a força de Jack LaLanne,³² e demorou dez segundos para colocar meu braço magro de viciado na mesa.

– Ótimo – eu respondi. – Agora que você deslocou meu braço, posso conseguir alguma merda de droga?

Acredite ou não, esse não é um pedido absurdo numa reabilitação. A primeira coisa que eles fizeram foi me conectar ao Versed, depois colocar alguns nutrientes e coroar com Vistrol ou Klonopin. Não demora muito para você ficar tão chapado quanto estaria na rua. Essa viagem, depois da overdose de Valium, não foi muito diferente. Para me recuperar, o Dr. Feelgood prescreveu, entre outras coisas... Valium! E depois de eu estar ferrado a ponto de chegar à estupefação, o cara entrou no meu quarto e me convenceu a comprar sua casa.

Não estou zoando.

Sem advogado, sem escrivão. Nada. Só eu e o médico, com uma folha de papel. Não sei por que assinei. Droga – eu estava fora de mim na época. Uma pergunta melhor é: que tipo de médico chapa seu paciente e depois vende um imóvel para ele? Resposta: um charlatão. E um viciado. O Dr. Feelgood era os dois. Acontece que o velho estava se injetando na própria virilha no hospital. Não havia tráfico lá de qualquer forma, então quem iria perceber? Previsivelmente, ele acabou morrendo de overdose, que na minha

experiência é a saída escolhida por um número significativo de pessoas no negócio da reabilitação.

De qualquer forma, enquanto estava no centro de tratamento comecei a definhar – emocional, espiritual e fisicamente. Essa última era a que menos me preocupava. Francamente, não me importava se iria viver ou não, e por um tempo parecia que não iria. Um dia, caí no banheiro – tropecei entre a privada e o chuveiro – e me cortei no braço. Liguei para Pam e contei que achava que estava tomando muitos remédios e que precisava da ajuda dela. No final do dia, ela e Ron Laffitte foram me buscar e me colocaram num avião. O destino foi um lugar conhecido como Meadows, um centro de reabilitação em Wickenburg, Arizona.

Vou ser sincero: não me lembro de quase nada da primeira semana em Wickenburg, que foi onde quase morri. Demorou muito para meu corpo se desintoxicar e se recuperar. Depois que me livre das drogas, e passado o risco de sucumbir diante de um problema coronário, o que não é impossível nos primeiros estágios da reabilitação, começou o verdadeiro trabalho difícil e doloroso. Sete semanas de aconselhamento e terapia intensas. E não só para mim. No começo do processo ficou determinado que Pam e eu deveríamos fazer aconselhamento para casais. Se você nunca visitou esse canto do inferno psicoterápico, bem, vou contar – é uma bela duma merda.

Não culpo Pam por isso. Ela esperava um casamento de conto de fadas com um astro do rock e, em vez disso, conseguiu... isto aqui: um louco mulherengo, viciado, alcoólatra e suicida. Nos dias ruins, pelo menos. E foram muitos dias ruins nos primeiros dois anos do nosso casamento. O confronto dessa realidade, no entanto, foi equivalente a uma tortura. O aconselhamento de casais levou a uma sala de espelhos terapêutica. Além dos típicos encontros em grupo estilo AA, fui enviado ao grupo de terapia masculino, um workshop sobre sexo, um workshop sobre controle de raiva... e por aí vai. Parecia, aos olhos deles, que a única compulsão que eu não tinha era o jogo. No entanto, estava bastante claro que eu estava

jogando com minha vida e subsistência, então sofria disso também. Algumas dessas coisas foram benéficas, claro. Mas muitas eram besteiras completas. Não consegui desenhar uma linha direta entre ser viciado em heroína (o que eu era) e viciado em sexo (o que eu não era, sem contar a ocasional indiscrição causada pela bebedeira). O argumento do conselheiro, no entanto, era que todos os comportamentos estavam conectados e que simplesmente por causa da minha linha de trabalho, eu havia sido exposto e adotado um amplo espectro de hábitos repulsivos, que precisavam ser enfrentados. Minha pobre esposa foi encorajada a participar das reuniões do Al-Anon, mas só ficou alguns minutos. Todas aquelas mulheres infelizes fantasiando abertamente sobre castrar seus maridos enquanto eles dormiam e depois se abraçando entre elas... fez que Pam tivesse calafrios.

E também houve as duas versões distintas da “semana familiar” das quais fui convencido a participar. Foi o ponto alto – ou baixo – do processo de reabilitação, parecido com a “reparação” quando se está no AA. É um rito de passagem, digamos. Uma intervenção pós-intervenção. Você se senta com as pessoas que ama, e elas descarregam toda a raiva e o ressentimento, confrontando-o com todo ato doloroso ou embaraçoso que você já cometeu, sóbrio ou chapado, na verdade. É brutal e eu fiz duas vezes. Uma com Pam e minhas irmãs (minha família de sangue) e outra com os caras do Megadeth (minha família profissional). As duas sessões foram intensas, reveladoras, catárticas. Meus companheiros de banda, no começo, estavam tão bravos que nem queriam participar do processo, mas depois que tiveram luz verde para jogar toda a merda em mim, não pararam. Não era só o uso de drogas que os incomodava, mas o fato de que eu tinha colocado suas carreiras em risco. Entendi isso. Tinha demitido membros do Megadeth antes exatamente pela mesma razão. Mas não acho que eles entenderam a profundidade do meu problema naquele momento ou a extensão do meu sofrimento. Não tinha nem certeza se queria continuar compondo ou tocando. Não tinha nem certeza se queria continuar com o Megadeth. O que

eu sabia, no entanto, era que não conseguiria fazer outra turnê naquele momento, uma admissão que perturbou profundamente os outros caras na banda, bem como nosso manager.

A gente tinha cancelado uma turnê muito divulgada no Japão depois que fui hospitalizado. Agora que eu parecia estar me recuperando, os caras queriam ressuscitar aquela turnê. O mais firme era Marty Friedman que, nesse momento, tinha deixado suas reservas de lado. Marty era completamente louco pela cultura japonesa, a ponto de ter acabado se tornando como Richard Chamberlain em *Shogun*.³³ Sempre fora um sonho dele tocar no Budokan e minha recaída tinha custado a ele essa oportunidade. Eu sentia muito por isso. Mas não a ponto de ir direto de Wickenburg para o Japão. Os caras acabaram, mesmo ressentidos, aceitando minhas desculpas, e apoiaram minha decisão. Não foi igual com nosso agente, Andy Summers, que tinha renegociado a turnê, incluindo também datas na Austrália, sem minha permissão ou conhecimento. Cancelamos pela segunda vez, deixando o público e os promotores japoneses com mais raiva. Então demitimos Andy.

Só em junho o Megadeth tocaria ao vivo de novo. Tínhamos aceitado uma oferta para aparecer junto com o Metallica e o Diamond Head no Milton Keynes Bowl em Buckinghamshire, na Inglaterra. De lá, embarcaríamos numa turnê europeia. Para que isso acontecesse, no entanto, era preciso fazer algumas mudanças. A pedido do manager, foi criada uma política de abstinência. Não discordei da ideia de fazer uma turnê sóbria, mas tinha dúvidas se esse comportamento poderia ser controlado. Achei que aquilo era um pouco excessivo e, francamente, impossível de realizar. Éramos adultos, afinal de contas. O manager estava determinado, no entanto, e eu concordei. Cada um de nós deveria assinar um contrato confirmando nossa intenção de nos abster do uso de álcool e drogas durante a turnê; além disso,

uma cláusula de confidencialidade proibia que os membros da banda e da equipe discutissem os eventos que ocorressem na turnê e no estúdio. Em outras palavras, o que acontece na banda, fica na banda. Novamente, um sentimento nobre... até você exigir que as pessoas aceitem isso. Nesse ponto, ele para de ser nobre e se torna fascista.

© Ross Halfin



Diamond Head, Megadeth e Metallica no Milton Keynes National Bowl, Milton Keynes, Inglaterra, 5 de junho de 1993

Mas essa era a atmosfera no Megadeth na época. Medidas extremas para lidar com um problema extremo. Apesar de não ser o único a discordar dessa política, Nick Menza acabou sendo o que mais resistiu a assinar os documentos. E isso levou a uma briga feia entre nós dois. Tínhamos acabado de chegar ao hotel depois de um voo transatlântico e, enquanto fazíamos o *check-in*, perguntei a ele por que não tinha concordado.

– Foda-se – ele gritou. – Não vou assinar merda nenhuma!

A explosão não me surpreendeu. A postura de Nick para resolver conflitos era falar cada vez mais alto e ficar mais hostil, até que seus oponentes desistissem ou se afastassem, embaraçados. Eu sempre gostei do Nick; achava que era um cara legal com um temperamento ruim e questões de insegurança exarcebadas pelo uso de drogas. Normalmente, eu deixava passar, mas não dessa vez. Se a sobriedade era um mandato, e profissionalismo um objetivo, então teríamos de seguir as regras, todos. Incluindo o Nick.

A discussão continuou por algum tempo, até que eu finalmente o levei para um canto.

– Nick, se você vai beber e quer ficar na banda, nós vamos ter sérios problemas.

– Vai se foder. Eu saio!



A camisa de flanela era a nova camiseta preta. Eu odiava porque a cena metal logo começou a parecer um show do Pearl Jam

Isso foi menos de vinte e quatro horas antes de subirmos ao palco e apesar de duvidar que Nick fosse louco o suficiente para sair do Megadeth, considerei uma afronta pessoal que ele ameaçasse sair. Estava sendo petulante, infantil, egoísta.

– Cara, se você sair essa noite, estará fodendo com meu ganha-pão – falei. – E se fizer isso, vai acabar pagando.

Ele mandou que eu fosse me foder, o que basicamente me colocou em modo blecaute. Usando um golpe de arte marcial conhecido como Garra de Águia, eu o agarrei pela garganta, travando meu dedo esquerdo contra sua traqueia e dobrando seu braço até o cotovelo. Nesse momento, eu estava completamente cego; estava a dois segundos de destruir a laringe de Nick e espancar sua cara, tudo ao mesmo tempo. Felizmente, tínhamos contratado um guarda-costas chamado George que era um cara formidável. Ex-militar, George entrou em ação imediatamente, agarrando-me por trás e me imobilizando até que a raiva passasse. Passamos o resto da noite tentando tratar as feridas dos egos e chegar até alguma reconciliação. No final, a questão foi resolvida e tocamos na noite seguinte com o Metallica e o Diamond Head. Mas não foi tão bom quanto poderia ter sido.

Obviamente, foi algo importante – aparecer no mesmo show que meus ex-companheiros de banda. Mas eu estava determinado a ficar tranquilo; não deixaria ninguém me ver mal, não queria parecer muito ávido nem – pelo amor de Deus – fazer pose de estrela. Assim que vi James quis conversar muito com ele, da forma que você faria com um velho amigo. Infelizmente, os caras legais no Metallica tinham um senso de humor meio estranho. Eles me convidaram para seu camarim, onde havia uma grande bandeja com o que parecia ser cocaína, por acaso. Fiquei realmente desapontado com eles por causa disso. Todo mundo sabia que eu estava tentando ficar sóbrio e era como se tivessem chegado a um nível muito baixo, com isso de deixar uma bandeja de pó branco no camarim deles para me tentar – ou me zoar. Só reforçou o que eu já sabia: que o Metallica não fazia nada errado enquanto que o Megadeth era visto como uma banda que vivia para a farra.

Éramos, na verdade, uma banda em processo de separação. Tudo agora tinha a ver com dinheiro e drogas, poder e ego. Não tinha a ver com música e certamente nada a ver com camaradagem. Estávamos tendo muitos problemas na nossa banda, mas esse deveria ser um daqueles momentos em

que todos deveriam estar dizendo: “Porra! Vamos tocar com o Diamond Head e o Metallica!”. Em vez disso, estávamos falando: “Se quero beber uma merda de uma cerveja, vou beber uma merda de uma cerveja!”. Como se isso fosse importante. Olhava para Nick e via um cara que estava disposto a jogar tudo para o alto por uma garrafa de Heineken.

Na realidade, eu me sentia da mesma forma. Só que agora eu era um desses insuportáveis bêbados recém-sóbrios, desprezado pela maioria das pessoas. Merda, alguns meses antes, eu teria me desprezado.

A gente passou pela parte europeia da turnê, voltou para os Estados Unidos e continuou, dessa vez como a banda de abertura do Aerosmith, no que poderia ser chamada da Grande Turnê da Sobriedade de 1993. A luta do Aerosmith para ficarem sóbrios era famosa, depois de muitos anos vivendo de excessos. Bob Timmons estava na estrada com eles nessa turnê, ajudando a banda a permanecer longe das drogas e das bebidas.

Não posso dizer que saí dessa turnê admirando ou respeitando o Aerosmith. Claro, eles eram profissionais, e sempre gostei da música deles, mas fiquei um pouco surpreso pela forma como fomos tratados. Havia, por exemplo, coisas que esperávamos, como a oportunidade de fazer uma passagem de som decente na tarde de um show; uma quantidade razoável de tempo (uma hora, no mínimo) para nosso show; um lugar para ficarmos depois da apresentação. Bem, depois de vários dias sem as coisas que esperávamos – e supostamente estavam estipuladas em nosso contrato – fiquei bravo. E comecei a agir. Uma noite em Dallas, quando um fã jogou uma camiseta do Aerosmith no palco durante nosso show, limpei meu nariz nela e joguei de volta para a plateia. Depois do show, dei uma entrevista no rádio.

– Dave, a gente está muito feliz pelo Megadeth tocar aqui no Texas – disse o DJ. – Por que não tocaram mais tempo?

Eu ri.

– Não tivemos mais tempo para tocar porque o Aerosmith não tem muito tempo para viver.

Pensei que fosse engraçado. Aparentemente, Joe Perry e Steven Tyler não acharam. Eles ouviram a entrevista enquanto iam de limusine até o show. No dia seguinte, eu estava almoçando num Taco Bell quando nosso tour manager veio me dizer:

– Ei, Dave, queria avisar que vamos para casa hoje. Fomos expulsos da turnê.

Eu quase engasguei com meu taco.

– O quê? Você está brincando.

– Não. Sinto muito.

Não pedi nenhuma explicação. Em vez disso, por algum motivo, queria saber quem nos substituiria.

– Jackyl – ele falou.

“Ó Deus.”

Aqui estávamos, uma banda multiplatina no pico de vendas de um disco de sucesso... e fomos chutados a favor de uma banda barata, de quinta, híbrida de heavy metal e southern rock.

Quase dá para rir da insanidade disso.

Quase...

28 Dupla pop bastante famosa nos anos 1970. [N. T.]

29 Política econômica promovida pelo ex-presidente Ronald Reagan que antecipava medidas que depois seriam chamadas de neoliberais. [N. T.]

30† Eu terminei emprestando dez mil dólares ao Júnior para ajudar a manter a fazenda em pé, o que não contribuiu com nossa relação quando as coisas ficaram complicadas.

31 Agora, vou deitar / Rogo a Deus que guarde minha alma / Se eu tiver de morrer antes de acordar / Rogo a Deus que leve minha alma // Agora, vou deitar / Blá-blá-blá guarde minha alma / Se eu morrer antes de acordar / Graças a Deus, vou para o inferno // Agora, vou deitar / Rogo a Deus que guarde minha alma / Se eu morrer antes de acordar / Rogo a Deus que leve minha alma.

32 Especialista em fitness e fisiculturismo. [N. E.]

33† Na verdade, Marty agora vive e trabalha no Japão; a gente costumava brincar que Marty não entendeu o conselho da sua mãe: quando ela falava para se casar com uma JAP, queria dizer Jewish American Princess [princesa judia-americana].



Depois de um corte de cabelo bem ruim. Os números colados na guitarra eram assunto particular

14

A doninha interior

“Poxa, cara. Relaxe. Isso não é *New Jack City*.”

Eu gostava do deserto do Arizona. Era inóspito e vasto. Uma lembrança diária de que em algum lugar havia um plano cósmico no qual meu papel era minúsculo. Um papel quase imperceptível. Perspectiva, acho que se pode chamar. E, é claro, estava a anos-luz de Los Angeles e Hollywood, e dos gases tóxicos da fama. Então, apesar de ter sido liberado de Meadows e de ter ganhado um certificado (temporário) de saúde, Pam e eu decidimos que Phoenix seria nosso novo lar. Viveríamos e trabalharíamos ali. Para ajudar a facilitar esse plano, David Ellefson e Marty Friedman se mudaram para lá também, para que pudéssemos colaborar de forma mais eficiente no disco seguinte do Megadeth, *Youthanasia*.

A única pessoa na banda que se recusou a mudar foi Nick Menza.

Não acredito que Nick tenha ficado ofendido por meus esforços em manter a sobriedade, ou que estivesse menos comprometido com a banda. Na realidade, apesar de Nick estar lutando contra seus próprios demônios pessoais na época, tudo em relação ao Megadeth se tornou uma chateação. Quanto maiores éramos, mais brigávamos. Em geral, as batalhas eram por questões criativas e financeiras: os tipos de música que íamos gravar, quem escreveria as músicas e quanto cada membro da banda iria receber. Para resolver essas questões, bem como resolver os vários conflitos de

personalidade, a gente fazia sessões de terapia de grupo quase toda semana. Foram muito dolorosas; meu papel, no geral, era sentar no centro da sala e ouvir o resto falando como eu tinha sido um merda arrogante, egoísta e insensível.

– *E ah, por falar nisso, Dave, quero mais dinheiro, por favor.*

As rendas de direitos autorais se tornaram uma fonte infinita de conflito. No começo do Megadeth, tudo tinha sido muito simples: se você compunha, era sua. Fim da história. Então começou a choradeira: “*Blá-blá-blá! Não estou ganhando o suficiente. Não é justo*”. O problema era esse: a gravadora queria que eu escrevesse as músicas. Preferivelmente, todas elas. E as que eu não escrevesse, deveria modificar e melhorar por meio de infinitos ajustes e remendos. Teria sido mais fácil para mim e mais saudável para a banda se nossas capacidades de composição fossem iguais. Mas esse não era o caso e todo mundo sabia disso.

Então, adotamos um novo modelo de negócio, que sempre mudava, um que dividia os *royalties* em pedaços cada vez menores. Foi assim que começou a funcionar nos primeiros dias. Se você compôs a música, tem 50%. Se escreveu a letra, tem 50%. Se escreveu as duas, recebe 100% dos *royalties* daquela música. Se escreveu a letra e colaborou com outro membro da banda na música, então receberia 75% dos *royalties* daquela música; a pessoa com quem colaborou na música recebia 25%. Se você não escreveu nada – se foi só um músico tocando em estúdio e saindo em turnê – bem, não recebia nada de *royalties*. Recebia um salário muito alto e uma boa porcentagem dos ganhos dos eventos ao vivo. Para um membro do Megadeth, no auge, isso não era exatamente um trocado, principalmente quando o dinheiro dos patrocínios e do merchandising entrava na equação. Para todos nós, era uma vida melhor do que poderíamos ter imaginado.

Isso acabou sendo igualmente complicado. Infelizmente, cada vez que um zero era adicionado ao final de um relatório de *royalties*, inveja e ciúmes aumentavam da mesma forma, levando a maiores intervenções e

mudanças no processo de contabilidade. Se uma pessoa escreveu a letra, todo o resto tinha a chance de acrescentar ou mudar algumas linhas, criando uma divisão entre três ou quatro, só nas letras. O mesmo acontecia na música. Era uma loucura.

– Vocês não conseguem escrever uma porra de uma música sozinhos? – eu falava.

Houve um momento crucial enquanto fazíamos a turnê para divulgação de *Youthanasia* em que discutimos esse assunto inglório. Aconteceu num restaurante em Tóquio. Estávamos nós quatro lá: eu, Nick, Marty e David. Como era comum naqueles dias, a conversa não era sobre a música ou os shows ou qualquer coisa que poderia ter sido benéfica, mas sobre o dinheiro.

– Sabe de uma coisa? – Nick falou. – Acho que deveríamos ter uma taxa de colaboração.

– O quê? – Não tinha ideia do que ele estava falando, apesar de não ter gostado do som daquilo.

– Sabe, um sistema para garantir que todos recebam quando estivermos compondo. – O rosto de Nick se iluminou. Ele estava a ponto de dizer algo importante, algo que explicaria sua visão. – É como Kenny G. Ele diz que não consegue compor se toda a banda não estiver colaborando com ele.

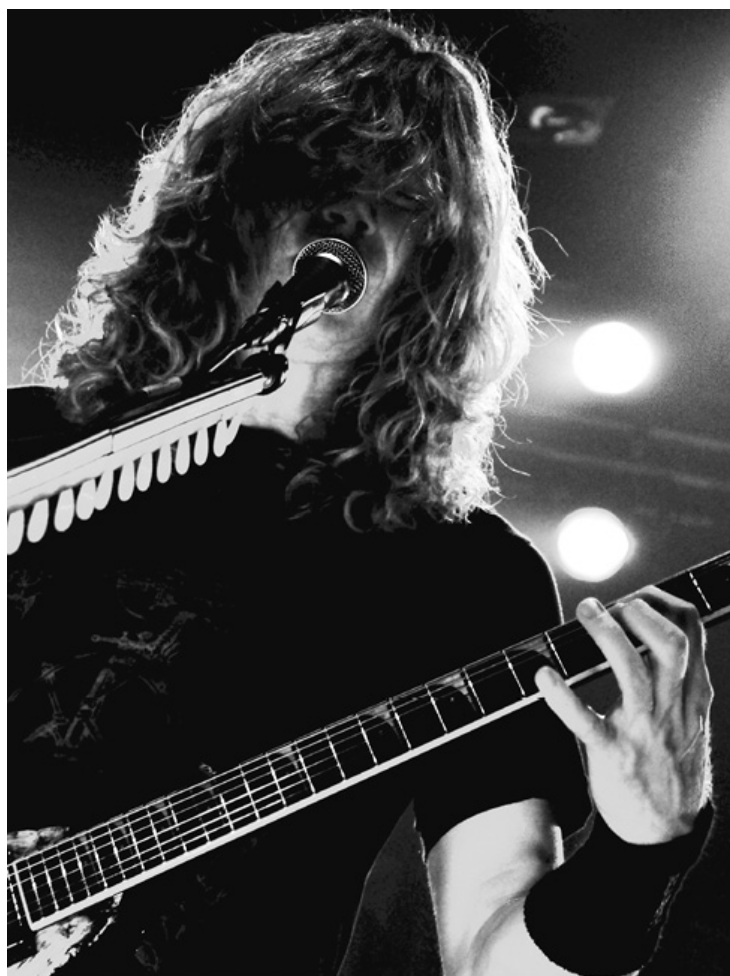
Houve um longo e espantado silêncio. Aí eu falei.

– Você acha que vou pagar para você ser minha musa ou algo assim? Isso é ridículo!³⁴

O almoço continuou em silêncio depois disso, e todos voltamos para nossos quartos de hotel. Em algum momento no caminho, eu fiz uma nota mental afirmando que o Megadeth tinha mudado para sempre. Éramos agora, na verdade e acima de tudo, uma empresa.

Apesar das brigas e discussões, a máquina do Megadeth continuou funcionando. Eu estava menos preocupado com esses problemas do que com entender por que era sempre levado ao autoflagelo de uma forma ou de outra. Pode chamar de busca espiritual, um passeio psicológico que me levou a entrar em contato com uma grande quantidade de místicos, xamãs e sacerdotes, sendo que todos tinham algo interessante, quando não completamente maluco, a oferecer sobre esse meu tumulto interno.

Fui a uma mulher que era curandeira e cujo “dom” era muito parecido com o de todo mundo que diz possuir um dom: poderia ter vindo de Deus ou poderia ter vindo de Satã, ou ela podia só estar falando um monte de merda e nada aconteceria. No entanto, quando fui vê-la pela primeira vez, ela sabia muito sobre mim e fez coisas que me deixaram melhor. Eu fiz tudo que ela mandou. Confiei nela. Até que a mulher chamou um guru para trabalhar para ela. Esse cara fazia acupuntura e colocou uma agulha em sua área vaginal que disparou orgasmos múltiplos incontroláveis. Ela trocou seu marido por esse rajá indiano, que me fez uma “limpeza” usando agulhas e ventosas. O procedimento foi tão estressante que o cara desmaiou, mas não antes de informar que tinha visto uma imagem espectral de um homem com um turbante prateado que declarou ao rajá: “vou libertá-lo agora”. Isso, supostamente, era o começo da minha libertação da influência satânica que tinha sido impressa em mim quando era criança. Também teve o padre filipino cujo processo de limpeza incluía a visão de uma cabeça de touro demoníaca saindo do meu estômago.



Certo... sou o primeiro a admitir que tudo isso podia ser papo furado, mas estava disposto a experimentar. Estava procurando algo. O quê? Não sei realmente. Respostas, talvez. Paz. O poder de mudar minha vida. Eu estudei o *A Course in Miracles*, da Marianne Williamson. Participei de um grupo masculino e tentei aceitar toda a besteira de *Iron John*.³⁵ Fiz tudo exceto procurar Deus, porque, francamente, era o último lugar que eu queria olhar.

Então, para me confortar, procurei a familiaridade do álcool e das drogas. Havia um traficante vivendo em nosso bairro e ficamos amigos, começamos a ficar chapados de vez em quando. Logo ficou mais frequente que “um de vez em quando”, e antes de perceber, eu estava de volta à

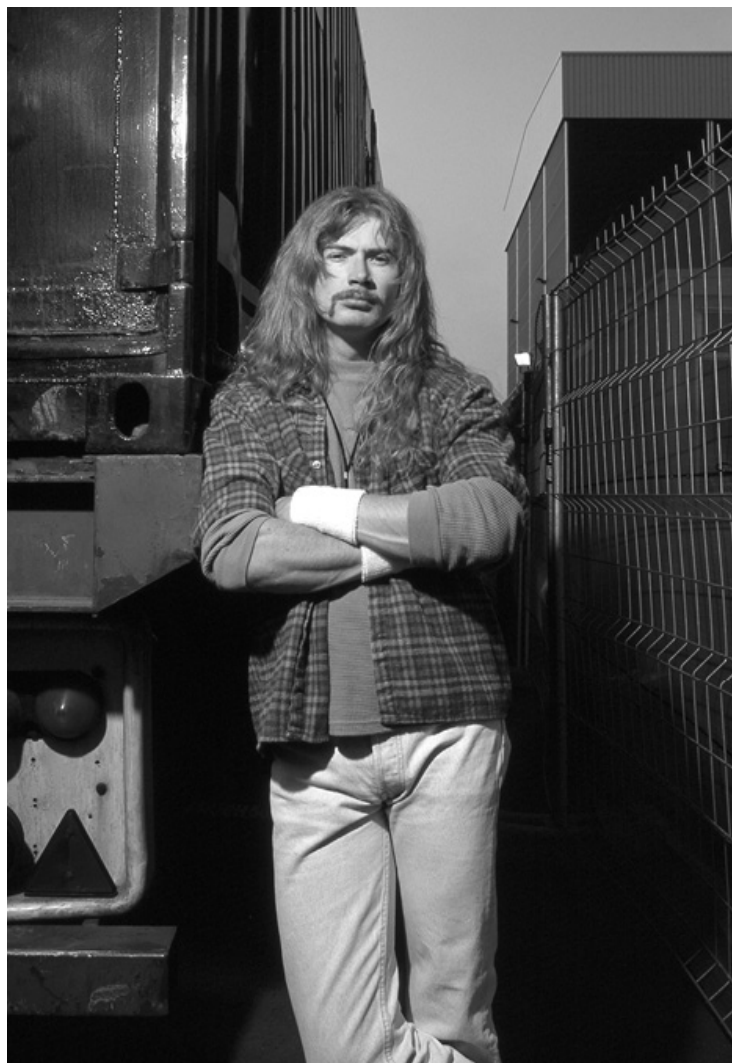
reabilitação. Não chamo isso de uma recaída completa (sim, há graus de vício, por mais difícil que seja entender). Essa foi uma época em que eu estava, mais uma vez, entrando e saindo de períodos de sobriedade; fui o novato em reuniões de AA e grupos de apoio em várias ocasiões, apesar de dificilmente ser um neófito. Só ficava retornando à linha de largada.

O mais engraçado (ou triste) era que eu tinha começado a criar um nicho no superpopuloso e moralista universo dos doze passos. Participava das reuniões, memorizava chavões, era padrinho de outros bêbados e viciados, tudo enquanto agia como se tivesse algo substancial a acrescentar à vida deles. Entrava numa sala, ficava de pé e contava minha história, tentava soar ou profundo ou engraçado ou os dois: “Oi, sou o Dave e sou um viciado e alcoólatra recuperado; quero dizer... sou mais parecido com um míssil procurando a próxima dose, e para aqueles que fizeram o processo de curar sua criança interior, saibam que eu tenho uma doninha³⁶ interior”. Todo mundo falava *oooh* e *aaah* e me aplaudiam. Por um tempo isso acabou subindo à cabeça. Desenvolvi um senso de superioridade espiritual (novamente, isso não é incomum entre viciados e alcoólatras em recuperação) que era completamente injustificado e indevido. Mas tudo desapareceu quando comecei a sair com meu vizinho – é difícil fazer proselitismo quando você acabou de comprar umas gramas de cocaína ou heroína.

De alguma forma, o disco foi feito. Começamos num lugar chamado Phase Four Studios, em Phoenix, mas problemas técnicos fizeram que mudássemos para outro lugar logo no começo. A prudência lógica e financeira nos levou de volta a Los Angeles, onde havia muitos estúdios, mas eu não tinha como sair do Arizona naquele momento. Gostava do deserto e me sentia confortável longe da loucura de L.A.

De qualquer forma, aconselhado por Max Norman, construímos nosso próprio estúdio num galpão alugado em Phoenix e começamos a trabalhar.

© Ross Halfin



No backstage do Milton Keynes, perto dos caminhões

No dia 31 de outubro de 1994 – Halloween, como convém – *Youthanasia* foi lançado. Ao mesmo tempo, o primeiro site do Megadeth foi colocado na internet, dando aos fãs uma chance de interagir com os membros da banda por um chat ao vivo e por e-mail, assim como ficarem informados das várias atividades promocionais e novidades da banda.³⁷

Com Max e eu coproduzindo, *Youthanasia*, em muitos aspectos, é o mais polido e acessível disco do Megadeth até o momento. Um pouco mais melódico e comercial. Ainda focado em nossas raízes no thrash metal – com vocais gritados e riffs matadores –, mas claramente caminhando para uma mudança de estilo que logo acabaria inspirando outros, para nosso desconforto. Alguns críticos gostaram, outros não. Os fãs pareceram não ter problemas com isso. O *Youthanasia* estreou em quarto lugar nas paradas – basicamente já ganhando disco de platina e transformando-se no disco que vendeu mais rápido na história da banda.

O ritmo de vida naturalmente ficou mais agitado. Durante uma boa parte do ano seguinte, trabalhamos quase sem parar, fazendo turnês pelos Estados Unidos, Europa, Ásia e América do Sul (duas vezes). Contribuímos com músicas para trilhas sonoras, lançamos uma compilação de faixas inéditas e um documentário chamado *Evolver: The Making of Youthanasia*; filmamos os obrigatórios videocliques. Isso provou ser mais problemático do que valioso, já que o vídeo que acompanhava o single “A Tout le Monde” foi retirado da MTV graças a uma controvérsia ao redor da letra, que supostamente defendia o suicídio. Não defendia. Eu escrevi, então sei. Foi isso que aconteceu. Tínhamos tocado a música ao vivo na MTV em 1994, no dia em que *Youthanasia* foi lançado, num evento chamado Night of the Living Megadeth. Num ponto, eu errei o set list e fiz um breve monólogo antes do que pensei que seria “Skin o’ My Teeth”.

– Essa próxima música fala sobre quantas vezes já tentei me matar!

Só que não era. A próxima música era “A Tout le Monde” que não tem nada a ver com isso (apesar de tratar de morte). Nesse ponto eu tinha duas saídas: fazer uma nova intro e admitir meu erro ou simplesmente tocar “A Tout le Monde”. Mudar o set list e tocar “Skin o’ My Teeth” não era uma opção. Estávamos ao vivo na televisão e todo mundo pronto para entrar em “A Tout le Monde”, então foi o que fizemos. Previsivelmente, a merda se espalhou pelo ventilador e “A Tout le Monde” foi rotulada como “canção

suicida” e o Megadeth como uma banda que defendia isso. Não ajudou, claro, o fato de o disco se chamar *Youthanasia*, apesar de que qualquer idiota poderia entender que o título era meramente um jogo de palavras, com a intenção de ser uma referência aos efeitos entorpecedores da influência da sociedade sobre a juventude norte-americana. Os jovens entenderam e gostaram. Os adultos surtaram. Bastante típico.

Quando chegamos ao festival Monsters of Rock no Brasil, em setembro de 1995, estávamos todos exaustos e num perpétuo estado de agitação. Esse deveria ter sido o ponto alto da turnê do *Youthanasia* – tocando com Ozzy e Alice Cooper, entre outros – mas eu só queria ir para casa e ficar tranquilo. Manter a energia e a boa vontade necessárias para sustentar uma turnê dessa magnitude já é desafiador nas melhores circunstâncias; para o Megadeth era quase impossível. Claro, nos divertimos, tocamos em muitos lugares diferentes, mas chegou a um ponto em que repetíamos tudo mecanicamente, e isso é uma experiência extenuante. Eu não estava nem chapado nem sóbrio, mas em algum ponto no meio do caminho. Sei que estava cansado da convivência com a banda, a ponto de ter começado a procurar outras formas de expressão criativa. Tinha começado a sentir ódio de olhar para meus companheiros de banda porque parecia que só se preocupavam com dinheiro. Agora me sinto diferente em relação à maioria deles, claro – tempo e sobriedade fazem isso. Naquele momento, no entanto, tive dificuldades em aceitar o fato de que estava pagando por tudo e aguentando a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do Megadeth, e esses caras estavam constantemente reclamando por dinheiro.

Eu precisava de algo diferente – um pouco de ar fresco. Só queria ser feliz, fazer música de um jeito que fosse simples e gratificante. E não estava conseguindo isso com o Megadeth.

Uma das primeiras pessoas com quem discuti um possível projeto paralelo foi Jimmy DeGrasso, que estava tocando bateria na banda do Alice Cooper. Jimmy gostou da ideia, e concordamos em voltar a conversar mais

depois da turnê, quando voltássemos aos Estados Unidos. Era tudo meio nebuloso na época, só algo que eu mantinha na cabeça como uma distração necessária da rotina do Megadeth. Pensei em chamar o Flea do Red Hot Chili Peppers para tocar baixo, mas ele estava ocupado, então fui atrás do Robert Trujillo, que estava tocando no Suicidal Tendencies na época. Robert era ótimo, mas estava mais para baixista de funk, e também estava muito ocupado, então ele me falou de um cara chamado Kelly LeMieux, que só tinha dezoito anos, mas era uma verdadeira promessa. Eu conheci o Kelly, ouvi como tocava, convidei-o para participar do projeto. Ele aceitou.

Tudo que faltava era encontrar um vocalista, já que eu queria focar na composição, produção e na guitarra. Minha primeira escolha foi Jello Biafra da seminal banda punk Dead Kennedys. Jello tinha a reputação de ser um tanto mal-humorado e antagônico, e na nossa primeira reunião ele não me desapontou.

– Por qual selo? – ele perguntou.

– EMI.

Ele fez uma careta, balançou a cabeça com desdém.

– Ah, que se fodam esses caras! Eles fazem ogivas nucleares.

– Hã? O que você está falando?

Durante os cinco minutos seguintes, Jello fez um impressionante, apesar de incompreensível, ataque contra Thorn EMI e suas conexões com o complexo industrial-militar, e como a General Motors oferece apoio financeiro a empresas que produzem armas automáticas que terminam nas mãos de supremacistas brancos, e a Coca-Cola faz isso, e a Anheuser-Busch faz aquilo... e sem parar, até que minha cabeça estava dando voltas.

Eu finalmente consegui cortá-lo.

– Uau, espere um minuto, cara. Eu só quero fazer umas músicas. Não vim aqui para ser atacado até a morte por sua propaganda.

A gente nunca se entendeu, mas eu saí daquele encontro com uma saudável dose de respeito por Jello, que fazia jus à sua lenda. Estava usando

muletas naquela noite, por exemplo, e quando perguntei o que tinha acontecido, ele explicou que tinha ido a uma casa punk algumas noites antes e havia tido uma pequena discussão com um dos donos. Enquanto ele contava a história, eu ria em voz alta.

“Lindo, cara. O porra do vovô do punk sendo espancado por um bando de punks! O que pode ser mais incrível que isso?”

Sem Jello, eu tinha poucas escolhas. Tinha a visão de uma banda que combinaria elementos de punk rock, metal e coisas clássicas, e precisava de um vocalista punk que entendesse o que eu buscava. A única outra pessoa que eu conhecia e que se encaixaria no perfil era Lee Ving, o cantor talentoso da banda punk de L.A. Fear. Lee concordou na hora e comecei a escrever as músicas que apareceriam no disco. Tudo começou a funcionar bem rápido. A banda se chamaria MD.45, baseada numa combinação de nossas iniciais: MD (Mustaine, Dave) e VL (Ving, Lee), o numeral romano para 45. Ou foi o que eu pensei; não está tecnicamente correto, mas quem se importa? Ainda é um nome legal para uma banda.

Mais ou menos nessa época, meu uso de drogas aumentou consideravelmente. Tinha problemas com minha banda, problemas com meu manager e meu agente, problemas com minha esposa. Tinha uma cacetada de problemas e lidava com eles da forma como sempre tinha feito: ficando chapado. Enquanto estávamos em turnê divulgando *Youthanasia*, Max Norman desmantelou o estúdio no Arizona e levou tudo de volta para a Califórnia. Eu queria que Max trabalhasse comigo na mixagem final do disco do MD.45, então comecei a ficar em Van Nuys, onde Max tinha remontado o estúdio. Enquanto estava lá, retomei a amizade com minhas velhas amigas: a heroína e a cocaína. Rapidamente, minha vida começou a entrar numa espiral descontrolada.

Pam sabia que tudo isso estava acontecendo, mas sentia-se incapaz de evitar. Deus sabe que ela tentou. Um dia, ela ligou para meu amigo e mentor de artes marciais, Sensei Benny “The Jet” Urquidez, e pediu para

ele me visitar no estúdio. Talvez, ela pensou, a mera visão de Benny iria me envergonhar a ponto de me submeter. Não funcionou assim. Eu fiquei embaraçado, é verdade, mas minha resposta foi fugir em vez de lutar. Fiquei andando por várias salas, tentando evitar qualquer contato com o Sensei. Ele ficou me seguindo pacientemente, tentando conversar comigo, e eu simplesmente o ignorava. Repassando isso agora, na minha cabeça, simplesmente não consigo acreditar que fiz aquilo. Lá estava um homem lendário, tão conhecido nas artes marciais quanto eu era no heavy metal, tentando me ajudar, tentando salvar minha vida, e eu agia como um tonto mal-educado: fugindo por portas traseiras, me escondendo dele. Só de falar nisso, tantos anos depois, ainda me provoca um sentimento de profunda vergonha.

Depois que saí do estúdio naquele dia, fui direto para a casa de um amigo viciado e me escondi lá por um tempo. Alguém tocou a campainha e entregou um pacote para ele. Os caras se deram as mãos, riram e depois meu amigo abriu o pacote e deixou o conteúdo cair sobre a mesa. O que eu vi era incrível: enormes pacotes de cocaína e heroína, que ele imediatamente começou a dividir em pacotes menores e mais fáceis de guardar. As sirenes deveriam ter começado a tocar na minha cabeça, mas em meu estado mental distorcido, tudo que podia pensar era: “Putá merda. Esse cara trafica!”

Era fácil ser amigo do meu traficante porque não havia expectativas ou responsabilidades. Éramos colegas viciados, conectados por uma vontade de nos entorpecer, nada mais do que isso. Tinha uma escolha nesse momento. Poderia ter voltado para o Arizona e me reunido com minha banda e meu manager, e enfrentado todos os desafios que estávamos passando. Mas eu não estava disposto a fazer isso, e não estava disposto a contar como estava me sentindo de verdade, sem medo das consequências. Não conseguia lidar com a possibilidade de que eles quisessem sair e que eu ficaria sozinho, e depois seria como quando eu era criança, fazendo as

malas no meio da noite e fugindo do meu pai, deixando meus amigos para trás e começando tudo de novo. Se você acha que esse tipo de experiência não tem impacto numa criança, está errado. Isso tornou quase impossível construir qualquer tipo de relacionamento significativo. Achava que as amizades não deveriam durar; elas deviam ser rompidas.

Algumas pessoas, no entanto, podem surpreendê-lo. Quando você tenta empurrá-las para longe, elas simplesmente não se movem. E quando precisa de ajuda, elas estão ali para ajudá-lo, mesmo se você não quiser.

Eu conheci Hadar Rahav da forma como as pessoas se conhecem quando chegam à meia-idade: por intermédio de nossos filhos. Justis estava indo à mesma escola que os filhos de Hadar e a amizade nasceu a partir desse simples ponto em comum. Gostei imediatamente de Hadar. Também fiquei um pouco impressionado com ele, pelas mesmas razões que fiquei com o Sensei. Hadar era um cara sério, duro não só na aparência. Seu pai, Nathan Rahav, era um herói nacional em Israel e isso obviamente tinha deixado uma marca em Hadar, que cresceu e se tornou soldado no exército israelense antes de acabar vindo para os Estados Unidos para trabalhar com segurança privada. Quando nós conversávamos, e ele me contava histórias sangrentas de guerra e contraterrorismo, eu me sentia o garoto que costumava ler quadrinhos e sonhar em se tornar um super-herói. Esse era um cara que tinha feito um monte de coisas que a maioria dos homens só fantasiava em fazer.

Não foi nenhuma surpresa que, quando Pam descobriu que eu não estava no estúdio trabalhando com Max Norman mas me escondendo em algum lugar, ela pediu conselhos e ajuda para Hadar. Na verdade, essa não foi a primeira coisa que fez. Antes de ligar para Hadar, ela ligou para nosso manager e o instruiu a bloquear o acesso a todas as minhas contas bancárias. Na prática, essa não foi a melhor forma de lidar com meu fim de semana perdido, mas ela precisava fazer algo.

Minha intenção era fazer uma breve visita à casa desse meu amigo – só pegar um pouco de drogas que durassem alguns dias e depois voltar ao trabalho. Em vez disso, fiquei por lá. E fui ficando, até que acabei perdendo a noção de tempo. Preferia fumar ou cheirar, o que ainda me parecia um método menos nojento e assustador de usar. Mas nessa viagem em particular eu estava completamente louco: chapado, deprimido, suicida. Qualquer inibição que possa ter tido antes, desapareceu naquele apartamento e eu acabei colocando heroína líquida numa seringa e injetando na veia.

Quanto tempo isso durou? Uns dias, acho. Menos de uma semana. A gente ficava ali num perpétuo estado de intoxicação, ouvindo música, comendo, ignorando o mundo externo. Num ponto, houve uma ligação telefônica. Meu traficante atendeu. Sabendo que Pam acabaria descobrindo onde eu estava me escondendo, tinha falado para ele que não queria conversar com ninguém. Ele ficou ali parado por um momento, o telefone na mão, ouvindo. Aí ele cobriu o bocal.

– É alguém do estúdio. Eles têm algumas mixagens para você aprovar?

Eu assenti, mandei ele me entregar o fone.

– É o Dave falando.

– Seu bosta!

“Ai, merda. Pam.”

– Oi, amor – falei mansinho, tentando ganhá-la pelo charme.

– Vai se foder! Estou com o Hadar aqui e vamos te pegar.

– Não, não, não. Está tudo bem, eu vou sair.

Fui para fora, onde Hadar e Pam estavam me esperando, junto com uma falange de veículos de segurança com os colegas de exército de Hadar, preparados, parecia, para um tiroteio de proporções épicas.

– Jesus, cara. Relaxem – eu falei. – Aqui não é *New Jack City*.³⁸

Pam não riu.

– Entre no carro – ela falou. – A gente vai embora. Agora.

– OK, está bem, vou só pegar minhas coisas lá dentro.

Hadar estava ao lado dela. Ele balançou a cabeça.

– Você não vai a lugar algum. Vem com a gente.

Eles tinham imaginado – corretamente, devo acrescentar – que se eu voltasse para dentro, iria me injetar de novo. Uma para a viagem, claro. Devido ao fato de que eu já estava completamente ferrado, com níveis tóxicos de heroína e cocaína pelo meu corpo, não tenho certeza se teria saído do apartamento. Poderia ter morrido. Para ser franco, não me importava muito.

Eles me colocaram num carro e dirigiram até um centro de reabilitação em Santa Monica chamado Steps. No caminho, perguntei se podíamos parar para comprar uns doces. A gente parou na estrada e quando Pam e Hadar saíram do carro, consegui fumar um pouco de heroína que tinha guardado em papel alumínio – na prática, um pequeno baseado de heroína. É um método simples: você acende a ponta do baseado, a heroína começa a queimar e você inala a fumaça. Presto: chapado na hora. Quando Pam e Hadar voltaram ao carro, ele estava cheio de fumaça.

– Não posso levar comigo – falei. – O melhor então era fumá-lo para não jogar fora.

Eles nem tentaram me parar. Simplesmente abriram todas as janelas e deram a partida no carro. O vento logo encheu o carro, ameaçando apagar o fogo, então eu levantei os vidros. E aí começou. Eles abaixavam as janelas, eu levantava. Para cima e para baixo... Para cima e para baixo.

Finalmente, Hadar começou a rir.

– Ei, Pam – ele disse com seu forte sotaque israelense. – Acho que conseguimos fazer um contato pelo menos.

Pam nem sorriu, só ficou olhando para a estrada. Ela já tinha feito essa viagem antes e tinha perdido o humor.

Eu já conhecia bem como funcionava a reabilitação; eu já podia até conseguir um emprego como enfermeiro. Fiz o *check-in*, fui para meu quarto, comi algo e depois comecei o processo de desintoxicação. A primeira semana, mais ou menos, é sempre igual: precisamos livrar nosso corpo de toxinas e tentar diminuir a dor da abstinência. Depois começa o trabalho desagradável: a terapia.

Senti um pouco de conforto ao saber que Steve C. (como eles o chamam no AA), um dos administradores que conheci e confiava no Meadows, era agora o diretor de programas no Steps. Ao mesmo tempo, foi um pouco estranho e desmoralizador encontrá-lo novamente desse jeito, sabendo que marcava um fracasso total e completo da minha parte. Esse é um dos muitos desafios do vício e da reabilitação: você sai de um lugar, todo mundo dá tapinhas nas costas e deseja boa sorte, mas você sempre sente que, pelas suas costas, alguém diz: “Ele vai voltar”. No meu caso, estavam geralmente certos. Além do mais, minha relação com Steve tinha enfraquecido desde que eu tinha estado no Meadows. Por algum tempo, tínhamos sido amigos. Até fomos a um cruzeiro pelo Mediterrâneo juntos, com nossas esposas. Infelizmente, Pam e a esposa de Steve, Chantelle, não se deram muito bem (atribuo isso a ciúmes por parte de Chantelle), e a viagem se tornou um desastre. Esperava que isso não atrapalhasse minha experiência no Steps, já que eu ainda tinha bastante respeito pelo trabalho do Steve, mas atrapalhou.

Numa das primeiras reuniões, Steve começou a falar merda. Bom, por si só, isso não é muito problemático. Na verdade, é bastante comum em reabilitação. Há uma certa atitude e pose que os conselheiros adotam quando querem usar um tratamento motivacional negativo:

“Ei, espero que já tenha acabado de pagar sua hipoteca, cuzão, porque você vai morrer logo e seria uma vergonha para sua esposa e seus filhos ficarem sem uma casa para morar.”

Esse tipo de coisa.

Geralmente, quanto mais acostumado o viciado, menos provável que essa postura tenha qualquer efeito. Claro que não funcionava comigo. Steve tentou usá-la mesmo assim, mas era bastante evidente que seu antagonismo – que incluiu várias referências indelicadas a Pam – tinha como raiz uma raiva verdadeira. Ele não parecia estar muito preocupado com meu tratamento ou minha reabilitação. Só estava puto.

A gente superou isso, depois. Eu cumpri meu tempo e me dediquei ao programa da melhor forma que pude (o que não era muito). A reabilitação, para mim, sempre foi principalmente um lugar para curar meu corpo em vez de minha psiquê. Era, de forma bastante literal, uma salva-vidas. Mas nunca fez muito pelo meu espírito. O Steps era, supostamente, um dos melhores centros de tratamento – o tipo de lugar conhecido por receber celebridades. Realmente, no entanto, parecia igual aos outros.

Há uma dinâmica estranha na reabilitação – as pessoas gravitam para perto de gente parecida assim que entram. Esses arranjos não são desencorajados e, na verdade, geralmente são facilitados pelos administradores do programa. Todo mundo na reabilitação está procurando um marido, uma esposa, uma mãe, um pai, um irmão substituto... qualquer coisa. Todo mundo está machucado de alguma forma e você, como reflexo, procura outros que possuam machucados nos mesmos lugares, assim pode se comparar e tentar curar as feridas dos outros. A experiência me ensinou a questionar se essa é a melhor forma (especialmente com os viciados em sexo, que terminam trepando nos banheiros), mas é assim que funciona. Eu estava no Steps havia uma semana e meia quando apareceu um rapaz. Ele era alto e forte, com a pele e o cabelo claros, além de ter uma compulsão por fazer *graffitis* nas paredes. Acontece que era músico e a gente conversou um pouco, se conhecendo, trocando algumas histórias – toda a merda de sempre. Ele era um cara legal e simpatizei com seus problemas, mas ainda assim... a ideia de que éramos amigos assim, de repente, só porque éramos músicos viciados, não fazia muito sentido. E essa dinâmica,

tão comum na reabilitação, é uma das razões pelas quais o processo nunca conseguiu me convencer.

Apesar de que posso dizer: quando saí do Steps, depois de trinta dias lá, eu estava limpo e sóbrio.

Novamente.

34† Sem nenhuma intenção de desrespeitar o Kenny G. Até o conheço. Seus filhos são músicos que gostam de tocar metal, então nossos caminhos se cruzaram algumas vezes.

35 Livro de 1990 que busca defender e reafirmar o papel do homem na sociedade. Tornou-se especialmente significativo e emblemático para o movimento masculino mitopoético, surgido no início dos anos 1980. [N. T.]

36 A gíria norte-americana “weasel” [doninha] é usada para pessoas enganadoras, mentirosas e furtivas. [N. T.]

37† Lembre-se – era 1994; acho que é justo dizer que estávamos um pouco à frente do nosso tempo nesse quesito.

38 Filme de 1991, considerado um dos melhores no gênero *gângster* do gueto de Nova York. [N. E.]



© Daniel Gonzalez Toriso

15

Alma à venda

“Você está louco, porra?!”

Ron Laffitte é uma das pessoas mais refinadas e profissionais que se pode conhecer. Eu falo isso tanto como um elogio quanto como uma crítica, porque reflete a capacidade de Ron de crescer através da indústria musical, aparentemente sem esforços, bem como sua incomum habilidade para um certo tipo de diplomacia. Ele é o tipo de pessoa que pode olhar direto nos seus olhos ou para uma câmera e fazer uma litania de elogios, mesmo se realmente achar que você é um monte de merda.

Esse é um atributo extraordinariamente valioso, especialmente se você estiver nos níveis mais altos da indústria de entretenimento. É algo que não possuo nem entendo. Ron e eu tivemos nossas diferenças, algumas pessoais, outras profissionais. No final, o término da nossa amizade foi tão inevitável quanto o rompimento da nossa ligação profissional. Ron foi quem deu mais ímpeto às sessões de terapia de grupo enquanto eu estava no Arizona, aquelas que quase me deixaram louco. Ao mesmo tempo, ou logo depois, percebi que ele parecia estar assumindo um papel cada vez menor nas atividades diárias do Megadeth. Ligações telefônicas não eram atendidas; oportunidades de divulgação eram perdidas. Esse tipo de coisa. Enquanto estávamos em turnê divulgando o *Youthanasia*, descobri que Ron tinha aceitado um cargo na Elektra Records. Ele não tinha me contado e recebi

uma ligação de um amigo, que me contou, sem ter certeza, que ele não tinha planos de desistir de seu cargo como manager do Megadeth. Se isso era verdade, então significava que iria trabalhar dos dois lados da rua. Isso não era possível, óbvio. Um manager precisa brigar por seus clientes; precisa estar disposto a chutar as bundas dos executivos das gravadoras, se fosse necessário. Difícil fazer isso quando se está recebendo salário.

Quando começamos a fazer nosso disco seguinte, *Cryptic Writings*, no outono de 1996, já tínhamos demitido Ron e contratado Mike Renault da ESP Management. Mike tinha me ajudado enquanto eu estava no projeto MD.45, e apesar de o disco (*The Craving*) não ter ido tão bem comercialmente quanto eu esperava (um fato que pode ser atribuído principalmente à anêmica promoção por parte da Capitol Records), havia muita coisa boa nele, tanto que eu achei que mereceu ser revisitado alguns anos mais tarde. Naquele momento, a gente remasterizou *The Craving* e substituiu os vocais de Lee Ving pelos meus num esforço para atrair interesse dos fãs do Megadeth que não tivessem comprado o original.

O final dos anos 1990, é justo dizer, foi um momento de revisão artística e criativa para o Megadeth. Também é justo dizer que as mudanças produziram resultados mistos. *Cryptic Writings* foi gravado em Nashville, com produção de Dann Huff. Eu tinha conhecido Dann alguns anos antes, na época em que Marty Friedman entrou na banda. Estávamos fazendo testes num lugar chamado The Power Plant, onde uma banda chamada Giant estava ensaiando num estúdio a algumas portas de distância. O Giant era formado por Dann e seu irmão, David Huff, e dois outros músicos cujos nomes não me lembro. Não importa. Apesar de trabalhar principalmente como músico contratado, Dann Huff liderava essa banda, um fato que ficou bastante claro na primeira vez que o ouvi tocando guitarra. Fiquei tão impressionado que mandei um cara falar com Dann sobre a possibilidade de me dar umas aulas.

– Dann não dá aulas – me contaram.

A resposta me pegou desprevenido. Fiquei bravo.

– Bom, que se foda! Ele não sabe quem eu sou?

– Sabe, sim. Mesmo assim, não dá aulas. Mas gostaria de fazer uma jam com você.

– Manda ele se foder!

Foi meu erro, vindo da arrogância e da ignorância. Músicos de sessão são de uma raça diferente. Quando eles dizem “Vamos fazer uma jam”, na verdade estão dizendo: “Senta aí, cara, e vou mostrar tudo que eu sei”. Não entendia essas regras na época. Quando fizemos *Cryptic Writings*, eu tinha entendido.

O chefe de Mike Renault na ESP Management era Bud Prager, que tinha cuidado, nos anos 1970 e 1980, do Bad Company e do Foreigner. Na prática, Bud e Mike eram nossos co-managers e seus currículos – especialmente o de Bud – atenuavam todas as reservas que eu poderia ter de que o Megadeth talvez estivesse comprometendo sua herança thrash metal. Sob orientação de Bud, o Foreigner tinha vendido oitenta milhões de discos só nos Estados Unidos, passando de uma banda de rock média ao status de superestrelas. Daria para fazer um debate infinito sobre a qualidade da música, mas não dava para questionar o sucesso do Foreigner. Eles transformavam o Megadeth num anão. Mais do que isso, faziam o mesmo com o Metallica. Isso era muito bom para mim. E posso admitir agora: não entrei nessa de olhos fechados. Bud era criador de sucessos. Queria que trabalhássemos em Nashville, o centro da música country do país (e, cada vez mais, da música pop também), com Dann Huff, um cara conhecido por produzir discos pop cristalinos para gente como Reba McEntire, Michael Jackson e Celine Dion. Merda, o cara tocou em “My Heart Will Go On”. Não se pode ser mais mainstream do que isso. Sabia, quando partimos para Nashville, que seriam feitas mudanças e que, como coprodutor, eu deveria empurrar o Megadeth numa direção que ele nunca tinha viajado antes. Fui lá mesmo assim – sabendo, disposto – porque queria um hit que chegasse a

número um. Queria o que o Metallica tinha, mesmo se isso significasse vender um pedaço da minha alma ao diabo.

© Ross Halfin



Estou me ajustando à vida no Arizona e à tranquilidade do deserto

Foda-se, pensei. Tinha funcionado para o Robert Johnson, talvez funcionasse para mim. Pelo menos, eu teria aquela esperada lição de guitarra de Dann Huff.

A atmosfera de trabalho em Nashville era intensa e profissional, um pouco enervante, com um constante e inabalável olho para criar algo que transcenderia as fronteiras do thrash e do heavy metal. Para o melhor ou o pior, *Cryptic Writings*, desde o começo, se posicionou como um disco que teria pelo menos algumas músicas melódicas, mais voltadas para o pop. Não todo o disco, certamente. Só é preciso ler a letra de “She-Wolf” e “The Disintegrators” para encontrar o velho cinismo e comentário político do Megadeth. Com certeza, algumas das músicas mais mordazes (“Evil That’s Within” e “Bullprick”) foram deixadas na sala da edição porque Bud considerou as letras ofensivas, e as músicas mais fortes que permaneceram receberam um banho de melodia e produção, suavizando a porrada. Não chega a ser um pop pegajoso, mas ficou terrivelmente perto disso.

A transformação ocorreu principalmente no estúdio, onde Dann e Bud pressionaram bastante para o lado pop. A melhor música do disco, por exemplo, era “Trust”, que no começo do Megadeth poderia ter soado completamente diferente. Ficou ainda mais voltada para as rádios com a repetição dos vocais. Começava com meu vocal normal cuspidado e gritado, a cem quilômetros por hora:

– *Lost in a dream... nothing’s what it seems!*

– Mais devagar – disse o Dann. – E tente esticar a palavra “nothing”.

– *Lost in a dream... nuuh-thing’s what it seems.*

Dann coçou o queixo.

– Bom, bom. Agora tente tirar o G.

– Que G?

– No final de *nothing*. E um pouco mais devagar, talvez uma pausa depois de *lost*.

– *Lost... in a dream... nuuh-thin’s what it seems.*

– Isso! Isso mesmo! Perfeito!

“Uau...”

Percebi nesse momento que tinha feito uma linha vocal pela qual Tim McGraw teria ficado orgulhoso. Então eu a peguei, trabalhei um pouco, cortei o som country e cheguei a algo que poderia ser razoavelmente descrito como pop metal (na verdade, a gente foi e voltou tantas vezes na palavra *nothing* que eu disse que o epitáfio de Dann seria DANN “MORREU POR NUTHIN”[NADA] HUFF).

E foi mais ou menos assim todo o processo.

Houve momentos em que eu entrava no estúdio e encontrava Bud e Dann mexendo nos controles, brincando com as faixas, sem solicitar minha contribuição. Normalmente, isso teria provocado minha raiva num grau que eu teria soltado uma rajada de ameaças e acusações. Mas não fiz isso. Suspeitava que estavam modificando as coisas, deixando o som mais leve e não fiz nada para impedi-los. Haveria uma recompensa no final, era o que pensava.



Uma das minhas calças de couro favoritas e melhores que desapareceu misteriosamente

Não estava errado. “Trust”, uma canção sobre desonestidade, bastante irônica, foi o maior single da história do Megadeth, chegando a número cinco na parada da *Billboard*; também foi indicada para o Grammy. Três outras canções também chegaram às paradas. O disco quase conseguiu platina, mas vendeu menos do que eu esperava. Em vez de apresentar o Megadeth a uma nova audiência mais ampla, foi recebido com um pouco de ambivalência pelos fãs leais, que se perguntavam, com razão: “Que merda

está acontecendo aqui? Esse não é o meu Megadeth! Esse é tipo o Megadeth do meu pai ou algo assim.”

Tive problemas para aceitar isso na época, mas em retrospectiva consigo ver bem como tudo aconteceu e o que significou. Claro, é possível tornar-se mais melódico e permanecer essencialmente honesto em relação às suas raízes no metal. Mas é uma dança delicada, especialmente para uma banda como a nossa, que era mais rápida e mais pesada do que qualquer outra. O Megadeth era um fenômeno baseado em energia pura e talento, e quando você pega isso e dilui, não é mais fenomenal. É comum. Ao tentar expandir sua audiência, você corre o risco de alienar seus fãs mais fiéis, e acho que fizemos isso com *Cryptic Writings* e até mais ainda com nosso disco seguinte, que teve o adequado título de *Risk*.

Um momento decisivo com *Cryptic Writings* envolveu a aparição no programa de Howard Stern. Tínhamos sido convidados para tocar ao vivo num programa especial de aniversário para Howard. Esperávamos que isso pudesse ser uma abertura entre nós e a WXRK, a estação que transmitia o show do Howard. “K-Rock”, como a WXRK era normalmente conhecida, estava entre as estações de rock mais influentes no país; podia, literalmente, elevar ou destruir uma banda. Nós, que já éramos um grupo multiplatina estabelecido, não precisávamos da K-Rock, mas certamente seu apoio teria sido benéfico para colocar a banda numa posição mais mainstream, o que, admitidamente, era o que queríamos.

Alguns meses antes, Pam e eu tínhamos viajado para a Europa com o objetivo duplo de descansar e de nos reconectar. O plano, para ser bem específico, era conceber nosso segundo filho em Paris. Ficamos no adorável Hotel Costes e, apesar de não ser um homem religioso nessa época, me ajoelhei e rezei com Pam para termos uma concepção bem-sucedida e um bebê saudável e feliz. A gente se ajoelhou ao lado da cama antes de fazer

amor e pediu a bênção de Deus. Essa foi uma experiência nova para mim. Eu já tinha rezado *por* sexo (“Por favor, Deus, que aquela loira com peitos gigantes na primeira fila já tenha feito dezoito anos”); eu tinha rezado *durante* o sexo (“Por favor, Deus, que ela não tenha nenhuma doença contagiosa”); e já tinha rezado *depois* do sexo (“Por favor, Deus, faça que ela vá embora daqui – agora!”). Mas nunca pouco antes de fazer sexo.

Dessa vez, eu rezei. E logo depois, Pam começou a chorar. Várias semanas depois, descobrimos que ela estava grávida. A matemática mostrava claramente que o milagre tinha ocorrido em Paris – uma *concepção francesa*, se quiserem chamar assim.

Avancemos para janeiro de 1998: Pam estava a ponto de dar à luz e eu recebo a oferta para tocar na festa de Howard Stern.

– É uma grande oportunidade – disse Bud Prager. – A K-Rock determina a forma como todo o país se comporta. Se eles tocarem o single, todo mundo vai segui-los.

Fiz a viagem, que teve um custo sério para minha família. A data de nascimento estava marcada para alguns dias antes da aparição no Stern, então sugeri que, se ela não tivesse dado à luz até esse dia, talvez pudéssemos induzir o parto.

Pam concordou e tudo funcionou bem. Nossa filha, Electra, nasceu em 28 de janeiro de 1998, sem complicações. Já tinha experiência nisso, então acabei realizando o parto. Sério. Como o parto acontecia sem incidentes e Electra colocou sua cabecinha para fora, a médica perguntou:

– Gostaria de continuar daqui?

– De verdade? Está brincando?

Ela sorriu.

– Não, senhor.

Ela ficou de lado e eu trouxe minha filha ao mundo. Não fiquei ali parado incentivando minha esposa; não cortei somente o cordão umbilical.

Foi muito mais do que isso. Fui a primeira pessoa nesse mundo a tocá-la. Acho que é por isso que temos uma relação tão próxima hoje em dia.

Dois dias depois, estávamos em Nova York, tocando na festa de aniversário de Howard. Eu estava ótimo. Acabara de ser pai. Estava saudável e sóbrio. Estava pronto para ajudar “Use the Man” a subir nas paradas. Apesar de não ser “fã” do programa, claro que eu o conhecia, entendia seu alcance e influência. Sabia que Howard às vezes tocava músicas do Megadeth no ar e apreciava isso. Claro que não olhava para Howard com desdém; na verdade, sentia afeto por ele, mais do que qualquer outro sentimento.

Nosso encontro, infelizmente, foi pouco inspirador. Tocamos nossa música, depois nos sentamos no sofá para conversar e imediatamente Howard começou uma entrevista bastante agressiva, como é típico dele.

– Ouvi dizer que você é Testemunha de Jeová.

– Ah, não. Meus pais eram.

– É mesmo? Você os matou?

Acreditem ou não, a conversa continuou caindo, em parte porque não acho que ele estivesse muito interessado em conversar comigo, mas também porque eu não era um cara legal.

– Ouvi dizer que você bateu no James Hetfield.

– É, isso é verdade.

– Você vai bater em mim, também?

Quando a entrevista terminou, eu queria agarrá-lo e falar:

– Howard, você tem ideia de como me decepcionou?

Ali estava um cara com quem eu esperava talvez construir uma amizade. Pelo menos, esperava que ele apreciasse tudo o que fizemos para aparecer em seu programa. Quero dizer, eu tinha pedido para minha esposa induzir o parto! Havia três membros da banda e todas as pessoas que trabalhavam para a gente confiando em mim para tomar as decisões corretas, compor, dançar e me mexer da forma correta no palco, para que

todo mundo ganhasse dinheiro suficiente para manter suas esposas felizes e pagar escolas particulares, babás, aparelhos de dentes e, bem, todo o resto. Fiquei parado ali no camarim depois, pensando como o programa tinha sido um desastre, e sentia como se tivesse cagado na cama.

Desci e vi um representante da gravadora, pude perceber por seu comportamento que não tinha sido nada bom. Estava esperando que isso não tivesse nada a ver com a apresentação do Megadeth; tínhamos detonado. Achei que tínhamos feito nossa parte da barganha. Por alguma razão, no entanto, as coisas não tinham funcionado.

Não sei se é a vida que imita a arte ou o contrário, mas existe realmente um ponto no qual as duas se conectam. Não sei se existe uma única pessoa na indústria musical – especialmente no heavy metal – que não ache o filme *This Is Spinal Tap* tão engraçado quanto bastante preciso. Isso é especialmente verdadeiro para o Megadeth, já que somos bem conhecidos por nossas brigas, uso de drogas, incompetência administrativa e mudanças de membros. Os bateristas do Spinal pegavam fogo espontaneamente; os do Megadeth eram simplesmente pouco confiáveis, ineptos ou incompatíveis com a missão da banda, qualquer que fosse em um dado momento.

Nick Menza começou como um cara deslumbrado com a fantasia de viver o rock ‘n’ roll. Eu adorava o Nick quando ele entrou na banda e gosto dele até hoje, mas houve um período de tempo, do meio para o final dos anos 1990, quando o cara era simplesmente insuportável. A nossa relação foi tempestuosa durante anos, mas chegou a um ponto de desgaste quando saímos em turnê depois de *Cryptic Writings* – a estrada sempre exacerba os problemas interpessoais dentro de uma banda. Nick tinha desenvolvido um perturbador hábito de esconder material pornô gay em lugares específicos, de forma a provocar grande embaraço quando fosse descoberto. Ele deixava, por exemplo, misteriosos envelopes na portaria dos hotéis, para

que, quando o alvo fizesse *check-in* e perguntasse se havia alguma mensagem, o atendente entregasse o envelope. A pobre vítima abria então o envelope e encontrava alguma amostra gráfica de uma felação homossexual enquanto o atendente, sem saber de nada, ficava horrorizado. Esse tipo de coisa acontecia com uma regularidade alarmante. Você oferecia uma cerveja a algum visitante no ônibus da turnê, e quando abria a geladeira, bem no alto havia uma foto de algum cara trepando com outro. Logo, todos estavam cansados disso. Era muito perverso, mesmo para os padrões depravados do heavy metal. Nosso ônibus era nossa casa. Deveríamos nos sentir seguros ali. Não era incomum que esposas ou filhos nos acompanhassem. Não queria ter de me preocupar com Justis abrindo uma jarra de biscoitos e vendo pornografia só porque a bússola cômica de Nick tinha ficado confusa.

Mas isso era só uma parte do problema com Nick. Ele também desenvolveu sérios problemas de saúde, alguns dos quais estavam claramente relacionados com seu estilo de vida. Estava cada vez mais agitado e distraído. Chegou a um ponto em que Nick passava a maior parte do dia dormindo. Ele não ia às passagens de som, acordava uns trinta minutos antes do show, colocava um shorts de ciclista e tênis, e ia tocar. Como era previsível, seu desempenho caiu. Havia um crescendo em “Trust” que ele sempre esquecia. Toda noite. Não era o tipo de coisa que teria acontecido quando era mais jovem e tinha mais vontade. Era vergonhoso, para ele e para o Megadeth, ferrar o maior sucesso na história da banda.

Eu via o declínio de Nick com uma mistura de tristeza e raiva, mas não fiquei muito chocado. O Megadeth tinha sofrido de toda idiossincrasia que poderia afetar uma banda. Tivemos problemas com drogas, álcool, mulheres e dinheiro. Nenhum de nós saiu disso ileso. Era, simplesmente, a vez do Nick.

A separação aconteceu no verão de 1998, durante um descanso na turnê do Ozzfest. Deveríamos nos reencontrar em Dallas. Eu voei da minha casa

no Arizona; Nick deveria voar de L.A. ao mesmo tempo. Cheguei ao aeroporto – nada do Nick. Fui para fora, onde nosso ônibus estava esperando – nada do Nick. Voltei para dentro, olhei nas esteiras de bagagens, nos banheiros – nada do Nick. Depois de procurar um tempo, voltei para o ônibus e lá estava o Nick, enfiado num banco, a cabeça encostada no vidro. Estava usando Ray-Bans, mas eu conseguia ver que ele tinha chorado. Nick tinha começado a usar maquiagem num esforço para esconder as feridas no rosto, e agora havia umas faixas escorrendo dos olhos. Eu me sentei ao seu lado e perguntei o que estava acontecendo. No começo, ele não respondeu, mas acabou falando. Estava com problemas de saúde. Isso eu já sabia. O que não esperava era que ele falasse que tinha câncer.

Nick tinha machucado o joelho algum tempo antes e o trauma tinha resultado na formação de um cisto. Agora, Nick nos contou, o cisto era canceroso. Não sabia se era o próprio Nick que tinha diagnosticado isso e, francamente, não me importava. Eu só queria que ele ficasse bem e saudável.

– Você precisa ir para casa – falei. – Não se preocupe, a gente consegue alguém para terminar a turnê. A prioridade número um é que você fique bem.

Não houve muito tempo para ficar triste com a partida de Nick ou mesmo nos inquietar com sua condição. Estávamos fazendo uma turnê e precisávamos de um novo baterista. Imediatamente. A primeira pessoa em quem pensei foi Jimmy DeGrasso, que tinha feito um bom trabalho no disco do MD.45. Jimmy é como a maioria dos músicos contratados: quando quer um trabalho, é o cara mais cordial e profissional do mundo. Mas se você pede a ele para entrar numa banda, ele se sente meio confinado. Só experimentei isso uma vez com o Jimmy, então não posso dizer que é um padrão, mas parece que logo que se tornou membro do Megadeth, ele mudou. No começo, no entanto, foi como uma brisa de ar fresco: “Vamos

tocar! Vamos tocar!”. Ele era ótimo. Mas é assim que são os músicos de estúdio. Estão acostumados a serem pagos por dia, assim estão sempre com vontade de ir direto ao que interessa. O lado ruim é que eles às vezes não possuem a capacidade de ver o quadro mais geral. Estão sempre pensando no próximo pagamento, no próximo show, porque é assim que aprenderam a viver. Não guardam nada para o inverno; vivem dia a dia. Não é assim com todos, claro. Alguns deles são espertos, mas a maioria é impulsiva e com visão de curto prazo. É a cultura deles.

Quando Jimmy entrou na banda, não tínhamos certeza do que esperar. Todos sabíamos que era talentoso e cheio de energia, mas se seria capaz de digerir rapidamente o catálogo do Megadeth era outra questão. Ele não teve muito tempo para se preparar. Eu ainda me lembro da primeira noite que Jimmy tocou ao vivo com a gente, em Fresno, Califórnia, e alguns caras de outras bandas no Ozzfest estavam parados ao lado do palco, esperando felizes para ver o desastre. Mas Jimmy segurou a onda. E sem passagem de som! Era um festival ao ar livre, com várias bandas, então só podíamos fazer uma checagem dos instrumentos. Aí voltamos a nosso camarim, pegamos um enorme aparelho de som portátil e tocamos nossas músicas para o Jimmy, que estava sentado tocando *air drums*, debatendo-se no ar e guardando os movimentos de memória. Foi uma façanha hercúlea que ele tenha tocado todas as músicas com tão poucos erros, como fez.

Quando Nick fez a cirurgia e recebeu os resultados de sua biópsia, algumas semanas depois, eu já tinha tomado a decisão de contratar o Jimmy como membro. Liguei de um hotel em Portland, Maine, com Bud Prager na outra linha – queria um par de ouvidos extra porque sabia que seria uma conversa difícil.

– Ei, Nick, como você está?

– Bem, cara. Ouça, eu recebi os resultados dos testes e é maligno... quer dizer, benigno.

Parecia estranho que ele errasse as palavras dessa forma, especialmente com algo tão importante. Se bem que o comportamento de Nick era normalmente errático naqueles dias, sua conduta imprevisível, então nunca dava para saber o que pensar dele ou no que acreditar.

– Isso é bom – eu falei. – Fico feliz por ouvir isso.

– É, obrigado. Ei, como as coisas estão indo com o Jimmy?

Respirei fundo.

– Na verdade, é por isso que estou ligando. Bud está na linha também e queremos conversar com você.

– Oi, Nick – disse o Bud.

Uma pausa, como se ele soubesse que algo ruim estava a ponto de acontecer. Depois, falou:

– Oi, Bud.

Eu continuei:

– Então, a questão é a seguinte, Nick. As coisas estão funcionando bem com o Jimmy e vamos continuar com essa formação a partir de agora. Tudo bem?

Cara... pensando nisso agora, eu quase encolho de vergonha. Continuo suspeitando sobre se o Nick realmente foi diagnosticado com câncer. Ele evidentemente tinha perdido seu entusiasmo por tocar com a banda e parecia querer um tempo para si. Então, o momento foi conveniente e nos deixou em dúvida. Mesmo assim, a forma como resolvi a situação foi totalmente insensível. A verdade é que não sou muito bom em demitir pessoas. Você corta o rabo de um cachorro rapidamente, direto, com um único golpe? Isso diminui a agonia? Sei que algumas pessoas vão apontar a ironia de mandar tantos caras embora da banda depois de ter sido expulso de forma tão fria do Metallica, mas há uma diferença. Nunca mandei ninguém embora sem avisar. Acredito muito em segundas chances. Algumas pessoas até merecem uma terceira ou quarta chance. Nick tinha deixado passar várias delas.

Eu esperava que o Nick aceitasse sua saída de forma calma; de alguma forma, pensei que ele queria que isso acontecesse. Que estava cansado do Megadeth – ou pelo menos que estava cansado do trabalho exigido para manter sua posição. Mas eu estava errado.

– Isso não vai acontecer, caras – ele falou. – Essa é a minha banda, também, e vou lutar por ela.

Pensei por um momento antes de falar.

– Nick, você deveria ter começado a lutar por ela há muito tempo.

Com isso, quis dizer que Nick deveria ter pensado no que ele realmente queria. Deveria ter parado com as brincadeiras pornô. Deveria ter abandonado todos os projetos paralelos depois que pedimos para ele focar mais e começar a levar a coisa mais a sério. Só Deus sabe o que Nick estava pensando quando disse que tinha começado uma empresa de internet chamada NiXXXpix, apresentando exatamente o tipo de conteúdo que você poderia imaginar. A World Wide Web ainda era o Velho Oeste nessa época e tenho certeza de que Nick viu a possibilidade de ganhar muitos dólares com esse empreendimento. Não estou contra ganhar dinheiro. Nem me oponho necessariamente a músicos transarem com strippers e estrelas pornô na estrada.³⁹ Mas sei de uma coisa: não quero estar associado à pornografia. Jogue a moralidade pela janela por um momento e considere a coisa puramente de um ponto de vista empresarial e profissional. A pornografia é o ponto final para um artista. O público perdoa mais os viciados e criminosos do que os que participam da indústria do sexo. Em termos de carreira, não há retorno. Quando você entra nessa estrada, não consegue mais voltar ao mainstream. Fim da história. Bem, talvez, se você for somente o baterista e as pessoas não o conhecerem muito bem, então, dê para voltar. O Megadeth era minha banda e ter meu baterista vendendo conteúdo para masturbadores habituais não era algo que me parecia bom para os negócios. Ou para mim, pessoalmente.

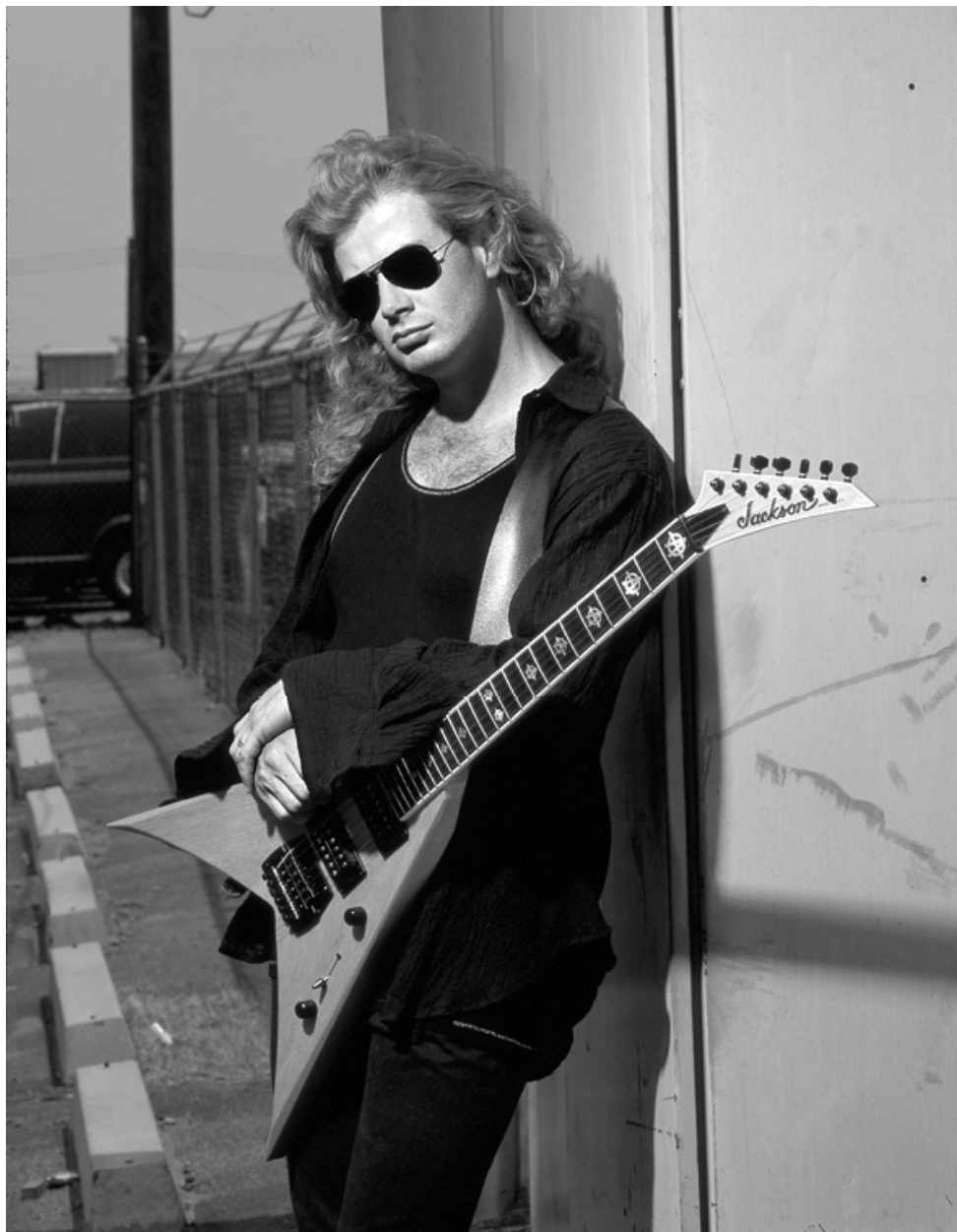
Sempre que eu tentava falar desse assunto (e de outros) com o Nick, ele respondia com raiva e insegurança. O cara deveria ter parado de falar merda comigo o tempo todo – as incessantes respostas mal-educadas e as ameaças, as propostas impertinentes de entrarmos num dojo e lutar.⁴⁰ Ele deveria ter desenvolvido algum tipo de comportamento adulto e percebido, depois de repetidos avisos, que tinha um dos melhores empregos que um baterista poderia desejar.

Harmonia é uma coisa complicada de se conseguir numa banda – metafórica e literalmente. A integração do Jimmy foi bastante tranquila. Todo mundo gostava dele. O cara pegava as músicas de forma fácil e no geral trouxe animação e profissionalismo para a bateria. Infelizmente, enquanto resolvíamos esse problema, todos começamos a sentir algum distanciamento da parte do Marty Friedman. O compromisso do Marty com o Megadeth tinha diminuído, principalmente por ter perdido a vontade de tocar o tipo de música que tinha dado fama ao Megadeth, o tipo de música que nossos fãs queriam ouvir. Resumindo, acho que Marty passava por uma crise artística.

Como Chris Poland, não acho que Marty se visse realmente como um guitarrista de thrash metal. Ele era bom – cacete, Marty podia tocar qualquer coisa – mas não sei se isso realmente tocava seu coração ou o inspirava. Desde o momento em que entrou no Megadeth, Marty tinha ficado insatisfeito com simplesmente tocar guitarra na banda. Até certo ponto, eu tolerei seus interesses exteriores, porque ele era muito talentoso, mas havia um perpétuo cabo de guerra – eu tentando controlá-lo, e Marty sempre tentando sair, explorar outras oportunidades. Ele tinha feito um disco solo logo depois de entrar no Megadeth, porque ainda tinha contrato com outro selo.

– Quando seu contrato terminar, por favor, não faça outro disco, está bem? – disse para ele. – É importante que a gente apareça como uma banda.

© Ross Halfin



No estúdio do Arizona com minha Jackson King V modelo Anarchy

Marty, inicialmente, concordou com a exclusividade, mas depois fez outro disco solo. E depois, mais um. Além disso, estava sempre fazendo

clínicas de guitarra. Ganhava milhares de dólares para mostrar às pessoas como tocar as músicas do Megadeth – músicas que eu tinha composto! Se fosse ganancioso, teria exigido uma parte daquela renda, mas nunca fiz isso. Deixei passar, apesar de que isso me deixa bravo. Havia algo estranho e desconcertante nessa nossa incapacidade de conexão em nível espiritual e, mesmo assim, o cara estava trabalhando e lucrando em cima da minha arte. Isso não era legal.

Quando você pensa direito, no entanto, acho que a insatisfação de Marty com o Megadeth e sua saída final podem ser atribuídas principalmente ao fato de que ele perdeu interesse na música. Você pode manter a farsa por um tempo, principalmente se for um músico tão bom quanto Marty. Pode subir no palco e fazer os movimentos corretos, solos devastadores e assumir o papel de deus do heavy metal. O dinheiro é bom, as garotas são boas, as drogas são boas. Como todos nós, Marty desfrutava os frutos do seu trabalho.

Estar numa banda, viver na estrada, levar esse estilo de vida decadente podem fazer coisas estranhas às pessoas. Alguns anos antes, quando estávamos gravando *Countdown to Extinction*, houve um dia em que um membro da banda trouxe um vídeo para o estúdio. Tinha chegado até ele indiretamente, vindo de um cara de outra banda grande.

– Você precisa ver isso – ele disse, malicioso. Aí colocou o vídeo e esperou por nossa reação.

Eu já tinha passado por muita coisa, assim nada me parecia muito chocante. Mas as imagens que apareceram na tela quase me fizeram vomitar: algum cara com roupa de couro e outros acessórios de bondage era surrado por uma garota gorda pelada armada com chicotes e o que pareciam ser umas agulhas de tricô gigantes.

– Puta merda! – gritei quando ela enfiou agulhas nos bicos dos peitos do cara e depois no seu pênis!

Mas isso não foi o pior. Perto do final, quando o cara estava ali sentado, surrado e sangrando, a garota pegou um pouco de merda que estava no chão, agarrou a cabeça do cara e mandou que ele comesse a comer. E ele obedeceu! Nesse ponto, tive que sair da sala. Marty ficou doido também. É parte de tudo aquilo, claro: o estilo de vida, as drogas, o sexo, a desvalorização da vida humana e a subsequente autodegradação. Depois de um tempo você fica imune a tudo isso. Nada parece absurdo demais; nada parece completamente anormal. Tudo é somente... chato.

Acho que Marty chegou a esse ponto quando gravamos *Risk*. Ele começou a defender que fizéssemos músicas mais lentas e mais melódicas, encorajando uma progressão para a postura pop de *Cryptic Writings*. Ao mesmo tempo, adotou um estilo pessoal que refletia uma mudança de atitude em relação ao metal. Cortou o cabelo, começou a se vestir de forma diferente. Vendo em retrospectiva, é bastante óbvio que Marty tinha se cansado do Megadeth. Em vez de sair, no entanto, ele tentou fazer que a banda se ajustasse às suas sensibilidades. E com a ajuda de Bud Prager e Dann Huff, quase conseguiu.

Não ajudou nada que Lars Ulrich tivesse me desafiado pela imprensa, sugerindo que eu tinha medo de assumir riscos na minha música. Ele tratou do assunto de forma inteligente, elogiando ao mesmo tempo em que criticava, mas senti como se ele tivesse me jogado uma luva em desafio:

“Eu respeito o Dave como músico; só gostaria que ele corresse mais riscos, realmente se desafiasse mais.”

Em vez de dar de ombros, deixei que essas palavras fizessem um buraco na minha psiquê.

Eu poderia aceitar o desafio com nosso próximo disco. E poderia chamá-lo de *Risk*, se alguém não tivesse entendido a mensagem.

Não queria que saísse como saiu. Meio que simplesmente... aconteceu. Não houve intenção da minha parte, mas vou admitir alguma negligência.

Sabia que algo estava errado quando estávamos compondo. Bud passou na minha casa um dia e sugeriu que fizessemos algumas mudanças.

– Sabe o que eu quero fazer? – disse o Bud. – Quero fazer um disco que vai deixar os caras do Metallica pensando: “Filhos da puta! Por que não pensamos nisso?”.

Ele apertou os botões corretos. Apesar de saber que era uma atitude pouco saudável – voltar àquele velho pensamento que tinha causado tanta dor, tentando me vingar dos meus ex-companheiros de banda – eu concordei. Bud já estava determinado a afastar o Megadeth do metal e levá-lo para o limite do pop. O passo final nessa jornada seria uma música diferente de tudo que tínhamos feito.

– Talvez country – sugeriu Bud. – Ou disco.

– Você está louco, porra?! – Não podia acreditar no que estava ouvindo. Mas ele não estava brincando.

– Olha, tivemos um disco entre os Dez Mais com *Cryptic Writings*. Tivemos um monte de singles. – Ele fez uma pausa para que eu entendesse. – Estou certo?

– Está.

– Então. Você confia em mim?

– Confio, Bud.

Finalmente chegamos a um acordo sobre um som pop baseado em sintetizadores. A música se chamou “Crush ‘Em” e foi escrita para os fãs de hockey. Eu adoro hockey e achei que seria legal compor algo que poderia ser tocado em jogos como uma forma de animar os torcedores – algo para substituir a música idiota do Gary Glitter que você ouve em todo evento esportivo no mundo. Eu não estava escrevendo para os fãs do Megadeth ou mesmo para as rádios. Estava escrevendo para o hockey. E entrou no disco.

O dia em que gravamos a demo de “Crush ‘Em” foi um dos piores da minha vida profissional. Assim que terminamos e eu saí do estúdio, entrei no banheiro e vomitei. Basicamente, só umas ânsias de vômito – tinha

ficado tão bravo durante todo o processo que não tinha sido capaz de comer nada naquela manhã. Sabia que tinha cometido um grande erro. Bud tinha convencido toda a banda que precisávamos de outro hit, e “Crush ‘Em” ia ser essa música. Poderia ter parado tudo. Mas não parei. Queria que todo mundo ficasse feliz. Queria ser um bom soldado. Se as coisas fossem mal, pelo menos ninguém poderia dizer que eu tinha sido o culpado. Mas sentia que estava tudo errado. Ficava imaginando o Kiss fazendo aquele vídeo para “I Was Made for Lovin’ You” e pensando que isso, para o Megadeth, era um erro igualmente infeliz. Podia ouvir a tesoura cortando meu saco.

“Ah, isso está errado. Errado, errado, errado.”

E foi mesmo. “Crush ‘Em” entrou na trilha sonora do filme *Soldado Universal: O Retorno* e se tornou famosa na Liga de Hockey, como eu esperava. Mesmo assim, me senti muito desconfortável com tudo aquilo. *Risk* foi bastante rejeitado pelos fãs do Megadeth (que se sentiram traídos) e atacado pelos críticos (que receberam uma oportunidade de ouro para nos detonar). Apesar de existirem elementos de *Risk* que funcionaram e letras das quais não sinto vergonha, foi um fracasso no geral, um erro de cálculo em termos artísticos e comerciais.

Depois de *Risk*, fiz a promessa de recuperar minha integridade artística, o que significava, primeiro e acima de tudo, retomar o controle do Megadeth. Isso queria dizer demitir Bud Prager, o que não foi fácil, já que eu gostava dele, e devo admitir que o cara fez pelo Megadeth precisamente o que foi contratado para fazer.⁴¹ Também significava sair da Capitol Records e ir para um novo selo, Sanctuary, além de convencer os outros caras na banda que estava na hora de voltar às nossas raízes no metal.

Infelizmente, nem todos concordaram.

39† Eu não faço isso, saibam; mesmo nos meus dias de putaria eu preferia a relativa segurança e limpeza das amadoras.

40† Nick se gabava de ser algum tipo de prodígio das artes marciais, apesar de eu nunca ter visto qualquer evidência disso.

41† Bud, infelizmente, faleceu há pouco tempo; minhas condolências para sua esposa, Gloria, e seu filho, Evan.



© Daniel González Toriso

Olhem toda a hidráulica em cima
da minha mão direita

16

Algum tipo de deus

“Odeio minha vida. Odeio meu emprego. Odeio minha banda. Odeio meus filhos. Odeio você. Queria poder me enforcar nesse exato momento.”

No dia do meu aniversário de quarenta anos, em algum lugar entre Vancouver e Phoenix, durante as dezoito horas de viagem de ônibus descendo a costa do Pacífico, eu estava ao telefone, conversando com meu velho amigo e nêmesis Lars Ulrich. Tinha bastante tempo para refletir. Dois dias antes, a gente tinha cancelado um show em Seattle, em respeito às vítimas da tragédia de 11 de Setembro. Na noite de 12 de setembro tínhamos tocado em Vancouver para uma plateia extraordinariamente grata e bem-comportada. Logo depois do show, com todas as viagens aéreas virtualmente canceladas na América do Norte, a gente pegou um ônibus para a longa viagem de volta para casa. Pam tinha planejado uma grande festa de aniversário para mim, e eu não queria desapontá-la.

Mas aí aconteceu a conversa com Lars e um convite para encontrá-lo em San Francisco. A ideia, como eu a entendi, era que o Metallica estava fazendo algum tipo de sessão de terapia de grupo – não era uma má ideia – e talvez houvesse algum benefício em encarar minha demissão depois de todos esses anos. Lars tinha me contado que haveria um conselheiro

presente. Ele esqueceu de dizer que nosso encontro seria filmado e usado como parte de um documentário. Só fui informado disso quando cheguei ao Ritz-Carlton.

Alguém pode se perguntar, com razão, por que eu me sujeitaria a tal prova dolorosa, por que eu iria atrasar minha chegada em casa para satisfazer um pedido de Lars, de quem eu não era particularmente próximo. Bem, é difícil explicar. Talvez tivesse a ver com a vulnerabilidade que se seguiu ao 11 de Setembro. Talvez fosse só uma sensação de que velhas feridas precisavam ser curadas. Talvez – e isso é doloroso de admitir – ainda tivesse alguma esperança de uma reunião, que eu pudesse dividir o palco com o Metallica. Realmente, não sei. Apesar disso, fui disposto a participar do processo. Pensei, já que tinha aguentado tanto aconselhamento *por causa* do Metallica, poderia também fazer algo *com* o Metallica.

Quando cheguei ao hotel, Lars me apresentou ao conselheiro e disse:

– Oi, cara, tudo bem se filmarmos isso? Porque vai ser parte de um filme que estamos fazendo.

Não sou estúpido. Masoquista, talvez. Mas não estúpido. Percebi imediatamente que era uma armadilha. Dito isso, pensei que poderia ser bom participar do projeto. Minha única exigência foi que tivesse o direito de aprovar qualquer cena que me incluísse: se não gostasse do filme ou do meu papel nele, então os produtores não usariam nenhuma filmagem que envolvesse meu encontro com Lars.

Assim, fizemos a entrevista e foi realmente franca e sincera. Eu tentei ser completamente aberto, sendo que o resultado foi que nós dois terminamos chorando e dividindo sentimentos que nunca tinham sido expressos. Falei mais do que Lars. Disse tudo que sempre quis falar: o remorso pelo modo como tinha me comportado nos meses anteriores à minha demissão (“Eu... fiz... merda!”); a raiva que senti mediante a traição; a tristeza daquela longa viagem de ônibus para casa. Queria que ele

entendesse que mesmo depois de todos aqueles anos, a dor ainda estava ali – palpável e inevitável.

A entrevista durou cerca de meia hora. Lars e eu nos despedimos e fui para casa. Passou algum tempo antes de voltar a pensar naquilo. Depois, quando vi a filmagem – junto com pedaços do material que iria aparecer antes e depois da minha cena – decidi que não queria mais ser parte do documentário e não só porque não tinha gostado da forma como meu segmento tinha sido editado. Contexto é tudo, claro, mas o que vi parecia falso e manipulador. O argumento de Lars foi que eu deveria reconsiderar – que minha aparição no documentário acabaria ajudando minha carreira. Para mim, isso parecia cínico e errado, nada do que eu pretendia com aquilo.

No final, apesar de nunca ter concordado, minha conversa com Lars se tornou uma cena central no documentário, que se chamou *Some Kind of Monster*. Nunca assisti ao filme inteiro, do começo ao fim, e não tenho nenhuma vontade de vê-lo agora. Vou admitir que a passagem do tempo, combinada com *feedbacks* positivos de muitas pessoas que respeito, me levou a ver minha experiência com o documentário sob uma luz mais lisonjeira.

No final de 2001, o Megadeth tinha se tornado, mais do que nunca, minha banda, apesar de que não diria que a autonomia era libertadora ou agradável. Foi um momento de muitas mudanças e estresse, em vez de liberdade. Marty Friedman, cansado do heavy metal – tanto do estilo de vida quanto da música – tinha deixado a banda no meio da turnê em 2000. Seu substituto, Al Pitrelli, era um músico competente e um cara decente que nunca realmente se integrou. Al logo descobriu que preferia o anonimato silencioso e as baixas expectativas de sua banda anterior, a Trans-Siberian Orchestra, à fama e pressão que vinham ao tocar com o Megadeth. E Jimmy

DeGrasso logo entrou no clichê de uma namorada que achava que sabia como administrar uma banda – e não tinha vergonha de expressar sua opinião.

Não havia uma atmosfera muito amiga. Depois de rompermos com a Capitol Records, em 2000, tínhamos assinado com um novo selo, a Sanctuary Records. Quase toda letra e nota no *The World Needs a Hero* (lançado em 2001) tinha sido composta por mim, um fato que agradou o selo, mas não contribuiu para encorajar a camaradagem entre os membros da banda. Era uma formação que simplesmente não estava destinada a durar. E não durou.

No outono de 2001, fui hospitalizado depois de ser diagnosticado com pedras no rim. Enquanto estava sendo tratado, me deram analgésicos. Para a maioria das pessoas, isso não seria um problema. Você toma umas pílulas para superar o incômodo de uma pedra e depois vai para casa, segue sua vida. Para mim, era algo bastante problemático. A introdução de opiáceos era o mesmo que apertar um botão; depois de vários anos de sobriedade, tive uma recaída.

A queda foi rápida e humilhante. Tinha participado de reuniões semanais do AA e foi durante uma dessas que fiquei sabendo do conceito de comprar analgésicos pela internet. Como já disse, não tinha nenhuma necessidade física deles na época, só um forte desejo de recapturar um pouco da sensação que experimentei enquanto estava hospitalizado, a qual, apesar de não ser tão intensa quanto a produzida pela heroína, certamente era capaz de me deixar confortavelmente entorpecido. Isso continuou durante alguns meses no final de 2001. Tinha vencido aqueles demônios temporariamente, mas deixei-os retomarem o controle. A banda sofreu, meu casamento sofreu, minha família sofreu. Eu estava infeliz. Finalmente, com o final de outro ano se aproximando, decidi me limpar; não podia continuar vivendo daquela maneira. Liderar o Megadeth já era difícil quando estava de pé. Não dava para fazer nada de joelhos. Claro que não tinha nenhum

plano genial. Só sabia que tinha voltado a me tornar um viciado e odiava isso. Só queria que a dor sumisse.

Foi assim que acabei em Hunt, Texas, num centro de tratamento chamado La Hacienda, dormindo na minha cadeira e acordando com um nervo radial comprimido, uma lesão tão estranha que quase desafiava a credibilidade. Muito pior do que a lesão em si, foi o prognóstico: nunca recuperaria completamente a destreza e a sensação. Nunca mais tocaria guitarra – pelo menos não da forma que tinha tocado no passado. E quando o médico disse essas palavras – quando ele olhou para mim e disse: “Acho que você não deveria contar com isso” – um simples e devastador pensamento cruzou minha mente.

“Estou arruinado.”

O que seria minha vida sem a música? Ela me definia. Criativa, espiritual e emocionalmente – e de uma forma bastante literal – a música tinha me alimentado. Ela me mantivera vivo.

Gostaria de ser capaz de afirmar que ouvi essa notícia com coragem e perspectiva, mas o que ganho mentindo? A realidade é essa: minha vida era uma corda a ponto de arrebentar, se desenrolando perante meus olhos. Enquanto estava sentado no consultório do cirurgião ortopédico, a coisa que mais sentia era medo. Já conhecia a dor e a tristeza; já tinha conhecido a solidão e a derrota. Enquanto enfrentava tudo isso, sempre podia contar com minha capacidade de tocar música. Sabia que era um bom guitarrista e ninguém poderia tirar isso de mim.

Até agora.

Saí de La Hacienda e queria ir para casa o mais rápido possível. Mas cometi um erro. Deixei que as drogas conversassem com minha esposa. Era algo que nunca tinha feito antes. Ah, claro, eu já tinha ficado chapado em casa e tinham sido ocasiões desagradáveis, mas nunca tinha deixado as drogas tomarem completamente o controle da minha personalidade durante uma interação com a pessoa que eu mais amava. Os analgésicos,

combinados com medo e insegurança, provocaram uma torrente de maldade incomum.

– Meu braço está morto – contei a Pam pelo telefone. – Não vou mais poder tocar.

– Você vai ficar bem – ela disse em seu tom tipicamente apoiador. – A gente vai falar com os melhores médicos. Vai ter o melhor. E você vai conseguir.

Nada disso ficou registrado. Não queria registrar. Só queria um lugar para depositar minha hostilidade e autopiedade.

– Você não entende. Não está ouvindo. Meu braço está morto, minha vida acabou.

Olhei para ela – a pessoa que menos merecia minha bile – e aí perdi a noção.

– Odeio minha vida. Odeio meu emprego. Odeio minha banda. Odeio meus filhos. Odeio *você*. Queria poder me enforcar nesse exato momento.

A resposta de Pam foi uma mistura de pânico e autopreservação. Os instintos maternos funcionam nesse momento – os filhos são muito mais importantes que o marido fodido. Ela conversou com alguns de seus melhores amigos na igreja e eles sugeriram que consultasse um conselheiro cristão em Tucson. Esse cara ofereceu a Pam alguns duros conselhos e em seguida ela conseguiu uma ordem de restrição contra mim e entrou com o pedido de separação. É justo dizer que por causa dessa ação eu não estava muito apaixonado pela comunidade cristã. Na verdade, as pessoas que Pam procurou são o tipo de extremistas hipócritas que criam uma péssima imagem para os cristãos. O conselheiro chegou a sugerir que eu não deveria ter permissão de visitar meus filhos a menos que um representante da igreja estivesse presente. Eu odiei esse homem por dar esse conselho. E fiquei muito espantado por minha esposa ouvi-lo.

Só tinha algumas escolhas nessa conjuntura, a mais óbvia era viver ou morrer. Escolhi a vida, apesar de não da maneira que vocês poderiam

esperar. Nos quatro meses seguintes, vivi num hotel. A maior parte dos dias era dedicada à terapia física e à reabilitação no Spire Institute em Scottsdale, Arizona. Não havia nenhuma bala de prata, nenhum procedimento artroscópico que pudesse inflar magicamente o nervo radial e trazer minha mão flácida de volta à vida. Só havia trabalho e um progresso lento, doloroso e quase imperceptível.

Havia dias em que me sentia como uma criança, tão mundanas eram as tarefas que tentava realizar. Imaginem como é passar horas infinitas com uma pinça entre os dedos, tentando reorganizar uma pilha de pregos. Eu me sentava em frente a uma mesa e fazia exercícios – literalmente – com a pinça.

Apertar... soltar.

Apertar... soltar.

Outro aparelho parecia uma versão mais estranha e demente de um apanhador de sonhos, com raios construídos com borracha. Minha missão era enfiar meus dedos através dos raios e tentar fechar o punho. Isso era impossível no começo; também doía demais. A dormência em meus dedos, combinada com a dor nos músculos ao redor da minha mão e do braço, criava um efeito cômico sempre que eu tentava trabalhar com esse apanhador de sonhos. Assim como alguém jogando videogame acaba se contorcendo todo quando só é necessário movimentar os dedos, eu me debatia na cadeira, às vezes me levantando e caminhando pela sala enquanto lutava pela supremacia contra esse pequeno equipamento.

Ao mesmo tempo, ainda tinha o problema da dependência química. Como nunca tinha completado o processo de desintoxicação, muito menos a reabilitação e a recuperação, continuava viciado em analgésicos. Alguém poderia argumentar que agora eu tinha uma desculpa legítima para obter remédios com receita, mas essa era uma lógica distorcida. O dano no nervo não responde muito bem aos narcóticos, então minha lesão não era motivo para usá-los. A dor não era o problema principal; era mais uma questão de

inconveniência e embaraço. Houve momentos em que ia pegar uma xícara para beber um pouco de café, esquecendo momentaneamente a lesão, e simplesmente deixava cair no colo. No começo da terapia física, tudo que eu conseguia fazer era pegar uma pena entre meus dedos. Estava fraco assim.



O aparelho de tração prescrito pelo Dr. Raj Singh, que ajudou a salvar meu braço, e Nathan Koch, meu fisioterapeuta no Spire Institute em Scottsdale, Arizona, que trabalharam todo dia até eu poder voltar a tocar. Foi doloroso, difícil e extremamente embaraçoso

De alguma forma estranha, no entanto, foi confortante descobrir que minha vida tinha se tornado tão focada. Há paz na simplicidade; pela primeira vez em muitos anos eu não estava preocupado com a banda ou com obrigações contratuais. Não pensava na próxima turnê ou no próximo disco. Pensava somente em ficar bem – física, espiritual e emocionalmente. A parte física veio primeiro, porque era tudo que eu tinha na época. Separado da minha esposa, distante dos meus filhos, dava os primeiros

passos nessa viagem sozinho. Certo, isso não é inteiramente verdade. Meu neurocirurgião era o brilhante e solidário Dr. Raj Singh; meu terapeuta físico era um homem chamado Nathan Koch. Os dois eram excepcionalmente bons em suas especialidades e tenho uma dívida enorme com eles que nunca poderei pagar. Mesmo assim, o apoio profissional é uma coisa; o pessoal – também conhecido como amor – é outra. Eu tinha o primeiro. Não tinha o segundo.

Depois de quase um mês de terapia física, comecei a ver resultados significativos e percebi que era melhor fazer algo em relação a meu vício em analgésicos. Decidi voltar a La Hacienda e terminar o tratamento. Não havia nenhum motivo oculto envolvido nessa decisão. Apesar de ainda amar minha esposa e sentir saudades de meus filhos, eu estava imerso no processo de sofrimento pela perda deles. Na prática, meu casamento tinha terminado. Eu e Pam não conversávamos mais sobre reconciliação; estávamos trabalhando para chegar a um acordo. Tantas pessoas na igreja da Pam estavam dando conselhos, e muito daquilo era mal informado ou simplesmente mal intencionado. Eles queriam que eu colocasse centenas de milhares de dólares numa espécie de dote, para que Pam tivesse alguma alavanca financeira enquanto tentávamos encontrar os parâmetros da relação que se dissolvia. Em outras palavras, eles queriam que eu estabelecesse um fundo legal para minha futura ex-esposa. Além disso, acredito, esperavam poder usar o fundo. Tudo isso me deixava espantado e frustrado.

– Pam, você sabe que não tem nada a ver com o dinheiro – eu falei. – O dinheiro não importa. Isso tem a ver conosco e com a nossa família.

Dizer que Pam estava relutante seria pouco. A gente estava casado havia uma década e ela já tinha visto esse filme antes. Tantas vezes, na verdade, que já perdera a conta. Quando voltei ao Texas para completar o tratamento, já tinha desistido do meu casamento. Só queria garantir que não perderia meus filhos também. Sabia que seria uma briga, já que eles

estavam sendo alimentados com várias ideias erradas. Uma vez, quando estava conversando com Electra, ela perguntou:

– Papai, por que você não vai ver um psicoterapeuta?

Isso foi bastante estranho, vindo de uma criança de cinco anos. Electra era muito inteligente, mas mesmo assim...

– Querida, você sabe o que faz um psicoterapeuta?

Ela sorriu:

– Não, mas os amigos da mamãe disseram que você deveria ver um.

– É mesmo? Bem, vou contar quem são os psicoterapeutas. Veja, um psicoterapeuta é alguém que tenta ficar acordado enquanto o papai fala, fala e fala. Depois, ele tira todo o dinheiro do papai e eu fico pior do que antes. Entendeu?

– Hummm... por favor, papai, não vá ver um psicoterapeuta.

É engraçado como a gente se conecta com umas pessoas e rejeita outras, como o profissional simpático com o diploma bem bonito na parede pode dar náuseas, enquanto um cara duro com um tapa-olhos pode ser engraçado e fazê-lo ouvir. Seu nome era Chris R. e o cara foi meu padrinho em La Hacienda. A gente se conheceu enquanto eu estava completando o processo de desintoxicação e o tratamento depois de um prognóstico encorajador sobre meu braço. A primeira vez que conversamos, pensei que ele era um estúpido completo – como muitos outros gritadores que conheci no AA e em vários outros programas de reabilitação. Contou histórias de horror que iam até sua infância, quando brigava de atirar pedras com seus dois irmãos gêmeos, sendo que foi por isso que perdeu um olho. Suas histórias não eram diferentes da maioria das que já tinha ouvido – uma litania de dor e sofrimento autoinfligido, tudo ligado ao álcool e às drogas. O gancho desse cara era sua propensão a ficar na sua frente e levantar o tapa-olhos, fazendo

que você olhasse para um horrível buraco negro enquanto ele gritava como seria seu futuro se não ficasse sóbrio.

– Eles vão adorar seu rabinho magro na prisão, garoto!

– Jesus... cara. Vai embora daqui, por favor.

Aquela merda de “amedrontar” nunca funcionou comigo. O que me conquistou, no entanto, foram as conversas que tivemos tarde da noite, quando falávamos sobre amigos, familiares e o vazio da vida do viciado. Conversávamos sobre espiritualidade e a necessidade de aceitar uma presença maior. Não estou falando de cristianismo, especificamente, mas de um reconhecimento geral de forças que estão além do nosso controle. Um reconhecimento de que não somos o centro do universo. Somos todos – independentemente de raça, nacionalidade, posição social – somente peças pequenas num vasto quebra-cabeça cósmico. O milionário astro do rock não é melhor – nem pior – que um ex-presos com um olho de vidro.

Se a reabilitação é boa para alguma coisa, é que ela pode, sob as circunstâncias corretas, fornecer tempo e espaço para introspecção. Eu sabia que alguma coisa estava diferente quando voltei ao La Hacienda. Apesar de tudo estar errado e distorcido em minha vida, senti um estranho tipo de otimismo. Com certeza, estava no meio de Lugar Nenhum, Texas – um isolamento completo que causava uma certa mudança de perspectiva –, cercado por humanos que não eram prisioneiros na roda de hamster da vida. Mesmo assim, algo me tocava. A raiva e o cinismo, que tinham se tornado partes tão proeminentes da minha vida, pareciam estar desaparecendo.

Eu queria algo.

Eu *precisava* de algo.

Espiritualmente falando, eu era formado por um monte de partes quebradas e conflituosas: batizado luterano, criado como Testemunha de Jeová, doutrinado em um pouco de bruxaria, mergulhado no budismo, com vários interesses em algumas coisas da doutrina da Nova Era. Nada tinha funcionado. Nada tinha “pegado”. Por muito tempo, eu nem estava

interessado em tentar. Não sei se poderia me descrever como ateu ou mesmo agnóstico. Era mais um *algo...* completamente não praticante. Sempre acreditei em Jesus – acreditava que tinha morrido e ressuscitado três dias depois. Essa é a história que me contaram quando era criança, não importa se foram as Testemunhas de Jeová ou outro grupo. Então, até onde acreditava em algo, era nisso. Só não dava a mínima. Não havia nenhum papel para a religião na minha vida, não havia lugar para espiritualidade.

Até agora.

Caminhei, numa noite fria de janeiro, para uma montanha em Hunt, ao redor de La Hacienda. Tinham montado uma fogueira, e mesmo agora, no final do inverno, as chamas dançavam seguindo o vento, enviando faíscas pelo vasto céu deserto. A fogueira era um lugar popular em La Hacienda – um ponto conveniente e apropriadamente atmosférico para reflexões de natureza privada ou comunal. Eu me sentei lá naquela noite, olhando para as chamas, pensando na minha vida... sobre as escolhas que tinha feito e as consequências positivas e negativas delas. Algo estava faltando.

“Não posso mais aguentar isso. É preciso terminar de vez.”

Mas não foi o fim de nada. Era o começo.

Eu me levantei e caminhei em direção a uma pequena estrutura em forma de *A* – só umas paredes encostadas umas nas outras. O prédio, do jeito que estava, era uma capela externa. Teoricamente, era não confessional; praticamente falando, era um lugar cristão de adoração, como ficou evidenciado pela grande cruz que estava pendurada na frente da estrutura. Fiquei na porta, olhando para a cruz, me perguntando o que fazer – se era para rir, chorar ou xingar. Tinha sido levado a acreditar que a cruz era uma imagem fraudulenta, que Jesus Cristo tinha morrido por nada. Satanistas, obviamente, acreditam em algo muito mais malevolente. Em lugar disso, a cruz nunca tinha causado nenhum impacto na minha vida. Nesse momento, no entanto, algo nela parecia estranhamente confortante e persuasivo.

Respirei fundo e falei em voz alta. Não havia ninguém por perto.

– Já tentei todo o resto. O que tenho a perder?

Com aquelas cinco palavras – *O que tenho a perder?* – um peso foi tirado de cima de mim. Não completamente, claro. Mas uma boa parte. Fiquei ali parado por um minuto mais ou menos, inseguro sobre o que falar ou como agir. Ouvi falar de renascimentos espirituais, de pessoas sentindo a mão de Deus, ou algo assim, tocando-as no ombro. Ou vendo uma imagem de Cristo na escuridão, vindo na direção delas e abraçando-as.

Minha conversão – meu despertar, se quiserem chamar assim – foi bem menos teatral. Por não ter nada mais do que um conhecimento fundamental da doutrina cristã – e francamente me sentindo um pouco bobo – procurei ajuda do capelão do centro. Seu nome era Leroy. Ele era um cara interessante que usava botas e um enorme chapéu de caubói. Não sei se havia algo fisicamente errado com Leroy, mas ele tinha uma forma estranha de caminhar, girando a perna um pouco para o lado e arrastando, como se os dedos estivessem dobrados embaixo de seus pés, o que me lembrava um pouco o John Wayne. Leroy tinha um papel interessante no La Hacienda: estava ali para apoiar os pacientes em busca de uma cura holística; não deveria impor crenças religiosas a ninguém. E não fazia isso. Ele meio que segurava a porta para alguém que quisesse entrar.

– Como posso trazer Deus para a minha vida? – perguntei.

– Venha comigo.

Ficamos parados na frente de uma cruz, juntos.

– Ajoelhe-se – disse Leroy.

Balancei minha cabeça. Mesmo nessa conjuntura, eu era cabeça-dura e orgulhoso.

– Não, não vou me ajoelhar. Não podemos somente orar?

E foi o que fizemos. Leroy me apresentou uma coisa conhecida como a Oração do Pecador. Enquanto recitava as palavras, quase parecia algo desnecessário. Quero dizer, todo mundo sabe que Dave Mustaine é um

pecador, certo? Como isso podia ser mais óbvio? Além disso, já tinha recitado várias versões da Oração do Pecador centenas de vezes no passado – realmente não era diferente da Oração do Terceiro Passo, encontrada no Livro dos Alcoólicos Anônimos:

*Deus, me ofereço ao Senhor –
Para construir comigo
E fazer comigo o que o Senhor quiser.
Alivie-me da servidão do ego,
Para que eu possa fazer melhor a Sua vontade.*

Essa é a verdade: eu poderia ter recitado essas palavras dormindo. Tinha deixado que saíssem tantas vezes da minha boca, em tantas situações, sem nem pensar na verdade por trás delas. Tinha passado por uma lavagem cerebral para recitar o mantra no AA, mas nunca entendera realmente o sentido, nunca me entregara realmente a ela. Só respondi reflexivamente.

“Claro, vou entregar minha vida para você. Por que não? Minha vida é uma bosta mesmo.”

Até certo ponto, nada tinha mudado. Quer dizer, minha vida estava tão ruim como sempre no dia em que Leroy e eu nos demos as mãos e recitamos a Oração do Pecador. Minha esposa tinha conseguido uma ordem de restrição contra mim. Eu raramente via meus filhos. Meu braço estava melhorando, mas eu ainda duvidava que conseguiria ressuscitar minha carreira musical – e, francamente, não me importava. Mesmo assim...

Havia esperança. Não sei de onde vinha ou por que vinha. Mas estava ali, mesmo assim.

Não demorou muito para eu cair de joelhos e repetir todas as orações e aceitar Jesus Cristo na minha vida. Isso não aconteceu sem alguma resistência de minha parte, e Deus sabe que desde então já passei por épocas inconsistentes com uma vida cristã. Não sou extremista. Não sou

fundamentalista. Caí em tentações grandes e pequenas. Falo palavrões. Nem sempre exercito a paciência e a tolerância como deveria. Mas acredito em Deus e acredito que Jesus é meu salvador, e esses são os princípios dominantes que guiam minha vida.

Quando liguei para Pam e contei sobre minha conversão, esperava uma resposta cética. O que recebi foi algo totalmente diferente.

Ela riu.

– Isso não é engraçado! – eu falei.

– Eu sei – ela respondeu. – Mas todos os meus amigos me falaram que isso iria acontecer. Eles sabiam que você ia acabar se convertendo. É por isso que estou rindo.

– Mas você está feliz, certo?

– Claro que sim.

A reconciliação não foi nada fácil. Ocorreram mais reuniões, iguais às que tinham acontecido no Arizona, durante minha estadia anterior na reabilitação. A gente fez um grande encontro e intervenção familiar, durante os quais me esfregaram todas minhas transgressões na cara. Eu merecia, claro; tinha sido o culpado por tudo aquilo. Mas isso não me deixou nem um pouco melhor. Para salvar nosso casamento, Pam e eu conversamos sobre todos os nossos problemas e as questões, apesar de que a maioria deles eram meus. Problemas criados não só pelo uso de drogas, mas por causa do meu trabalho. Não quero criar desculpas, mas a verdade é que o estilo de vida do Megadeth simplesmente não condiz com a vida familiar. A indústria musical realmente tem a ver com sexo, drogas e rock ‘n’ roll, e se você é casado, quer ser monogâmico e quer levar uma vida coerente, é uma luta. É um ambiente terrível se você tem um histórico de promiscuidade e vício em drogas, algo que, obviamente, eu tinha. Houve momentos em que eu estava na estrada e, por nenhuma razão aparente, a gente brigava pelo telefone. A briga me dava uma desculpa para passar do *Hummm...* para o *Oops!*; de somente *olhar* para me permitir *enfiar o pé na jaca*; de tomar

uma bebida a tomar muitas. Eu culpava as coisas em casa por todas essas transgressões morais: problemas com as crianças, problemas de dinheiro, problemas com minha esposa. A realidade é que eu precisava assumir a responsabilidade por essas questões e me comportar de forma diferente. Precisava ser uma pessoa melhor.

O problema era que nem tudo tinha a ver com convicção e teimosia. Às vezes tem a ver com ser inteligente o suficiente para evitar a tentação. Se você tem um emprego normal, provavelmente pode equilibrar o trabalho e a família sem muitos problemas. No meu nível? Muito mais difícil. As drogas são acessíveis e baratas. Bem como as groupies. A melhor forma de ficar casado quando você é um astro do rock? A melhor forma de ser um marido fiel e um pai devotado?

Desista. Afaste-se e faça outra coisa.

É assim que sempre foi e sempre será.

Mas é mais fácil falar do que fazer. Antes eu via as pessoas tirando tempo para seus filhos – pessoas que tinham força e prestígio dentro da indústria de entretenimento – e me perguntava o que havia de errado com elas.

“Por que estão sendo tão estúpidos e molengas?”

Vejo as coisas de forma diferente agora. A vida tem mais a ver com a família e os filhos. Trabalhei muito para poder passar mais tempo com meus filhos, mas Justis já tem dezoito anos e logo ele vai estar por conta própria. Eu me preocupo por talvez ter perdido os melhores anos de sua vida, e isso me deixa muito triste. É aquela porra daquela música do Harry Chapin, “Cat’s in the Cradle”. Você ouve quando é um adolescente cínico ou um guitarrista de heavy metal festeiro e sem filhos, e pensa: “Que bundão de merda!” Depois você chega à minha idade, quase cinquenta e olha para seus filhos, que cresceram num piscar de olhos e de repente a música ganha todo um novo significado.

*There were planes to catch
And bills to pay.
He learned to walk while I was away.*⁴²

Ouçõ essa música agora e não rio. Quero chorar. A mesma coisa com “Father and Son”, do Cat Stevens, ou mesmo “Daughters”, do John Mayer. Essas são as músicas que tocam o coração, que falam com os pais. E é o que sou acima de tudo: pai. A questão é: quando você é bem-sucedido, como eu certamente era, e começa a trabalhar até chegar a um ponto em que nada mais importa, perde totalmente de vista o que é importante. Foi o que aconteceu comigo. E no final, se você se importa o suficiente, acaba na reabilitação, repetindo várias vezes a Oração da Serenidade. Ou alguma versão dela, de qualquer forma, que, na base, é simplesmente isso:

– *Foda-se.*

Voltei para casa no Arizona, de volta para minha esposa e meus filhos, e tentei reconstruir minha vida – uma versão mais feliz e mais saudável da minha vida, quero dizer. Entre as pessoas que conheci e que me ajudaram nessa viagem estava Darian Bennett, um ex-Marine e jogador de futebol americano. Darian também era um instrutor de artes marciais talentoso, bem como cristão, e não demorou muito para estarmos treinando juntos e nos divertindo. Eu sentia que tínhamos muitas coisas em comum, exceto a parte de ser um Marine e ex-jogador profissional, e de eu ser um astro do rock e ex-viciado em drogas. Fundamentalmente, éramos dois lutadores e nos conectamos nesse nível. Apesar de nossos passados serem bem diferentes, compartilhávamos a mentalidade do guerreiro. Ajudava também o fato de Darian ser mais velho do que eu e bem mais consolidado no estilo de vida cristão. Eu precisava de um mentor nessa época – uma figura

paterna, até – e Darian preenchia esse papel. A gente se afastou nos últimos anos, especialmente desde que voltei a morar na Califórnia, mas por algum tempo eu o considerei um dos meus amigos mais íntimos e sempre vou apreciar sua orientação e seu companheirismo.



Eu, Justis e Electra fazendo *rafting* no Rio American, verão de 2009



Electra vencendo todas as competições com seu cavalo do ano, Gerritt

Parte do problema, descobri, era que tinha poucos amigos homens. Ah, eu tinha “companheiros”, parceiros de crime... mas nenhum amigo verdadeiro. Os amigos que tinha eram relíquias pouco saudáveis de uma vida anterior – uma vida da qual estava tentando fugir –, ou profissionais com pouco tempo para investir em amizades. Esse é o peso de ser um homem bem-sucedido na sociedade de hoje. Novamente, tem a ver com estabelecer prioridades. Você trabalha sem descanso para conseguir o sucesso e conseguir sustentar sua família, e acorda um dia para descobrir que possui poucas pessoas com quem possa dividir esse sucesso. Além do mais, foi uma luta para escapar do artifício das relações adolescentes. Eu

era bom em ficar bêbado ou chapado e ir atrás de garotas ou brigar. Conexões masculinas adultas? Não sabia nada sobre isso.

Para iluminar um pouco a situação, tentei (novamente) entrar num grupo masculino, dessa vez com uma atitude melhor e uma cabeça mais limpa. O que eu procurava era uma vida fora do Megadeth, uma vida que iria complementar a da minha família de uma forma saudável e positiva. Enquanto tudo isso acontecia, continuava a tentar seguir o caminho do cristianismo e da iluminação, procurando, ao mesmo tempo, entender que a origem da maioria dos meus problemas poderia ser atribuída a questões de abandono na minha infância, apesar de também aceitar a responsabilidade por meus erros; de forma simples, uma criação ruim não diminui o peso da sua responsabilidade.

A vida continua. É assim.

Eu tinha me permitido ser vítima e, de muitas formas, me odiava por isso.

Havia coisas que reconheci em relação a meu próprio comportamento viciante que não necessariamente se encaixavam bem com o protocolo dos doze passos. Por exemplo, reconhecia que não era o tipo de cara que não conseguia parar depois de uma ou duas cervejas. Para mim, era mais uma questão de compreender que o problema era que eu tomava uma ou duas cervejas e depois alguém dizia: “Ei, vamos cheirar uma carreira de coca!”. E lá ia eu. Entendia o efeito dominó. Se não bebesse muito, não me metia em problemas. Consequentemente, eu raramente bebo agora.

“Como é?”

Certo... aqui está a parte controversa.

Quando falo em sobriedade, não estou me referindo à abstinência no sentido mais estrito da palavra. Há muito tempo não uso cocaína ou heroína. Ocorreram umas pequenas recaídas desde 2002, envolvendo analgésicos relacionados a uma séria e ainda existente condição degenerativa no meu pescoço, mas eu coloco isso numa categoria diferente.

Em algum momento, esse problema exigirá intervenção cirúrgica – todos os anos de *headbanging* têm um preço! Mas eu realmente gosto de tomar uma taça de vinho de vez em quando. E é realmente isso: uma única taça, uma hora, mais ou menos, antes de subir ao palco ou quando saio com minha esposa para jantar. Raramente essa taça vira duas. As primeiras vezes que fiz isso, um exército de gente gritou comigo. Todo mundo dizia que não iria funcionar: abstinência, falaram, era a única estratégia para alguém como eu. Compreendo esse sentimento. Alice Cooper fez a mesma coisa: foi salvo pela intervenção de Cristo e simplesmente parou de beber sozinho. Nenhuma reunião, nada de programa de doze passos. Sabe o que eu falei quando ouvi isso?

– Besteira! Isso não funciona.

Mas aí olhei para o compromisso que assumi e percebi que a fé pode inspirar milagres. Aqueles caras que caminhavam sobre carvão em brasas? Ou os caras que usam suas barrigas como tábuas de cortar (sobre as quais uns ninjas usam espadas para cortar melancias pela metade)? Como eles fazem isso?

Fé.

Para mim, é a fé em Deus. Fé em Jesus Cristo.

Não quero me vangloriar demais. Se a reabilitação me ensinou algo é que cada situação, cada pessoa e experiência são únicas. Nem todos os viciados são iguais. O que funciona para a maioria das pessoas pode não funcionar comigo (merda, depois de dezessete viagens à reabilitação, isso é absurdamente óbvio, não é mesmo?). Para mim, só uma coisa funcionou: estabelecer uma relação com Deus. Isso mudou tudo.

Vejam, há três tipos de pessoas que bebem: o moderado, o pesado e o alcoólatra. Se você não é alcoólatra, com suficiente razão, consegue ficar sóbrio. Acho que era alcoólatra por causa da cocaína. Tire isso da mistura e as coisas ficam diferentes. Realmente, no entanto, resume-se a isso: eu não acordo mais de manhã com drogas ou álcool na cabeça. Por muito tempo,

não podia falar isso. Vivia para a próxima bebida, a próxima carreira de cocaína, a próxima dose de heroína. Chega disso. Não consigo explicar e sei que não faltam críticos para me chamar de iludido ou, pior, de mentiroso. Não me importa. Sei como me sinto. Não ando por aí durante o dia pensando: “Deus, não vejo a hora de dar cinco horas para abrir aquela garrafa de vinho”. A vontade simplesmente... desapareceu.

Dizem que Deus manda as pessoas para o AA, e o AA as envia de volta para Deus. Se você realmente tiver um despertar espiritual, por que limitar isso? Minha experiência foi extraordinária. Sei disso, e não espero que todos acreditem. Você faz merda dezessete vezes, bem, certamente haverá ceticismo. O fato é que tem sido uma grande jornada. Adoro minha vida; adoro o que conquistei e criei. Vi os erros que cometi e o que a bebida e as drogas fizeram comigo e com a minha família, e o que fez com minha carreira e meu corpo. Beber e usar drogas, para mim, fazem tanto sentido quanto mijar nas calças num dia de inverno: vai ser bom por um momento... até que o vento frio comece a soprar. E aí não vai parecer tão legal.

Mas sabe de uma coisa? Eu também não iria querer ter perdido todas as experiências que tive, desde que o resultado permanecesse positivo: passar de alguém que foi criado numa atmosfera asfíxiante de religiosidade perversa até chegar a odiar Deus e depois completar o círculo e voltar a acreditar em Deus. Foi recompensador e gratificante de uma forma que é difícil compreender, a menos que se tenha passado por uma experiência parecida. Eu passei de um jovem sem lugar para morar a um *self-made man*,⁴³ a um milionário “*self-made*” e a... alguém que agora percebe que não existe isso de “*self-made*”.

Tudo de bom que existe em mim é resultado de algum poder maior. Agora que reconheço isso, é como se eu finalmente encaixasse na foto – sem precisar forçar a imagem no quadro.

42 Havia aviões para pegar / E contas para pagar. / Ele aprendeu a andar enquanto eu estava longe.

43 Alguém que conseguiu vencer na vida pelo próprio esforço. [N. T.]



© Rob Shay

Da esquerda para a direita: James MacDonough,
Glen Drover, eu e Shawn dizendo boa noite

17

Megadeth: renascido

“A gente vai voltar!”

Quando eu saí de La Hacienda, estava convencido de que o Megadeth tinha terminado. Não tinha nem a energia nem a inclinação para ressuscitar a banda de forma nenhuma. Estávamos, mais uma vez, só eu e Ellefson. E, francamente, meu foco estava em outro lugar: na minha saúde, minha família, minha espiritualidade. Não tinha ideia se seria capaz de voltar a tocar guitarra num nível que permitiria fazer shows. Claro, estava melhorando a cada dia com ajuda de exercícios e terapia física. Mas tocar aqueles solos sensacionais que tinham se tornado uma marca registrada do Megadeth? AS firulas que tinham me deixado famoso? Cara, estava longe disso.

Em vez de colocar tudo em compasso de espera até descobrir o que eu queria fazer PELO resto da minha vida, liguei para o David e sugeri uma reunião. A gente se encontrou num Starbucks em Phoenix. Havia um tom de finalização, mas foi completamente amigável. David era como meu irmão mais novo e apesar de termos nos afastado nos últimos anos, eu queria fazer algo por ele.

– Estou saindo – disse para ele. – E quero passar tudo para você. Quero que seja o produtor executivo dos arquivos. Quero que administre tudo.

Acho que David não ficou surpreso pela minha decisão de sair da banda. Certamente, ele parecia genuinamente agradecido pelo carinho. Acredito que sentiu que era uma oferta generosa. Também acho que entendeu exatamente o que significava. Não estava dando a David a permissão para colocar novos membros na banda; nem isso era uma aprovação tácita para ele fazer turnês ou gravar usando o nome Megadeth. Isso não poderia acontecer sem mim. O Megadeth era a minha banda e, apesar de não querer mais ser parte dela, não ia deixar que se transformasse em algo que nunca imaginei, algo que não podia controlar. Simplesmente queria que Júnior tivesse uma atividade cotidiana, algo que geraria uma renda apreciável e outras oportunidades.

– Obrigado, cara – ele falou. – Amo você.

– Amo você, também.

Tomamos outra xícara de café e conversamos sobre os velhos tempos. Aí nos levantamos, nos abraçamos e nos separamos. Imaginei que seriam semanas, talvez meses, antes de nossos caminhos voltarem a se cruzar.

Errado.

Cinco horas depois, fui confrontado por ele num estacionamento, onde estava com meu filho Justis, que tinha apenas onze anos na época. Fiquei completamente chocado com esse encontro, e não tenho nenhuma ideia do que provocou a raiva do David. Independentemente do que tenha acontecido, seu comportamento foi completamente impróprio.

– Se você vai seguir com sua carreira, então também vou seguir com a minha! – ele gritou, soltando um monte de foda-se e outros palavrões.

No começo, tentei conversar com ele. Justis estava com medo e confuso pela intensidade do encontro e eu queria mais do que tudo tranquilizar a situação e tirá-lo dali. Aí olhei para Ellefson.

– Chega – disse calmo, tentando resistir à vontade de bater nele. – Terminamos aqui.

Entrei no meu carro, liguei, dei a ré e fui embora, deixando-o no espelho retrovisor.

Em 9 de abril de 2003, toquei guitarra em público pela primeira vez em dezessete meses. A ocasião foi um show beneficente num lugar chamado Nita's Hideaway, em Phoenix, para levantar dinheiro para a família de um ex-roadie do Megadeth chamado John Calleon. John também tinha sido meu assistente pessoal durante a turnê *Youthanasia*, mas tínhamos perdido contato nesses anos. Era um cara doce e divertido, que nunca abriu mão realmente do estilo de vida rock 'n' roll; problemas no coração e no rim, que acabaram tomando sua vida, provavelmente tiveram tanto a ver com o contínuo abuso quanto com anormalidades congênitas. Mesmo assim, era difícil não gostar do John, era impossível não ficar triste pela esposa e a filha de oito anos que ele deixava.

Eu tinha feito progressos lentos e regulares com minha mão, que, ao que parece, tinha sofrido também alguns danos nos ligamentos relacionados a anos de guitarra feroz. Mas isso estava melhor agora, também. O tempo sabático que tinha sido forçado a passar havia sido, aparentemente, uma coisa boa no geral, deixando-me mais saudável do que nunca. Quando fui convidado a tocar no show beneficente do John, não hesitei em aceitar a oferta.

Não vou negar que sentia um pouco de ansiedade. Droga, quando você não tocou no último ano e meio, claro que está um pouco enferrujado. Não sabia o que esperar. Não sabia como tocaria ou como me sentiria tocando. E esse foi um show incomum: acústico e com somente quatro músicas num cenário muito íntimo, na frente de umas duzentas pessoas (incluindo meu padrinho, Alice Cooper). O set list foi cuidadosamente escolhido, apesar de não saber exatamente quantas pessoas entenderam o que eu estava tentando dizer. Abri com "Symphony of Destruction", principalmente para treinar

bem meus dedos e demonstrar a mim mesmo e à plateia que eu podia completar a tarefa. Depois veio “Use the Man” e “Promises”, a primeira porque falava tão bem do uso de drogas e do falecimento do John e a segunda porque queria que sua esposa e filha soubessem que, se John pudesse prometer algo, seria encontrar com elas depois da morte. Finalmente, fechei com “A Tout le Monde”.

A tout le monde

A tout mes amis

Je vous aime

*Je dois partir*⁴⁴

Depois de cantar a última frase, eu me levantei, saí do palco, ofereci minhas condolências à esposa do John, Tracy, e fui para a porta dos fundos. Para minha surpresa, encontrei com David Ellefson no caminho. Não nos falávamos havia meses – especificamente, desde aquela noite no estacionamento – então, o encontro foi um pouco estranho. As circunstâncias, no entanto, exigiam que fôssemos educados. Merda, nos reunimos para honrar e apoiar um ex-membro da família do Megadeth. Manter essa perspectiva era preciso. Demos as mãos, conversamos um pouco e fomos cada um para o seu lado.

Foi quase como se a briga nunca tivesse acontecido, talvez porque tenha parecido tão surreal. David não tinha nem a disposição nem as habilidades para brigar; isso vai contra sua natureza. Ele é fundamentalmente um cara tranquilo, que evita confrontos, e por isso sua explosão foi tão incrível. Quando éramos jovens, apenas começando, David não era o tipo de cara que você iria querer em sua trincheira. Ótimo para farras e para a música. Mas para brigar? Uma vez vi um otário usando uma jaqueta da UCLA jogar um pedaço de pizza quente na cara do David depois de uma discussão sobre uma vaga no estacionamento. David nem reagiu, só ficou parado enquanto

o queijo escorria pelo rosto como lava derretida. Eu demorei dois minutos para chutar a bunda privilegiada do cara pelo asfalto. Essa era a diferença entre nós dois.

Os inevitáveis raios começaram a cair uns dias depois do show beneficente, quando peguei minha guitarra e comecei a praticar um pouco pensando em como tinha gostado de voltar ao palco, tocando minha música. Quanto mais eu pensava nisso, mais queria recuperar aquela sensação. Não era uma tarefa simples. Minha aposentadoria não tinha sido uma questão menor. Não tinha simplesmente parado em silêncio com uma promessa de voltar quando me sentisse melhor. Ah, não. Eu tinha *desistido*. E como queria sair de forma honrada, tinha ligado para muitas pessoas com quem possuía contratos de patrocínio e falei das minhas intenções. Não precisava fazer isso. Poderia ter mantido todo o equipamento e ter deixado que o dinheiro continuasse entrando. Mas não. Em vez disso, vendi uma tonelada de equipamentos para pagar minhas dívidas. Não queria ser um desses músicos que deixa os vendedores na mão. Havia pessoas que tinham me mandado coisas e que acreditavam em mim: empresas de iluminação, de som. Tudo tinha desaparecido agora, então, quando decidi deixar a aposentadoria, estava começando tudo do zero.

Felizmente, como não tinha destruído nenhum desses relacionamentos, não faltaram empresas dispostas a apoiar meu retorno. Não demorou para eu ter todo o equipamento de que precisava, um monte de novos acordos de patrocínio e um espaço para ensaiar em Phoenix.

Tudo que eu precisava era de uma banda.

O plano inicial era gravar um disco solo. Contratei alguns músicos de estúdio – incluindo o conhecido baterista Vinnie Colaiuta, mais conhecido por sua colaboração com Frank Zappa and The Mothers of Invention – e comecei a trabalhar no outono de 2003. Os negócios, no entanto, sempre atrapalham a música. O disco solo foi interrompido enquanto eu ajudava a remasterizar todo o catálogo antigo do Megadeth. Quando voltei ao projeto

solo, na primavera de 2004, a EMI tinha começado a pressionar seriamente por outro disco do Megadeth. O argumento da gravadora era que eu tinha a obrigação contratual de lançar outro disco da banda antes de me aventurar solo. Em vez de ficar enrolado em uma disputa legal infinita, cara e, no final, fútil, decidi simplesmente pegar as músicas que tinha composto e gravado e lançá-las como o mais recente, e provavelmente o último, disco do Megadeth, com o título apropriado de *The System Has Failed*.

Mas, aí, tive uma ideia. Se o Megadeth ia renascer, com um disco novo e até uma turnê de divulgação, então por que não reunir a formação mais bem-sucedida da banda? Comercial e criativamente falando, pensei que seria uma grande ideia.

A primeira pessoa para quem liguei foi Nick Menza, que concordou.

“Certo, começamos bem. Um já foi, faltam dois.”

A ligação seguinte foi para Marty Friedman. Sempre gostei do Marty, admirava sua capacidade de tocar, e apesar de ter ficado muito desapontado com sua saída e a maneira que tentou tomar o controle criativo durante a gravação de *Risk*, não tinha nenhuma animosidade contra ele. Em algum nível, é preciso admirar o Marty. Ele teve a coragem de viver sua fantasia. O cara sempre disse que queria viver no Japão, tocar música mais mainstream e ensinar a tocar guitarra. E foi exatamente o que fez. Mais poder para ele. Não queria afastar o Marty de tudo isso por muito tempo. Meu plano era reunir o Megadeth da era *Rust in Peace* por um tempo bastante específico. Daria a esses caras a oportunidade de entrar em estúdio e regravar *The System Has Failed*, substituindo e melhorando as coisas já feitas por músicos de estúdio. A gente venderia uns discos, sairia em turnê e depois todo mundo poderia voltar às suas vidas. Para mim, isso significava focar no meu trabalho solo.

Infelizmente, essa ideia não gerou a animação e o entusiasmo que eu tinha esperado; em vez disso, abriu velhas feridas e provocou discussões

espinhosas sobre dinheiro e controle. Em outras palavras, a mesma história de sempre.

Minha conversa inicial com Marty foi algo mais ou menos assim:

– Oi, Marty.

– Oi, Dave.

– Ei, desculpe sobre o passado.

– É, eu também.

“Conversa fiada, blá-blá-blá.”

Contei a Marty sobre a ideia para o novo disco e a turnê proposta, e depois perguntei se ele tinha algum interesse em participar. Marty hesitou, depois fez uma série de perguntas que eu não estava preparado para responder.

Qual era o orçamento de marketing? O da turnê? O da gravação? Quanto dinheiro ele receberia? Eu tinha datas específicas?

Minha cabeça estava girando.

“Uau, cara. Mais devagar.”

Não podia acreditar que ele estava me perguntando essa merda com menos de dois minutos de conversa. Eu falei: “Quer saber, Marty? São coisas que você não precisa saber. Você não precisa saber é o orçamento para gravar porque não gravou o disco. Não precisa saber do orçamento da turnê porque vai ser um músico contratado”.

Então, a coisa começou mal com o Marty. Depois liguei para o Ellefson. Basicamente, esse foi meu discurso:

“Ei, Júnior. Só queria que soubesse que decidi tocar de novo e vou cair na estrada. E quero conversar com você sobre vir comigo. Compus um disco novo, está quase pronto, então você não precisa se preocupar com nada disso. Vai sair logo. Se estiver interessado, estamos fazendo a mixagem em Nashville; você pode vir e tentar refazer o que já gravamos. Se puder, a gente usa. Se não, não tem problema; ainda pode fazer a turnê.”

E assim como Marty, David lançou uma litania de questões. Sem entrar muito fundo nas minúcias da contabilidade do Megadeth, digamos que David queria algo parecido com uma sociedade completa no empreendimento. Bem, isso não ia acontecer. Eu tinha organizado todo o projeto. Tinha composto todas as músicas, produzido o disco, criado a turnê. Precisava de uma banda e pensei que seria legal remontar o velho Megadeth. Mas foi muito mais complicado do que eu esperava.

– Júnior, não tenho as respostas para nada disso, ainda – expliquei. – E francamente, se soubesse, não me sentiria confortável em contar. É muita informação para dar ao baixista de uma única turnê.

E era isso: um disco, uma turnê. Não era uma *reunião*. Tentei deixar isso o mais claro possível.

Tão rápido quanto minhas esperanças tinham nascido, elas morreram. Demorou apenas umas ligações telefônicas e conversas desconfortáveis para chegar a uma conclusão óbvia: o velho Megadeth não voltaria; era hora de tentar outra coisa. Pensei que era o fim. Imagine o meu choque quando, no começo de julho de 2004, Ellefson entrou com um processo por 18,5 milhões de dólares contra mim na corte federal de Manhattan.

O processo afirmava, entre outras coisas, que eu tinha enganado David em *royalties* de *publishing* e *merchandising*, além de não cumprir a promessa de passar o controle do Megadeth para ele ao me aposentar. Nunca tinha feito essa promessa e o acordo que David assinou – um contrato legal – marcava todos os termos de nossa separação de forma bem detalhada. Em sua ação, no entanto, David afirmava que tinha mudado de ideia logo depois de assinar o acordo de separação e, portanto, o contrato era inválido.

Quando fiquei sabendo do processo do Júnior, fiquei tão bravo que quase não conseguia ver direito. O problema não era só o dinheiro; era o fato de que eu tinha sido atacado pública e injustamente por alguém que apoiei e defendi durante tantos anos. Todo o processo – a documentação

real – acabou na internet, onde foi publicado com todos os detalhes. A batalha então se espalhou naturalmente dentro do universo de fãs do heavy metal, com facções se formando em duas linhas:

1) *Mustaine é um merda ganancioso e egomaniaco.*

2) *Ellefson é um merda patético e ingrato.*

Entre aqueles que estudaram bem o caso, o veredito retumbante foi: número dois.

A justificativa veio não só na corte da opinião pública, mas no tribunal da Juíza Federal Naomi Buchwald, que, em janeiro de 2005, recusou a totalidade do processo de Ellefson. Ao fazer isso, ela basicamente declarou que a ação não tinha base. O que era verdade. No final, foi David que teve de pagar. E muito. Meu advogado disse que foi a primeira vez em seus vinte e sete anos de prática que um de seus clientes foi processado e terminou ganhando dinheiro.

Nesse momento, eu já tinha montado uma nova versão do Megadeth, lançado *The System Has Failed* e saído em turnê. Por um tempo, quando estava tentando montar a banda, parecia que pelo menos um membro do velho Megadeth estaria a bordo para essa aventura. Enquanto as negociações com Marty e Júnior não andavam, Nick continuava a expressar o desejo de voltar para a banda. Ele apareceu um dia em Phoenix no verão de 2004 com um trailer cheio de equipamento e um técnico chamado Sticks. Esse cara deixou o Nick, depois dormiu no trailer no estacionamento de uma loja Frey's Electronics. Só que estávamos no Arizona, no meio do verão, onde a temperatura rotineiramente chega aos 40 graus. Oito horas depois, Sticks acordou, tostado e desidratado, mas felizmente ainda vivo. Sabia que Sticks não ia durar muito no emprego. A gente o mandou de volta logo depois.

Nas duas semanas seguintes, mais dois técnicos de bateria passaram, e logo eu percebi que o problema não eram os técnicos; o problema era Nick. Pensei – esperei, na verdade – que Nick estivesse sóbrio. Mas só foi preciso

pouco tempo juntos no estúdio ou na sala de ensaio para que o comportamento errático e a falta de confiança se revelassem. Não há como esconder isso naquelas condições. O novo baixista, James McDonough, era sólido, ainda que não muito entusiasmado. E o ex-guitarrista do King Diamond, Glen Drover, era profissional. Nick, no entanto, era o velho Nick de sempre. Ele tocava uma ou duas músicas, saía de trás da bateria – “Só um minuto, caras; preciso correr até o mercadinho para comprar uma coisa” – subia na sua moto, deixando-nos parados ali, balançando a cabeça, sem poder acreditar. Às vezes, ele voltava rápido, enquanto outras vezes “alguns minutos” se transformavam em horas. Realmente era algo estranho e suspeito, especialmente se você conhecia o histórico de Nick.

Um dia Glen sugeriu que contatássemos seu irmão, Shawn Drover, para ver se ele estaria interessado no emprego de técnico de bateria, mais uma vez vago. Shawn tinha tocado bateria numa banda com seu irmão e fora o técnico do baterista do King Diamond, então, conhecia o trabalho.

Em poucos minutos, tínhamos Shawn ao telefone e realizamos uma *conference call*. Eu estava na sala de controle com Glen e James; Nick estava por perto, deitado num sofá, óculos escuros, tentando fazer o papel de astro do rock entediado e afetado.

– Ei, Shawn – eu falei. – Como você está?

– Bem, cara. Como está todo mundo por aí?

Antes que eu pudesse responder, Nick se meteu.

– Quem é esse porra? Não quero nem conhecê-lo.

Tudo foi de mal a pior a partir desse momento, com todo mundo tentando esconder a raiva e a vergonha. Eu pedi desculpas a Shawn, falei que íamos ligar mais tarde e depois saí para conversar com Glen, que estava bastante ofendido, como era compreensível.

– Não posso tocar com esse merda – ele falou. – Se ele ficar na banda, eu saio.

O que eu poderia falar? Não havia como defender ou racionalizar o comportamento do Nick. Eu esperava que ele tivesse aprendido a lição e que as coisas fossem diferentes dessa vez. Mas, obviamente, nada tinha mudado. Falei com nosso manager e, no final do dia, Nick estava fora. Agora não precisávamos só de um técnico de bateria, mas de um baterista também. E não havia muito tempo – íamos sair em turnê em cinco dias.

– Que tal o Shawn? – sugeriu o Glen. – Ele já conhece todas as músicas.

A última vez que tinha ouvido alguém fazer essa declaração ridícula tinha sido com Al Pitrelli. Eu tinha ligado para ele de Denver no meio de uma turnê, horas depois de Marty Friedman sair.

– Claro, chego em dois dias – Al tinha dito. – Vou aprender todas as músicas, de trás para a frente, e vou tocá-las com um cigarro pendurado na boca.

– A gente não fuma nessa banda, Al.

– Bem, chicletes Nicorette, então.

Ele chegou em dois dias, tudo bem, mas não conseguia tocar todas as músicas. Nem perto disso. Havia simplesmente muitas idiossincrasias. Claro, a parte da bateria era substancialmente menos complexa do que a da guitarra. Você podia capturar o ritmo e o espírito, esconder os erros de todos, exceto dos ouvidos mais profissionais. Mesmo assim, parecia demais achar que Shawn estaria pronto para substituir Nick em tão pouco tempo.

Mas ele conseguiu. O cara conhecia todas as músicas que pensava que estariam nos shows. Não de forma perfeita, mas pelo menos tão bem quanto Nick tocava. *The System Has Failed* foi lançado em setembro de 2004, com uma resposta crítica e comercial geralmente favorável. Considerando tudo que havia acontecido antes do lançamento, fiquei feliz com a forma como o disco terminou saindo. E lá fomos nós tocar.

O primeiro show da turnê Blackmail the Universe [Chantageie o Universo] foi em Reno, Nevada, em outubro de 2004. Infelizmente, ninguém organizou uma barricada entre a banda e a multidão. E se você

acha que isso não tem importância, bem, tem muita. Se não existe uma linha de demarcação num show do Megadeth, você vai ficar tirando moleques do palco a noite toda. E foi exatamente o que aconteceu. Passei duas horas tocando guitarra com uma mão e empurrando pessoas com a outra. No final do show, todo o palco estava coberto com seguranças.

A gente terminou em segurança, mas depois, no camarim, percebi que Shawn parecia desorientado. Estava com tontura e com dificuldades de respirar. Quando sua condição não melhorou, a gente o levou a um hospital. O diagnóstico: vertigem.

– Isso já aconteceu antes? – perguntei a Glen.

– Não sei. Acho que não.

– O que você quer dizer com *acho que não*?

Glen deu de ombros.

– Bom, ele só tocou umas poucas vezes antes. Quero dizer, para muitas pessoas.

– *Como é?*

Não conhecia muito o Shawn. Tinha imaginado que ele tocara em várias bandas durante anos. Você não fica tão bom apenas tocando no seu porão. Mas era basicamente o que Shawn tinha feito. O cara era completamente autodidata e desprovido de experiência de palco. Mais tarde, fiquei sabendo que Shawn e Glen tinham crescido num lar problemático e, para superar a dor, entraram de cabeça na música. No processo, não tinham só se tornado grandes músicos, também tinham acabado muito unidos. Glen havia saído do porão, para entrar no mundo da música profissional. Ele tinha se dado bem. Shawn, na maior parte, permanecera fora dos palcos, satisfeito com tocar de vez em quando e trabalhar como técnico de bateria, além de ocasionalmente tocar com Glen na banda de estúdio canadense Eidolon.

E tínhamos pegado esse pobre cara – obeso, com problemas de saúde, inexperiente – e jogado na frente de milhares de headbangers insaciáveis?

Tivemos sorte de ele não morrer.

Mas há um final feliz completamente improvável. Shawn acabou sendo um dos músicos mais confiáveis e resistentes que já conheci. Cinco anos depois daquele batismo de fogo em Reno, ele ainda é o baterista do Megadeth; só Nick Menza ficou mais tempo. Nunca se sabe como são as pessoas. Talento é só um dos traços exigidos para se ter sucesso e é geralmente supervalorizado. Shawn é um músico incrível. É baterista, mas também sabe tocar guitarra, da mesma forma que Glen é guitarrista, mas também toca bateria muito bem. Mais do que qualquer coisa, no entanto, Shawn é um sobrevivente, uma característica bastante importante para mim. O cara sempre estava tocando e trabalhando, cada vez melhor, aprendendo, até que um dia era exatamente a pessoa que deveria ser: o baterista de uma das maiores bandas de heavy metal. Como não respeitar isso?

Com toda a honestidade, no entanto, fiquei em dúvida depois daquele primeiro show. Não sabia se essa formação duraria uma semana, muito menos os vários meses necessários para completar uma turnê mundial. Mas Shawn voltou a bordo e deixou instantaneamente claro que não era só talentoso, mas um lutador também. Glen era bom, também. E também James. Pela primeira vez em... bem... muito tempo, tocar música era divertido de novo. Estar no Megadeth era *divertido*. Fizemos a turnê pelos EUA com o Exodus, lotando todos os shows. Depois de uma parada para o Natal, fomos para a Europa e fizemos turnê com o Diamond Head e o Dungeon. Tudo estava indo bem até maio de 2005, quando fomos escalados para tocar na Grécia e em Israel com o Rotting Christ e o Dissection, duas bandas que eram chamadas, corretamente ou não, de bandas “satânicas”.



Glen e seu irmão mais velho, Shawn Drover. Eles podem trocar de instrumentos e fizemos isso, diversas vezes

Bom, isso obviamente acabou sendo um dilema para mim. Quando abracei o cristianismo, senti a necessidade de me proteger dos ambientes equivocados. Algumas pessoas são salvas e preferem uma vida fora dos palcos, silenciosa, digna e significativa. Não conseguia fazer isso. Muitas pessoas sabiam quem eu era e como tinha vivido antes. A fama pode ser uma coisa maravilhosa; também pode ser uma merda. Quando Dave Mustaine anuncia sua conversão ao cristianismo, não são poucas as pessoas que acham essa decisão hipócrita.

– Ah, claro, certo... Mustaine é cristão. O cara é um porra de um bêbado e viciado.

Bem, para dizer a verdade, eu era exatamente isso. E qual a melhor razão para permitir que Deus entrasse na minha vida do que para corrigir todas as coisas horríveis que eu tinha feito? Não poderia mudar as opiniões das pessoas e francamente não me importava, mas poderia exercer um grau de controle sobre a minha vida. Poderia ser uma pessoa melhor. E poderia ser cuidadoso.

Algo que podia fazer para manter um estilo de vida saudável era evitar tocar com bandas cuja filosofia afrontava minhas crenças. Há graus para tudo isso, claro. Nunca fui o tipo de cristão que diz na sua cara como você deve viver. Não recruto ninguém. Cada um faz a sua vida, cara. Mas nesse ponto da minha – recentemente salvo –, não parecia saudável dividir o palco com uma banda chamada Rotting Christ. Uma banda que alguns anos antes tinha sido parte de um festival de black metal conhecido como a turnê Fuck Christ.

Nem conhecia muito, para dizer a verdade, a música de nenhuma das duas bandas. Mas sabia que, se havia uma linha que não deveria ser cruzada, era essa. Não me sentia confortável tocando com uma banda chamada Rotting Christ. O nome era simplesmente muito ofensivo. Era assim que eu via a coisa. Já estou nessa há duas décadas, vendi mais de vinte milhões de discos. Ganhei o direito de tocar com quem quisesse.

Quanto ao Dissection, bem, isso foi um pouco mais complicado. Olhei o site deles e descobri que eram da Suécia e um dos fundadores, Jon Nödtveidt, era um autêntico satanista. Depois, descobri que estivera me atacando na internet quando realizei minha conversão religiosa. Eu era, ele tinha dito, um “inimigo jurado”. Não podia acreditar nisso. Nem conhecia esse cara e ele estava declarando uma guerra contra mim. No começo, achei que era somente a boa e velha loucura sueca. Mas pesquisei um pouco mais e o que descobri era perturbador, para dizer o mínimo. Esse maldito louco tinha passado os últimos anos na prisão depois de ser condenado como cúmplice de assassinato.

Independentemente do motivo ou do grau de envolvimento, esse cara era, decerto, mau e perturbado, e levava a sério suas ameaças. Falei das minhas preocupações com o meu agente, que por sua vez falou com o promotor do show... que logo chutou o Dissection. Mas isso não foi o final. Duas semanas depois, deveríamos tocar num festival na França com outras duas dúzias de bandas – incluindo o Dissection. Não tinha nenhum controle sobre esse festival. Se somos a atração principal de uma turnê e algum promotor coloca o Rotting Christ ou o Dissection para abrir para nós, aí claro que eu tenho o direito de vetar a decisão. Mas festivais são eventos enormes, com múltiplas camadas, planejados para agradar a todos, e não é incomum haver bandas diferentes ocupando o mesmo espaço. Acho que poderíamos ter desistido do festival, mas não pensei que seria necessário. Pelo menos não até Nödtveidt começar a falar besteira no ciberespaço novamente, dessa vez prometendo que, quando o Megadeth chegasse na França, ele estaria esperando por mim.

Isso chamou minha atenção. Lá estava um cara que já tinha sido preso, então era improvável que a perspectiva de punição servisse como algo dissuasivo. Nesse caso, meu arsenal comum de intimidação – fama, dinheiro, poder, conhecimentos de artes marciais – não significavam nada. Esse cara sabia como acabar com uma vida humana. Eu não. Estava com medo? Sim, um pouco. Mais do que isso, no entanto, eu estava puto por meu agente ter me colocado numa situação em que não só minha segurança estava em risco, mas tinha acabado no meio de uma grande briga on-line: Dave e seu suposto fanatismo cristão (que não é fanático porque não forço ninguém a ser como eu) contra esse pobre e inofensivo adorador do demônio e sua pequena banda.

Só que, claro, ele não era inofensivo. Era um assassino.

Então lá fomos nós para a França, e eu rezei e estava pronto. O promotor do festival contratou segurança extra para o dia e chegamos sem saber o que esperar. A primeira pessoa que encontrei foi John Dee, que era

meu manager na época. John tinha chegado lá antes, a tempo de ver o show do Dissection, e depois procurou imediatamente Nödtveidt. Sem se identificar, tinha trombado com o cara, meio que deu uma ombrada nele, só para ver como ele reagia. Nödtveidt, de acordo com John, era pequeno e não causava medo, e a trombada quase o derrubou. Sua única resposta foi olhar para John e dizer: “Com licença, senhor”.

E foi embora.

– Onde ele está agora? – perguntei.

– Foi embora. Logo depois do show deles.

Levantei as mãos para o ar, ao mesmo tempo aliviado e desapontado.

– Está brincando? Toda essa preocupação, esses problemas. E o cara é um covarde?

John riu:

– Aparentemente sim.

Nunca conheci Nödtveidt pessoalmente. Nunca recebi nenhuma explicação por sua agressão on-line. O que foi provavelmente melhor – ficou bastante claro agora que o cara tinha sérios problemas. No verão de 2006, ele se retirou da raça humana, dando um tiro na cabeça durante o que, dizem, foi um suicídio ritual. Estranho, não é, a forma como terminam meus inimigos? Enquanto isso, ainda estou aqui.

Durante anos, várias pessoas me acusaram de hipocrisia por causa da questão de tocar com bandas chamadas satânicas. Como tentei explicar, essa é uma área cinza para mim. Primeiro, estou muito mais seguro de minha própria fé agora do que estava em 2002, quando comecei a aceitar Deus de volta na minha vida. Minha espiritualidade é uma questão pessoal e algo que, no geral, não sinto vontade de defender ou explicar. Mas entendo que, se você vai escrever um livro, deve ser também o mais franco possível – deve isso ao leitor. Então, aqui está. Nunca disse que não iria tocar com bandas satanistas. Não sou estúpido a ponto de fazer essas generalizações. O que eu falei foi: não iria fazer *turnês* com bandas satanistas. Uma turnê é

um acordo comercial, no qual sou um sócio ativo e interessado. Um festival ou um único show envolvendo uma multidão de bandas são coisas completamente diferentes.

Além do mais, existe um desafio de definição de termos. “Satanista” é um rótulo aplicado a quase qualquer banda de metal com tons obscuros. E às vezes esse rótulo é mal aplicado. O Slayer é um grande exemplo. As pessoas podem pensar: “Como o Dave pode dizer num ano que não vai fazer turnês com bandas satânicas e no ano seguinte sair com o Slayer?”. Bom, a verdade é que, quando fui salvo pela primeira vez, havia coisas que eu não conhecia. E é como aquele velho ditado sobre cozinhar: “Quando tiver dúvidas, deixe de fora”. Em algumas oportunidades, o Megadeth poderia fazer shows com outras bandas, mas algumas letras e coisas me deixavam desconfortável. Eu só queria ter certeza de estar pronto antes de sair e começar a tocar com certas bandas. Tenho uma longa e complicada história com o Slayer e com o Kerry King. Nós dois já trocávamos insultos, muito tempo antes de me tornar cristão. Mas Kerry não é satanista e o Slayer não é uma banda satânica. Demorou para me sentir confortável com os elementos cinzentos desses termos e não me sentir ameaçado por me associar com qualquer banda que tenha sensibilidades mais tenebrosas.

Agora tomo minhas decisões caso a caso. Simples assim.

Percebo que às vezes a religião – ou a renúncia à religião – pode ser apenas uma fachada. Conheço pessoas que tocam em bandas satânicas, mas que realmente não acreditam no que estão fazendo. Talvez sejam cínicas. Talvez só estejam perdidas. Às vezes sinto necessidade de me aproximar de bandas mais obscuras, por pouco tempo, só para me confortar e edificar – assim posso ficar feliz por não retomar aquele caminho. Eu estive lá, cara. Consigo ver quem é real e quem não é, e é ótimo poder dizer: “Ei, tenho sorte. Consegui sair. Encontrei um caminho melhor”. O fato é que a maioria das pessoas que se tornam cristãs fazem como os caras na TV. Não os radicais, como eu – pessoas que realmente se aventuram e abraçam sua

espiritualidade de uma forma diferente. Sabe, há todo um movimento de jovens que se tatuam e usam roupas pretas e tocam música pesada, e têm ótimas bandas... e acreditam em Deus. E não há nada de errado com isso. Na verdade, uma das coisas que gostaria de fazer no resto da minha carreira é ajudar os jovens a terem um lugar seguro para tocar rock. Gostaria que isso tivesse existido quando eu era mais jovem.

O problema é o seguinte, no entanto. Passo uma boa parte do tempo tentando me sentir confortável como cristão novo. Houve momentos em que me senti bem; outros em que me senti sufocado. Foi só no verão de 2005 que comecei a sentir alguma harmonia entre minhas vidas espiritual e artística. A coisa realmente melhorou com o Gigantour, o festival anual de heavy metal que dura seis semanas, que eu criei em resposta à pletora de festivais que estavam surgindo. O Gigantour me permitiu crescer como artista e empresário. Foi criação minha e adorei. Durante um show memorável em Dallas, dia 2 de agosto, um monte de caras de bandas diferentes fez uma jam em cima da música “Cemetery Gates”, do Pantera, em homenagem ao falecido guitarrista “Dimebag” Darrell Abbott. Durante anos, tive alguns desagradáveis encontros com os caras do Pantera. O que posso dizer? Eu era um alcoólatra e viciado arrogante. Não era difícil me deixar puto e quando Phil Anselmo foi até o microfone e disse: “Vai se foder, Mustaine”, num show de abertura do Megadeth durante a turnê de *Countdown to Extinction*, bem, aquilo realmente me deixou puto. Eu disse coisas bem desagradáveis sobre a música do Pantera e a guerra começou. Mas quando Dimebag foi assassinado no palco por um fã louco no final de 2004, me pareceu a hora de colocar toda aquela merda de lado. Contribuí para um tributo na MTV e mais tarde reconheci o incrível talento de Dimebag e seu espírito gentil numa carta aberta em meu site. Isso serviu para melhorar a relação com o resto do Pantera, e tocar o solo de Dimebag em “Cemetery Gates” é uma das melhores lembranças da Gigantour.

A vida é muito curta para batalhas sem sentido. Eu prefiro só tocar e passar tempo com as pessoas que amo e respeito. Foi o que pensei quando subi ao palco do Estádio Obras em Buenos Aires, Argentina, em 9 de outubro de 2005, no Pepsi Music Festival. Que noite, que plateia. Fazia tempo que não tocávamos na Argentina e lá estavam eles, gritando forte, aplaudindo como doidos, recitando cada palavra de cada música – cantando as partes da guitarra, pelo amor de Deus! Era como ter vinte e cinco mil backing vocals. Eu me senti como uma criança de novo, querendo fazer isso para sempre. Por isso, antes de sair do palco e voltar para casa, fui até o microfone e fiz uma promessa:

– Quero agradecer a todos novamente por virem até aqui nos ouvir nessa noite. Espero que tenham se divertido, porque a gente se divertiu muito! E a gente *vai* voltar!

Falei sério. O Megadeth, de uma forma ou de outra, iria continuar. E eu também.

44 A todo o mundo / a todos os meus amigos / amo vocês / devo partir.



© Rob Shay

Uma das minhas fotos preferidas.
Nunca tínhamos usado pirotecnia antes dessa turnê

Epílogo: três barcos e um helicóptero

Estou sentado numa sala de exibição nos estúdios da Fox em Hollywood, assistindo a uma primeira versão de um filme do Will Ferrell. Estou bem feliz por estar aqui, já que representa outro espaço criativo para explorar. Pediram para criar algumas trilhas sonoras para o filme, então preciso assistir ao filme e visualizar precisamente o tipo de guitarra para duas cenas específicas. É uma loucura, honestamente, ser convidado a entrar nesse mundo. Sou guitarrista de thrash metal e nem sempre somos bem-vindos no mainstream. Mas um filme do Will Ferrell com grande orçamento estreando no verão é o máximo de mainstream que já consegui, então não posso evitar a animação.

O filme está passando e eu assisto menos por diversão e mais por inspiração – uma sensação estranha, para ser sincero.

– Bem aqui – alguém disse. – É aqui que precisamos de você.

Eu me endireitei na cadeira. Pensem numa longa, estranha e incrível viagem. Como é que eu vim parar aqui?

De repente, eu me distraio. Tem uma música na sala de exibição, mais alta do que o diálogo na tela – ou talvez assim pareça porque eu a reconheço instantaneamente. Chamam isso de “marcador” no cinema, música que não vai entrar no filme ou na trilha sonora, mas que tem a intenção de simplesmente marcar o lugar, dar ao verdadeiro compositor uma ideia do que é necessário. Serve tanto como inspiração quanto como guia.

Ou, no meu caso, para encher o saco.

Eu viro para o assistente do meu manager, Isaac. Nenhum dos dois fala nada. Mas posso ver que estamos pensando a mesma coisa:

“Metallica? Estão brincando comigo?!”

Isaac já trabalha comigo há alguns anos, o suficiente para saber que nada pode me desanimar mais do que uma dose inesperada de Metallica. E isso é completamente inesperado.

“Está ouvindo isso, Dave? É isso que queremos! Algo que pareça Metallica, mas não seja Metallica. Consegue fazer isso? Por favor?”

Eu deixo minha cabeça caída por um momento e depois sorrio. E Isaac sorri. E aí começamos a rir. Às vezes o mundo é muito perverso para ser encarado sem senso de humor. Percebo nesse momento que isso nunca vai acabar.

A porra nunca... vai acabar.

Algum dia, quando estiverem baixando meu caixão na terra e estiverem prontos para tocar uma última música minha (“A Tout le Monde” seria ótimo), alguém vai ter esquecido um disco do Metallica no CD Player.

Estou honestamente tentando melhorar. Dá para sentir mágoa por muito tempo. Mas não é nada saudável. Infelizmente, parece às vezes que a forma mais eficiente de fazer as pazes é encarar uma guerra com seu inimigo. Foi assim que me senti alguns meses atrás, quando recebi um e-mail de Scott Ian, do Anthrax, que terminava com as palavras: “A gente se vê em Cleveland, em 3 de abril, certo?”.

Não tinha nem ideia do que ele estava falando.

– O que vai acontecer em Cleveland?

Outro e-mail chegou logo depois.

– Desculpe, errei. Pensei que você soubesse. O Metallica vai entrar para o Hall da Fama e pensei que você estaria lá.

– Desculpe – respondi. – Não estava sabendo. Mande um abraço a todos por mim, está bem?

Agora, explico o que realmente aconteceu. Eu sabia, claro, que o Metallica ia entrar para o Hall da Fama do Rock and Roll. A notícia tinha sido anunciada no outono de 2008. Tentei apagar isso da minha mente o mais rápido possível, imaginando que, apesar de isso ter tudo a ver comigo, se formos à essência... na verdade, não tinha nada a ver comigo.

Mas o e-mail do Scott, que veio perto do final da mais recente turnê europeia do Megadeth (com o Judas Priest), apresentava um dilema. Eu sabia o que viria. O Metallica ia entrar para o Hall da Fama e eu seria convidado a participar da cerimônia.

Como espectador.

Claro, alguns dias depois, meu manager, Mark Adelman, me contou que a oferta era maior. A banda iria pagar para que Pam e eu voássemos até Cleveland e participássemos de uma grande festa na noite de sexta, 3 de abril. Na noite seguinte, nos sentaríamos na plateia, com o resto da “família” Metallica – administradores, tour managers, administradores dos fã-clubes, roadies, todos – aplaudiríamos forte quando Lars, James e os rapazes fossem coroados oficialmente.

– O que você acha? – perguntou o Mark.

– Você sabe o que eu acho. A pergunta é: como lidamos com isso?

Eu tinha uma saída elegante: estava muito ocupado. Estaria em casa por alguns dias depois da turnê com o Priest, depois deveria voltar para a Alemanha e fazer algum trabalho promocional para a Marshall e depois me preparar para uma apresentação no Golden Gods Awards. Tudo isso, enquanto gravava outro disco do Megadeth. Para participar da cerimônia de entrada para o Hall da Fama, precisaria descartar algo. Francamente, não valia a pena.

Então, mordi minha língua e escrevi uma carta – um press release, na verdade – agradecendo ao Metallica por pensar em mim, e

cumprimentando-os pela indicação, mas expressando tristeza por não poder participar.

E foi isso.

Nenhum veneno, nenhuma raiva.

Não em público, pelo menos.

Estava me equilibrando, claro. Sabia que, se revelasse meus verdadeiros sentimentos – que nada me faria sentar na porra da plateia quando eu deveria estar no palco com a banda que ajudei a criar –, todo mundo balançaria a cabeça e diria: “É o mesmo Dave amargo de sempre”.

E se eu tentasse agir de forma calma, um número igual de pessoas diria: “Ah, besteira. Ele não está ocupado. Só não quer ir”.

Uma situação na qual sempre sairia perdendo, como é normal quando a questão é o Metallica.

Mesmo assim, não poderia comprometer meus princípios nessa questão; não podia negar o que sentia. Melhor ficar longe e de boca fechada. Tentar ser superior.

Mas não consegui deixar isso passar. Então contatei Lars mais uma vez. Enviei um e-mail, perguntando se poderíamos conversar em algum momento. Ele me respondeu.

– Oi, cara, estou passeando com as crianças, aproveitando a tarde suburbana. Posso te ligar daqui a uns dias?

Duas semanas depois, ele me respondeu. O típico ritmo de astro do rock: uma semana para cada dia. Então eu respondi: “Sim, estou aqui agora. A gente pode conversar”.

Alguns segundos depois, meu celular tocou. Eu estava sentado na cozinha da minha casa, nos arredores de San Diego, era uma manhã ensolarada. Pam estava sentada na minha frente para que eu pudesse focar em algo positivo. A conversa não foi brava, mas tampouco ajudou. Não havia nenhuma catarse. Foi quase banal, como se nenhum dos dois tivesse energia para exacerbar muito as emoções. Estávamos mais perto dos

cinquenta do que dos quarenta, já na curva descendente da vida, sem dúvida nenhuma. Se não era mais possível nos abraçar como os irmãos que já tínhamos sido, tampouco valia o esforço de brigar como guerreiros.

– Gostaria que você estivesse lá, cara – disse o Lars num ponto, depois de apresentar a mesma velha explicação: que todo mundo que tinha sido parte da vida do Metallica tinha sido convidado para a cerimônia, mas só os membros da banda que tinham tocado “nos discos” podiam entrar para o Hall da Fama.

Na minha cabeça, eu conseguia ouvir a voz de Sir John Gielgud, um elegante mordomo repreendendo o milionário alcoólatra representado por Dudley Moore em *Arthur*.

– Como, seu imbecil!

Eu tinha gravado com o Metallica, claro. Participei do DVD. Tinha créditos de composição. Tinha história. Mas para que dar murro em ponta de faca? Entendo o Lars agora. Ou, pelo menos, entendo que há um motivo para ele estar na minha vida, e que é desafiar minha humildade, me manter modesto e com vontade.

– Gostaria de estar lá, também – falei. – Mas não posso. Não dessa forma. Temos ideias diferentes sobre as coisas. E como não posso estar lá do jeito que quero, provavelmente é melhor apoiá-los de longe.

Respirei fundo. – Mas quero que você saiba que tenho orgulho de você, cara, e realmente desejo o melhor.

– Obrigado – disse o Lars. – Para você também. E espero que mude de ideia.

– Se mudar, você será o primeiro a saber.

Não insisti muito nessa conversa. Havia muito trabalho a ser feito, muitas outras coisas para ocupar meu tempo. Precisava voltar ao estúdio e finalizar o décimo segundo disco do Megadeth, *Endgame*. Se esse é um projeto com

um título irônico, é algo que ainda não dá para saber. Criativa e profissionalmente falando, há algumas outras coisas que eu gostaria de fazer com minha vida nesse ponto: fazer mais trilhas de filmes, mais discos solo, dar mais aulas. E gostaria de passar mais tempo com minha família, acompanhar meus filhos depois de todos esses anos. Justis possui seus próprios interesses musicais e gostaria de ajudá-lo de todas as formas que eu puder; Electra, tão charmosa e inteligente apesar de tão jovem, já está começando uma carreira na televisão. Já perdi muito da vida deles. Não quero perder mais nada.

Mas já tem sido assim por algum tempo. Todo disco do Megadeth da última década parece ter sido o último, como se eu tivesse espremido tudo e não houvesse mais nada a falar. O processo é bastante exaustivo. Depois, o disco é lançado e a gente toca... e tudo parece valer a pena.

Eu não tinha ideia do que esperar na primavera de 2007 quando *United Abominations* foi lançado. A formação tinha mudado de novo, com James LoMenzo substituindo James MacDonough no baixo. Não pareceu importar. As músicas eram fortes, a forma como a gente tocou estava ótima, e o disco decolou, vendendo melhor do que qualquer outro disco desde o *Youthanasia*. Cinquenta mil cópias só na primeira semana.

Talvez vá ser o mesmo com *Endgame*. Gosto do disco (por favor, permitam essa minha terminologia anacrônica – sou, afinal, filho da era do vinil). Muito. Gosto da nova banda, também. É, isso mesmo. Mais mudanças de pessoal, com o incrível Chris Broderick entrando no lugar de Glen Drover na guitarra. Se você está contando, são dezoito músicos que fizeram parte da potência do heavy metal conhecida como Megadeth.

Dezessete que foram e vieram. Ou ficaram.

E eu.

Não tenho nada contra ninguém que tocou no Megadeth; na verdade, tentei retomar contato com todos que possa ter machucado pelo caminho e tentei perdoar todos que me ferraram – e há vários nos dois lados. Alguns

anos atrás, voei até Phoenix para me encontrar com David Ellefson. Fazia tempo que não conversávamos, provavelmente desde que seu processo foi recusado na Justiça. A gente foi jantar, conversou sobre os velhos tempos e sobre novas oportunidades, sobre esposas, amigos e filhos.

– Preciso dizer uma coisa – disse o Júnior. – Deixar o Megadeth foi a coisa mais estúpida que já fiz.

Eu ri:

– É, eu sei.

Todos fazemos coisas estúpidas. O truque é reconhecer seus erros e melhorar da próxima vez. Eu poderia ter sido o maior guitarrista do mundo, se tivesse sido capaz de controlar meus punhos – e meu desejo. Mas fui incapaz. Todas as viagens para a reabilitação, o problema com a bebida, com as drogas, com a banda, as brigas com as pessoas dentro e fora da indústria musical, problemas com minha fidelidade, meus filhos – olho para tudo isso e penso: “Sou capaz de fazer muito mais”.

Já sinto há algum tempo que tenho algo importante a fazer com os anos que me restam e não acho que esteja limitado a subir ao palco e balançar a cabeça pelo Megadeth – não que tenha deixado de gostar disso. Acho que as oportunidades serão colocadas no meu caminho e, se não prestar atenção, vou perdê-las.

Conhecem aquela velha piada sobre o cara preso numa enchente em cima do teto da sua casa, esperando que Deus venha salvá-lo? Ele rejeita várias vezes os esforços de resgate baseando-se na crença de que Deus vai salvá-lo pessoalmente. As águas acabam matando o homem que aparece nos portões do Céu, perguntando por que Deus tinha se esquecido dele. São Pedro olha para o pobre cara e ri.

– Do que você está falando? A gente mandou três barcos e um helicóptero.

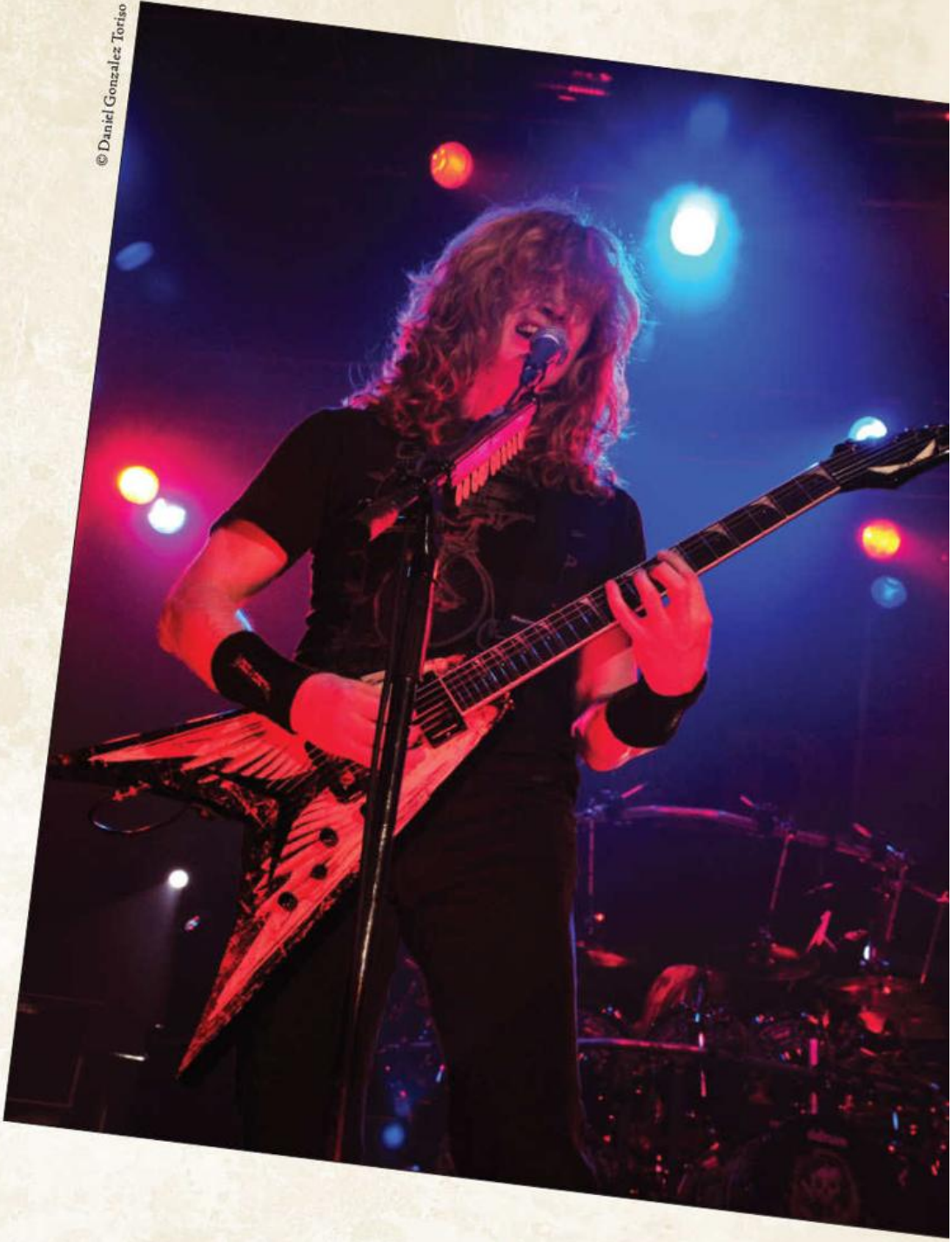
Sinto que o barco veio me resgatar algumas vezes. Se eu mereci ou não, tive sucesso com o Metallica. Tive sucesso com o Megadeth. Tive sucesso

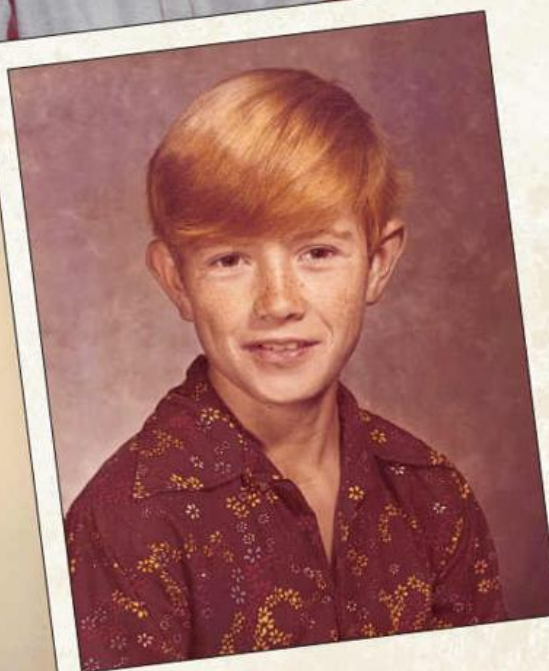
com o Megadeth de novo, depois de ter machucado meu braço. Tenho uma esposa que ficou comigo atravessando os tempos difíceis. E tenho dois filhos saudáveis e felizes. Então, em algum momento, é preciso se perguntar: quantas vezes Deus precisa dizer “Cara, eu amo você”, até eu entender de vez?

Tenho tudo que um homem pode querer e um pouco mais.

Está na hora.

© Daniel Gonzalez-Toriso



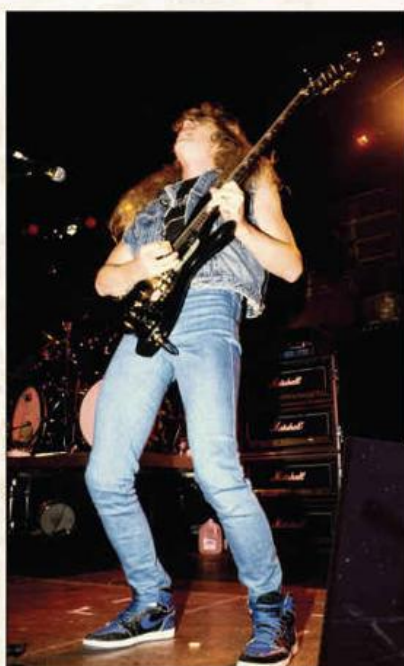
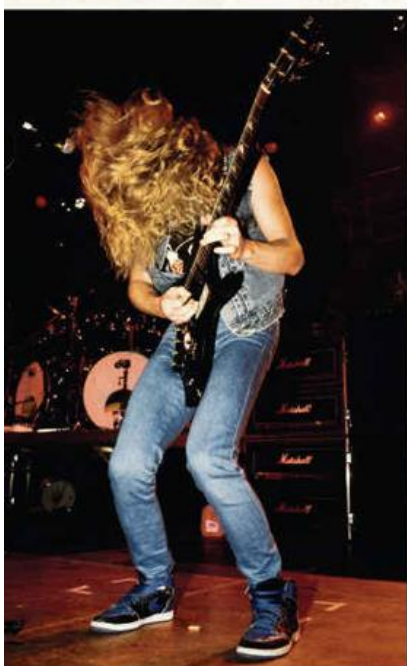


As únicas fotos de escola que tenho.
As idades variam de 3 a 12 anos.



© William Hale

Eu com minha
guitarra B.
C. Rich Bich.
Tocando com o
Megadeath.



Essa era a aparência dela
antes de pintá-la de preto.

© Brian Lew





© William Hale

James, Lars, Ron e eu nos divertindo depois de um show no The Whisky, em Los Angeles.



© Brian Lew

Passagem de som do Megadeth com Kerry King, em Berkeley, 1984.



© Robert Mathieu

Iimagem do clipe "Wake Up Dead".

© William Hale

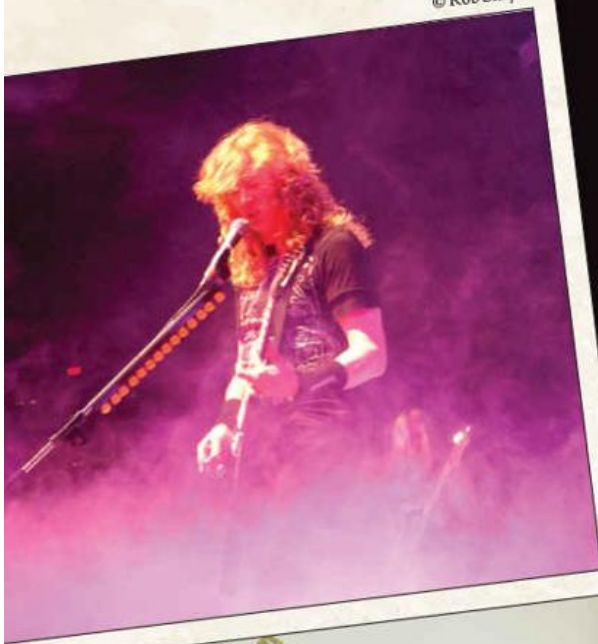


© William Hale

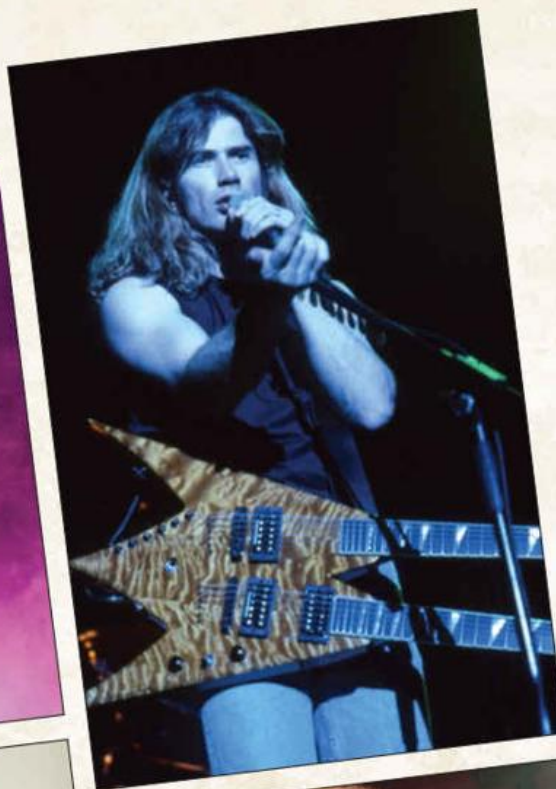


Ao vivo em Berkeley.

Orgulhoso ao lado de minha Jackson King V,
minha primeira guitarra assinada.



© Rob Shaye



© Ross Halpin



© Rob Shaye

À direita, acima: adorei essa guitarra Flying M.
À esquerda, abaixo: Jimmy Page e eu recebendo
prêmios da Kerrang!



Minha filha, Electra.



Meu filho, Justis.

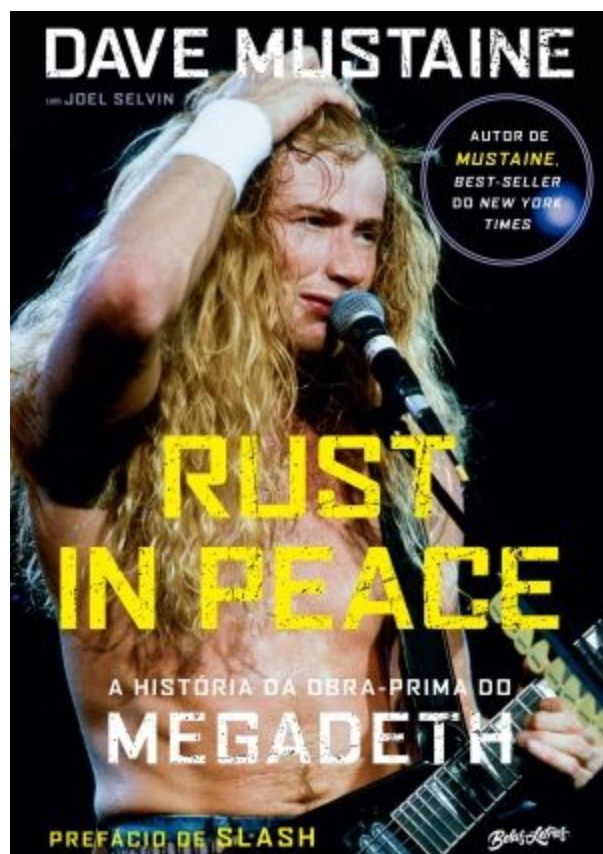


Com minha bela esposa, Pam.

© Rob Shaye



Em 2004, em nossa primeira turnê com pirotecnia – a *Blackmail the Universe*.
Glen Drover está tocando guitarra à direita, e Shawn Drover está na bateria.



Rust in Peace – A história da obra-prima do Megadeth

Mustaine, Dave

9786555370287

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Você não pode falar de *heavy metal* sem mencionar Dave Mustaine e Megadeth. *Rust in Peace* é um livro que todo *headbanger* deve ler. Uma história de glória, destruição e redenção." — *Alice Cooper*

A Belas Letras lança no Brasil o novo livro de Dave Mustaine, vocalista e guitarrista do Megadeth e ex-integrante do Metallica.

Rust in Peace revela os detalhes da produção do icônico disco do Megadeth, lançado em 1990, durante um período de incrível efervescência e criatividade no mundo do rock. Com a assinatura do próprio vocalista e guitarrista, Dave Mustaine, esse livro relembra o processo de contratação da banda (e da equipe de apoio), além da tentativa de lidar com o sucesso e, por fim, a pressão da fama e da fortuna – o que levou a banda a finalmente se separar.

Mustaine mal sabia que as turbulências envolvendo o disco não eram nada comparadas à dor e ao tormento que se aproximavam. Álcool, drogas, sexo, dinheiro, prestígio, mentiras – tudo isso era apenas o começo e, assim como a ferrugem [*rust*, em inglês] na vida real, esses fatores acabariam corroendo a ligação da banda até que apenas a música sobrevivesse.

Rust in Peace é uma história de perseverança, da necessidade de eliminar a ferrugem que se acumula ao longo do tempo em tudo: em nós mesmos, em nossos relacionamentos, na cultura *pop*, na arte e na música.

[Compre agora e leia](#)

FABRÍCIO MAZOCÇO
SÍLVIA REMASO



CONTRAPONOTOS

UMA BIOGRAFIA DE
**AUGUSTO
LICKS**

Augusto Licks

Contrapontos

Mazocco, Fabricio

9788581744780

137 páginas

[Compre agora e leia](#)

CONTINUE LENDO ESTA HISTÓRIA NO E-BOOK DO LADO B *Os mistérios de um guitarrista finalmente revelados* No final do ano de 1993 uma das principais bandas brasileiras – Engenheiros do Hawaii – perdeu seu guitarrista, por motivos que nunca foram devidamente esclarecidos. Desde então, ele manteve silêncio sobre sua saída e afastou-se da mídia, recusando-se a dar entrevistas. Fãs usavam redes sociais para tentar descobrir "Por onde anda Augusto Licks?". Voltaria à cena somente em 2008, com o workshop existencial Do Quarto Para o Mundo. Em **Contrapontos**, finalmente esclarecem-se fatos desconhecidos sobre esse músico que quase não falava em entrevistas nem fazia coreografias, apenas concentrava-se em produzir sons, muitos sons. Os jornalistas Fabricio Mazocco e Silvia Remaso garimpam a infância, a juventude, os tempos de jornalista, a vida nos Estados Unidos e, é claro, os bastidores do trio GLM, incluindo a construção das músicas, as dinâmicas de palco, as gravações, as muitas viagens, até o impacto da separação e suas consequências. **Este é o Lado A do livro, escrito pela jornalista Silvia Remaso, que conta a história de Augusto Licks desde sua juventude até suas primeiras vivências musicais. O Lado B, escrito por Fabricio Mazocco, conta a história a partir da entrada de Licks na banda Engenheiros do Hawaii e sua saída em 1993, além de curiosidades sobre o músico em seu**

período pós-banda. Você pode continuar lendo a história no e-book do Lado B.

[Compre agora e leia](#)

LILY ALLEN

**EXATAMENTE
O QUE EU ACHO**

Babel Books

Exatamente o que eu acho

Allen, Lily

9786555371123

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Essa sou eu: Lily Allen. Sou mulher. Sou mãe. Fui esposa. Eu bebo. Já usei drogas. Amei e fui decepcionada. Tive sucesso e fracasso. Componho músicas. Canto. Sou tudo isso e muito mais. Quando mulheres contam suas histórias, em alto e bom som, com franqueza, as coisas começam a mudar – para melhor. E essa é a minha história.

[Compre agora e leia](#)

LUCIANO BRAGA

O PODER DO TEMPO LIVRE

DESCUBRA SEU POTENCIAL, CRIE
PROJETOS PARALELOS E TORNE
SUA VIDA MAIS INCRÍVEL

Bates & Little

O poder do tempo livre

Braga, Luciano

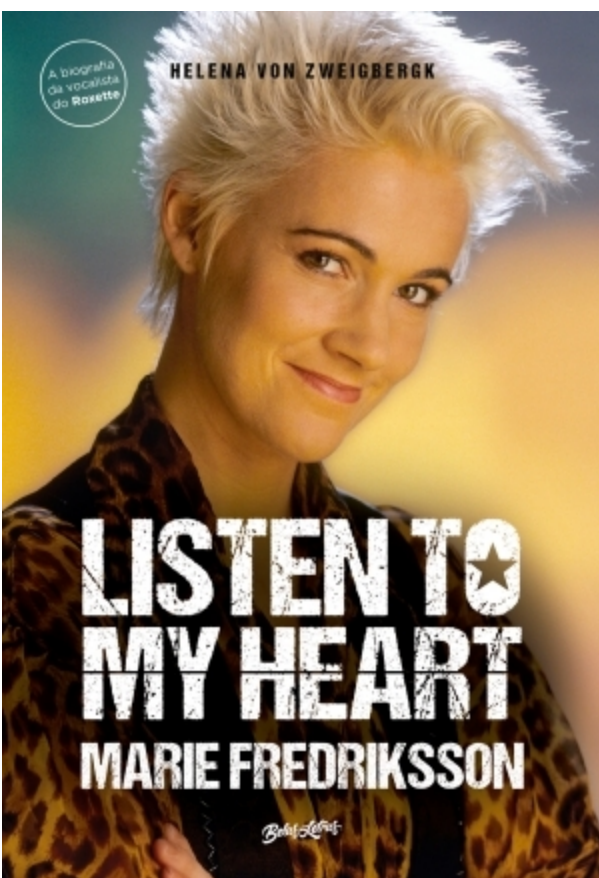
9788581743899

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você quer mudar sua vida, mas não tem tempo. Bobagem. Todo mundo tem tempo. Confie em mim. A ideia deste livro é que você encontre tempo onde acha que ele não existe. Que você descubra o que realmente gosta de fazer, para criar um projeto paralelo ou aperfeiçoar o que você já faz. Este livro não é simplesmente para ser lido. É para ser usado. Então faça bom uso dele. Comece agora mesmo a se dedicar àquilo que você ama. Isso vai fazer uma grande diferença na sua felicidade. Escolha viver uma vida incrível. Ela é muito curta para não ser.

[Compre agora e leia](#)



Listen to my heart (A biografia da vocalista do Roxette)

Fredriksson, Marie

9786555370676

302 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Listen to my heart, a jornalista sueca Helena von Zweigbergk e Marie Fredriksson fazem juntas uma verdadeira viagem emocional pela vida de Marie, desde a infância humilde no interior da Suécia, passando pela carreira solo bem-sucedida, o sucesso mundial com o Roxette e o momento da descoberta do tumor cerebral que mudou sua perspectiva sobre o mundo — uma biografia honesta, na qual Marie abre o coração e conta histórias inéditas e detalhes sobre sua família, seus amores, suas tragédias, sua vida como estrela da música e sua luta contra todas as adversidades.

[Compre agora e leia](#)